



M. G. FERREY

A QUORÉA  
EXPIRA

MUNDOS  
SECRETOS



VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

M. G. FERREY

A QUOREA  
EXPIRA

MUNDOS  
SECRETOS



M. G. FERREY

AQUOREA  
EXPIRA

MUNDOS SECRETOS



# Índice

Aquorea Expira: Mundos Secretos

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Aquorea Expira: Mundos Secretos

Epílogo

Nota da Autora

Sobre este Livro

Sobre a Autora



Edição em formato digital: maio de 2024

AQUOREA — EXPIRA  
MUNDOS SECRETOS  
© M. G. Ferrey, 2024

© desta edição:  
2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de  
Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.  
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal  
[correio@penguinrandomhouse.com](mailto:correio@penguinrandomhouse.com)

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda. apoia a proteção do  
*copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Edição: Diana Garrido  
Revisão: Lugar Incomum  
Capa: Victor Matheus  
Ilustração da capa © Giulia F. Wille

ISBN: 978-989-583-004-6

Composição digital: [Simon and Sons ITES Services Private Limited](#)  
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)  
Facebook: [topseller.suma](#)  
Instagram: [topseller.suma](#)

*A mim, que escrevi este livro enquanto dançava  
com tempestades e encontrava sorrisos na chuva.  
A mim... que persisti.*

*A ti, que apenas queres um romance fantástico e fofo,  
desculpa todo o sangue.*



## PRÓLOGO

### BENNY

**A** Ara morreu. Nem sempre fui a irmã ideal ou a mais fácil das duas. Era mimada, teimosa e o peso da culpa assola-me diariamente pelo que lhe aconteceu. Se pudesse voltar atrás, talvez tivesse insistido mais contra aquele fatídico passeio de barco. Usei palavras, sim, mas não fui irredutível, não dei azo ao meu lado dramático, apesar de um pressentimento sinistro me corroer o estômago.

Meio ano sem ela, sem escutar a sua voz, sem as nossas picardias. E, percebo agora: amo a minha irmã mais do que tudo neste mundo e daria de bom grado a minha vida pela sua, porque ela era a luz da nossa casa, sempre a mais resplandecente. Encontro vestígios dela por todo o lado. Mantenho a porta do seu quarto aberta e, por vezes, vejo-a ali, imersa num livro, ou a dançar graciosamente os passos de *ballet*.

Os meses que se seguiram à sua morte foram impiedosos para todos. Buscas intermináveis, cujo desfecho eu já sabia ser infrutífero, mas não tive coragem de contrariar os meus pais e Colt, pois parecia dar-lhes algum tipo de esperança. Até que, um dia, deixei de ir. Foi a minha forma silenciosa de dizer que já não aguentava mais. A minha mãe encontrou refúgio no álcool, o meu pai entregou-se desenfreadamente ao trabalho e Colt, apesar de tentar esconder, perdeu-se em aventuras fugazes.

Durante bastante tempo, cheguei a duvidar se conseguiríamos sobreviver a esta perda. No entanto, aos poucos, as coisas começaram a recuperar algum vislumbre de normalidade. Eu e os meus pais regressámos a casa, em Atlanta. Encontro-me numa clínica de reabilitação, pois, infelizmente, as drogas foram o caminho escolhido por mim.

A culpa toldou-me o espírito e os narcóticos ofereceram-me momentos efémeros de serenidade, de falsa clareza, pois, de cada vez que sucumbia, uma névoa encobria a outra. Sem me aperceber de que cada uma dessas vezes estava mais perto do abismo. Começo a saber lidar melhor com este sentimento, voltar à rotina, à escola, as consultas e o grupo de apoio ajudam, mas uma réstia de culpa está

sempre ali, à espreita, a rondar, à espera de atacar.

Pelos meus pais, tive de ser resiliente. E fiz-me mulher. Amadureci. As coisas estavam a melhorar, até o telefonema de Colt voltar a virar as nossas vidas do avesso.

«Na separação, não morre o amor;  
transforma-se numa lembrança eterna,  
uma estrela-guia no céu escuro da saudade.»

*Cantos do Coração e do Espírito,*  
Lysandra, a Vidente

# 1

## Ara

Frio.

É o que sinto quando a minha cabeça irrompe na Superfície, imediatamente antes de começar a gritar. Há meses que não vivencio a carícia do vento fresco.

— Colt! Colt! — O meu grito rasga a quietude quando não o avisto. Busco com o olhar, submerjo novamente, perscruto, mas nem sinal. A água é gélida, a noite encontra-se impenetrável como um manto negro. Apenas o brilho fraco das estrelas empresta alguma luminosidade à cena. — Colt!

Os pulmões ardem-me e sinto um aperto no peito, de pânico. Foi precisamente isto que ele sentiu quando me viu afogar. Ele, os meus pais e a minha irmã.

— Ara — ouço-o —, nada para aqui, segue a minha voz.

Pelo canto do olho, reparo num vulto de braços no ar e sigo nessa direção. A corrente não é forte, felizmente. O meu corpo não suportaria ter de batalhar para sair daqui. Não depois de tudo por que passei. Deixar o meu amor e Aquorea para trás. Até a mochila que trago às costas, apesar de quase vazia, parece pesar uma tonelada.

— Onde estamos? — questiono, assim que chego à orla. Olho à minha volta e o local parece-me familiar.

— Em Foz do Iguaçu.

Um tremor de dor percorre-me, mas não é propriamente uma dor física, é uma dor de alma. Quero muito ver a minha família, mas nutria uma réstia de esperança de que a água não me trouxesse de volta à Superfície. Isso seria, sem dúvida, uma confirmação de que pertenço lá.

Saímos da água e subimos para a margem. Colt passa o braço ao meu redor e trilhamos caminho através das árvores.

— Pensei que íamos sair em algum sítio nos Estados Unidos —

digo.

— Para onde pensaste ir?

A verdade é que tive de convocar todas as minhas forças para me concentrar e rogar à água que me levasse para onde quer que Colt fosse. Caso contrário, teria ficado em Aquorea.

— Para o mesmo lugar que tu.

— Então, está explicado. Eu pensei em Foz do Iguaçu.

A noite está mais quente do que quando desapareci em junho, mas, mesmo assim, não é tão quente como *lá em baixo*.

Água escorre-me pelo corpo. O tecido fino cola-se à minha pele, agora arrepiada pelo sopro noturno. As árvores da reserva florestal são densas e a escuridão é total. Levo a mão ao pulso para acender a pequena luz do meu relógio, mas recordo-me de que o dei a Mira, como lembrança da nossa amizade.

— Sabes para onde vais? — pergunto a Colt, que me guia pelos trilhos como se os percorresse todos os dias.

— Sim, conheço estes caminhos como a palma da minha mão. Estamos quase a chegar.

Quando profere estas palavras, uma luz ténue desponta entre as árvores e, à medida que nos aproximamos, a casa do meu avô materializa-se.

O jardim da frente, que se confundia com a continuação da floresta, exhibe agora flores alegres e árvores plantadas. Colt manteve-se ocupado. As portadas das janelas estão abertas e, quando subimos os degraus que dão para o alpendre, retira a chave debaixo do tapete, destranca a porta e dá-me passagem.

— Fiz algumas modificações. Para tornar o espaço mais funcional — explica, enquanto se descalça na entrada.

— Tens vivido aqui?

— Sim. Os teus pais e a Benny voltaram para os Estados Unidos e deixaram-me ficar cá. Insistiram, aliás. A minha mãe veio visitar-me e contribuiu com o toque gracioso na decoração.

Ah, a Olívia. Também tenho saudades dela.

Colt, o meu melhor amigo de infância, o rapaz por quem tenho um amor de irmão e que não sabia estrelar um ovo, vive e gere uma casa sozinho. Descalço-me também e adoro a sensação. Acho que já não me habituarei a andar calçada.

— E o que tens feito, exatamente? Numa das mensagens, dizias que estavas a aprender a navegar no rio com um capitão Santos.

O semblante dele suaviza e sorri, como se o recordasse de bons momentos.

Tiro a mochila dos ombros. É impermeável, por isso, sei que o conteúdo está intacto. Quero muito ver as coisas que trouxe, mas... mais tarde. Quando estiver sozinha. Assim que a pouso no chão, ela

mexe-se.

*Que caraças!*

— O que trazes aí? Um peixe?

— Nada que devesse fazer isto. — A mochila continua com vida própria e cai para o lado. Toco-lhe com o pé e fica ainda mais irrequieta. Baixo-me, abro o fecho e dou um grito quando algo me salta para o colo.

— *Flyer!* — Faço-lhe festinhas para o acalmar e reparo que tem um objeto reluzente nos dentes. Tem por hábito trazer-me presentes. Abro a palma da mão e ele solta o que traz na boca. É um cristal bruto, puro, do tamanho de um ovo. Ergo-me. Colt arregala os olhos, tão surpreso quanto eu. Pouso a pedra em cima da mesa de jantar.

— *Flyer?* — pergunta Colt, espantado, a observar o animal. — Eu já o vi. Não é o mesmo que te saltou para o colo, lá em Aquorea?

É mais pequeno do que um coelho, azul, com *nuances* lilás, com exceção da mancha que ostenta na orelha e o tufo branco que exhibe orgulhosamente no peito. Os olhos pretos são sorridentes. Os pequenos chifres estão maiores, está a tornar-se num adulto.

— É, sim. Como te enfiaste aí sem que eu desse por isso, malandro? — Faço-lhe festinhas na barriga. — Colt, apresento-te *Flyer*, o *Aviador*.

— Tens um animal de estimação! — Tira-mo do colo para o acariciar. — Que espécie é esta?

— É um *dhihilo*. Devo-lhe a minha vida.

Colt olha-me intrigado, então, continuo.

— Quando chegaste a Aquorea, havia uma festa... — Estou sem força para continuar. — Olha, Colt, temos muito que conversar. Mas, primeiro, vamos vestir roupa seca. Falamos daqui a pouco?

— Sim, claro.

Antes de subir para o meu quarto, encho uma taça com água, corto uma maçã aos palitos e dou a *Flyer*, que se refastela, contente.

Observo as paredes com fotografias da minha família, dos meus antepassados. Uma casa que não era usada há mais de quarenta anos, antes de o meu avô ter regressado dos Estados Unidos para se despedir dela e prepará-la para a nossa chegada. Agora, tudo faz sentido. Ao contrário de quando recebemos uma carta na nossa casa em Atlanta, a dizer que o meu avô estava morto e que devíamos vir ao Brasil dar o corpo como desaparecido e as buscas como encerradas.

Foi quando toda a minha família pensou que eu tinha morrido afogada. Mas não... fui salva. E fiquei a saber que descendo de um povo excecional que vive há milhares de anos abaixo do nível do mar.

A casa de banho é pequena. Tudo me parece desconhecido. Julgo que terei de me adaptar novamente à minha antiga vida. Encaro o espelho e não reconheço o reflexo que me devolve o olhar. Nada da

peessoa de *antes*. Toco na pedra do fio que Kai passou do pescoço dele para o meu e uma energia que desconheço percorre o meu corpo. Entro no duche e deixo o jato bater com força na minha pele. Encosto-me à parede e escorrego até me sentar. O peito estreita e custa-me respirar, mas não choro porque não me resta mais nada.

A água não surte o efeito relaxante que ansiava. Quando chego ao quarto, visto o fato de treino que Colt me emprestou, no entanto, os arrepios persistem. O meu corpo adaptou-se de tal forma ao clima de Aquorea que agora se ressentente.

Abro as portas do armário e não encontro um cobertor extra. Levanto a tampa do baú que está aos pés da cama, na esperança de encontrar uma manta onde me enroscar. O cheiro a mofo misturado com naftalina quase me tomba. Um pedaço de tecido fino com riscas verdes cobre o conteúdo. Tiro-o e deparo com papéis amarelos e enrugados. Cartas, documentos, notas e livros. A minha curiosidade leva a melhor.

Sento-me no chão e começo a vasculhar. Encontro muitas cartas cujo nome do remetente é Álvaro. E é dos Açores. Lembro-me vagamente do nome Álvaro, acho que era o trisavô do meu avô Anadir. Contudo, não tenho memória de mais nada. Encontro um documento da sua travessia dos Açores para o Brasil, no ano de 1880. Fico fascinada com esta informação. Afinal, os ascendentes do meu avô são portugueses. E, consequentemente, os meus também. Guardo os documentos mais interessantes para mais tarde pesquisar sobre este assunto.

Desço e encontro Colt no sofá com *Flyer* ao colo. Conversa com ele baixinho e o pequeno *dhihilo* saltita, irrequieto, para lhe lambe o rosto. Sorrio ao vê-lo. Alguém de quem eu já me tinha despedido no meu coração. É mesmo estranha esta sensação.

Sento-me com as pernas cruzadas no cadeirão amarelo à sua frente e, de um pulo, *Flyer* salta do colo de Colt para o meu. Na mesa de centro, há sumo de laranja, frutas e sandes. Ele passa-me uma de queijo e eu mordisco-a ao de leve, apática e perdida. Não consigo deixar de pensar nas últimas palavras que Colt me disse antes de entrarmos no géiser.

Preciso de lhe perguntar.

— Antes de sairmos de Aquorea, disseste-me que conhecias a Isla.

— A miúda de cabelo azul?

Assinto.

— Por causa das conversas do capitão Santos, percebo agora, não tão tresloucadas assim, comecei a sonhar com pessoas originais e fora do comum. Muito parecidas às que vivem em Aquorea. Acho que cheguei a referir isso numa das mensagens que te enviei.

— Ah, julgava que tinhas sonhado mesmo com ela.

— Agora que reflito, talvez não fosse ela exatamente... — Para uns segundos a matutar e tenho a sensação de que tem algo a acrescentar, mas apenas encolhe os ombros. — Não sei explicar...

Como eu nada digo, continua.

— Começo eu?

— Sim — respondo, porque temos de ir ao que realmente interessa.

Ele vira-se para mim. Encara-me, o olhar determinado. Nada do miúdo que outrora conheci.

Pensará ele o mesmo de mim?

— Quando te perdemos, passámos por um inferno. Os teus pais ficaram devastados sem ti. O teu pai focou-se de tal forma na tarefa de te encontrar e no trabalho que se desligou de tudo o resto. A tua mãe... — Para, inspira como se lhe custasse ter de recordar, mas continua sem rodeios. — A tua mãe encontrou no álcool algum consolo; anestesiada, não sentia tanto a dor do teu desaparecimento.

Eu ouço-o com atenção. Petrificada. *Flyer* enroscou-se nas minhas pernas e, com o focinho enfiado nas patas, olha atentamente para Colt. Pouso o resto do pão na minha perna e ele come, devagar.

Colt inclina-se e passa-me um guardanapo. Apercebo-me neste momento de que estou a chorar.

— Ara, eles agora estão bem. Estão melhor.

— E a Benny? Numa das tuas mensagens, disseste que ela andava com más companhias.

Recosta-se na almofada e suspira, como se lhe doesse falar.

— A Benny conheceu um rapaz, jornalista, que a levou a ter alguns comportamentos perigosos.

— Que tipo de comportamentos?

— Começou a consumir drogas e teve uma *overdose*. Esteve entre a vida e a morte.

Tremo de medo e de choque. E o meu mundo para enquanto tento assimilar esta informação. Todo o meu corpo fica tenso e recrimino-me.

— Benny... — sussurro.

— Foram momentos muito difíceis. Cada um de nós lidou de forma diferente com a tua perda, mas nenhum lidou corretamente com essa dor.

Dou-me conta de um reflexo obscuro no seu olhar.

— E tu, Colt, como lidaste?

Arqueia as sobrancelhas, como se já estivesse à espera desta pergunta.

— Digamos que encontrei conforto num prazer fugaz. — A sua respiração é pesada e os braços fortes estão cruzados. Braços que, da última vez em que o vi, eram mais franzinos. — Chegámos a um ponto



em que não houve alternativa senão mudar. Caímos no fundo do poço e percebemos que, se cada um de nós não alterasse o seu comportamento, perderíamos tudo. E também uns aos outros. A gota de água foi quando encontrámos a Benny inanimada e a levámos para o hospital. Foi aí que soubemos que tínhamos de mudar de rumo.

Parece um pesadelo do qual não consigo acordar.

— Diz-me a verdade, ela está mesmo melhor?

— Em recuperação. Regressaram a casa e ela foi para uma clínica de reabilitação. Os teus pais também procuraram ajuda e estão a curar feridas. A tua irmã já regressou à escola.

— E agora? Como vou aparecer e fazê-los passar por outro tormento?

— Ara, nem penses nisso. Tens consciência de que é o sonho de qualquer pessoa que tenha perdido um ente querido, reencontrá-lo vivo? Eu próprio, como sabes, nunca perdi a esperança.

De alguma forma, estas palavras amenizam a minha dor.

— E como é que vamos fazer? Não posso simplesmente aparecer tipo «mãe, pai, cheguei».

— Tens razão. Tenho estado a matutar sobre esse assunto. Há algumas questões legais que teremos de resolver primeiro.

— Como ressuscitar-me.

— Nem mais. Temos de ver o que é necessário fazer legalmente para recuperares os teus documentos e poderes viajar.

O pensamento forma-se depressa na minha cabeça e o meu coração estreita-se quando percebo aquilo que temos de fazer.

— Vais chamar os meus pais...

O meu pai é um ótimo advogado e saberá o que fazer. E, mais cedo ou mais tarde, terei de os encarar.

— Sim.

— O que lhes vais dizer? Preferia que o meu pai viesse sozinho. — Fico pasmada por esta última frase me ter escapado da boca. Não é que não queira ver a minha irmã e a minha mãe, mas preciso de uns dias. Tenho de organizar as ideias e pensar no que lhes contar.

— Fica tranquila, sei o que dizer, mas talvez peça para virem todos, será mais fácil. — Suspira e arrasta-se para a beira do sofá. Cobre a minha mão com a dele. — Vai ficar tudo bem, Ara. Confia em mim.

Olho para a grande mão pousada na minha. Se algum dia pensei que poderia apaixonar-me por Colt, hoje, sei que isso nunca seria possível. O carinho e amizade que tenho por ele são tão grandes que não há palavras para definir, mas o meu coração pertence a outra pessoa, de um outro Mundo. Um Mundo que eu decerto não voltarei a ver.

— Eu sei — minto para nós os dois.

— Um passo de cada vez. Para já, ligo ao Caspian e peço-lhes que venham.

— Assim? Dizes para virem e eles largam tudo e vêm para o Brasil?

— Se lhes pedir, é porque é importante. Eles virão.

A partir daqui, a minha vida irá resumir-se a isto. Antes e depois de Aquorea.

E de Kai.

Como estará ele? Passaram poucas horas desde que viemos, contudo, ele estava tão destroçado que se nos tivéssemos beijado mais uma vez, teria mandado Colt sozinho para a Superfície.

O que faria se ele aparecesse aqui, agora? Abandonaria o meu plano e voltaria a Aquorea? Seria eu capaz disso? Bloqueio de imediato este pensamento. Não quero pensar nisso agora, não quando me doem até os ossos, de tanto sofrimento. Não consigo passar por tudo outra vez. Sei que, de alguma forma, estou a bloquear Kai da minha vida. E conhecendo-o, sei que ele me vai dar o espaço e o tempo de que preciso.

## **Ata de Reunião Extraordinária do Consílio: n.º 35**

**Data:** 27 novembro do corrente ano

**Local:** Sala de Reuniões do Consílio

### **Presenças**

Llyr (Regente); Hensel, Arcas, Raina e Anadir (Anciãos); Nwil, Alita e Fredek (Mestres do Consílio); Ghaelle (chefe da Fraternidade dos Protetores)

### **Assuntos discutidos**

- 1- Discussão sobre a morte de Sofia e procedimentos subsequentes.
- 2- Planeamento da investigação das intenções e alianças de Sofia, e possíveis futuras ameaças.
- 3- Considerações sobre a missão de Kai e a situação de Arabela.
- 4- Discussão sobre a revelação das Origens a Ara e a Kai.
- 5- Considerações sobre o papel de Colt e a interpretação dos Escritos.

### **Desenvolvimentos, por ordem**

#### **Abertura**

Llyr deu início à sessão, mencionando a urgência da reunião devido a diversos assuntos críticos.

#### **Morte de Sofia**

Llyr anunciou, com pesar, a morte de Sofia, às suas mãos, para salvar Fredek. Estas circunstâncias exigirão abertura de inquérito. Ghaelle foi encarregado de liderar este processo, tendo dado a nota de que a situação, havendo sido pública, facilitaria a conclusão do mesmo.

#### **Investigação e Futuras ameaças**

Nwil expressou preocupação sobre as intenções de Sofia e as suas alianças. Ghaelle comprometeu-se a trabalhar com Kai na investigação e coleta de informações, embora tenha sido notado que Kai

poderia estar ausente para tal.

### **Missão de Kai e Situação de Arabela**

A importância de Arabela foi destacada, com debates sobre a sua condição atual – saiu para a Superfície – e a necessidade de Kai ir buscá-la de volta para Aquorea. Hensel insistiu na urgência de contar a verdade a Kai para facilitar o regresso de Ara, apesar das preocupações sobre o impacto das revelações. Anadir expressou preocupações sobre a prontidão de Arabela para retornar.

### **Revelação das Origens**

A discussão culminou na decisão de que a verdade sobre as Origens deveria ser partilhada, com a proposta de que a revelação fosse feita juntamente a ambos – Kai e Ara –, enfatizando a importância da transparência e união neste momento crítico.

### **Papel de Colt**

Alita levantou questões sobre a presença de Colt em Aquorea, sugerindo que deveria haver um motivo para a sua chegada. A possibilidade de que Colt tenha uma missão importante e os Anciãos possam ter feito uma interpretação equivocada dos Escritos foi mencionada por Arcas.

**A reunião de emergência continuou.**

«O sussurro da verdade  
raramente ecoa nos salões do poder,  
mas sempre encontra caminho nos corredores  
silenciosos da consciência.»

Provérbio aquoreano

## 2

### Kai

**I**gnoro-a uma vez mais porque, seja o que for que ela me diga, não me vai ajudar. Sei que a minha irmã me adora e está preocupada, e é por esse motivo que continua a insistir.

— Kai, pausa isso — repete pela terceira vez. — Não podes ir embora assim, de cabeça quente.

— Já te disse para me deixares, Isla. A minha decisão está tomada.

— E achas que o Consílio te vai dar permissão para sair? Assim, sem mais nem menos?

— Não preciso da permissão de ninguém, pequena.

Estamos em minha casa, na Fraternidade dos Protetores. A Isla viu-me sair a correr do Colégio Central, após a partida de Ara para a Superfície, e veio atrás de mim. Encontrou-me na habitação de Ara, sentado no chão, com a carta dela nas mãos. «Uma carta de despedida», expliquei-lhe, mas não lhe disse para quem. Momentos depois, levantei-me e vim ao meu apartamento buscar roupa para levar. A minha irmã seguiu-me, claro.

Isla tira-me a mochila das mãos e arranca uma peça de roupa lá de dentro. É preta e com bastantes refletos.

— Sim, com esta, numa noite escura, de certeza que a Ara te encontra num instante.

Esboço um sorriso amargo.

— Nada do que disseres me vai fazer mudar de ideias, Isla. Fui um idiota.

— É verdade, foste. Mas agora tens de fazer as coisas com calma. Achas que a vais encontrar assim, sem mais nem menos?

— Sei onde procurar.

— Já percebi que sabes tudo. No entanto, o que eu vejo é um homem de coração partido e cabeça quente. Pensa no que estás a fazer. Não te digo que não vás, mas organiza-te primeiro. Fala com os pais e com o Consílio, para não ficares de mal com ninguém e, quando

voltares, não seres punido.

Se ela soubesse... não posso ser mais punido do que já fui. Fui contra a palavra do Consílio, e o Regente, Llyr, descobriu e expulsou-me da Fraternidade dos Protetores. Aconteceu tudo tão rápido que ainda ninguém sabe. Portanto, neste momento, não tenho muito mais a perder. Fiz a minha escolha e arqueei com as consequências. E fi-lo porque julgava que ia trazer alguma luz à decisão de Ara.

— Só regresso se ela vier comigo.

— Agora estás só a ser parvo — diz alto e cada vez mais chateada.

— Isla, sei que não entendes, mas a Ara... conquistou o meu coração. Não existe ninguém que se compare. Não importa onde *tenho* de estar.

— Entendo perfeitamente, Kai. Não é por nunca me ter apaixonado que não dou valor ao sentimento. Vi o vosso amor crescer, sei que a amas. Mas ela tomou uma decisão, uma que, neste momento, não te inclui.

Os meus olhos faíscam de fúria.

— Ela pediu-me para eu ir com ela...

— E tu escolheste ficar.

Isla é a pessoa mais empática que conheço. Diz a verdade e toca na ferida. Põe tudo em perspetiva. Só que eu achava que a decisão de Ara era ir embora, por isso, fiz o que fiz...

— Preciso de ficar um pouco sozinho, pequena.

Encaminho-a em direção à saída e ela percebe que deve deixar as coisas por aqui.

— Só não quero que faças alguma burrice de que te possas vir a arrepender... ainda mais.

Aceno com a cabeça, ela dá-me um abraço rápido e sai.

Não quero ser impulsivo na minha decisão, mas tenho de ir para onde Ara está. Com a mochila aos ombros, saio sem olhar para trás.

Sei que o Consílio se reuniu. Ouvi Llyr a convocar uma reunião de emergência, contudo, já devem ter terminado.

A cidade deveria estar soturna e apática, mas acontece o oposto. Ao contrário do que aconteceu mais cedo, altura em que andavam poucas pessoas nas ruas, agora, os habitantes estão dispersos em grupos um pouco por todo o lado e conversam. Alguns com calma, outros mais efusivamente. Estão a processar os últimos acontecimentos.

Entro no Colégio Central, subo a escada e dirijo-me à sala de reuniões, onde os Membros do Consílio deliberam fervorosamente. Falam alto e o ambiente tenso é quase palpável. Não dão pela minha presença. Vou para me anunciar, mas as palavras de Llyr travam-me.

— A maioria decide! — diz Llyr, com a voz forte e grave. — Contar tudo à Ara e ao Kai. Duas batidas a favor e uma batida contra.

Com exceção de Anadir, todos põem as mãos sobre a mesa e duas batidas fortes pulsam na sala em uníssono.

— A decisão está tomada. Revelaremos então os Outros Mundos — diz a minha avó.

O chão quase me foge debaixo dos pés. Deixo cair a mochila.

— Que Outros Mundos, avó?

Todas as cabeças giram na minha direção, sem surpresa ou choque, apenas entendimento e conformidade.

Llyr estende o braço e faz um amplo gesto para que me sente na cadeira livre.



«A coragem é como o vento, invisível, mas  
capaz de mudar o curso dos rios e das vidas.»

*Crónicas de Uma Batalha,*  
Elianora Valenthis

### 3

## Ara

**E**u e Colt continuamos no mesmo sítio, a conversar. Distraio-me, por momentos, com um ligeiro roncar. Colt ri e eu sigo o seu olhar. *Flyer* está de barriga para cima, com as patas flácidas e inchado de tanto comer. O ressonar é forte e engraçado para um bichinho tão pequeno.

— Será que ele vai sobreviver aqui? — pergunta Colt, e eu arregalo os olhos, surpresa, por isso ainda não me ter ocorrido. Aperto-o ainda mais no meu peito.

— Claro que vai! — digo, um pouco alto de mais. — Vou fazer tudo o que for preciso.

— Só pergunto porque, como *lá em baixo* o ambiente é mais quente, o organismo dele pode não aguentar. E não estou a ver como é que vai passar na alfândega.

— Não o deixo aqui. Quanto à alfândega, havemos de pensar numa solução.

Colt observa-o, muito compenetrado, como se o estivesse a estudar. Pega-lhe numa orelha comprida, analisa-a e deixa-a cair outra vez.

— Se o pintarmos de branco, talvez consiga passar por um coelho. De uma espécie rara, sei lá. Conheço quem nos desenrasque uns documentos.

Fico tão perplexa com este novo Colt. O que quebra as regras, que não tem medo de demonstrar os sentimentos. Que vai à luta.

— Uau! Como tu mudaste. — A minha voz sai baixa, quase com tristeza. Não que não goste deste Colt, mais arrojado e desinibido, determinado, mas saber que fui eu que o forcei a esta mudança tão brusca destrói-me um pouco mais.

— Não fui o único a mudar. — Olha-me profundamente e sinto-me um pouco intimidada. — Tu estás diferente. Não quero fazer de conta que entendo pelo que passaste e o quanto te deve ter custado deixar Aquorea. Para teres optado por ficar, havias de ter um motivo muito

forte e não terá sido uma decisão fácil de tomar. Mas sei que aconteceu muita coisa e espero que um dia o partilhes comigo. Sabes que sempre fui o teu melhor ouvinte.

Não tenho grande vontade de falar com ele acerca de Kai, pelo menos, neste momento. No entanto, preciso de saber como se conheceram e como foi parar a Aquorea. E se as duas coisas estão interligadas.

— Como conhecestes o Kai?

O sorriso que esboça é curto, porém sincero. É o meu Colt.

— Quando a tua irmã começou a andar com o Fabrici. — Um relâmpago de raiva passa-lhe fugazmente pelo rosto e os olhos escurecem para um tom quase negro. — O Mário Fabrici, o tal jornalista. Os comportamentos dela ficaram... Bem, digamos que se tornou numa pequena ninja delinquente.

Arregalo os olhos e ele continua.

— Certa noite, algumas semanas após desapareceres, ela fugiu de casa.

— Fugiu? A Benny?

O maxilar dele contrai-se.

— Sim. Quando dei por mim, estava a segui-la até a um bar. Entrei, mas estava tanta gente que não a encontrei. Dirigi-me ao balcão e perguntei por ela, porém um rapaz disse-me que a viu sair para as traseiras. Fui até lá e via-a consumir drogas com o jornalista e outro tipo. Passei-me e envolvemo-nos numa verdadeira cena de pancadaria. Eram dois contra um, e olha que naquela altura ainda não tinha isto. — Mostra-me o músculo protuberante do braço. — Foi então que o mesmo rapaz que me disse onde eles estavam entrou em cena para me ajudar.

— O Kai? — pergunto, num fio de voz.

— Sim, o Kai. Ele ajudou-me e, durante o tempo em que cá estive, formámos uma amizade.

— Como assim? Ele falou-te de onde vinha?

— Disse-me que andava a viajar.

— Os meus pais conheceram-no? — A minha traqueia aperta.

— O teu pai viu-o ao longe uma ou duas vezes, mas não se conheceram. Eu precisava de um amigo, de alguém que me escutasse. E ele estava tão interessado em ouvir todas as histórias que eu tinha para contar sobre ti e tudo o que nos estava a acontecer. Deu-me tão bons conselhos...

— Para me esqueceres, não?

— Não. Sempre me disse para manter a esperança, que nunca se sabia se um dia te voltaria a ver. Talvez nessa altura ele pensasse que querias vir embora.

— Acho que fui injusta com ele — desabafo.

— Ele não te contou tudo, certamente teve os seus motivos.

*Agora está a defendê-lo?* Como não digo nada, ele continua.

— Foi um verdadeiro amigo, Ara. Fez-me muito bem tê-lo ao meu lado naquela ocasião. Estranhamente, fazia-me sentir mais próximo de ti, de certo modo. Agora percebo o porquê.

Penso no momento em que Kai me disse que Colt tinha «caído» em Aquorea. Na reação estranha e como insistiu em dizer-me que me amava e tudo o que tinha feito se devia a esse amor. Também me lembro de ele dizer que precisava de me contar uma coisa; e de Colt ter acordado sem ele o poder ter feito. Quando Colt o reconheceu e o chamou pelo nome, percebi de imediato que, naqueles treze dias em que Kai esteve desaparecido, tinha estado na Superfície.

— Ele sabia que, se me dissesse, na altura da minha chegada a Aquorea, que me podia trazer de volta, eu não hesitaria em regressar.

Ao dizer isto, agradeço secretamente a Kai por não o ter feito. Por me ter deixado conhecer melhor aquele Mundo, aquelas pessoas e o meu desígnio enquanto «Salvadora» de Aquorea. Sorriu com estas memórias. E associado a elas, vem outro pensamento.

*Se eu era a dita «Salvadora», porque é que Colt, que nem do meu sangue é, foi lá parar?*

— Estás com aquele ar. Aquele com que ficas quando estás a matutar em alguma coisa. Isso não mudou.

Enrugo a testa. Ele conhece-me tão bem. Quando éramos pequenos, tínhamos um jogo de estudar as expressões faciais um do outro. Fazíamos de conta que estávamos tristes, felizes ou zangados, e o outro tinha de adivinhar a emoção sentida. Ao longo dos anos, isso acentuou-se e começámos a conhecer também os nossos tiques e manias. Inventámos a nossa própria comunicação por sinais. Portanto, estudar o meu rosto e perceber o que me vai na alma é-lhe tão natural como beber um copo de água. Não temos telepatia, mas temos anos de convivência juntos.

— Estava aqui a pensar, como foste lá parar e porquê? Supostamente, só as pessoas que têm uma ligação muito forte com Aquorea é que são convidadas a entrar.

— É uma história um pouco longa. Não preferes descansar?

— Temos tempo. E habituei-me a dormir pouco.

*Flyer*, completamente desperto e muito irrequieto, mexe-se no meu colo e salta para o chão. Noutro pulo, já está ao pé da porta. Emite um rosnar baixo enquanto fareja pela frincha, de um lado para o outro.

— Estranho — diz Colt. Levanta-se, vai à cozinha e regressa à sala com um taco de beisebol.

— Visitas indesejadas? — pergunto, ao levantar-me.

Colt baixa-se, pega no pequeno *Flyer* e passa-mo.

— Vai lá para cima.

Nem me digno a responder-lhe.

— Colt! — Lá fora alguém grita. — Colt! Estás aí? Por favor, diz-me que não morreste. Não posso perder-te também. — A pessoa choraminga e bate à porta com pancadas pungentes.

— Quem é? — pergunto, intrigada.

— O capitão Santos.

— E porque é que ele pergunta se estás vivo?

— É a tal história que estava prestes a contar-te. Vai lá para cima, Ara. Parece-me embriagado, e, quando assim é, fica muito casmurro.

Pouso *Flyer* em cima do sofá.

— Fica — ordeno. Passo por Colt, destranco a porta e encaro um homem mais ou menos da idade do meu avô, que emana um inequívoco bafo a álcool. — O que deseja? — pergunto num tom autoritário e talvez um pouco rude.

O homem cambaleia, quase cai, não fosse Colt sair rapidamente e ampará-lo. Os olhos arregalam-se e leva a mão ao peito quando me vê.

— Arabela? Eu sabia! Eu sabia que estavas viva! Onde está o teu avô? — O homem grita com toda a força, como um louco.

— Vá-se embora, capitão. Estou bem. Quando lhe passar a bebedeira, falamos, neste momento, não está em condições. Venha, vou levá-lo a casa. — Colt começa a puxá-lo, contudo, ele resiste.

— Anadir? Onde estás? Sei que estás aí. — Ele entra de rompante em casa, sacudindo-nos aos dois.

Aturdida, encaro Colt como que a perguntar: «Ele sabe?»

— Anadir! — O capitão anda pela sala, qual touro enraivecido, e assim que põe um pé na escada de acesso aos quartos, Colt interpõe-se à sua frente.

— Vamos. Já! Neste momento, não está em condições de compreender nada.

— Compreendo muito bem. Eu vi-te desaparecer à minha frente. Eu vi. Afogaste-te, Colt. E tu! Onde é que tu estiveste? — pergunta-me o capitão. — Viste o meu filho? O meu filho está *lá*? Chama-se Jorge. Eu sei que ele foi para onde tu e o teu avô foram. — A sua voz definha e, no fim da frase, é um pranto contínuo. Leva as mãos à cabeça e chora, desesperado.

— Ela não conhece o seu filho. Esteve do lado de lá do rio, na Argentina. Uma tribo acolheu-a.

Ele ergue a cabeça, confuso, e os seus olhos passam de Colt para mim, uma e outra vez, como que à espera de que eu confirme se é verdade.

— Eu estava muito fraca e com amnésia — digo a primeira mentira que me vem à cabeça.

Ele sossega um pouco e enxuga as lágrimas com as costas da mão. *Flyer*, ao ver tudo mais tranquilo, voa como um raio e finca os dentes

no homem.

— MENTIROSOS! Que bicho é este? — Tenta afastá-lo com a genica de um miúdo e segura Colt pelos colarinhos. *Flyer* continua pendurado na perna do capitão. Colt arfa e tenta livrar-se das mãos calejadas dele.

Não tenho aqui a minha pistola de arpões, pelo que opto por agarrá-lo pela parte de trás do pescoço, como Petra me ensinou nos treinos. Imobilizo-o, e prendo-lhe um braço atrás das costas. Deito-o ao chão com a ajuda de Colt.

— Ouça o que lhe digo. — Colt pousa um joelho nas costas dele e fala com voz baixa e controlada. Por breves instantes, comparo-o a Kai. — Passámos todos por um grande susto, mas foi só isso, um susto. Estamos aqui e bem. Agora tem de se controlar e ir para casa. Não quero magoá-lo.

— Eu sei que tenho razão. É impossível que tenhas sobrevivido. Eu vi-te ir ao fundo, Colt. Procurei-te durante horas, sem te encontrar...

— Viu que eu caí. O que não viu é que fui arrastado pela corrente até ser resgatado, pela mesma tribo que socorreu a Ara.

— Deixem-me levantar — barafusta ele.

Afastamo-nos. Ele ergue-se e encaminha-se para a saída. Ao passar junto à mesa de jantar, observa o cristal que *Flyer* trouxe e olha para nós de novo.

— Saia — ordena Colt.

— Só quero saber se o meu filho está vivo. E se sabes, tens a obrigação de me dizer. — Olha diretamente para mim, com um dedo acusador.

Sinto pena deste homem, e, agora que sei a dor de perder alguém que amamos, tenho de tentar confortá-lo de alguma forma. A verdade é que não sei se o filho dele está vivo ou morto, ou se estará sequer em Aquorea, mas tenho de lhe dar alguma paz.

— Sr. Santos, não conheço o seu filho. O Colt está a dizer a verdade. Encontrou-me com uma tribo que me resgatou. Estive em muito mau estado durante muito tempo. O Colt apareceu quando eu estava pronta para regressar.

Ando até ele, devagar, e pouso-lhe a mão nas costas. Gentilmente, encaminho-o para a porta e, sorrateiramente, ponho-lhe no bolso o cristal que *Flyer* trouxe.

— Sim, apesar de tudo, tivemos sorte, capitão. Algo me levou até à Ara — explica Colt.

O capitão encara Colt uns segundos, antes de falar.

— Algo não. *Alguém*. Estava uma noite de lua cheia, a água parada. Tu não caíste do barco, Colt. Tu foste puxado.

«A descoberta da verdade exige mais  
do que olhos abertos, requer um coração  
disposto a mergulhar nas profundezas  
do desconhecido.»

*Reflexões Além do Véu,*  
Cirdan, o Sábio

## 4

### Kai

O meu cérebro explode com mil e uma perguntas, mas espero em silêncio que alguém inicie a conversa. Llyr interrompe o eco das respirações superficiais que se ouvem na sala.

— Ainda bem que te juntaste a nós, Kai. — Llyr mantém um tom informal. — Temos muito que falar, mas, antes de avançarmos para qualquer tipo de explicação, tenho a obrigação de informar os restantes membros do Consílio sobre a tua situação atual. Explicas tu?

Os meus pais franzem o sobrolho, a minha avó assente como que a dar-me força. Sabia que ela estava desconfiada porque me ajudou quando precisei e não tive a quem mais recorrer, mas agora tenho a certeza de que ela *tem mesmo* forma de saber os nossos segredos mais bem escondidos.

Sem rodeios, começo a falar.

— Contra as ordens do Consílio, fui à Superfície buscar o Colt. Fui à revelia, porque achava que só assim, com todos os factos acerca do que se passava com a família, a Ara poderia tomar uma decisão: ficar ou partir. O Llyr percebeu o que fiz e destituiu-me do cargo.

— Sim, expulsei-o da Fraternidade dos Protetores. Lamento, Ghaelle. — Llyr encara o meu pai, que tem o rosto estático.

— Nós alterámos os códigos de acesso, após a tua primeira infração. Como saíste? — pergunta Alita.

É verdade. Alteraram os códigos quando, da primeira vez, estive aquele tempo na Superfície. Fiquei porque Colt precisava de mim. Por isso, da segunda vez que precisei de sair, recorri a Beau. Foi ele quem me ajudou com os códigos para que eu pudesse aceder ao géiser e trazer Colt. No entanto, não posso partilhar isto. Não posso dizer ao Regente que foi o próprio filho quem me ajudou em troca do segredo mais bem guardado de todos. A localização do portal. Por isso, opto por dizer o mesmo que disse a Llyr quando fui apanhado.

— Manipulei o sistema e roubei o código de acesso.



Eles entreolham-se, mas não respondem.

— Esperem... Isso quer dizer que o Colt não faz parte da Profecia?

— diz Alita com um ligeiro suspiro de alívio. — Estávamos a tentar perceber onde ele se encaixa em tudo isto.

Fico satisfeito com a interrupção.

— De facto, fui eu que o fui buscar, mas ele faz parte do mundo pessoal da Ara — digo, sem entender se todas as nossas ações fazem parte de algo maior. — Não lamento tê-lo feito, somente tê-lo feito nas vossas costas. Fi-lo porque de todas as vezes que vos pedi para me deixarem levá-la à família, vocês recusaram.

— Tens razão — diz Fredek. E as palavras dele surpreendem-me.

— Deveríamos ter sido mais recetivos aos teus pedidos.

— A Ara sabe de tudo isso? — pergunta a minha mãe, alarmada.

Bebo um gole de água do copo de alguém, passo as mãos pelo cabelo e, ao senti-lo tão comprido, incomoda-me. Apoio os cotovelos em cima da mesa para parar de me mexer.

— Saberá — respondo, e mudo para o assunto que me deixou intrigado. — Então, e os Outros Mundos?

Estou curioso para saber do que falam.

— É uma informação que só algumas pessoas sabem — diz Hensel, a minha avó. — Depois de vermos o desenrolar dos últimos acontecimentos, quer queiramos quer não... chegou o momento de pensarmos em transmitir o nosso conhecimento. As areias do tempo já pesam sobre os ombros de alguns de nós. Tu e a Ara têm uma ligação forte, que vai além da nossa compreensão, e talvez possuam as qualidades necessárias para dar continuidade ao nosso legado.

Estou entre pessoas de confiança, mas será que me sinto seguro para revelar a ligação telepática entre mim e Ara?

Não, ainda não.

— Sim, está na altura de passar o testemunho, de partilharmos este segredo. Se nos acontecer alguma coisa, alguém tem de ficar com esta informação — diz Alita.

— Certo. O que preciso de saber?

— Tudo será explicado, mas agora, temos de corrigir o mal feito. Pedimos-te que vás buscar a Arabela. Não quisemos impedi-la, uma vez mais, de seguir a sua vontade, mas devíamos ter posto as cartas na mesa e tentado convencê-la a ficar. Apesar de acharmos que lhe fará bem rever a família e sarar feridas — explica Llyr, determinado.

— Era precisamente isso que vos vinha dizer. Vou à Superfície. — Não me dou sequer ao trabalho de perguntar se tenho a autorização deles. Sairei, de uma forma ou de outra. — Ver se a Ara quer regressar a casa. Para que fique claro, não a vou obrigar a nada. — Olho para os meus pais, que percebem a mensagem. Só volto se ela vier. Começo a fazer o movimento para me levantar, mas Llyr, segura-me no braço,

impede-me e intervém.

— Foi uma decisão unilateral e tomada de cabeça quente, mas vamos a votos para reintegrar o Kai na Fraternidade dos Protetores. Duas batidas a favor, uma batida contra.

Duas sonoras pancadas vibram na madeira e ressoam nas paredes.

— Agora, outro assunto premente — continua Llyr. — Temos de chegar à conversa com o Morfeu. Tentar negociar a paz, uma vez mais.

— Primeiro temos de tentar perceber se a Sofia estava envolvida com eles — continua Alita.

Llyr olha diretamente para o meu pai, que lhe responde.

— Vou tratar de fazer chegar a mensagem.

\*

A reunião termina e espero pelos meus pais fora da sala. Saem todos, a minha mãe abraça-me sem dizer uma palavra e continua a conversa com Alita e os outros. O meu pai fica comigo e andamos, devagar, lado a lado, alguns passos atrás do grupo.

— Lamento, pai.

— Não posso dizer que estou surpreso. — Sinto um riso no seu timbre. — Sempre fizeste o que achavas correto, independentemente das consequências que te possam trazer. Nisso, fazes-me lembrar muito a tua mãe.

— A mãe?

— Ela é a verdadeira, corajosa. Eu só tive a sorte de a ter ao meu lado e de ter crescido com bons músculos e força.

Sorrio.

— Preciso de te pedir um favor, filho. E vais precisar de toda a tua bravura...

— Diz.

— Não vás agora. Não já. — Surpreendo-me com o pedido. — Preciso de ti aqui. Recebemos uma pista que nos pode levar ao cúmplice da Sofia. Temos de chegar ao fundo desta questão.

Também sou responsável por estas pessoas e não sei como não vi, como permiti que isto acontecesse. A Sofia era ambiciosa, sempre soube disso. Daí a mentir, manipular e matar vai uma grande diferença. A minha vontade é não parar até descobrir quem mais está por detrás disto.

— Pai...

— Algo me diz que a Sofia era só um brinquedo da verdadeira ameaça a Aquorea. Precisamos de saber quem são os cúmplices e contê-los. Sabemos que tinha uma paixão por tudo o que era relacionado com a Superfície e que o sonho dela era sair, mas seria essa a sua única ambição? Estariam os Albas, em parceria com ela,

com outros planos? Ou não serão sequer os Albas e ela usou isso a seu favor?

— Tens a tua equipa. E tens também a minha Unidade, sabes que estão sempre disponíveis.

— Ajuda-me a fazer isto. É só o que te peço, para Aquorea ficar segura. E tu ires sossegado.

Ele tem razão. Se for agora, estarei sempre preocupado, na dúvida e com uma nuvem negra a pairar sobre mim. Acabo por concordar. Quanto mais rápido solucionar este mistério, mais depressa posso ir embora.

Quando saímos do Colégio Central, um grupo grande de pessoas estende-se ao longo da Praça. Estão mais agitadas e manifestam insatisfação com a atual situação. Nota-se nelas descrença, enquanto falam entre si, exigindo respostas e soluções.

Assim que veem Llyr, os ânimos exaltam-se e o burburinho transforma-se em gritos. Eu e o meu pai ficamos imediatamente em sentido.

«Queremos respostas: quem mais nos trai?» e «O que está a ser feito para nos protegerem?», são algumas das perguntas que se multiplicam.

O Regente sabe que precisa de agir com rapidez para conter a insatisfação da população. Desce a escada, para ficar frente a frente com os seus. Eu e o meu pai seguimo-lo, prontos para intervir.

— Por favor, acalmem-se. — Pede Llyr. A voz emana cansaço. — Todos os esforços estão a ser feitos para...

Alguém o interrompe.

— Como podemos confiar num Regente que mata um dos seus? — berra Mako, o chefe da Fraternidade dos Pescadores. — E os pais da traidora, vão ficar impunes?

Dou um passo em frente e posiciono-me ao lado do Regente.

— *Hey!* — Chamo a atenção para mim. — Se a faca da Sofia estivesse apontada à tua garganta, também agradecerias a intervenção de alguém. Quanto aos pais, são apenas culpados de amar a filha incondicionalmente.

Mako encolhe os ombros, mas o rosto tenso e carrancudo não muda.

— A segurança das «fronteiras» está a ser reforçada e estamos a trabalhar para identificar todas as potenciais ameaças — continuo a explicar.

Llyr olha-me com gratidão e permanece calmo e respeitoso quando fala.

— Entendo a vossa desconfiança e medo, mas sempre trabalhei em prol da Comunidade, sempre foi a minha prioridade. — A voz falha-lhe um pouco no fim, como se lhe custasse dizer estas palavras. —

Acredito que juntos podemos reconstruir a confiança e recuperar a segurança.

— Entendemos que queiram respostas imediatas e mais concretas — intervém a minha mãe —, mas ainda não as temos, por isso, pedimos que tenham paciência enquanto trabalhamos nisso.

O burburinho não cessa e reparo que Mako continua a alimentar o ódio, apesar de a multidão ficar um pouco mais calma, contudo a tensão permanece no ar.

Troco um olhar silencioso com o meu pai e juntamo-nos.

— Vamos lá analisar essa pista. As últimas palavras da Sofia foram «ela vive». A quem será que se refere? — pergunto.

«Os reencontros são as pontes que o destino  
constrói, trazendo-nos de volta ao que  
coração jamais esqueceu.»

Excerto de *As Marés do Tempo*,  
Loreena, a Guardiã das Memórias

# 5

## Ara

-**Q**ue golpe foi aquele? — pergunta Colt assim que fecho a porta atrás do capitão Santos.

— Em Aquorea, era uma Protetora. Uma guerreira, protegia a população.

— Caralho, isso é incrível! — diz, com os olhos arregalados de orgulho. — Sempre foste a pessoa mais forte que conheço, por isso, acreditei e tinha a certeza de que estavas viva. Conta-me mais sobre isso.

Colt nunca me viu como uma mulher frágil, da mesma forma que Kai nunca duvidou das minhas capacidades e me levou ao meu melhor, mas continuo presa às palavras do capitão.

— Isso agora não é importante. Como assim, foste puxado do barco? Como foste parar a Aquorea, Colt?

Ele faz um gesto para que me sente.

Assim faço e ele acomoda-se ao meu lado.

— Eu e o capitão saímos para uma noite de pescaria normal, e enquanto preparávamos o material, senti-me ser puxado com força para a água. Acordei em Aquorea. Faz sentido que tenha sido o Kai, certo?

Estremeço, mas não digo nada.

*Será que faz?* Porque haveria Kai de querer levar Colt para Aquorea, sabendo que o mais provável era eu vir embora? Mas, pensando bem, todas as atitudes de Kai desde que cheguei a Aquorea foram para me proteger e ajudar. Faz mais sentido que Colt não tenha ido ter a Aquorea por fazer parte da Profecia. Daí a ansiedade de Kai em querer conversar comigo antes de Colt acordar. Queria contar-me. E porque é que Colt não me contou? Se me tivesse dito, alteraria a minha decisão de vir embora? Penso que não, mesmo assim, foi arriscado da parte de Kai fazer o que fez. O capitão Santos viu...

— O capitão sabe sobre Aquorea?

— Desconfia. Foram demasiadas coincidências. A primeira vez que o teu avô se afogou, há quarenta e tal anos, foi mais ou menos no local onde... — Levanta-se, dirige-se ao móvel da entrada, abre a gaveta e regressa para junto de mim. — Encontrámos isto. — Estica o braço e passa-me o porta-chaves em forma de baleia que estava preso na minha mochila.

— Como o encontraram? — A minha voz é um mero sussurro. — Obrigada — digo, a apertar o objeto.

— O teu avô regressou saudável, por isso, o capitão acha que existe alguma coisa lá em baixo, embora não saiba ao certo o quê. Como perdeu o filho há muitos anos, pensa que ele pode estar lá, coitado. E agora o que aconteceu contigo...

— E se ele tem razão? E se o filho dele estiver mesmo em Aquorea?

Colt encolhe os ombros.

Dou por mim a sentir-me semimorta. Não sei que horas são, mas preciso de estar sozinha e tentar dormir. Com *Flyer*, se ele me quiser acompanhar.

— Vais dormir?

— Sim, Colt. Tu também devias descansar.

Ele sorri e cola dois dedos na testa, formando meio coração desengonçado com o polegar e o indicador, e eu sei de imediato o que quer dizer: «gosto de ti». Retribuo o gesto.

Agarra-me no pulso com carinho e puxa-me para um abraço. O topo da minha cabeça encaixa no queixo dele.

— Até amanhã. Sobe. Tenho de fazer um telefonema. — Solta-me e retira o telemóvel da mesma gaveta de onde tirou o meu porta-chaves.

Subo a escada devagar e estagno quando o ouço falar.

— Olá, Caspian. Como estão as coisas por aí?

Bastam estas palavras para o meu coração querer sair disparado. Do outro lado da linha, o meu pai. Uma grande parte de mim quer descer a correr, arrancar o telefone das mãos de Colt e falar com ele, mas a parte racional sabe que tenho de fazer as coisas bem feitas.

Entro no quarto com o som das patas de *Flyer* a seguir-me e fecho a porta atrás de nós. Deito-me e fecho os olhos, só para a minha mente ser preenchida por Kai em todas as suas formas. *O que estará ele a fazer neste momento?* Adormeço, agarrada ao desejo de que os nossos mundos se voltem a cruzar um dia.

Algum tempo depois, acordo sobressaltada com os gritos de desespero do pesadelo de Colt.

Colt foi buscar a minha família ao aeroporto. Quando lhe perguntei o que disse ao meu pai para que viessem tão rápido, desviou o

assunto. Insisti, mas ele não cedeu. Mal tenho dormido. Em Aquorea, habituei-me a dormir poucas horas. Também tenho lidado com os meus próprios pesadelos.

Esta noite dormi melhor, porque, quando tentei abrir os olhos, a cauda de *Flyer* estava a tapá-los. Ele dorme no topo da minha cabeça, em cima da almofada. Já o pus aos meus pés e até ao meu lado, mas ele arranja sempre forma de fugir para o seu cantinho favorito.

Colt tentou distrair-me e não me deixou passar muito tempo sozinha.

Nunca nos afastamos muito de casa para que não me vissem. Ontem, foi à vila tentar saber se o capitão Santos havia divulgado a notícia da nossa chegada, mas estava tudo tranquilo. Levou-me a dar um passeio de barco e mostrou-me as suas aptidões enquanto pescador. Nunca pensei vê-lo num trabalho como este e fico feliz por ele se sentir completo.

Estou no meu quarto, com a porta aberta, à espera de que eles cheguem. A casa é na floresta e isolada, mas, a cada som, o meu coração dispara. A antecipação de vê-los está a deixar-me louca e não sei como a minha irmã reagirá.

O carro para e escuto timbres de vozes distintos. A porta de casa abre e ouço a voz do meu pai. O tom é jovial e até alegre, o que me surpreende e, de alguma forma, tranquiliza. Pensei que o meu desaparecimento os tivesse tornado amargos e infelizes, mas, da mesma forma que eu arranjei maneira de continuar a minha vida sem eles, eles estão a fazer o mesmo.

— Querem tomar alguma coisa? — pergunta Colt.

— Sim, um refrigerante. Estou com o sono trocado, mas não quero dormir agora, senão nunca mais o acerto — responde o meu pai.

— O mesmo para mim — diz a minha mãe.

— Porque nos chamaste aqui, Colt? — Como sempre, a minha irmã vai direta ao ponto. A voz é diferente, está mais mulher.

Ouço o barulho das portas dos armários a abrir e a fechar e de copos a encher.

— Acho que vais preferir beber isto, Caspian. Para vocês, sumos.

— Uísque? O que se passa, Colt? As coisas ficaram resolvidas. Houve algum problema?

— Não há uma maneira fácil de vos dizer ou preparar para o que tenho de contar.

— Estás a preocupar-me — diz a minha mãe. O tom de há pouco desapareceu.

— Encontrei a Ara — diz Colt, de chofre.

Silêncio. Eu não respiro e *Flyer* observa-me, os olhos esbugalhados, como quem entendeu o drama. Faço-lhe uma festinha, levanto-me da cama, saio e fecho a porta, para ele não me seguir.



Não falámos do como lhes daríamos a notícia, mas não pensei que Colt a cuspiria assim, como uma bomba, de forma tão casual.

— Encontraste a minha filha? Ela está... está?

— Viva — responde Colt.

Eu encontro-me a meio da escada, a olhar para eles sem saber muito bem o que fazer. Estão de costas para mim, só Colt me vê.

— Onde é que ela está? — grita a minha mãe.

Colt levanta os olhos na minha direção e, como que atingidos por um raio, viram-se de repente, os três a olhar.

— Pai, mãe... Benny.

Quase no mesmo segundo, a minha mãe corre disparada para mim e o meu pai cai de joelhos no chão. Os olhos vítreos, incrédulos e emocionados.

A emoção de os voltar a ver passado tanto tempo assume o controlo e de um salto abraço a minha mãe. Ela beija-me e aperta-me. Retribuo todo o amor. O meu pai continua no chão. Com cuidado, largo a minha mãe, ajoelho-me à sua frente e abraço-o.

— Pai!

Ele não fala, apenas me aperta, com força. Eu faço o mesmo. Está mais magro. Põe uma mão de cada lado do meu rosto e olha-me com muita atenção.

— És tu? És mesmo tu, filha!

— Sou eu, pai.

Seguro-lhe nas mãos e ajudo-o a levantar.

A minha irmã está exatamente no mesmo sítio, braços ao longo do corpo, rosto fechado. Reconheço aquele olhar, está em modo de luta ou fuga, a decidir o que fazer. Sempre foi determinada, mas sei também que tem sofrido muito. Quando me aproximo dela e a puxo para mim, quebra.

— Onde te meteste? E por que diabo demoraste tanto tempo a voltar para casa? — reclama com brusquidão, sem corresponder ao meu abraço e é como se a magnitude de todos os acontecimentos que me trouxeram até aqui, de repente, desabasse sobre mim, doendo mais do que o disparo de uma arma de arção.

Colt esboça um sorriso de orgulho, quando se junta a nós para um abraço coletivo.

— Eu disse-vos que ia encontrá-la.

O meu pai vira-se, dá uma gargalhada alta e tremida, e abraça Colt com tanta força que o desequilibra.

— Tu disseste, tu disseste. — O meu pai fala por entre lágrimas, larga-o e volta a puxar-me. — Minha querida filha. — Enche-me o rosto de beijos e eu saboreio o momento.

— Tantas saudades. Amo-vos tanto. Desculpem, desculpem. — A minha voz sai entrecortada pelos soluços de choro.

— Não peças desculpa. Estás viva! — Afasta-se de mim, sem me largar as mãos, e olha-me de alto a baixo. — Estás viva. E estás bem. Muito bem — diz, com estranheza.

Do andar de cima, chegam sons de patinhas irrequietas.

— Tens um cão? — pergunta o meu pai a Colt, com o intensificar do arranhar da porta.

— É da Ara.

Colt levanta-se, sobe a escada e abre a porta para *Flyer* sair. Ele saltita, alegre, enquanto descem.

— Que animal é esse? — pergunta a minha irmã.

Sei que tenho de lhes contar a verdade. Mas não agora.

— É o *Flyer*, um *dhihilo*. É uma espécie... do sítio onde estive.

Pelos olhos da minha família, passam várias coisas: pânico, medo, incredulidade. O meu pai observa, atordoadado, o pequeno animal, como se vasculhasse as suas memórias.

Neste momento, *Flyer* já saltou para o colo de Benny, que está encostada ao sofá, ar desconfiado e os lábios um pouco abertos. Ela pousa-o no chão com uma reprimenda, mas ele ignora-a e volta a subir. Resignada, faz-lhe festas sem sequer se aperceber.

— Muito bem. Então, vamos tratar de vos levar para casa — diz o meu pai.

«O medo é a sombra que dança nas paredes da incerteza, um sussurro inquietante que fala de futuros ainda por escrever. Encontra-nos nos momentos de dúvida, mas, mesmo na instabilidade, nasce a oportunidade de enfrentarmos os nossos fantasmas.»

*Diário Privado das Memórias,*  
Arcas, o Ancião

## 6

# Kai

Aqui estou eu. No Refúgio.

O *nosso* Refúgio.

Durmo aqui muitas vezes. Trouxe alguma roupa, comida, armas e instalei-me, porque aqui sinto-me mais próximo de Ara. Não a *ouço* desde que foi embora. Precisa de espaço e subiu um muro espesso entre nós.

Fecho os olhos e mergulho de novo no meu pequeno mar privado, tentando limpar a mente dos pensamentos amargos que me inundam em catadupa.

*Pum-pum, pum-pum, pum-pum.*

O meu coração martela num corpo oco e faz questão de me relembrar constantemente do que perdi. De que *a* perdi. A água envolve-me e afundo-me mais. E mais um pouco, em direção às profundezas. Até não haver mais oxigénio em mim. O peso da tristeza e da saudade acompanham-me, mas, ao mesmo tempo, é agradável a sensação de conforto por estar no meu elemento. A água, outrora lugar onde afogava as minhas preocupações, parece agora aprisionar-me. E, em vez de flutuar, submerjo em pensamentos sombrios.

De um impulso, subo e inspiro, trazendo ar de volta aos pulmões.

EXPIRO.

De volta à vida.

\*

O meu ritmo tem sido frenético. Compenso a falta de Ara com trabalho. Entre tentar deslindar a pista que o meu pai e Adro receberam, procurar outras, fazer patrulhas, rusgas, tempos infinitos de vigia e treinar novos Protetores, não tenho tempos mortos.

Mantenho as minhas rotinas porque me ajudam a manter o foco.

Estou no mercado a abastecer as prateleiras do *autokart* com alimentos frescos, para iniciar a minha ronda habitual de entregar os bens essenciais aos cidadãos que por motivos de saúde não podem sair. Uma tarefa que faço desde miúdo, com muito gosto. Ajuda-me a manter contacto com a Comunidade e tenho o prazer de conhecer algumas das pessoas mais caricatas e fantásticas de Aquorea.

Sou distraído por gritos e sons de objetos a partir. Ao fundo, num dos bazares, um grande alvoroço. Um grupo de pessoas reunido à volta de alguma coisa. Dois Protetores correm naquela direção e eu apresso-me também. Abro passagem, à força, pela multidão e deparo com os pais de Sofia encolhidos, com medo, no epicentro da ira destas pessoas. São empurrados e ameaçados violentamente. Beau está à frente deles, de braços abertos, a tentar protegê-los, o horror estampado nos seus olhos.

— O que se passa aqui? — Posiciono-me também à frente deles, formando um escudo com o meu corpo, enquanto os outros dois Protetores formam uma barreira para que as pessoas não se aproximem mais.

— A vossa filha era uma traidora! — grita Mako, o chefe da Fraternidade dos Pescadores.

Já é a segunda vez que este tipo encabeça uma manifestação. Primeiro, no Colégio Central; agora, aqui. Vou ter de conversar com ele.

— Nós não sabíamos o que a nossa filha andava a fazer. — Salseg, a mãe de Sofia, soluça. — Nunca o teríamos permitido.

— Têm de pagar! — diz um rapaz alto, e dá um passo em frente, tocando-me no peito.

Reajo e, no mesmo momento, torço-lhe a mão, trazendo-lhe o braço para trás das costas. Ele grita de dor e eu aperto um pouco mais. Estou a magoá-lo, mas não quero saber. Conheço bem este casal, são pessoas boas e gentis, não merecem ser tratadas desta forma.

Sei que não mudo a opinião geral, no entanto, pelo menos, posso protegê-los de mais ameaças e ataques.

— Vocês são uns cobardes! — grita Beau.

— Isto é inaceitável. — Encaro cada um deles com firmeza. — Conhecemos estas pessoas desde sempre. Quantas vezes vais encher o bandulho ao restaurante deles, Mako?

— Mas eles... — Ainda tenta contrapor.

— Tenham vergonha! — Atiro o rapaz com força para a frente, sem nenhuma preocupação em quem embate. — A filha deles morreu. Merecem o nosso respeito. Se vocês têm memória curta e não estão dispostos a dar-lhes isso, então, eles terão a nossa proteção. Garanto-vos que, se souber de mais algum incidente deste ou de outro género, terão de se haver comigo. E as consequências não serão agradáveis.

Agora, ponham-se a andar. — Cruzo os braços em frente ao peito e espero até que comecem a dispersar, mas Mako demora-se, de olhos fixos nos meus, como que a prometer que isto não fica por aqui.

Eu e Beau rodeamos o casal, emocionalmente abalado, e decidimos acompanhá-los a casa.

O ambiente está estranho, as pessoas sentem-se inseguras e há um crescendo de instabilidade. Temos de resolver isto depressa, antes que alguém se magoe a sério.

\*

O *autokart* levita atrás de mim.

É uma invenção avançada que combina conveniência com tecnologia de levitação. Um dispositivo robusto, com grande capacidade de carga, facilitando o transporte e a entrega de bens.

A próxima casa é a de Marianne. Como esperado, quando primo o visor e a campainha toca, ela barafusta.

— Agora? Vou apertar o pescoço a quem estiver desse lado!

Sorrio. Marianne é criativa e extravagante. Vive e respira arte. Um Espírito Livre, alguém que não pertence a nenhuma das Fraternidades. Conheço-a desde criança, por causa de Petra, porque ela sempre passou mais tempo com a tia Marianne do que com os pais. Foi ela quem me ensinou a tocar saxofone, nos dava conselhos de bravura quando éramos miúdos e nos fazia pensar por nós mesmos. Também foi ela que me deu as sapatilhas de *ballet* que ofereci — às escondidas — a Ara, quando ela ainda se estava a instalar em Aquorea.

A cortina de água cessa e toda ela é um borrão de energia e luz. O cabelo, como sempre, está coberto por um lenço, que finaliza com um coque. Agora que penso nisso, não me lembro de alguma vez lhe ter visto o cabelo.

Cumprimento-a com um sorriso e um aceno, e ela abre passagem. Conheço bem o caminho, pelo que vou à frente, para começar a arrumar os bens. As batidas da bengala acompanham o seu cantarolar alegre. Cheira a especiarias e a tinta. A tela no cavalete chama a minha atenção, abrando o passo. Não é de cariz sexual ou de festins, como a maioria das suas obras. Escarlata salpicado, escorre em todas as direções a cobrir o fundo negro. Há algo perturbador neste quadro.

— Passa-me aí a faca — diz quando, por fim, chega ao balcão da cozinha.

Abro uma gaveta e passo-lha, porque sei que me vai cortar uma fatia de bolo. Faz-me sempre crer que não se lembra de quando passo, mas tenho sempre bolo acabado de fazer à minha espera.

Encosto-me ao balcão e cruzo as pernas, a apreciar o inseto da bengala que sempre me fascinou. A bengala é de madeira, com um punho translúcido, cor de fogo. E no centro, o fóssil de um inseto, que

me assustava quando criança e me fascina enquanto adulto.

— O que estás aqui a fazer, Kai? Quando vais ter com *ela*? — pergunta de chofre.

Engulo o pedaço de bolo antes de responder.

— Em breve. Neste momento, há outras preocupações. Como vês, Aquorea está a passar por um período complicado.

Marianne olha para mim, de olhos penetrantes.

— Tens um coração grande, Kai. É nobre da tua parte queres ajudar todos, mas não deves esquecer-te de ti próprio. A Ara é importante para ti, e por mais que tentes ocupar-te com outras coisas, essa dor vai continuar a corroer-te.

Olho para o chão. Sei que ela tem razão.

— Não consigo evitar sentir-me frustrado por não conseguir fazer mais para ajudar. A população está tomada por uma atmosfera de indignação e fúria, e eu sinto-me impotente.

Ela pousa a mão sobre a minha.

— Não podes controlar tudo, Kai. Faz o teu melhor, mas não te deixes consumir por essa responsabilidade. No momento certo, procura a Ara e tenta reconectar-te com ela. Lembra-te de que a comunicação é a chave para resolver qualquer problema.

— Sempre foste a melhor confidente.

— E tu o mais forte e corajoso.

— Acho que esse papel pertence ao meu pai.

— És forte de corpo e espírito. Sempre tiveste bons instintos e um sexto sentido muito apurado, por isso te querem sempre por perto. E essa força amplifica quando estás com a Ara, não podes ficar aqui a definhar à espera de que ela volte.

— És sempre boa a dar conselhos, mas nunca deste uma oportunidade ao teu vizinho Lucas — brinco, porque sei que, apesar de Lucas querer mais, mantêm uma relação sexual e de amizade há muitos anos.

— Uma oportunidade para quê? Tê-lo a ocupar o meu sofá e ter de lhe fazer comida? Não, obrigada.

— Quem te diz que não seria ele a servir-te? E não sei, mas tê-lo no sofá até que me parece uma boa inspiração para aqueles teus quadros manhosos de nus — brinco.

— Ah, já o fizemos vezes sem conta! Mas não nos controlamos e acabamos por usar o sofá para outras atividades. — Gesticula e pisca-me o olho. — Tenho é de encontrar outro modelo que pose para mim. Com as carnes mais rijas. Tu serias ótimo. — Olha-me de alto a baixo.

— Não estou interessado. E nunca mais me sento nesse sofá!

Antes de sair, dou-lhe um beijo na bochecha.

Marianne segura-me nas mãos e olha-me com uma atitude firme.

— Kai, sei que tens autorização do Consílio para saíres. Quando

puderes, vai. Vocês precisam de estar juntos.

Já estou habituado aos conselhos de Marianne, mas nunca a vi tão séria e persistente.

Pensativo, termino as entregas e envio o *autokart* para o seu posto de carregamento por cristais.



«Recomeçar é caminhar por um trilho novo,  
repleto de incertezas e sombras do que foi  
deixado para trás. Abraçar esta jornada é  
um desafio do que ainda está por vir.»

*Odisseias da Mente,*  
Vladimir, o Viajante

## 7

# Ara

**T**rouxemos o *Flyer* para os Estados Unidos. Conseguimos registá-lo e Benny teve a ideia de lhe comprarmos um fato com capuz, que lhe cobriu o corpo todo. Funcionou, apesar de *Flyer* não ter gostado, exprimindo o seu desagrado com um rosnar pouco amigável. Com o incentivo da comida, acabou por se render.

No dia do reencontro e nos dias subsequentes, os meus pais fizeram muitas perguntas e eu consegui desviar-me de quase todas. Não tive coragem de lhes dizer a verdade, para já. Dei-lhes a mesma desculpa que usei com o capitão Santos. Acho que a minha mãe acreditou, o meu pai fez de conta e a minha irmã não engoliu uma única palavra.

Benny está distante. Cumprimenta-me de forma cordial, mas sempre que tento aproximar-me para iniciar uma conversa, esquiva-se com meias-palavras ou uma desculpa esfarrapada e um resmungo.

Pedi aos meus pais que mantivessem as suas rotinas para eu também me poder organizar.

Chegámos há três semanas e, nos primeiros dias, pouco mais fiz do que correr pela cidade — de madrugada —, treinar e ler. Correr tornou-se na forma de controlar as minhas lembranças, as memórias de tempos felizes. Só eu, elas e o som dos pés descalços na estrada deserta. O treino de combate, a exaustão pura, a dor boa no corpo fazem-me falta.

Penso em Kai, mas ainda não estou pronta para *falar*, por isso, mantenho-o bloqueado. A única responsável pelo meu destino sou eu. Ele deu-me a escolher, e eu decidi. Não me sinto completa, mas estou feliz por estar reunida com a minha família. Quero aproveitar cada momento e recuperar o tempo perdido.

Penso nos últimos meses. Nas alegrias, na dor e nas lutas que enfrentei. Mas percebo que este tempo me mudou. Tornei-me mais forte e capaz de lidar com as dificuldades. Percebi que as lições

aprendidas ao longo da caminhada percorrida me prepararam para lidar com as adversidades e sinto gratidão por tudo o que passei e pela mulher em que me tornei. Decidi que tenho de fazer o melhor que posso com o que me foi dado, e que não quero ficar a definhar. Conheci o meu propósito e, por momentos, vivi o que era suposto viver. É mais do que a maioria das pessoas alguma vez poderá dizer.

É sábado. A minha mãe pediu-me para vir ao supermercado com ela, quer fazer o seu delicioso esparguete com almôndegas, do qual tenho muitas saudades. Não estava com muita vontade de me meter no meio desta confusão, mas quero passar algum tempo a sós com ela.

O supermercado é enorme. Não pode ser mais diferente do mercado em Aquorea, onde é tudo tão fresco que, por vezes, temos de esperar que o barco com o peixe chegue, ou arranquem os legumes da terra. Aqui, para onde quer que olhe, há frigoríficos gigantes, corredores sem-fim de enlatados e embalagens de plástico.

A minha mãe faz conversa desde que saímos de casa e eu ouço-a com atenção, respondendo volta e meia, quando assim é preciso.

— Esparguete ou *tagliatelle*? — pergunta, com uma embalagem de cada na mão. Aponto para o esparguete e ela pousa-o no carrinho. Sorrio com o entusiasmo dela.

— Sinto-te triste, filha. O teu coração está magoado, consigo ver.

*Nada que não mereça.*

— Nada que o tempo não cure — digo.

Mas sei bem que o tempo é ingrato. Não é unicamente ele que ameniza a dor e nos faz crescer, a própria dor também nos força a isso. Sou mais comedida nas minhas decisões, penso bem antes de falar ou responder e estou mais serena em todas as minhas atitudes.

Ela segura no meu queixo. Analisa-me em silêncio.

— Estás apaixonada.

É uma verdade que não consigo esconder.

— Estou.

— Por quem?

Não preciso de pensar muito no que lhe dizer, porque posso falar de Kai sem falar de Aquorea.

— Chama-se Kai. Mas será difícil voltar a vê-lo.

Ela abandona o carrinho, enrola o braço no meu e puxa-me.

— Muito bem. Esta conversa exige uma fatia de bolo de chocolate.

Sentamo-nos na cafetaria do supermercado e pedimos bolo e chá. O aroma a pão quente faz-me pensar naquele pão delicioso que comia todos os dias em Aquorea, e salivo.

— Com que então, Kai?

Levo um pequeno pedaço de bolo à boca. É demasiado doce.

— Sim.

— Fala-me dele.

Pouso os cotovelos em cima da mesa e, por breves segundos, passa-me pela cabeça contar-lhe tudo. E apesar de querer, sei que ainda não é o momento certo. Conto-lhe a verdade, dentro da normalidade da Superfície. Falo-lhe de como ele é comigo e com as pessoas da sua Comunidade, sempre preocupado e atento. Falo de Nwil, Ghaelle e Isla, que me acolheram como uma filha e irmã. E das muitas aventuras que vivi. As boas e as más. Sem entrar em detalhes.

Ela escuta-me com atenção, limpa algumas lágrimas e, por fim, diz:

— Vocês vão arranjar forma de voltarem a estar juntos, filhota. Tenho a certeza. Porque, pelo que me contas, estavam destinados a encontrar-se. E um amor assim é para sempre.

\*

Colt ficou no Brasil para organizar as suas coisas e, quando chegou, estive a matar saudades da mãe. Trocámos algumas mensagens, mas não o vejo desde o dia em que regressei a casa com os meus pais. Hoje, vem jantar connosco.

A minha mãe cantarola na cozinha ao som de Rozalla e eu lembro-me imediatamente da minha Petra. A mulher mais destemida que conheço e tanto admiro, a melhor amiga que alguma vez sonhei ter. Convidou-me para ser a dama de honor no seu casamento, mas vim embora antes. Também tenho muitas saudades de Boris. Será que casaram? A minha cabeça inicia numa espiral de pensamentos, mas não me permito adentrar neles.

Eu e o meu pai pomos os pratos na mesa, em silêncio, e a minha irmã lê um livro no cadeirão junto à janela. Tem os auscultadores postos, como sempre.

Colt chega e sentamo-nos à mesa a conversar sobre assuntos triviais, mas uma nuvem de inquietação paira sobre nós. Uma centelha de dúvida nos rostos deles, com perguntas à espera de resposta.

— Como te tens sentido, filha? — pergunta o meu pai, e eu temo que o que por aí vem vai mudar tudo.

— Estou bem.

— Ainda não falaste do sítio onde estiveste. Não nos queres contar? — insiste.

A minha mãe olha-me com compreensão e doçura. Questiono-me se ela lhe terá contado alguma coisa sobre a nossa conversa no supermercado, mas rapidamente sei a resposta. Ela nunca trairia a minha confiança dessa forma, sei que o que lhe contei ficou entre nós. Sempre foi assim.

Engulo em seco e recrimino-me por me faltar a coragem, mas não sei se estão preparados para a verdade.

Suspiro.

— Não há muito a dizer. Uma tribo encontrou-me e ajudou-me. —

As palavras custam a sair.

— E não vieste para casa há mais tempo porque estiveste inconsciente e quando acordaste não tinhas memória — diz o meu pai. Não chega sequer a ser uma pergunta.

Assume a sua postura de advogado e inicia o interrogatório. Vi-o preparar-se dezenas de vezes para os julgamentos, conheço bem as suas expressões. De alguma forma, vejo desilusão nele.

A expressão de Colt é de preocupação e, simultaneamente, de desconfiança. Sabe que o meu pai não está a engolir esta história, e deu-me todos estes dias para que eu me chegasse à frente e lhes contasse por iniciativa própria. Não o fiz.

— Uma comunidade indígena na Argentina — repete a minha irmã, de cenho franzido, como se se estivesse a convencer.

Assinto com a cabeça.

— Qual é o nome da tribo? Consegues ir lá outra vez? — pergunta a minha mãe, com o que deteto ser esperança na voz.

Nego com a cabeça.

— E, mesmo assim, o Colt encontrou-te — diz Benny. — És um verdadeiro explorador — conclui, virando-se para ele.

— Tento — responde Colt, ao encolher os ombros enquanto leva mais uma garfada de comida à boca. Consigo ver-lhe um dos cantos dos lábios puxado para cima.

O meu pai inclina-se sobre a mesa, pega na minha mão e acolhe-a entre as suas. O olhar é profundo e sereno.

— Filha, conheço-te e sei quando estás a esconder alguma coisa. Sabes que podes confiar em nós. Não estiveste com nenhuma tribo, nem debilitada. — Sobe a mão pelo meu braço e para nos bíceps. — Isto aqui é sinal de força e resistência. E não estás morena, como seria de esperar, se tivesses vivido os últimos meses debaixo de um coqueiro. Onde estiveste?

Que grande treta. Como lhes posso dizer? Quem acreditará nesta loucura? Eles merecem a verdade e está na hora de lhes contar.

— Ara, sabes o que tens de fazer — incentiva-me Colt.

— Muito bem, quando acordei, dois dias após me terem visto afogar, a primeira pessoa que vi foi o avô.

— Estás a dizer que morreste? — pergunta Benny, visivelmente confusa.

Esboço um ligeiro sorriso, porque essa também foi a minha primeira pergunta quando acordei.

— Não. Vou começar pelo início, é mais fácil. Quando o avô Anadir era jovem, teve um acidente de barco. Lembras-te de ele contar que, antes de conhecer a avó, a embarcação dele se virou no rio devido a uma tempestade? Foi levado pela água para uma cidade escondida, milhares de metros abaixo do nível do mar. Onde há luz,

água doce, uma floresta belíssima e uma comunidade singular.

— Pela água? Queres dizer, por um portal... mágico? — pergunta o meu pai como se lhe custasse dizer a última palavra.

Assinto.

*Flyer* roça-se nas nossas pernas à procura de atenção. O meu pai olha para ele minuciosamente, mas como não lhe dá permissão para ir para o seu colo, *Flyer* decide ir para a árvore que Benny lhe comprou, uma cama de gato com diferentes andares e texturas.

— E foi lá que a Ara reencontrou o Anadir. A boa notícia é que o teu pai está vivo. E a tua mãe também. É uma mulher fantástica, tens o temperamento dela — diz Colt ao meu pai.

— Espera, estás a dizer que também estiveste lá? E conheceste a minha mãe?

Levanta-se da mesa e começa a andar de um lado para o outro. O cenho franzido, mas sem nunca desviar a sua atenção de nós.

— Sim, a Raina. É uma mulher admirável. O Colt tem razão, sais a ela.

— Como é possível? Tu afogaste-te diante dos nossos olhos, filha — diz a minha mãe.

— Sim, afoguei, mas fui levada para Aquorea. A tua terra natal, pai. Tu não nasceste no Brasil, mas sim lá. É muita informação, eu sei, mas é verdade. O avô está vivo e bem. Está com a avó, num sítio maravilhoso.

— Filha, sabemos que passaste por um grande trauma, mas não tens porque nos mentir. — A minha mãe olha para o meu pai com ar preocupado. — Estamos do teu lado e não te julgamos, queremos ajudar-te a superar isto da melhor forma possível. Talvez fosse melhor marcar uma consulta com o Dr. Fra...

— Não estou a delirar — digo, com calma. — É difícil de acreditar, entendo, mas não estou a mentir ou a inventar.

O meu pai pede licença, sai da sala e vai ao escritório. Ouvimos o som de gavetas a abrir e a fechar, papéis a serem remexidos, e novamente os passos até junto de nós, onde se senta. Na mão, tem um caderno de argolas, com uma capa colorida e parece muito usado e antigo.

Pousa-o em cima da mesa. Não consigo decifrar o seu semblante.

— Pensava que eram apenas histórias que o meu pai me contava — diz, ao fim de algum tempo. Abre o caderno, vira-o para nós e folheia as páginas repletas de textos e desenhos. De Aquorea. Abre numa página onde está desenhado um bonito *dhihilo*. — Mas quando olhei para ele — aponta para *Flyer* —, sabia que já o tinha visto em algum lado. Não me lembrava destes pequenos vislumbres que o vosso avô me deu a conhecer.

Passo a mão pelo desenho.

— É difícil de entender. Acreditem, eu sei. Mas existe, eu estive lá.

— Diz-me, Ara — Benny afasta o prato e cruza os braços em cima da mesa —, da mesma forma que entraste, podias sair?

Sei onde isto vai dar.

— Teoricamente, mas é mais complicado do que...

— Então, a tua decisão foi abandonar-nos, é isso? — O tom é cortante.

Benny levanta-se e sai para o jardim. *Flyer* salta do seu poleiro e segue-a. São inseparáveis desde que puseram os olhos um no outro. Eu e os meus pais entreolhamo-nos. Não vou atrás dela, para já. Conheço-a bem, precisa de digerir esta informação.

— Conta-me mais. Aquorea, não é? — pergunta a minha mãe, chegando-se para a frente na cadeira.

— Antes de irmos embora, os avós disseram que vos devia contar, que acreditariam. O avô devia saber que te lembrarias. Obrigada por não me acharem louca.

— Ainda estás em julgamento, mas, para já, vou embarcar contigo. Até porque as minhas memórias parecem estar a reavivar — diz o meu pai.

— Se me dão licença, tenho de ir a casa. Volto já. — Sei que Colt vai sair para falar com Benny. Sempre foi um ótimo mediador entre nós.

Cerca de quinze minutos depois, a minha irmã e Colt voltam a entrar. Benny não cruza o olhar comigo, porém olho para o meu amigo e agradeço-lhe com o nosso sinal.

— O que me dizem de pipocas bem doces e um filme no sofá? — Sugere a minha mãe, já a levantar-se e a pegar num recipiente e sacos de pipocas.

— O que dizes, Benny? — Tento cortar o gelo entre nós.

— Eu quero salgadas — diz, tirando outra taça do armário alto. — E escolher o filme...

Sorrio. Claro que quer.

Aqui, enroscada na manta e com a cabeça encostada ao ombro do meu pai, sei que tomei a decisão certa. Pelo menos, para já.

«Conhecer o inimigo é o primeiro passo.  
A guerra não se faz apenas nos campos  
de batalha. É nas mentes dos líderes que  
os destinos são traçados.»

*Códex dos Conflitos: Estratégias e Histórias,*  
Caius, o Artífice da Guerra



## 8

### Kai

**E**u e o meu pai seguimos com atenção o frente a frente entre Llyr e Morfeu. Uma vez mais, estamos a tentar fazer um acordo com o líder dos Albas, o rei Morfeu. O sucesso destas negociações pode significar mais tranquilidade, mas sei também que nada é certo com ele.

Trouxe dois dos seus guardas. São enormes e entroncados, com armaduras que se estendem até às coxas.

O Regente começa a falar.

— Os nossos povos têm uma longa história de conflitos, mas acredito que a paz seja possível, Morfeu.

— E o que sugerem? — A voz de Morfeu é clara.

— Podemos dar mais comida, se isso ajudar. Deixar-vos caçar nas nossas terras, desde que vocês...

A risada forte de Morfeu reverbera nas paredes de pedra.

— As vossas terras — repete, como se fosse uma piada de mau gosto. — Llyr, ambos sabemos que isto é uma discussão que vai além da comida. — O esgar diz mais do que quer revelar.

— O que tu insinuas nunca pesou nas minhas decisões. — Llyr baixa o tom de voz, como se estas palavras fossem apenas para os ouvidos de Morfeu. — Mas concordo e corrijo: as *nossas* terras — emenda Llyr com um movimento circular abrangente a envolver ambos os lados.

Morfeu semicerra os olhos e o tom pálido-acinzentado do seu rosto fica ainda mais evidenciado.

— Oferecem comida como se isso fosse suficiente para nutrir o meu povo? Precisamos de mais do que isso para sobreviver — responde com um tom firme, mas Llyr não se deixa intimidar.

— Estamos abertos a cedências: dar-vos mais cristais, acesso ao rio, e também planear uma abertura controlada das fronteiras.

O silêncio recai enquanto esperamos a resposta de Morfeu.

— Não queremos a abertura dos limites. Queremos o nosso

território, aquilo de que nos privam há tanto tempo. — Morfeu responde num tom duro.

— Esta nunca foi uma guerra da nossa geração, assim como nunca foi o vosso território. Sempre foi de todos, como acabámos de frisar. E vivíamos em harmonia, até se começarem a querer apropriar dele. Já chega. Vamos pôr fim a décadas de desavenças, Morfeu. Já perdemos em demasia e tivemos tempo suficiente para aprender com os erros do passado e compreender que o presente tem de mudar.

— E como fazemos isso?

— Um passo de cada vez. Neste momento, estamos dispostos a manter algumas «fronteiras» abertas e a acordar um volume de comida e cristais. Talvez estipular alguns intervalos de tempo para que se comecem a reintegrar, até construirmos uma relação de confiança mútua.

Morfeu encara Llyr, o olhar pensativo, medindo a oferta, e retira a mão que parecia prestes a estender, substituindo-a por um aceno lento de cabeça.

— Interessante — murmura, sem se comprometer totalmente. — Considerarei a vossa proposta. Farei chegar a minha resposta e condições. Mas, Llyr, isso não significa que estamos de mãos dadas.

Antes que ele se vá embora, tenho de perguntar.

— Mais uma coisa. Morfeu, a Sofia teve a vossa ajuda?

Mantenho uma expressão impassível enquanto ele me examina, contudo, o coração bate mais forte no peito e a culpa apodera-se do meu estômago quando penso no Orgza. Nunca sabemos qual será o desfecho de uma luta, e aprendi a compartimentar, mas nunca é fácil. E talvez isso seja uma coisa boa, sinal de que ainda não perdi totalmente a minha humanidade. Nunca foi minha intenção matar o filho de Morfeu. Trazê-lo à justiça, sim; matá-lo, não.

Ele dá um passo em frente e o meu pai segue-lhe o gesto, mas não me deixo intimidar.

— Não tive nenhum envolvimento direto nisso — responde com firmeza. — É tudo o que posso dizer. — Uma sombra passa-lhe pelos olhos e sei que esconde algo.

Dito isto, vira costas.

Esta resposta deixa uma sensação amarga no ar, não pode ser ignorada. Há mais coisas em jogo do que aparenta à primeira vista.

Sabemos que temos de ter muito cuidado com os próximos passos, não queremos deitar tudo a perder. Morfeu é tão instável quanto a sua sombra e já falhou com a palavra no passado. Poderá voltar a fazê-lo com a mesma facilidade.

peças os alienarem, não voltaram a ser atacados, porque os pais não têm culpa dos erros dos filhos. E vice-versa.

Formamos um grupo de infiltrados na Comunidade — pessoas da nossa total confiança — que possam ver ou ouvir algo que nos dê indícios do que procurar. Temos também interrogado muita gente, mas os inquiridos não dão em nada. E, além de treinarmos, vigiarmos e patrulharmos, passamos muito tempo na base de operações da Fraternidade.

O meu pai e Adro passaram-nos a mensagem que receberam de forma anónima e, de facto, não ajuda muito. Olho, uma vez mais, para o papel. É o mais comum, de algar, sem nenhuma marca, por isso, seguirmos esta pista, não nos leva a lado nenhum.

Lê-se:

Há muito se extinguiu a castidade, mas nele encontrarás a verdade  
Segue o caminho que o mar traz  
Segue a Lua e verás  
Encontra-o no ponto mais alto, trajado de índigo  
Onde os dois mundos se juntam, encontrarás o inimigo.

Temos dado voltas à cabeça a tentar entender o que isto significa. Releio. Uma e outra vez. Boris está atrás de mim e tem a cabeçorra quase pousada no meu ombro. Giro o rosto para o olhar.

— Precisas de mimo?

Ele ignora.

— Índigo é aquela cor...? — Boris enruga o nariz a tentar lembrar-se do nome.

— É um tom de azul, *meu devagarinho* — responde Petra ironicamente ao noivo e eu não consigo deixar de rir.

Boris puxa-a pela cintura e sentam-se à minha frente.

Recordo que os Mediadores, normalmente, trajam azul. E a Sofia era Mediadora. Pode haver aqui uma ligação.

— E o mar e a Lua, onde ficam nessa história? — pergunta Wull.

— Talvez seja simbólico?

— Pode significar tanta coisa — diz Petra. — Se procuras um sentido mais poético, a Lua pode significar a passagem do tempo e o mar a necessidade de mudança, por exemplo.

— No outro dia, estava a ler um livro — começa Boris. Nós rimos às gargalhadas e ele revira os olhos. — Vão-se foder! Como eu dizia, estava a ler um livro que fazia uma analogia engraçada e muito *poética* também. — Dá um beijo no pescoço de Petra e perde o fio à meada.

— Boris! — Chamo-o de volta à realidade.

— Ah, pois! Era de medicina e explicava a relação entre o corpo e a mente, de que forma eles se afetam um ao outro e a importância de os equilibrar. Talvez seja isso que o mar e a Lua simbolizam.

Sinto que estamos perto, muito perto. As pistas estão todas aqui. O que é que não estou a ver?

— E se for nos passadiços? O ponto mais alto — diz Petra.

E isto traz-me à memória alguma coisa, um eco antigo.

— A floresta é que é o ponto mais alto — diz Wull.

— Toda a gente pensa que sim, mas na verdade não — diz Suna, o namorado de Wull.

Olhamo-lo, intrigados. Ele encolhe os ombros como se fosse uma coisa óbvia.

— É no GarEden. Há lá uma zona que fica acima do nível da altitude da floresta. Isso aprende-se nos Estudos Básicos, pessoal!

Portanto, o ponto mais alto, onde os dois mundos se juntam, faz sentido. A observação da leitura de Boris refere-se à medicina, o que está perfeito. E o índigo?

— O índigo é o quê, Boris? — pergunto, com um sorriso alargado.

Entusiasmado, levanto-me de um pulo.

— Uma tonalidade de azul. — Ele encolhe os ombros sem entender o que me deu.

*Como não pensei nisso antes?*

— Estou capaz de te beijar, Suna! — digo.

— *Hey!* — reclama Wull a sorrir.

— Desculpa, mas vou fazê-lo. — Abraço Suna pelo pescoço e dou-lhe um beijo cheio na bochecha. — Vamos!

— Onde? — perguntam em coro.

— Buscar o nosso suspeito — explico com satisfação.

\*

O meu pai aproxima-se dele. A voz rouca e furiosa ecoa na sala de interrogatório. E eu observo, sem piscar, enquanto ele encara a figura trémula à sua frente.

— Não adianta mentires, Asul. Sabemos que foste tu que ajudaste a Sofia.

Depois de perceber o texto, foi fácil apanhá-lo, apesar de ter oferecido resistência. Não sei como não deslindei a mensagem mais cedo. As pistas estavam todas lá.

Agora, quem a enviou permanece um mistério.

— Não fiz nada — gagueja ele.

— Conta-nos, antes que as coisas fiquem piores para ti — aviso.

Ele encolhe-se na cadeira e os olhos desviam-se dos meus, à procura de uma saída. Adro caminha até ele e a sua mão fecha em torno do ombro de Asul com força.

Ele olha para Adro, abre a boca para falar e vacila. Asul é um homem grande, mas, agora, encolhido, percebo que não passa de um medroso.

— Só queria que ela me visse. — A voz dele sai murmurada e chorosa.

Ah, então, é isso. Gostava de Sofia e ela manipulou-o e usou-o a seu bel-prazer em várias situações. Numa delas, foi no Underneath, durante o meu aniversário, quando o incitou a agredir Ara, e noutra, quando Sofia lhe pediu para me espiar quando levei Colt para a Clínica de Saúde do GarEden. Quantas mais coisas lhe terá pedido?

— Nunca quis fazer mal a ninguém — diz ele, e vejo que é verdade. Apenas queria a validação e amor da *kōtiro* 1, que nunca o veria dessa forma.

— Agora, não precisas mais de a proteger — digo.

— Apenas lhe dava informações, que eu julgava serem de pouca importância, mas agora percebo que ela as usou para... — Asul engole em seco, o remorso estampado no seu rosto. — Fazer coisas terríveis. E eu ajudei-a a chegar mais perto.

— Quão perto? — pergunto.

Ele olha para o chão.

— Não sei. Juro que nunca soube o que ela queria fazer.

— Mas agora vais contar-nos tudo o que sabes — diz Adro, apertando o cerco.

Se é que é possível, ele encolhe-se ainda mais, o pânico estampado nos olhos, e acena com a cabeça antes de começar a falar.

Asul conta-nos os «serviços» que fez para Sofia. Pequenas coisas que pareciam inofensivas, outras nem tanto. Ele terá de enfrentar as consequências das suas ações.

As coisas parecem estar a resolver-se e estou mais descansado porque talvez as ideias de Sofia tenham ficado confinadas a ela própria, até porque todas as nossas investigações assim o sugerem. Está na hora de ir ter com Ara. As palavras de Marianne não me saem da cabeça.

1 Rapariga.

«O arrependimento é o eco silencioso  
de escolhas passadas, uma sombra que  
se alonga com o peso da mágoa, ensinando  
que mesmo as cicatrizes têm histórias  
para contar.»

*Espelho da Alma,*  
Idril, a Tecelã dos Destinos

## 9

# ARA

-Umi! — grito, mas ela não se vira para mim. Apenas lhe vejo as costas e o cabelo louro e curto a reluzir na fraca luz. O odor a lodo queima-me as narinas. — Umi, temos de sair daqui — insisto. Vira-se para mim, o buraco aberto no centro do abdómen permite-me ver através dela e tenta dizer-me algo. Sangue escorre como numa mina de água. Ela mantém os olhos fechados, apesar de eu lhe pedir que os abra e que corra até mim. Continua a querer falar. Atrás dela, um grupo de Albas encurta mais a distância. Eu quero correr até ela para a puxar, mas os meus pés não se mexem, não consigo sair do sítio. Grito, uma e outra vez.

Sobressaltada com o som abafado na minha garganta, sento-me na cama. O lençol com o qual me tapava tem agora um rasgão com mais de um metro. Os meus punhos agarram com força o tecido, os nós dos dedos brancos. Desembaraço-me do lençol e levanto-me.

A Umi está morta.

Eu matei-a.

Os pesadelos são comuns desde que matei pela primeira vez no resgate de Isla, mas quando estava com Kai não se manifestavam com tanta frequência. Por norma, é Sofia, estendida no chão brilhante da ponte de cristal e banhada em carmesim, que me costuma acordar mas, ultimamente, é Umi quem tem aparecido.

Vou até à cozinha e dou de caras com a minha irmã.

Dou-lhe os bons-dias e ela responde num tom frio e distante, quase a roçar um ligeiro desprezo. Tento ser paciente, contudo, preciso de saber o que se passa na sua cabeça. E no coração.

— Benny, quando é que vais falar comigo?

— Ainda não decidi.

Amargura.

— Sei que estás magoada, mas agora estou em casa.

Emite um som sem emoção.



— Estás? Em casa? Tu não queres estar aqui, Ara.

— Claro que quero. O que se passa contigo?

— Desapareceste e não voltaste. Sabes o desespero que foi não poder fazer nada para te salvar? Ver a mãe definhar, de dia para dia, agarrada à esperança de que te iam encontrar. E eu sabia, eu sabia que era impossível. No entanto, aqui estás tu. Feliz e saudável. Enquanto nós tentámos refazer a nossa vida com os bocados desfeitos que nos deixaste.

— Benny... — Apesar de eu ter tentado e ter feito tudo o que pensava estar ao meu alcance para me vir embora, ela não sabe isso, mas não quero, nem posso, ficar de mal com ela. Amo-a e sei que, apesar da mágoa, ela sente o mesmo por mim.

Cruza os braços em frente ao peito à espera de que eu continue.

— Desculpa — digo. — Há muitas coisas que não sabes. Eu tentei, tentei tudo. Até os avós me esconderam coisas. Lamento mesmo, Benny.

Encara-me como se me despisse a alma.

— Ah, agora estás a culpar os avós?

Estremeço e ela continua, implacável.

— Olha-me nos olhos e diz-me que te arrependes da tua decisão de ter ficado lá, onde quer que tenhas estado, tanto tempo? — Palavras brutais, ditas com uma frieza calculada. E nelas estão tantas coisas não faladas.

Não é assim tão simples. Se ela ao menos percebesse...

— Sei que o teu desejo foi sempre partir — continua.

— Sim, sonhava com mais. E tive a sorte de o encontrar. Mas não sabes o quanto sofri, também. Todos me diziam que não podia sair, até ao dia em que descobri que o podia fazer. Não foi fácil para mim. E sei que para ti também não. Sei o quanto sofreste, pelo que passaste...

— Do que estás a falar? — A voz treme-lhe um pouco.

— Do Mário.

Enruga a testa e a carranca aumenta.

— Como sabes?

— O Colt contou-me, Benny. Não imaginas como...

— Tudo?

Fico confusa com a pergunta e a minha expressão demonstra-o.

— O Colt contou-te tudo? — pergunta de novo e atira com o pano húmido da cozinha para cima do balcão.

— Sim. Que te envolveste, que te apaixonaste — corrijo. Não quero que ela pense que estou a desvalorizar os seus sentimentos. — Pelo tal jornalista, e que ele foi a razão de escolhas pouco acertadas.

— Não sabes de nada, Ara. E eu não estava apaixonada por ele, como podia?! — Emite um riso estranho e até desdenhoso. — Há

coisas que não escolhemos, sabes? Apenas estava desolada, revoltada com tudo e todos, e *ele* estava ali, disponível.

Arregalo os olhos e não consigo identificar totalmente o que Benny quer dizer. Parece que está a falar de algo mais. Vira-se de costas, dando como encerrada a conversa. Mas eu não o permito. Agarro-a e puxo-a para mim.

Abraço-a com força porque destrui a minha irmã. Ela resiste, mas eu não deixo.

— Tu não és assim. Perdoa-me, maninha. Perdoa-me — imploro.  
— Tenta também compreender a minha dor.

— Eu é que tenho de me perdoar a mim mesma, não percebes? Sabes o que foi sentir, todo este tempo, que fui a culpada da tua morte?

Estas palavras chocam-me mais do que aquilo que eu gostaria de admitir.

— Como assim, Benny? A culpa não foi tua. Não foi de ninguém, foi um acidente. Ou o destino.

— Devia ter insistido para não irmos. Feito uma das minhas birras. Eu senti... Eu senti. Amo-te tanto e julgava que te tinha perdido para sempre.

A minha irmã chora, abraçada a mim. Amparo-a e acarinho-a o mais que consigo, porque a menina que virou mulher precisa de mim mais do que nunca. E eu estarei aqui para ela.

«As despedidas são portas que se fecham  
ao sopro de decisões tomadas, marcando não  
apenas o fim de um capítulo, mas o início  
corajoso de uma nova jornada.»

*O Grito de Banshee,*  
Sioban McBanshee

# 10

## Kai

O treino ainda agora começou e Boris já espuma. Está armado até aos dentes, assim como todos nós. Além da pistola de arpões no antebraço, tem a adaga preferida no coldre cruzado de peito, punhais e estrelas de arremesso à cintura, e ainda uma catana presa nas costas.

Desde que interrogámos Asul, foi explicado à população o seu envolvimento com Sofia e todos andam mais calmos. Quanto ao Asul, esteve vários intervalos de tempo preso, mas como não há provas, senão ter admitido ser capacho de Sofia, não temos motivo para mantê-lo em cativeiro. Foi reintegrado e está sob vigilância apertada.

Passei as rédeas da formação a Boris. E, conforme também já havia planeado há muito tempo, Petra é minha General, a seguir a mim, na Cadeia de Comando.

Wull está do outro lado do campo de treinos. Acena quando me vê, mas rapidamente desvia a atenção para gritar ordens. As atividades estão ao rubro, como num ninho de *rakbeques* atarefadas e Wull é sempre o mais calmo e centrado de nós. A voz da nossa razão, o prato que equilibra a balança.

Apesar de termos as coisas sob controlo neste momento, sabemos que temos de nos fortalecer, restaurar a calma e dissipar a apreensão da população. Recrutámos mais Protetores. Surpreendentemente, um grande número de jovens aderiu. Sentem-se compelidos a ajudar, a proteger. Mas nem todos são feitos para este trabalho e precisamos de mãos também para as outras Fraternidades, por isso, fizemos uma triagem.

Um dos novos recrutas reclama com Boris.

— Não me candidatei para vir correr à volta do campo. Quero uma arma para defender a minha família.

— Não te candidataste a nada. Foste recrutado! E estás à experiência para provares o que vales. Mais cinco voltas! — Boris dá um curto passo à frente e o rapaz recua ligeiramente.

— Aquela rapariga entrou ao mesmo tempo que eu e já está a treinar com uma pistola de arões.

Ah, então, é isso.

— Aquela *rapariga* é, sem dúvida, uma Protetora. Coisa que não tenho a certeza em relação a ti. E, enquanto estiveres sob as minhas ordens, fazes o que te digo. Agora, corre!

— Quem manda é ele! — O rapaz aponta para mim.

Boris mantém-se imóvel à sua frente. Consegue ser assustador, até para mim. Peito aberto, músculos tensos e rosto duro como pedra. A fisionomia de um verdadeiro guerreiro.

— Mais cinco voltas. Tens de obedecer, para saberes onde pertences.

Aproximo-me. Reconheço o miúdo, é Ptol. Um rapaz complicado, mas com potencial, se toda esta energia for canalizada de forma correta. E Boris saberá fazer isso na perfeição.

— Se o Boris diz que é uma ordem, é porque é — digo alto, para que todos me ouçam, e assusto meia dúzia, que pareciam concentrados nos exercícios. Sei que o meu timbre sai áspero, o que faz com que parem e nos encarem, por isso, continuo e projeto ainda mais a voz. — Se alguém quiser mudar de ideias, a hora é agora. Terão de trabalhar muito para se tornarem bons combatentes e não em tolos armados. A coragem, sem o devido controlo, é uma lâmina cega, sem gume, inútil na batalha e perigosa principalmente para quem a empunha. — Ajusto a minha postura e faço questão de me virar de frente para o desestabilizador. — Posto isto, preparem-se, nem todos chegarão a contar histórias de combate, a guerra não poupa heróis. Agora, faz aquilo que o teu instrutor te mandou.

O rapaz sopra de indignação e começa a correr.

— Caramba, mano. — Boris esfrega a cabeça rapada. — Nada como uma boa dose de realismo para inflamar o espírito guerreiro, não é? — O riso dele faz-me sorrir.

— Pensavas que seria fácil? E olha que este não te vai dar tanto trabalho como tu me deste a mim.

— Porra! No nosso tempo, não era assim. Mandavam-nos fazer e nós fazíamos. Até acho piada àquela atitude fanfarrona, mas não posso ceder.

— Claro, queremos preparar Protetores, não insurgentes — respondo.

Sinto-me um pouco dividido, contudo, não posso adiar mais a minha partida.

— O que se passa? — pergunta Boris.

Conhece-me tão bem.

— Nada.

Não quero preocupá-lo com a minha ausência, porque Boris é mais

do que capaz. E com Petra no comando, sei que as coisas não descarrilam. Tivemos todos estes intervalos de tempo, desde a saída de Ara, para nos reorganizarmos e fortalecermos. Confio-lhes a minha vida e a da Comunidade.

— Vais ter com a Ara?

— Hoje mesmo.

— E estás nervoso, *minha flor*?

Dou-lhe um murro no ombro e não respondo.

— Ela ama-te, mano. Não sei o porquê, mas ama — brinca.

— Não me vai perdoar, não mereço.

— Nunca vi alguém amar outra pessoa tanto quanto vocês se amam.

— Tu e a Petra.

— Sim, é o meu tormento. — O riso sai-lhe pelo nariz. — Mas vocês *pertencem-se*, é diferente, são duas doses da mesma garrafa. Fizeste o que tinhas de fazer. E a Ara sabe disso.

— Ela renegou tudo para ficar comigo. Não lhe posso dar menos do que exatamente o mesmo.

Boris entende o que está implícito e mantém os olhos fixos nos meus.

— Vá, deixa-me trabalhar. E despede-te da Petra antes de te ires embora, senão...

Deixa as palavras no ar com um sorriso apagado. Viro-me, apesar de saber que ele permanece no mesmo sítio.

\*

Avisto o meu pai e Adro ao longe. Conversam, descontraídos, e sorriem como já não os via sorrir há bastante tempo.

— Que boa disposição — digo, quando me aproximo.

— As coisas parecem estar a entrar nos eixos — diz o meu pai.

— E resposta do Morfeu? — pergunto, porque já reunimos há tantos intervalos de tempo e ainda não obtivemos retorno.

— Nada, ainda. Sabes que gosta de jogar, só vai responder quando e se lhe for conveniente — diz Adro.

Assinto.

— Estávamos a observar-vos. Fazem-nos lembrar de nós mesmos, quando éramos mais jovens, apesar de parecer que foi há uma vida.

Não vai assim há tanto tempo porque ainda estão ambos na casa nos quarenta. Nunca soube muito acerca de como a amizade deles começou, mas sei que tinham vinte e tal anos quando o meu pai criou a Fraternidade dos Protetores, e foi nessa altura que Adro se juntou.

— Fala por ti, sou mais novo do que tu e ainda estou para as curvas. E eu estava a dizer ao teu pai que, infelizmente, nunca fomos assim tão bem-parecidos — brinca Adro.

— Fala por ti! Eu continuo charmoso. — O meu pai replica as palavras de Adro com jeito gozão. — A vossa amizade é bonita de se ver — diz-me.

— Assim como a vossa. — Faço um gesto para eles.

— É verdade, mas com a idade ele está a ficar muito maçador. Não sei quanto tempo mais o aguento — diz Adro, e o meu pai ri-se com vontade.

— Ah, mas isso é porque a tua memória nunca foi muito boa e tens tendência a esquecer com facilidade as aventuras que vivemos. — O meu pai faz um trejeito na direção de Adro. — A verdadeira amizade é testada nos momentos mais difíceis, pá! E mesmo estando tu já barrigudo e gagá, nunca te abandonaria no campo de batalha, velhote — diz o meu pai muito sério, passando um braço ao redor dos ombros do amigo.

— Vivemos juntos ou morremos juntos — entoa Adro.

— Saímos todos ou não sai nenhum. Foi assim que vocês nos ensinaram — digo.

Adro avança e abraça-me.

— Desejo-te uma viagem segura — diz, e afasta-se de nós.

Encaro o meu pai e ele encolhe os ombros.

— Já sabes que ele não gosta de despedidas. Tem quase tanto medo delas como de agulhas.

Sorrio ao lembrar a fita que Adro fez para pôr o auricular incorporado de teste, porque tinha de fazer uma pequena incisão na orelha.

— Já me despedi da mãe e da pequena. — Quebro o silêncio, enquanto caminhamos em direção à Fraternidade dos Protetores.

Também me despedi de Wull e Suna, fui jantar a casa deles ontem. Adoro-os. Fizeram da sua casa um verdadeiro lar.

Ele assente, mas nada diz.

— Pai, se...

Ele para e pousa a mão no meu braço.

— Não. Não tens de te justificar. Sei que voltas para nós quando for o momento e, aí, posso finalmente passar-te a pasta.

É desejo do meu pai que eu assuma o comando operacional da Fraternidade, mas sei também que ele ainda tem muito para oferecer e ensinar.

— Pois, pois. — Tento esconder a minha hesitação.

— Verdade, filho. Ando nesta vida há demasiado tempo. E arrependo-me de te ter incentivado a seguir o mesmo caminho, com o perigo à espreita a cada esquina.

— Não incentivaste. Eu é que te pedi, lembras-te? A decisão foi apenas minha. Eu é que escolhi porque é o único que faz sentido para mim, mesmo com tudo o que isso implica.

— Vês como sais à tua mãe?! — sorri e retomamos o trajeto. — Estes últimos acontecimentos fizeram-me refletir. Quero ter mais tempo para a tua mãe, para vocês, para os meus netos — alarga o sorriso.

— Estás a falar a sério? Não te imagino a ficar sentado sem fazer nada e a ganhar barriga.

— Eu imagino. Dias inteiros na cama — suspira. — Passeios pelo rio e pelos jardins. Jantares demorados, regados a vinho. E nada de burocracia. Sabes como abomino papelada.

— Acho que voltas a correr num instante.

— Olha que não, quero mesmo desfrutar dos pequenos prazeres da vida e deixar a Fraternidade em boas mãos.

— Eu entendo, pai — digo, sentindo o peso da responsabilidade. — Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para continuar o teu legado e tornar a Fraternidade ainda mais forte. No momento certo...

Ele passa o braço pelo meu ombro, transmitindo-me uma sensação de conforto e segurança. O ar fresco do Riwus e o aroma adocicado característico de Aquorea são um contraste estranho com a tensão que sinto.

— Promete-me uma coisa.

Assinto e ele continua.

— Que vais viver. Viver de verdade. Ser feliz. É só o que qualquer pai pode desejar. Aqui ou *lá*, mas que vivas uma vida por inteiro. Aproveita cada momento, cada respiração. Faz tudo o que realmente importa, ao lado da mulher que amas. Só assim vale a pena.

Uma pontada perpassa-me as costelas, mas não preciso de pensar muito na resposta, porque é mesmo isso que pretendo fazer. Isto se a Ara voltar a confiar em mim. Raios me partam se não vou lutar até ao último sopro para isso.

— Prometo.

\*

Passo por casa, agarro numa navalha de cristal, faço o que tenho a fazer e depois pego no meu saco, pronto desde que Ara partiu. Estou já a sair de casa, mas volto atrás. Sento-me a escrever com pena e papel. Temos canetas mais modernas, mas agrada-me escrever assim. Agora, sim, está na hora.

Desço um lance de escadas. Toco e aguardo.

— Uau! Gosto do que fizeste com o cabelo! Radical — diz Petra assim que me vê sem rastas, com o cabelo mais curto. — Entra! O Boris está a tomar banho. Jantas?

Entro e ela franze a testa quando me vê de mochila às costas, mas não diz nada.

— Não.



Pouso a mochila no chão e sento-me ao balcão da cozinha. Parto um pedaço de pão e começo a roer. Sei que se controla para não disparar um chorrilho de conselhos e asneiras em igual medida.

Serve-me uma chávena com chá de ervas e senta-se à minha frente a bebericar da sua.

— Aaah, *Pelos Cristais!* Não aguento mais, Kai! — reclama e pausa a chávena, num gesto dramático.

— O que foi?

— Chegas aqui assim e deixas-me nesta angústia?

— Estou à espera do Boris, assim não tenho de repetir — digo, a esconder o meu divertimento. A água do duche ainda corre e a voz grave de Boris ressoa nas paredes, numa melodia completamente desafinada.

Ela mete um grande pedaço de pão à boca, mas começa a falar mesmo assim.

— Vais agora? O Consílio deu-te permissão? Sabes para onde vais? E...

— Calma, engole o pão primeiro. — Meto-lhe a chávena nas mãos outra vez. — Sim, vou agora. O Consílio não precisa de me dar permissão, sabes disso. E vou para onde a água me levar, também sabes disso.

Ela esboça um sorriso por baixo da chávena.

Boris sai da casa de banho conforme veio ao mundo: nu e molhado. Petra encolhe os ombros, mas não tira os olhos do noivo.

— Olá, mano — diz Boris. Olha para a mochila no chão. — Venho já.

Regressa já vestido, abre a porta do armário de onde tira três copos e uma garrafa.

— As despedidas exigem outra coisa que não chá. — Enche os copos.

— As trevas dirão se irás escapar — brindamos em coro.

Não vai há muito tempo, fizemos este mesmo brinde. Quando finalmente transpus a linha e tomei a decisão de ir buscar Colt à Superfície.

Não preciso de lhes lembrar o que devem fazer, a minha Unidade é forte e eficaz, sei que não me vão falhar.

Peço a Petra para entregar ao meu pai a carta que escrevi por precaução, ele saberá o que fazer com ela, se for necessário. Levanto-me e abraço os meus amigos como se fosse a última vez. A minha garganta estreita. Sou tão grato por esta família.

— Traz a nossa miúda de volta. Preciso da minha dama de honor.

— Boa sorte, meu irmão. Volta! — Boris abraça-me e Petra arregala muito os olhos, como se só agora percebesse que a possibilidade de eu não regressar a Aquorea fosse uma opção.

Não quero adiar mais o momento. Saio e apresso-me. Desço pela corda que leva à água. Entro no meu barco e, veloz, subo o rio, recebendo com agrado as partículas suaves de vapor que se colam na pele.

Paro no cais do Colégio Central e, quando me aproximo da Praça, observo Beau a falar a um canto com Asul. Os pelos da minha nuca arrepiam-se.

Beau gesticula com vigor e expressões severas, mas Asul mantém um semblante neutro, como se o que quer que Beau lhe esteja a dizer não o afetasse.

O que estarão a discutir?

Não me quero intrometer numa conversa que pode ser pessoal, mas algo me diz que é mais do que isso. Abrando o passo, posiciono-me atrás de uma árvore e espero. Beau dá a conversa por terminada e sobe a escada em passo acelerado, deixando Asul de braços estendidos junto ao corpo.

Sem pensar duas vezes, sigo Beau. Preciso de falar com ele. Beau é rápido e conhece bem o Colégio Central, por isso, tenho de me concentrar nos sons para ouvir onde está. Cruzo o átrio e subo os degraus dois a dois, tentando escutar os seus passos, entre o burburinho de vozes e do trabalho do Colégio Central.

Volto a vê-lo ao fundo de um corredor familiar. Já aqui estive, quando Llyr me interrogou e me manteve preso numa destas salas. Recordo-me de que foi Beau que ajudou a minha irmã a abrir a porta para me soltar e eu poder ir procurar Ara.

Abrando o passo. Beau entra numa delas. A porta fecha com um estalido. Caminho devagar e ponho-me à escuta. Lá dentro, nem um som. Bato e aguardo.

Quando a resposta não chega, levo a mão à maçaneta e giro. A porta range ligeiramente quando a abro, e o que encontro surpreende-me.

Nada.

Apenas a pouca mobília: uma mesa e duas cadeiras.

Mas Beau não está.

Entro, procuro, analiso e não vejo nada de anormal. Será que entrou aqui? Saio e abro a porta ao lado.

Vazia.

Uma sensação estranha toma conta de mim e a minha cabeça começa a imaginar todo o género de cenários sombrios. Onde é que ele está? Será que está envolvido em algo que não deve?

Uma hipótese, mais pavorosa, assombra-me. Será que imaginei?

O sentimento permanece, mas não quero adiar mais o que anseio há tanto tempo. Faço o caminho de volta e vou para o géiser, que me levará à Superfície.

«A ligação entre irmãs é um jardim no qual  
crescem as confidências alimentadas pela  
chuva suave do amor verdadeiro, florescendo  
em segredo sob o sol da confiança mútua.»

*Laços Inquebráveis,*  
Taberneiro Filósofo.

# 11

## ARA

Ultimamente, Kai é como uma raiz entrelaçada na minha alma. E eu estou a permitir que floresça. Como consequência, manter-me ocupada e saudável tem sido fundamental, para o corpo e para a mente. Tenho pavor da quietude, o silêncio leva-me por caminhos pelos quais não quero voltar a passar. Dormir é uma tarefa árdua. Tenho pesadelos constantes. Benny já se apercebeu e tenta ser o mais compreensiva possível. Vejo Umi a morrer nos meus braços, o corpo de Sofia estendido no chão. O sangue a manchar o branco puro e luminoso. O sofrimento no rosto dos pais dela. E as suas últimas palavras: «Ela vive.» Tenho-me debatido com isto horas a fio. Em contrapartida, os últimos dias têm sido ótimos para mim e para Benny. Desde o dia do nosso colapso, temos falado muito acerca do que nos aconteceu, tentamos sarar feridas e recuperar o tempo perdido. Ela é cética, já percebi que tem dificuldade em acreditar que Aquorea existe, pelo que decido não insistir. Partilho na mesma com ela as coisas que me aconteceram e as amizades que fiz.

É sexta-feira, amanhã Benny não tem aulas ou atividades, por isso, bato à porta do quarto dela uma vez e não espero pela resposta.

— FESTA DE PIJAMA! — grito, ao atirar-me para cima da cama. Aterro mesmo ao pé dela e Benny tira os auscultadores.

— Queres matar-me do coração?! — ri-se. — Nem penses que vou dormir com o teu chulé!

Levo a mão à boca numa expressão de choque, viro-me depressa, levanto uma perna e paro o meu pé a um centímetro do seu nariz redondo.

— Argh! Que nojo! — Bate-me no pé e faz de conta que vomita.

— Anda, sua peste. — Puxo-a para fora da cama. — Eu trato de fazer o forte, enquanto tu fazes as pipocas.

— Mandona! — reclama, enquanto segue para a cozinha. — *Okay, okay*, eu faço as pipocas.

Vou buscar o computador e começo a procurar um filme para vermos. Depois organizo o quarto. Encosto a cama à parede para criar espaço para o colchão fino que costumávamos levar para o campismo e desenrolo dois sacos-camas fofos. Espalho algumas almofadas e mantas no chão, criando um nicho aconchegante.

Benny aparece com uma taça enorme de pipocas e um tabuleiro cheio de guloseimas e salgadinhos.

— Então, temos — começo a nomear os filmes — *Monte Carlo*, *Birds of Prey*, *A Pequena Sereia*, *Enola Holmes*...

— Esse — diz ela, com um sorriso amplo.

Enquanto se acomoda, trato de pôr o filme e passo o genérico à frente. Este cantinho é muito confortável, e estar assim com Benny novamente também.

À medida que a história se desenrola, vamos comentando e devorando os petiscos com entusiasmo.

A dado momento, percebo que Benny se encolhe, os ombros tensos.

— Hey, estás bem? — pergunto, pausando o vídeo.

A minha irmã olha para baixo e brinca com uma mecha de cabelo.

— Eu só... sentia falta disto, sabes? — A voz sai-lhe baixa, mas não triste.

Eu também. Fazíamos tantas vezes isto quando éramos mais novas. Ficamos acordadas até tarde, a ver filmes ou apenas a conversar, às vezes, à socapa dos nossos pais, e erámos obrigadas a rir baixinho para não os acordarmos.

Sei que a nossa relação se tornou distante nos últimos anos, talvez pela minha busca de pertença e pelo feitio de Benny, mas até este instante não sabia que a minha irmã sentia tanto a falta destes momentos quanto eu.

Tiro a taça de pipocas do nosso meio e arrasto-me até ficarmos juntas. Envolver a no meu braço e ela pousa a cabeça no meu ombro.

— As nossas vidas mudaram, mana, mas isso não significa que a nossa relação tenha de mudar. Somos irmãs e seremos sempre. Isso ninguém nos pode tirar.

Mesmo sem olhar para ela, sinto o seu sorriso crescer.

Benny pega num punhado de pipocas antes de carregar novamente no *play*. O filme continua a rolar, mas a minha mente está noutro lugar. Em como reconstruir a relação com a minha família. Estou grata por ter esta nova oportunidade.

Quando a Enola, por fim, desaparece na bicicleta rumo ao futuro que, esperamos, seja promissor, lembro-me de Petra.

— A Petra é assim, destemida — dou por mim a dizer.

A minha irmã vira-se de frente para mim e eu faço o mesmo.

— Não sei se deste por ela, Ara, mas tu és assim, destemida.

Nunca tinha pensado nisso desta forma, mas, sim, acredito que

também mudei nesse aspeto.

— Tens saudades dela — continua ela.

— Sim.

— Conta-me mais — pede ela, e eu fico feliz por poder partilhar as minhas histórias. Falo-lhe de Kai, porque está na altura de pôr em palavras os meus sentimentos, tudo o que me consome e desgasta. E confio na minha irmã para o fazer. Conto-lhe também algumas das picardias engraçadas entre Petra e Boris, mas que, porventura, culminaram num final feliz.

— Ela é lixada — diz Benny, com admiração.

— Ias gostar dela. São mais parecidas do que julgas, ambas casmurras — brinco. E coração de manteiga, penso.

— Quem diria, tu eras tão bicho do mato. Tens a certeza de que o traumatismo na cabeça não foi demasiado forte e alucinaste tudo isso?

Olho para ela, incrédula.

— Espera, estás a dizer que acreditas em Aquorea?

— Não. Estou a dizer que é difícil acreditar nos teus amigos imaginários incríveis. Já para não falar do Kai.

Agarramo-nos à barriga a rir. Estamos mais próximas do que alguma vez estivemos e adoro que assim seja.

Ponho mais um filme, que vamos interrompendo ocasionalmente com conversas. O sono começa a pesar e aninho-me atrás de uma Benny também quase adormecida. Ajeito-me e pouso o meu braço em cima dela.

— Adorei esta noite, Ara — diz, entre bocejos, a apertar a minha mão contra o peito dela.

— Eu também, Benny — respondo. — Vamos fazer mais vezes, combinado?

Neste momento, tenho a certeza de que ambas sabemos que, independentemente do que o futuro nos reserve, nos teremos sempre uma à outra.

«A espera, esse limbo paciente, é o palco onde se desenrola a mais lenta das danças. Nela, cada segundo estica-se, ensinando-nos que, no silêncio das horas não respondidas, encontramos as respostas que nunca soubemos procurar.»

Textos sobre Predições do Futuro

# 12

## Kai

**S**eguindo a tradição das minhas viagens à Superfície, troco cristais luminosos por notas baças. Depois, rumo ao hotel e a primeira coisa que faço é pôr o telemóvel a carregar. Ainda o tenho de quando estive no Brasil, e guardei o número de Colt. Ligo-lhe, com um nervoso miudinho na boca do estômago. Não posso dizer que não fico surpreendido com a postura calorosa dele, nem mesmo quando me diz que devia ter vindo há mais tempo. Pergunta-me onde estou e aconselha-me a não ir ter a casa de Ara, que me enviará mensagem do melhor sítio e hora.

Por hábito, trouxe mais armas do que deveria, por isso, guardo-as no cofre e fico apenas com a minha pequena adaga de cristal azul, que embainho na zona das costas.

Estou sentado na cama com um livro ao meu lado. Já o abri e fechei tantas vezes que mais parece uma borboleta. Não me consigo concentrar.

Levanto-me e decido ir dar uma volta. Se ficar aqui enfiado mais tempo, endoideço.

O sol ainda não se começou a pôr e o rebuliço de pessoas e carros é intenso. Dou por mim a pensar que ficar cá em cima talvez não fosse assim tão mau. Acho que me adaptaria. Podia comprar um carro. No entanto, depois passaria horas no trânsito... Talvez uma moto.

Passo em frente a uma florista e uma flor chama a minha atenção. São rosas. Não as temos em Aquorea, mas conheço-as. E se comprasse algumas para Ara? Vou para pegar num ramo, contudo, lembro-me de que não sei quando vou estar com ela. Pode ser hoje, pode ser daqui a uma semana.

Continuo a caminhar devagar e a observar as pessoas. Correm. Por todo o lado. Para apanhar os autocarros, a sair dos autocarros, para ir buscar os filhos à escola, para uma consulta médica, para fazer compras antes que o supermercado feche... E o zumbido constante no



ar. Será que me vou habituar a este barulho?

Paro em frente a uma livraria. Ela adora ler. Podia tentar encontrar uma primeira edição bonita de um livro de que ela goste. *Grandes Esperanças*, por exemplo. Depois, penso que ela não liga a bens materiais e talvez levasse a mal eu gastar tanto dinheiro num livro.

E onde vou viver? A cidade é enorme, tenho muito por onde escolher, mas será que vou encontrar um sítio onde me sinta bem? Onde *nos* sintamos bem.

Entro por uma rua, encantadora, apenas para peões. Os prédios são baixos e muito bem conservados. As varandas exibem vasos coloridos dos quais pendem flores exuberantes. Mas é o cheiro, o aroma doce e envolvente que é como um baque nas minhas narinas. Uma montra meticulosamente decorada e repleta de chocolates de todas as formas, tamanhos e tons faz-me salivar. Desde tabletes, barras e bombons, cada bandeja é acompanhada de pequenas etiquetas que descrevem o tipo de chocolate e o seu recheio.

Vem-me à memória a primeira vez que provei chocolate. Estávamos sentados no chão da minha sala e Ara deu-me um pedaço da sua pasta de chocolate negro, descrevendo-o como o melhor alimento do mundo. Adorei. Tantas vezes vim à Superfície e nunca liguei a semelhante coisa, mas, agora, ao vê-los tão simples e apetecíveis, sei o que lhe vou oferecer.

Entro, escolho uma grande variedade e saio da loja, satisfeito e com a certeza de que os meus receios são infundados. Tal como esta pequena descoberta, tenho muitas mais para fazer à Superfície com Ara.

\*

Estou há dois dias a olhar para o telefone a ver se alguma chamada ou mensagem chega. Dois longos dias.

Batem à porta do quarto e eu abro.

— Colt?

Entra sem convite. Vai até à janela e fica a olhar durante um longo momento.

Fecho a porta e aguardo.

— Fiz merda! — diz ele, e vira-se para mim.

— Somos dois.

— Fui intrusivo. Devia ter tentado perceber tudo antes de ter insistido para que a Ara voltasse comigo, mas, naquele momento, apenas pensava em reuni-la com a família. Ela está infeliz, mas é cabeça dura, já sabes.

— E eu nunca lhe devia ter ocultado nada. Nem te devia ter levado daquela forma.

— Não nego que foi um pouco traumatizante, mas valeu a pena.

Quantas pessoas têm a oportunidade de ter uma experiência daquelas? Caramba! Aquorea foi surreal. Ainda bem que o fizeste — sorri, avança até mim e abraça-me.

Sou apanhado de surpresa, porém retribuo.

— De nada — digo entre risos.

Afastamo-nos.

— Calculei que devesse estar a morrer de tédio e decidi fazer uma visita.

— Não que não aprecie a tua companhia, mas não era bem contigo que queria estar.

— Para já, é a mim que tens. — Abre os braços, vai até ao canto e senta-se na cadeira em frente à secretária. — Então, porque decidiste vir?

— Porque a amo.

O olhar dele nem vacila.

— E ela ama-te a ti. E pertence a Aquorea.

— Ela pertence onde quiser estar. Não voltarei a tomar nenhuma decisão por ela, não me cabe a mim. Se ela optar por ficar e me quiser, terá de me aguentar.

— E como ficam os teus?

— Ficarão bem. A seu tempo.

— A Ara disse-me que a Isla é tua irmã? Como reagiu quando vieste embora?

— Bem. E tira daí a ideia! — grunho, ao reconhecer-lhe a faceta de engatatão.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Não me passaria pela cabeça. Apenas preocupação — diz, com um sorriso. — Mas vamos ao que interessa.

«Ao desvendar o véu que cobre os olhos da alma com a luz da verdade própria, surge a tomada de consciência, um despertar para as verdades escondidas em plena vista.»

João de Arauvel, 1280

# 13

## ARA

**O**s meus pais não estão em casa. A minha mãe tem um congresso de Enfermagem sobre Saúde Mental em Los Angeles e vai ficar instalada num hotel todo chique. O meu pai aproveitou e colou-se, com a promessa de não a atrapalhar. São apenas quatro dias, e decerto que lhes fará bem. A minha mãe não queria deixar-nos, porque voltei apenas há pouco mais de um mês, mas aconselhei-a a ir, a não desistir e a continuar com os seus planos e projetos.

Já tinham esta viagem marcada há muito tempo. Não quero que deixem de fazer seja o que for por minha causa, não me sentiria bem e não seria justo.

Cheguei da minha corrida matinal. Estou sentada na cama, puxo o *Grande Atlas* para mim e passo o dedo por cima da ilha de São Miguel, nos Açores.

Assinalei, com marcadores fluorescentes de diversas cores, todos os locais referidos no documento *Descent*, que trouxe de Aquorea. Quanto mais olho para eles, mais acho que não são apenas meros portais de acesso a Aquorea. Não consigo explicar, mas sinto que *há* algo mais. Olho de novo para o documento. Beau disse-me que o texto está em sumério, por isso, será quase impossível traduzir. Pode ser que tenha sorte em relação aos desenhos rudimentares por cima de cada país. Mas o que capta, uma vez mais, a minha atenção são as tuataras. Porque é que são tão parecidas à tatuagem de Kai?

— Posso? — Ouço a voz dele, antes da batida na porta.

— Olá, Colt. — Fecho o livro com o documento numa tentativa vã de o esconder. Não sei porque o faço, afinal de contas, Colt esteve *lá*.

— O que tens aí? — Senta-se num canto do colchão e puxa a ponta do papel que ficou de fora. — Interessante. — Analisa a folha de olhos semicerrados, como faz sempre que encontra um enigma. Tira o telemóvel do bolso das calças, não pausa o documento e começa a teclar alguma coisa.

— Isto aqui é uma tuatara — diz, a apontar para o réptil desenhado.

— É, sim.

— O Kai tem esta tatuagem no antebraço — diz, intrigado, e pousa os objetos que tem nas mãos. Vira-se para mim.

— Como sabes?

— Porque ele a fez comigo, quando eu fiz a minha. — Mostra-me a pele marcada.

— Eu também ia fazer uma...

Uma picada no peito e uma nostalgia invadem-me. Pois, no dia em que Kai me mostrou a tatuagem, foi o mais maravilhoso da minha vida. E sei que da dele também. O momento em que demos tudo um ao outro, em que nos entregámos sem medos. Tudo tão lindo, tão perfeito, no nosso Refúgio, onde combinámos fazer esta mesma tatuagem. Ele faria outra tuatara e eu as duas. Isso foi antes. Antes de Sofia...

— Já passámos por muita coisa juntos, Ara, e não queria ter de ser eu a dizer-te isto, mas não me dás outra opção.

Olho-o confusa e ele prossegue.

— Só posso imaginar como deve estar a ser difícil para ti, teres encontrado o que sempre desejava e a pessoa que te completa, e, depois, abandonares tudo. Mas lembra-te de que estamos todos contigo, assim como tu estás connosco. O que hoje poderá parecer uma grande tempestade, amanhã, será um dia de sol radiante.

— Não sei o que fazer.

— Ara...

— Pensei que seria mais fácil.

— Não pensaste nada. Por isso é que tinhas decidido ficar em Aquorea. Desculpa.

— De quê?

— Ter insistido que viesses. Achei que seria o melhor. Para ti, para eles — aponta com o nariz para a porta do quarto, como que a referir a minha família. — Concordo que talvez não tenha sido boa ideia partirmos tão abruptamente. Agi de cabeça quente. Queria tanto trazer-te de volta por causa dos teus pais. Fui egoísta, queria reunir-vos e não parei para pensar no que tu querias. Queria a nossa vida de volta, as nossas rotinas e amizade, mas percebi, tarde de mais, que todos nós mudámos, o que aconteceu mudou-nos para sempre, Ara.

— Não me arrependo de ter vindo contigo, Colt. Apenas...

— Te sentes miserável. Sei agora que a nossa amizade é para sempre. Estejas tu onde estiveres, estaremos sempre ligados. Mas escolher a pessoa com a qual queremos passar o resto da nossa vida é uma das decisões mais importantes que temos de tomar. E tu encontraste a tua, Ara.

Esboço um meio sorriso. Se for totalmente honesta, sinto-me desanimada. Uma parte de mim desejava que Kai me tivesse seguido. Amo a minha família e regressar está a curar-nos, mas a abrir uma ferida em mim que não sei se alguma vez cicatrizará. Aquorea é a minha casa, a minha gente. É onde eu sou eu. Adoro ajudar a Comunidade com as mais diversas tarefas, trabalhar para o todo.

— Não sei qual é o meu propósito aqui. E tenho tentado perceber, acredita. Em Aquorea, tinha uma vida, objetivos. Sabia o que fazer e pertencia. Nasci aqui, mas sou de lá.

— Compreendo e apoiar-te-ei na decisão que tomares. Também me sinto assim, sabes? Nunca estive tão próximo de mim mesmo do que quando estou a navegar no rio.

— Quem diria, Colt, o Pescador.

Ele ri-se e levanta-se. Estende-me o braço.

— Sabes o que tens de fazer, não sabes?

Seguro na mão dele.

— Sair mais de casa, não é?

— Também. Mas, para já, tomar banho, nem as moscas te pousam.

— Puxa-me pela mão. — Tens de voltar.

Olho-o, confusa. Será que ele quer dizer voltar a Aquorea?

— Não posso, do nada, atirar-me para a água, Colt. Não é assim que funciona. Acho até que, por ter decidido vir embora, a água pode estar chateada comigo e...

Ele solta uma risada contagiante.

— Achas? Não se atreveria. Alguma vez um elemento se chatearia contigo? — brinca. — A seu tempo, vamos descobrir isso. Comecemos por coisas que podemos controlar. Vais fazer a tua *tattoo*! O que me dizes?

Arregalo os olhos.

— Agora? Não posso chegar sem marcação a um estúdio e esperar que estejam disponíveis.

A verdade é que era um sonho fazer a tatuagem. E faria apenas uma tuatara, assim, a minha completaria a de Kai.

— Conheço um sítio. É perfeito para o que queres. Já está marcado! — diz, entusiasmado.

Nos últimos dias, a vontade de falar com o Kai aumentou, tenho baixado as minhas defesas e sinto-o mais próximo de mim. Será fruto da minha imaginação?

«Almas que se reconhecem num silêncio pleno de significado, desafiando as sombras do esquecimento, fazem o amor reacender numa chama imortal entre dois corações que nunca deixaram de bater em unísono.»

*Cantos de Valente Esperança,*  
Orak Vilar

# 14

## KAI

**R**ecebo uma mensagem com uma morada apenas.

Comecei a sentir Ara mais intensamente nas últimas horas. Talvez pela proximidade ou por ela estar a diminuir as barreiras. Aos poucos, o nosso elo foi sendo restabelecido, como se a mágoa dela se estivesse a extinguir. De todas as formas possíveis em que pensei reencontrá-la, esta não foi uma delas. O que a torna ainda mais especial.

Todo o meu corpo reage quando a vejo entrar na loja de tatuagens com Colt. Quase desato a correr, ávido por lhe tocar, mas sei que não devo.

A caixa de bombons que lhe comprei é magnífica, tão deliciosa que, no dia em que a comprei, a abri para provar um e só percebi o desbaste que lhe dei quando já estava a meio. A Ara tem razão, é mesmo o melhor alimento do mundo. Foram uns atrás dos outros, sem que eu desse por ela. Tive vergonha de trazer a caixa naquele estado e, agora, aqui estou eu, de mãos vazias.

Apesar de Colt saber que cá estou, quando saem do estúdio, ele olha para todo o lado, porém não me vê. Estou absorto no rosto dela. Ara traz um sorriso pomposo e admira com afeição o antebraço. Sei o que ela gravou na pele. Sigo-os pelo passeio largo. Quero encontrar o momento perfeito para a abordar. Não a quero assustar.

Ou pior, irritar.

Eles caminham relaxados, lado a lado. Ara continua a fazer uma dança ondulante, a observar a tatuagem.

*Kai*, ouço-a pela primeira vez em tanto tempo e o meu coração estrangula.

*Queria tanto mostrar-te, Kai.*

Limpo as mãos às calças e inspiro fundo algumas vezes, mas acelero o passo e respondo sem medo.

*Devia ter-te mantido nos meus braços, Rosialt.*

Ara deixa o braço com a tatuagem cair ao longo do corpo e para



bruscamente. Também eu estaco poucos metros atrás dela.

— Kai? — Não consigo perceber se ela o diz por telepatia ou em voz alta, porque a ouço tão nitidamente como se estivéssemos a meros centímetros.

Colt só se apercebe de que a amiga não o acompanha quando já está um pouco mais à frente. Volta para trás, aproxima-se dela e aperta-lhe o ombro. Leva a outra mão ao coração. Faz um sinal de V com os dedos e diz-lhe «sê feliz!».

Pisca-me o olho e afasta-se com um aceno.

— Estou aqui — digo baixinho para as costas dela.

Ara volta-se lentamente e os nossos olhos encontram-se.

Tal como eu, parece não respirar. Os meus músculos, estirados; eu, embasbacado e enfeitiçado. Uma vez mais, por ela.

O meu corpo formiga de ânsia. Sem se mexer, observa-me e não a consigo decifrar. Ouço-a pensar em mil coisas: *O que estás aqui a fazer? Porque não vieste mais cedo? Porque me mentiste?*

— Cortaste o cabelo. — É a primeira coisa que me diz.

Passo a mão na cabeça. Quero sorrir, mas os músculos faciais não respondem. Ouvir a sua voz é um bálsamo. Tem habitado nos meus pensamentos e nos meus sonhos desde sempre, mas intensificaram-se desde que nos separámos em Aquorea. E agora, aqui, frente a frente, é quase como se nunca o tivéssemos feito. Os meus olhos absorvem cada detalhe do seu rosto e corpo com avidez.

Como a quero.

Como a desejo.

Foda-se, como a amo.

— E tu fizeste a nossa tatuagem — constato. Dou o passo final que nos separa, estendo o braço e pego-lhe na mão.

O formigueiro do toque dela, que tão bem conheço, percorre-me.

Ara levanta a mão livre, toca-me no rosto e eu recordo a primeira vez que o fez, quando a senti chegar a Aquorea e abandonei os treinos para a ir buscar à lagoa dos seixos negros. O sangue ferve debaixo da minha pele.

Sem aguentarmos mais, mergulhamos num abraço.

Seguro-a com todas as minhas forças, todo o meu amor.

— Agora, sim, o mundo está como deve estar — sussurro.

— Como me encontraste? — pergunta contra o meu peito.

Levo a mão dela ao meu coração, que acelera e pulsa com força numa batida constante, parecendo preencher todo o espaço ao nosso redor. Adoro saber que o fio com o seixo negro que ela me ofereceu no meu aniversário repousa no seu pescoço e ganha vida, envolvendo-se num manto de luz azul. É como se o próprio cosmos reconhecesse a profundidade da nossa união, transformando uma simples pedra num farol de emoções partilhadas.

*Pum-pum, pum-pum.*

— Segui-o. E tive uma ajuda.

Olha-me confusa e eu digo-lhe pelo laço que nos une: Colt.

Ara põe-se em bicos dos pés e encosta a testa à minha. Este gesto tão íntimo, tão nosso. O hálito quente funciona como um gatilho para o meu corpo, mas tento controlar-me. Seguro-lhe o rosto com ambas as mãos e os nossos olhares colidem, para que ela me veja.

*Todo eu.*

De repente, a boca dela está colada à minha e eu retribuo o beijo. A nossa respiração parca e rápida ao mesmo tempo. Os lábios são suaves, mas ávidos. As mãos dela sobem pelas minhas costas até à nuca e a boca do meu estômago aperta quando me puxa o cabelo com força.

— Nunca mais te deixo cair. Prometo — sussurro. Lembro-me de que estamos no meio da rua e tento recompor-me. A muito custo, afasto-me ligeiramente, mas não desgrudo os olhos dos dela. — Como posso redimir-me dos meus erros?

Ara suspira, afasta-se também um pouco de mim, e ouço tudo o que pensa. Claro que continua magoada e que não passará tão cedo, mas sei também que entendeu que tudo o que fiz foi por ela.

— Depois de tudo o que fizeste pela Comunidade e por mim, Kai. Não sabia...

— Diz-me que ainda me queres, Ara. Se, e apenas se, me quiseses, nunca mais nos separamos. Não quero voltar a estar longe de ti nem mais um segundo.

Tudo o que tenho de resposta é um riso curto e desajeitado. Abana a cabeça e puxa-me de novo para si.

— Temos muito que falar, Kai. Mas aquilo que tens de saber, para já, é que o meu mundo é onde tu estiveres. O que fazemos agora?

Encolho os ombros e beijo-lhe a ponta do nariz. Quero apenas que sejamos um casal a desfrutar do nosso amor.

— Havemos de pensar em algo.

«Nos confins do nosso ser, descobrimos que  
a verdadeira magia reside em transcendermos  
os limites que julgávamos intransponíveis,  
revelando que o impossível é apenas um horizonte  
a ser atravessado pela força do nosso espírito.»

*Pergaminhos de Althena*

# 15

## Ara

Pensei que tinha escapado ao meu destino, mas a Profecia tem outros planos, e Kai também. Quando o vi, aliás, quando *o senti*, àquele arrepio inconfundível que faz formigar cada centímetro do meu corpo, sabia que a minha decisão estava tomada há muito tempo. Apenas a formalizei com um beijo naqueles lábios. Confesso que a minha vontade, ao vê-lo, deslumbrante, à minha frente, e ao sentir o seu sabor, era mais.

Maior.

Era.

TUDO.

Queria despi-lo ali mesmo e satisfazer todas as fantasias com as quais me tenho entretido. No entanto, o meu lado responsável soube comportar-se, embora a excitação tenha ficado cá toda, a borbulhar, contida.

E, neste momento, sou um raio de uma bomba de tesão ambulante.

Não sabia bem o que fazer, refleti um pouco e fiz o mais ilógico.

Benny está em casa. Só tinha aulas da parte da manhã e, como os meus pais estão para o congresso, combinámos almoçar juntas. Ela ficou de fazer lasanha de vegetais. Foi instintivo, mas, agora que estamos a chegar, penso na minha decisão: será que faço bem trazer Kai para minha casa?

Benny já sabe tudo acerca dele. Não tenho a certeza de que tenha acreditado que ele existe mesmo, mas agora vai conhecê-lo.

Envio rapidamente uma mensagem ao Colt a agradecer a ajuda, a companhia de hoje e a privacidade. Ele responde de imediato com um *smile*.

Entramos e descalço-me. Kai imita-me e arruma os ténis ao lado dos meus.

É estranho vê-lo com esta roupa. Habituei-me a vê-lo com o uniforme dos Protetores ou, então, vestido de preto, mas traz umas

calças de ganga escuras e uma camisa azul-clara com os punhos enrolados, deixando à vista a tatuagem que eu repliquei. Um calafrio percorre o meu ventre. Adoro as mãos e os braços dele. Agora não é o momento de me focar nisso.

O som de música chega da cozinha. Entramos. A minha irmã está de costas, com as mãos em concha a tapar a luminosidade, e espreita para dentro do forno.

— Benny...

— Estás atrasada! — A voz é jovial. — Baixei a temperatura para o queijo não queimar, mas acho que...

— A comida chega para mais um? — interrompo.

— Claro! Já sabia que o Colt se ia colar — diz e vira-se de frente para nós. Quando o olhar encontra Kai, faz um ar de espanto e um movimento muito subtil de admiração. — Não és o Colt!

Kai sorri e aproxima-se dela. Estica o braço.

— Kai Shore. Olá, Benedita. É um gosto finalmente conhecer-te.

Não é comum ver Benny ficar sem palavras, pelo que escondo o meu sorriso. A desorientação dela é real enquanto observa Kai, e tenta dar sentido ao que está a acontecer.

Muito devagar, estica o braço na direção dele.

— Benny — corrige. — Pensei mesmo que eras fruto da imaginação da minha irmã. — Olha para mim atordoada e pede desculpa apenas com os lábios.

Encolho os ombros. Sinto-me estranha, como se os meus mundos tivessem acabado de colidir: o secreto e o real. Sendo que, neste momento, não sei qual é um e qual é o outro. A parte que todos conhecem, e a minha parte secreta.

— Cheira muito bem! — diz Kai, com um sorriso, enquanto se volta a aproximar de mim. — De certeza que não venho incomodar? Posso voltar mais tarde.

— Ah, não, não! Agora ficas, estou mesmo *muito* curiosa — diz Benny, dando ênfase à palavra muito. — Vamos comer. — Tira a lasanha do forno. Kai vai até à ilha da cozinha, traz os pratos que lá estão pousados com os talheres e os guardanapos e leva-os para a mesa.

— Falta um. — Pisca-me o olho ao passar por mim e aquela cicatriz na sobrancelha, que eu adoro, quase me desfaz. Ajeita os pratos em cima dos individuais. Porra! Estes olhos continuam a ter em mim o mesmo efeito.

— Vou buscar! — Apresso-me a ir pegar no que falta.

De repente, *Flyer* entra na cozinha, mais a voar do que a correr, e aterra nos braços de Kai.

— *Flyer*?!

Rio-me.

— Ele enfiou-se na minha mochila.

Benny não disfarça a incredulidade e a excitação.

Servimo-nos e começámos a comer em silêncio. Mas este sossego dura uns brevíssimos instantes.

— Então, Kai, conta-me lá como conhecestes a Ara? — esmiúça Benny e atira-me um olhar matreiro, como quem diz «apanhei-te, lixei-te».

Abano a cabeça com um sorriso de descrença.

— Pensei que a Rosialt te tivesse contado — diz Kai discretamente, com uma expressão de felicidade nos olhos. O meu peito aperta e não sei como consegui estar longe dele tanto tempo.

— Rosialt? — A minha irmã esboça um sorriso divertido. — Contou, mas não estou certa de que...

— Vou contar-te a minha versão, então. De certeza que é muito mais interessante do que a dela.

Enrugo a testa e o garfo fica no ar, a caminho da boca. Eles estão *ambos* a divertir-se. Recosto-me e vejo onde isto vai parar. Ver Kai assim tão à vontade e brincalhão e Benny tão bem-disposta faz o meu dia.

Entre outras coisas, Kai conta-lhe como se sentiu da primeira vez que me viu, como eu fui nariz empinado e não me deixei quebrar.

Apesar de eu saber tudo isto, adoro ouvir a sua perspectiva. Riem-se e cochicham pormenores sobre mim, o que me faz ter vontade de os estrangular. No bom sentido, claro.

Levanto-me, retiro os pratos e ponho-os na máquina. Levo a sobremesa, comemos e a conversa está sempre animada entre eles.

Algumas horas depois, saciada da sua curiosidade, Benny retira-se para fazer um trabalho de grupo com a promessa de que Kai voltará para falarem mais um pouco.

— Queres ir dar uma volta? — pergunto a Kai. — Gostava de levar-te a um sítio.

Caminhamos pelo Piedmont Park. Kai deu-me a mão assim que saímos de casa e não a largou mais, nem quando uma rapariga passeava o seu cão pela trela e ele se enfiou no nosso meio. Kai pegou no animal com a mão livre e orientou-o no trajeto certo com um incentivo verbal e festinhas no pelo.

Apesar de achar que já sei a maior parte, pelo que Colt me contou e pelas conclusões que tirei, preciso de ouvir da sua boca. O que o fez tomar as decisões que tomou e, acima de tudo, porque não as partilhou comigo.

Quero adiar esta conversa pesada um pouco mais. Agora, quero apenas apreciar o momento e a companhia dele.

Kai fala-me sobre as novidades que traz de Aquorea. Conta-me que algumas pessoas se insurgiram e que Azul foi interrogado e detido

alguns intervalos de tempo, porque era parceiro de Sofia. Porém, como nada de muito grave foi encontrado contra ele, libertaram-no e reintegraram-no com vigilância rigorosa. O Consílio acha que Sofia estava a trabalhar sozinha. Eu discordo.

— O discurso dela quando me raptou, e quase matou, diz-me que está associada a alguém, Kai. Pode até não ser o Asul, mas podem ser os Albas ou outras pessoas.

Kai fica demasiado pensativo. Antes de me poder responder, o edifício apresenta-se diante de nós. A grande entrada do Georgia Aquarium tem em mim sempre o mesmo efeito e até Kai está admirado com a grandeza e beleza do local.

*Será que ele já esteve em Atlanta?*

— Nunca surgiu a oportunidade — diz, respondendo verbalmente. — Acho que estava a guardar para um momento especial.

Comparamos os bilhetes e entramos. Decido deixar para o fim o que pretendo mesmo mostrar-lhe.

Caminhamos juntos, e percebo que Kai está demasiado pensativo. Começamos pelo Cold Water Quest, onde observamos a beluga, o polvo gigante e ainda os patuscos pinguins.

Kai olha em volta, de testa franzida, como se estivesse perdido nas suas reflexões.

— O que foi, Kai?

— É estranho ver estes animais todos em cativeiro.

Fico um pouco surpresa. Como estou habituada a este ambiente e sempre encontrei paz aqui, vejo-o mais como um local para consciencializar as pessoas sobre a importância de proteger os oceanos.

— Eles são bem tratados — argumento, com alguma angústia a invadir-me.

— Sim, eu sei. Mas não é natural. Eles deviam estar soltos no mar, e não presos em tanques.

Sei que ele está certo, por isso, digo-lhe isso mesmo.

— Tens razão. É importante encontrar equilíbrio entre educar a sociedade e respeitar a vida animal.

Fazemos o resto do trajeto em silêncio. Quando entramos no Ocean Voyager, reparo que a expressão no rosto de Kai muda. O túnel comprido de acrílico dá-nos a sensação de estarmos debaixo de água. Os gigantes tubarões-baleia e as raias-manta nadam por cima das nossas cabeças e ao nosso lado.

— Uau!

— Tenho sempre essa mesma reação. Agora percebes porque Aquorea faz tanto sentido para mim. Este sempre foi o meu sítio favorito para estar, até encontrar Aquorea e as suas janelas de água para o oceano.

— Estas têm uma vista ainda mais bonita. — Aproxima-se da parede transparente e pousa as duas mãos.

— Essa não consegues transpor — brinco.

Ficamos aqui algum tempo. Nenhum de nós quer que este momento termine.

Mantemos a conversa em banho-maria. Aqui dentro, estamos na nossa bolha, os problemas e responsabilidades ficaram do lado de fora. Não sou mais aquela menina atrapalhada de quando o conheci, ainda assim, as minhas pernas ficam bambas de cada vez que ele me toca. Seja subtil ou intencional, o meu corpo reage de uma forma visceral.

— Descobri há pouco tempo que tenho ascendência portuguesa — digo, recordando a placa informativa que vi na sala que visitámos antes desta, de um peixe raro que se encontrava originalmente ao largo da costa dos Açores.

Kai desvia os olhos do aquário.

— Então?

— Ao que parece, o trisavô do Anadir era dos Açores. Pelo que pesquisei, naquela época, a coroa apoiava o movimento migratório de forma a povoar o Brasil, mas, ao ler as cartas trocadas entre ele e os familiares, percebi que a decisão se deveu à instabilidade que se sentia em Portugal. O tipo viu uma oportunidade e agarrou-a.

— É muito interessante. O teu avô sabe?

— Deve saber, mas nunca falou acerca do assunto, pois só me lembro de ouvir o nome Álvaro por alto. A minha curiosidade é que não me deixou sossegar até perceber. Pesquisei e o local de onde vem é belíssimo. Há lá uma lagoa, a Lagoa das Sete Cidades, que me fez lembrar de nós. — Ruborizo e prendo o cabelo atrás da orelha.

— Sim? De que forma? — A voz baixa e grave continua a fazer coisas estranhas às minhas entranhas.

Dou um passo a trás, mas, por fazê-lo rápido de mais, bato contra o banco corrido e desequilibro-me. Kai alcança-me antes que eu chegue ao chão. A sua mão prende-me pelo braço, quase junto ao cotovelo, e o que acontece a seguir não tem explicação.

Uma explosão. Ou a sensação de uma.

A pele do meu braço queima contra a de Kai. Somos envolvidos por uma corrente de ar gelada e uma luz muito clara e forte obriga-me a fechar os olhos. Estou agarrada a Kai e caímos desamparados, como se nos tivéssemos atirado, sem paraquedas, de um precipício. Esta sensação dura pouco, e, quando finalmente passa, estamos dentro de água. Numa grande massa de água.

Elevo a cabeça para recuperar o fôlego.

— Ara! — Kai grita ao meu lado. — Vamos nadar para a costa.

*Para a costa?*

— O que aconteceu? — Estou tão confusa que acredito que vou



acordar a qualquer instante encharcada em suor.

— Não sei. Vamos sair daqui.

Assim faço. Acompanho facilmente as suas braçadas. Vê-se o sol entre nuvens grossas por cima de nós, mas a claridade é radiante, o que facilita a orientação. A água doce tem pouca corrente e num ápice estamos na margem.

Rastejamos para terra e deitamo-nos de barriga para o ar. A respiração de ambos é forte, mas acho que não se deve ao *sprint* de natação, e sim ao susto pelo que acabou de nos acontecer.

— O que foi isto? — sibila Kai.

Levanto-me a cambalear e olho ao redor. Eu conheço isto. Vi estas lagoas na minha pesquisa.

— Levanta-te — peço. Ele assim faz. A confusão no olhar dele é tanta que me atordoia. Sei onde estamos e o que nos aconteceu. — Estamos nos Açores, Kai. E acabámos de ser transportados.

«Deixar o coração falar mais alto do que  
o medo e as palavras fluírem como rios  
abre caminhos onde só havia muros.»

*O Legado da Fénix,*  
Arethiel

# 16

## Kai

-É real? — Um calafrio percorre-me a espinha enquanto observo a paisagem à nossa volta e tento pensar em algo coerente, o que não acontece.

*Não faz sentido. Faz?*

Ara treme e tosse algumas vezes. Tem um corte no rosto. Passo os dedos pela sua pele sedosa para limpar o sangue. É profundo, talvez precise de pontos.

— Não desmaies — atira ela, ao ver a minha preocupação. Limpa a ferida com as costas da mão. Não quer que se preocupem com ela, mas uma parte de mim não consegue evitá-lo.

— Vamos sair daqui. Temos de nos aquecer e descobrir o que nos aconteceu — digo, ao perceber que estamos ambos em choque.

— Ali — indica um ponto com algumas casas.

— Temos de procurar onde ficar — digo. Sei o que está a pensar, que estou a gostar de mais desta situação.

*Estou.*

— És do piorio. — Ela abana a cabeça.

— Não tenho culpa de te desejar — digo a verdade.

Passamos por turistas que visitam e fotografam o local. As pessoas olham para nós com espanto e algumas sorriem. Avistamos um café e dirigimo-nos para lá. Entramos, Ara acerca-se do balcão e começa a falar português com a mulher do outro lado, que lhe sorri e assente. Ara sussurra algo e aponta para mim, o que leva a mulher a emitir uma risada. Eu faço o meu papel, concordo e sorrio.

— Que negócio estás aí a fazer? — pergunto, quando Ara tira o cartão da pequena carteira que traz a tiracolo e o passa para a mão da mulher. Meto as mãos nos bolsos e sinto o telemóvel e as notas molhadas e amarrotadas. Como Ara está a resolver o assunto, não interfiro.

— A tratar de nos arranjar guarida e comida. Estou esfomeada.

— Eu também.

Ela olha-me de soslaio e semicerra os olhos.

A mulher pousa um telefone no balcão ao mesmo tempo que faz o pagamento no terminal. Ara pega no telefone, marca o número e aguarda.

— Benny, sou eu.

Ara desencosta o telefone do ouvido como que a analisar.

— Ah, pois. É de Portugal.

Pausa.

— Longa história. Queria dizer-te que está tudo bem, mas não vou conseguir ir dormir a casa.

Nova interrupção. Ara ri-se.

— Não é nada disso. Depois conto-te. Pede ao Colt para ir aí dormir. Ou vai dormir a casa dele. Eu não trouxe o telemóvel. — Olha para mim, encolho os ombros. — E o Kai também não.

Silêncio.

— Eu sei que não és uma criança, é por segurança, Benny.

A irmã deve estar a retaliar do outro lado, porque Ara apenas esboça um sorriso paciente.

— Faz o que te peço. Beijo.

E desliga.

A mulher guarda o telefone, sai de trás do balcão e vem connosco à rua. Aponta para uma cabana de madeira perto da água. Dá uma chave a Ara.

— João! — chama a mulher. Um rapaz larga o jogo de futebol com os amigos e vem a correr. Dá-lhe as indicações e ele, de sorriso rasgado, faz-nos sinal para o seguirmos.

Pelo caminho, Ara fala alegremente com o miúdo. Não me canso de a observar, as saudades que eu tinha. Vejo nela a força de uma tempestade e a determinação de uma guerreira. Perco-me nos meus pensamentos.

Ara olha para trás.

— Como tens essa cabeça, Shore! — atira a sorrir, usando a mesma frase que eu lhe disse uma vez, no dia em que lhe assumi a nossa telepatia.

*Apanhado!*

Ela tosse, de novo.

*Temos de te tirar essa roupa molhada, digo-lhe sem usar a minha voz.*

*Não sei se mereces...*

Somos nós, outra vez, sinto-o.

João deixa-nos à porta da casa e desaparece a correr.

Descalçamo-nos e entramos. A cabana é linda. Toda de madeira e vidro. Uma janela a todo o pé-direito com vista para a lagoa.

Dou uma olhadela rápida. Cá em baixo é a sala e a cozinha. Subo para o quarto e, quando me viro para chamar Ara, ela já está ao meu lado.

— Anda — digo, encaminhando-a para a casa de banho. Pouso a mão no braço dela. — Estás gelada.

Abro as portas dos armários à procura de um *kit* de primeiros socorros e encontro uma caixa pequena. Abro e começo a espalhar o conteúdo na bancada. Tem o essencial e também uma embalagem de preservativos. Ara arqueia as sobranceiras e eu apenas abro as mãos e encolho os ombros.

— Aqui não há *kerrysis*.

— É o destino...

Ela olha-se ao espelho. Passa o dedo pelo ferimento e enrugua o nariz.

— Senta-te — digo.

— É um cortezinho. Eu trato.

— Senta-te. — A minha voz já não é tão suave desta vez, mas cumpre a função.

Ajoelho-me entre as pernas dela. A sua respiração é pesada e não desprende os olhos dos meus.

— Pode doer — aviso. Passo o algodão por cima do corte. Vai deixar marca, mas não está tão mal como pensei.

— Aiiii — grita.

Quase caio de rabo no chão.

— Desculpa, desculpa — começo a soprar com força para a ferida.

Ela desata às gargalhadas.

— Tão assustadiço! — diz, entre risadas. — Se os teus inimigos descobrem...

Sento-me.

Ela inclina-se e segura a minha mão.

Olho para as nossas tatuagens, idênticas. A diferença entre ambas é que a dela é mais adornada.

Ela segue o meu olhar.

— Achas que foram elas que nos trouxeram até aqui? — pergunta, ao passar o dedo na tinta negra da minha pele.

— Estávamos a falar sobre os Açores.

— E eu estava a pensar nesta lagoa. É a Lagoa das Sete Cidades. Vi muitas fotografias deste local quando pesquisei. E era o que estava prestes a dizer-te quando «viajámos», que me fez lembrar de nós. Uma lagoa é azul, a outra, verde.

Sorrio, com a luminosidade esmeralda dos seus olhos.

— Senti um ardor nesta zona. Tu também? — pergunto.

— Sim, não foi uma sensação agradável. Toda a experiência foi...

— Estranha!

— Única — diz, a sorrir. — Será que conseguimos fazê-lo outra vez?

— Espero que sim, senão teremos um grande problema para regressar aos Estados Unidos.

A testa dela enrugando e começa a espirrar. Um atrás do outro.

— Vá, banho quente.

Abro a torneira da água para que aqueça e dou-lhe privacidade. Desço, tiro o telemóvel, provavelmente avariado, e as notas dos bolsos e dispo-me, ficando apenas de *boxers*. Acendo a lareira, é a primeira vez que o faço. Em Aquorea, está sempre demasiado calor para fogueiras, apesar de as fazermos por vezes em festas e banquetes. Já estive perto de lareiras, nas minhas saídas à Superfície, mas nunca tinha acendido uma. Deslumbro-me a ver o fogo ganhar vida. A consumir o oxigénio à sua volta e a lutar para não esmorecer.

Deito-me na carpete macia de pelo curto. Ponho os braços debaixo da cabeça e observo as traves de madeira robustas que atravessam o teto.

Atravessam. Atravessar. Travessia. O que eu e Ara fizemos.

*Travessia.*

Penso na informação que o Consílio partilhou comigo no dia em que interrompi a reunião. «Outros Mundos», disseram. Será que tem que ver com isto?

Aqueço e relaxo ao ponto de não me sentir ser levado pelo sono. Desperto com uma sensação agradável de descanso. Quando abro os olhos, Ara está sentada no chão, com a mão pousada no meu peito. Veste um roupão branco de algodão.

— Adormeceste.

— Hum, hum — grunho baixinho enquanto me espreguiço.

— Trouxeram comida.

Como que a reconhecer a falta de sustento, o meu estômago dá sinal.

Ara levanta-se e puxa-me. Dá-me uma palmada sonora no rabo e eu não sou rápido o bastante para a apanhar.

— Vai tomar banho. Vou pôr a mesa.

— Sinto-me usado.

— Ainda não. — Com um trejeito brincalhão retoma o caminho para a cozinha.

— Espera por mim, já te ajudo — digo a subir a escada.

Tomo um duche rápido. Quando desço, Ara está sentada lá fora, numa mesa com comida e uma vela acesa. A trança larga despenteada, puxada para o lado. Com os pés na cadeira, os braços envolvem os joelhos. Serena, o olhar fixo na água. As folhas das árvores dançam suavemente ao ritmo do vento, como um bailado coreografado.

Sento-me na cadeira livre, mas ela não se mexe. Dou-lhe tempo.

Ela também foi muito paciente comigo.

Provavelmente, Colt já lhe contou tudo. Que me conheceu quando passei aqueles dias todos com ele à Superfície e criamos uma amizade. E, com certeza, também lhe contou que foi levado para Aquorea. Por mim. Mas há coisas que tenho de lhe dizer.

Vira-se de frente para mim.

— Queria...

— Sabes — falamos ao mesmo tempo.

— Começa tu — diz ela.

— Desculpa — digo. — Desculpa ter-te magoado. Aconteceu tudo tão rápido desde que a Sofia te raptou, não tive oportunidade de me explicar.

— Sinto que não fui merecedora da tua confiança.

— És a pessoa em quem mais confio. Não queria ter-te feito sentir assim.

— Porque não me trouxeste, Kai? Se podias entrar e sair quando quisesse e sabias o quanto estava a sofrer, porque me negaste isso?

— Pensei que estava a tomar a melhor decisão, mas não estava, tomei-a por ti. Senti uma felicidade extrema quando te vi pela primeira vez e não o podia demonstrar. Nem a ti, nem a ninguém. Não podia deixar que soubessem o verdadeiro significado da tua chegada. Pedi inúmeras vezes ao Consílio para me deixarem trazer-te. A resposta foi sempre negativa. Eles previram o que significavas para Aquorea, embora não soubessem que era comigo que tinhas essa ligação. Nessa altura, ainda não sabias que eras a Salvadora e eu não podia despejar-te essa informação em cima. Não com tudo o que estavas a passar. Precisavas de tempo e eu julguei estar a fazer o melhor ao dar-to.

— Precisava mesmo, mas isso não te devia ter impedido. — Ela estende as mãos e este toque traz uma carga de tranquilidade.

— Tens razão. Não devia ter permitido que nada nem ninguém te magoasse. Começando por mim. Quando discutimos no Salão Ruby — não refiro que foi por ela ter beijado o Beau — e eu vi que ias fazer o que estivesse ao teu alcance para te ires embora, tomei a decisão de ir ver a tua família. E saí, nessa mesma noite, depois do ataque e da morte do Edgar. Foi quando conheci o Colt.

— Ele contou-me que fizeram a tatuagem juntos.

— Sim. Já há muito que a queria fazer. Aproveitei a companhia. — Toco na minha tatuagem e ela na dela. Sabemos que este é mais um assunto importante a falar. — Da primeira vez que saí, regresssei com a decisão de te contar a verdade, mas fui apanhado pelo Consílio à entrada. Cortaram-me o acesso ao géiser. Impediram-me de quase tudo, sob ameaça de ser banido da Fraternidade, se voltasse a cometer um erro.

— Isso não! É o que tu mais amas.

— Não é o que eu mais amo. — Aperto as mãos dela nas minhas.

— Estás a dizer que?

— Abri mão de bom grado. Quando fiz novo pedido ao Consílio, voltaram a negar-me a saída, por isso, decidi agir. Fui banido da Fraternidade no dia em que fui buscar o Colt.

— O quê? Baniram-te da Fraternidade? Não, Kai — diz triste mas pensativa. — Como conseguiste sair, se não tinhas acesso ao portal?

— O Beau ajudou-me.

O queixo dela cai. Conto-lhe que o Beau me arranjou o novo código em troca de conhecer a localização do géiser.

— Uma vez, quando estávamos a almoçar, ele disse-me que gostava muito de saber onde era o portal que levava à Superfície. Parece que conseguiu usar isso a favor dele.

— Sim, talvez. Também ficou de arranjar uma distração, daí ter sugerido o baile em tua honra. — No dia em que Sofia aproveitou para raptar e quase conseguiu matar Ara.

— E porquê o Colt?

— Gosto dele. Sei que a amizade que tem por ti é sincera. Que te apresentaria os factos de maneira tão imparcial quanto lhe fosse possível, de forma a poderes tomar a tua decisão. Eu não seria a pessoa certa, porque apesar de não querer, sabia que devias vir.

— Mas não o fez. E arrependeu-se.

— De quê?

— De me ter pedido para voltar.

— Já tive oportunidade de falar com ele acerca disso. Ele diz que pertencemos um ao outro. Eu concordo.

— Acho que o choque foi tão grande que ele quis tirar-me dali para fora rapidamente, mas este tempo fê-lo perceber que só lá posso ser feliz.

— Isso quer dizer que queres voltar? — Um raio de esperança.

— Não nos podemos precipitar e prender-nos aos sonhos, mas à realidade, ao que deve ser feito.

— Sim, sabes que levo as minhas responsabilidades muito a sério, mas há uma coisa mais importante do que tudo.

— Foi por isso que vieste?

— E é por isso que decido ficar onde tu estiveres. A minha casa és tu, Ara. — Inclino-me sobre a mesa e pousei-lhe um beijo nos lábios.

— O que fazemos?

— Não sei. Mas seja o que for, fá-lo-emos juntos. O meu pai diz que não devemos desperdiçar momentos, e eu concordo com ele.

— Ainda tenho pesadelos. Alguns com a Sofia, mas principalmente com a Umi... sonho quase todos os dias com ela e parece querer dizer-me alguma coisa que não consigo decifrar.



— Nunca tive oportunidade de te falar sobre a Umi, o que ela representava para mim, e o que pensava de ti.

Ara aproxima-se mais.

— A Umi cresceu comigo, era como uma filha para os meus pais, e como uma irmã para mim. Éramos como *dhihilo* e *zykor*, mas adorávamo-nos. Uma das pessoas mais fortes e astutas que conheci, mas, devido ao seu passado, não conseguia evitar ser uma pessoa solitária. Desde a tua chegada a Aquorea que ela te achava diferente, se não me engano, chegou a usar o termo especial.

— Mas... — Confusão no rosto de Ara.

— Sim, era tresloucada e fazia as coisas à sua maneira. Meteu na cabeça provar que fazias parte da Profecia, porque achava... — A minha traqueia estreita e lembro-me das palavras de Umi na festa do meu aniversário quando, numa rara demonstração de afeto, com um beijo no rosto, me disse para eu avançar. — Disse-me que aprovava, que nos aprovava.

Ara sorri com a minha declaração.

— Interpretei-a tão mal. Por isso é que ela me provocava e me levou a testar os meus limites. Cheguei a pensar acerca disso, nessa altura. Que evolui bastante devido às constantes investidas dela, faziam-me ficar alerta.

— Ela tentou proteger-te. No dia em que fomos resgatar a Isla aos pântanos, iniciou aquela discussão contigo para te dissuadir de ir.

— E depois sacrificou-se por mim. Umi... — As lágrimas escorrem livremente pelo seu rosto e Ara soluça baixinho.

— Tal como eu, ela também te amava. À sua maneira.

— Vivo com a culpa da morte dela, todos os dias.

— Não, Ara. A culpa é só minha. Devia tê-la escutado, e não te ter levado, mas tu querias muito ajudar no resgate da minha irmã e eu acabei por ceder.

— Não tinhas hipótese, eu não ia desistir, mas porque decidiste demonstrar que te importavas comigo, logo ali, naquela situação tão delicada?

— Eu *sempre* me preocupei contigo, Rosialt. Protegi-te desde o primeiro momento. Não sabes, mas não saí da cabeceira da tua cama desde que te fui buscar à lagoa dos seixos negros. E olha que foi complicado, tinha de entrar e sair da clínica à socapa. Não imaginas o esforço que foi ter de fazer de conta que não te conhecia quando os teus avós nos apresentaram, e fingir que não me importava contigo. Esconder isso de toda a gente... Depois, mudei de estratégia e instiguei-te e arreliei-te para te fazer querer ainda mais treinar nos Protetores. Sabia que morderias o isco. — Ela dá-me uma palmada no braço. — Adorei que me estivesses sempre a desafiar e me mantivesses vigilante. E não te esqueças de que fui eu que tratei do Asul quando

ele te atacou na minha festa de anos. Já para não falar das sapatilhas de *ballet*. — Com um breve sorriso, mostro-me indignado. — Pedi à Petra para te levar todas aquelas coisas que achei que fossem reconfortantes para ti.

— Ordenaste — diz. — Foram as palavras da Petra, que foram ordens. — Sorri e continuamos a conversar e a partilhar as memórias que nos unem.

«Cada gesto e olhar revela um universo  
de cumplicidade e ternura.»

Autor desconhecido

# 17

## Ara

**E**nquanto o Kai lava a loiça, espero cá fora.

Gosto de sentir a brisa fresca na pele, enquanto o sol se despede lentamente, dando lugar à noite que se aproxima, com algumas nuvens pintadas em tons laranja e avermelhados. Os últimos raios de luz refletem na superfície calma da água da lagoa, criando um espetáculo de cores que parece sair de um sonho. Ao longe, as montanhas verdes erguem-se, majestosas, testemunhas silenciosas da natureza intocada e serena. Tudo parece suspenso no tempo.

No entanto, por mais bela que seja a paisagem, não consigo parar de pensar em Kai, apesar de ele estar aqui. Quero sentir o corpo dele junto ao meu. O desejo é tão intenso que dói.

A mão de Kai pausa-me no ombro e eu levanto-me. Subimos a escada para o quarto de mãos dadas.

Deitamo-nos em cima da cama sem tirar os roupões. Em silêncio, apenas a olhar um para o outro.

A intensidade com que me observa é feroz. Faminta.

Ele leva a mão ao meu rosto e diz através do nosso canal privado, *queres falar?*

Quero responder, dizer qualquer coisa, mas a voz falha-me. Tenho saudades dele e só quero encurtar a distância entre nós.

Então, a mão dele percorre devagar o meu pescoço, desce até ao cinto do meu roupão e o meu centro estremece, quando o desaperta. Aperto as pernas e mordo o meu lábio inferior. Os seus olhos perigosamente violeta.

Dá-me um beijo na ponta do nariz e encosta a testa à minha. Os dedos desenham carícias nas minhas costas.

— Estamos bem? — pergunta.

Sei o que o consome: o medo de que o meu sentimento tenha mudado. Quando muito, tudo pelo que passámos fortaleceu-o. Deixo que ele *veja* o mais íntimo dos meus pensamentos.

*Como posso não amar um homem que me quer tal como sou? Que arriscou tudo e perdeu tanto, me tratou sempre como sua igual e me ajudou sempre de que precisei, mesmo quando eu não sabia que precisava. Que se sacrificou por mim. E ainda julga que não tem valor, que não merece o meu amor.*

Chego-me ainda mais a ele e aninho-me no seu peito. O bater do coração como trovões. O corpo dele treme e eu olho para cima, para lhe limpar uma lágrima do rosto húmido. Estudo o seu rosto, tão belo, e revejo-me naquele olhar.

*Estamos bem. Quero que saibas que te amo, Kai, e estou tão grata por te ter encontrado. Sou tua.*

O abraço dele é tão forte que não sei como consigo respirar.

— Não sei porque me escolheste. Tinhas opção e escolheste-me. A mim.

— A minha escolha serás sempre tu — suspiro. O calor dele é confortável.

A respiração pesada que bate no meu cabelo começa a acalmar aos poucos.

*Tinha tantas saudades tuas, é a última coisa que me lembro de ouvir antes de adormecer.*

\*

Acordo com a claridade a entrar pela janela. Já é de manhã. Dormi toda a noite. Sem pesadelos.

Viro-me, mas não encontro Kai. Pouso a mão no colchão. Frio. Mas ainda sinto a marca do corpo dele nas minhas costas, dormimos toda a noite aninhados.

Espreguiço-me, os músculos estiram e relaxam. Levanto-me, vou à casa de banho e, quando estou prestes a sair do quarto, Kai entra com um tabuleiro numa mão e a nossa roupa, já seca e dobrada, no outro braço. Tem as calças de ganga vestidas, mas está em tronco nu.

Não consigo conter o sorriso.

— Bom dia!

— Já acordada? — Dá-me um beijo repenicado ao passar por mim. Pousa o tabuleiro na cómoda e a roupa em cima da cadeira.

— Tão prendado. — Vou até ele e inclino-me para absorver o vapor do café que sai do bule. Também no tabuleiro estão ovos mexidos, gomos de laranja, pão fresco, entre outras coisas deliciosas, mas é o cheiro *dele* que me faz vibrar. Trouxe com ele o aroma a mar, a Kai.

A nossa atração é tão intensa que não há como não a sentir em todos os poros. Kai agarra-me e, com um sorriso predador, enterra o rosto no meu pescoço.

— Ainda não viste nada. Mas estou a contar mostrar-te todas as

minhas aptidões — fala contra a minha pele. O som voraz e quente. Uma promessa.

Gemo baixinho. Estou sedenta do seu toque.

— Pensei que íamos comer — digo, para o espicaçar.

— E vamos. — O movimento é tão rápido que nem dou pelos meus pés levantarem do chão. Ainda emito um gritinho quando Kai pega em mim pelas coxas e prende as minhas pernas em volta da sua cintura.

No instante seguinte, estou colada ao colchão. Tê-lo em cima de mim, olhos dilatados e vidrados, a absorver cada pedaço do meu ser, é a mais bela imagem que alguma vez contemplei.

Beija-me, controlando-se, dando-me a provar o seu sabor. Uma mão de cada lado da minha cabeça. Devagar, desaperta-me o cinto do roupão e abre-o, expondo a minha pele.

Kai emite um rosnido quando se eleva ligeiramente para observar o meu corpo nu e sinto a sua ereção quando se move contra mim, muito lentamente. Arqueio o corpo e beijo-o com força. Ele aprofunda o beijo e a seguir afasta-se, enviando uma série de espasmos para os sítios certos. Enlouqueço quando desliza a boca pelo meu pescoço até ao meu seio e o suga, brincando com o meu mamilo.

Agarro na sua mão livre e levo-a ao meu centro. Ele estremece de antecipação enquanto me massaja em círculos suaves. Desço a mão pelo seu peito, mas ele levanta-se da cama de um pulo e fica a olhar para mim, desafiando-me com um sorriso sedutor, enquanto se despe. O desejo que sinto por ele aumenta.

— Tortura? — pergunto, impaciente. Os meus olhos não desviam do seu corpo musculado, robusto e completamente nu.

E pronto.

— Se for esse o teu desejo, mas, primeiro, deixa-me olhar para ti. És linda — diz, com admiração.

O meu rosto ferve e levanto-me. Levo a mão ao bolso e dou-lhe o preservativo que trouxe da casa de banho. Só para o desafiar dou um passo na direção oposta à cama, mas o braço grande dele impede-me.

— Onde é que vais? — diz, fazendo deslizar o roupão pelos meus ombros até ao chão.

— Hum... — Não me dá oportunidade de dizer mais do que isto.

Penteia-me o cabelo para trás das costas e segura-me o rosto com as mãos, para que olhe para ele.

— Estava a morrer de saudades tuas — diz, ao mesmo tempo que me trinca ao de leve no ombro. — Neste tempo em que estivemos separados, pensei nas mil e uma formas em como queria saborear-te, tive todo o tipo de ideias...

Gemo alto.

— Kai... — A minha boca seca.

Ainda com um braço em volta da minha cintura, o seu abdómen

fica mais tenso quando nos leva para a cama e se deita novamente sobre mim. Pele contra pele. Exatamente como quero.

Enrolo as minhas pernas em volta dele. Não lhe dou tempo. Agarro-lhe o cabelo e beijo-o de forma quase selvagem. Gostava das rastas, mas o cabelo assim fica-lhe tão bem. Tem comprimento suficiente para ser puxado e adoro a forma como lhe cai na testa quando está despenteado.

— Tortura? — repete as minhas palavras.

— Ainda agora comecei — provoco.

— *Tu é que vais implorar* — diz, com os lábios no meu ouvido.

*Ai, como gostava disso.*

Uma gargalhada profunda distrai-me e percebo que me *ouviu*.

*Nham, Nham!* Diz-me pelo nosso vínculo e com o ar mais lascivo que já lhe ouvi.

Solta-se das minhas mãos e eu protesto, até ele começar a descer com beijos suaves pelo meu ventre, passando pelo meu umbigo, até ao meio das minhas coxas.

— És tão suave — diz e a sensação de prazer provoca-me calafrios intensos e acende uma chama vibrante sob a minha pele.

Afasta-me mais as pernas e mergulha em mim. Quando me toca com a língua, fico em êxtase e, quando me acaricia os seios com as mãos, apertando suavemente, como eu gosto, quase expludo de desejo. Quero-o tanto que acho que vou enlouquecer.

Puxo-o, mas ele resiste.

— Sabes tão bem — ouço-o dizer.

— Porra, Kai. Quero-te. Agora. Dentro de mim.

— Como queiras, amor.

Kai segura o olhar no meu e, com as mãos nas minhas nádegas, reclama-me para si. Avança, devagar, forçando a estreita barreira inicial do meu corpo e um murmúrio contido emerge de mim, enquanto me ajusto e ele. Os nossos corpos fundem-se. Cada investida é uma onda de prazer arrebatador.

— Foda-se, jamais me fartarei de ti — murmura, com o rosto pressionado contra o meu ombro, ao puxar-me uma perna para cima e a dobrá-la, para se enterrar mais em mim.

Aumenta o ritmo, sem nunca parar, as minhas unhas fincadas na sua pele, as nossas ancas sincronizadas, os nossos corações com a mesma melodia.

O meu sangue arde e começo a aproximar-me do auge.

— Mais depressa — peço.

Os nossos lábios afastam-se. Kai entrelaça os dedos nos meus e faz o que lhe é pedido.

Mais forte.

Mais fundo.

O meu corpo treme e eu ofego.

— Kai — grito, a contorcer-me nele, prestes a perder o controlo.

— Estou contigo. Amo-te... deixa-te levar, Rosia!

Transbordo e deixo-me levar pelo prazer com o nome dele nos meus lábios. *Kai, meu amor.*

Kai também se deixa ir, enquanto me diz uma e outra vez o quanto me ama.



«Ao desafiar o desconhecido, descobrimos  
as fronteiras invisíveis do nosso ser, enfrentando  
revelações que mudam a essência da nossa  
história.»

*Cartógrafo das Almas,*  
p. 83, parágrafo quarto.

# 18

## Kai

**P**assamos o dia quase todo na cama. Já temos tudo tratado para ficarmos mais uma noite. Os pais de Ara só chegam daqui a dois dias. Isso preocupa-a, ter de me apresentar aos pais. Não tem de o fazer, claro, mas parte de mim gostava. O meu telemóvel não teve salvação, pelo que usei o do café para ligar a Colt para saber de Benny, porque Ara está preocupada com a irmã. Ele pergunta o que estamos a fazer em Portugal, mas eu apenas lhe respondo que regressamos amanhã.

Quando volto à cabana, Ara está a fazer alongamentos na margem. Junto-me a ela.

— Dói-me tudo — diz.

Sorrio ao ver o corpo longo e tonificado em posições que deixam a minha cabeça à roda.

— Queres uma massagem?

Para o exercício a meio.

— Será mesmo que só pensas nisso? — Põe as mãos nas ancas.

— Não tenho culpa. Olha bem para ti.

Acomoda-se no chão com as pernas cruzadas.

— Senta-te aqui — indica o espaço à sua frente.

Eu assim faço.

— Estou aqui a pensar, tem de haver algo mais que não nos contaram. Ou desconhecem. — Inclina-se e posiciona o braço dela ao lado do meu. As nossas tatuagens ganham uma luminosidade, parecendo ter vida própria.

— No dia em que vieste embora, fui a casa preparar um saco com algumas coisas para vir atrás de ti. — Ela ergue as sobrancelhas, mas eu continuo. — Sabia que o Consílio estava reunido e, principalmente por causa dos meus pais, queria aproveitar a oportunidade de lhes comunicar a decisão de vir embora, mas o tiro saiu-me pela culatra. Quando entrei na sala de reuniões, eles deliberavam se nos contariam sobre os «Outros Mundos».

— Outros Mundos?

— Sim. Aparentemente há...

— Mais Aquoreas? — pergunta ela, de olhos arregalados e reluzentes.

— Não sei. Puxei por eles, mas não me adiantaram mais nada. Disseram que era importante que estivéssemos os dois presentes para partilharem essa informação.

— No último jantar que tivemos em casa da tua avó, o Arcas comentou qualquer coisa acerca dessa possibilidade — diz, pensativa.

— A sério? Porque é que nunca ouvi falar sobre isso antes? Nem nos livros.

Ela encolhe os ombros.

— Na altura, não liguei, pensei que era o Arcas apenas a ser ele próprio, brincalhão. Mas, agora que reflito nisso, ele deve ter-me dado essa dica de propósito porque sabe...

— Que és curiosa.

Ela lança-me um olhar ameaçador e fica pensativa durante um bocado. Conheço-a para saber que não devo interromper-lhe o raciocínio.

— Encontrei um documento intitulado *Descent*, na biblioteca do Consílio, que me deixou intrigada e fascinada. Copiei-o com detalhe. É um mapa-múndi, com alguns países assinalados e duas tuataras a envolver o mapa, e também tem outras insígnias e frases. Tenho passado horas a analisá-lo. Está a deixar-me maluca, porque achava que seriam portais para Aquorea. E se não forem? E se essas marcas no mapa forem os Mundos de que falam?

— Pode ser. Acredito que seja uma possibilidade. Mas o que pode isso ter que ver com conseguirmos...?

— Ser o nosso... A nossa própria ponte interdimensional?

Assinto.

— Tudo! Ou nada. Tanto podem ser coisas distintas como estarem relacionadas. As tuataras estarem naquele documento diz-me que poderá estar tudo conectado, que é algo mais. — Seguro na mão dela.

— Com que então, achas que somos a nossa própria ponte interdimensional? Gosto disso.

— Pode ter sido coincidência, mas nada do que aconteceu até agora o foi, certo?

É verdade. Será que este é um dos trunfos de que fala a Profecia?

— Queres experimentar?

— O quê?

— A nossa ponte. Vamos testar?

Ela levanta-se de um pulo.

— Como fazemos isso? — pergunta, com entusiasmo.

Não faço ideia de como isto pode funcionar. Seguro o braço dela,

tuatara contra tuatara. Um formigueiro percorre o meu braço. E... nada. Nada acontece.

Uma nota de alegria parece libertá-la de todas as suas preocupações.

— Estaremos avariados?

Ela aperta-me o braço e aproxima-se de mim. Dá-me um beijo, numa mistura de doçura e paixão.

— Vamos pensar num sítio para onde queremos ir.

— Depois de um beijo desses, para a cama.

Um punho fechado aterra no meu estômago.

— Concentra-te!

O Sol põe-se e já não há tantos turistas por aqui. E mesmo que estivessem, não há grande visibilidade para este lado. Olho ao redor e foco num ponto não demasiado longe, mas com um enorme obstáculo.

— E se for ali?

— Para o outro lado da lagoa?

Assinto.

— *Okay*. Vamos tentar.

Frente a frente, voltamos a segurar no braço do outro. As tatuagens coladas, o nosso rosto fixo no lado de lá da margem. Uma força invisível acerca-se. A energia brota de e para nós em golfadas frescas e um manto de luz envolve-nos. É como se os nossos corpos estivessem a ser esticados e comprimidos no espaço e no tempo. E de repente.

**BAM!**

— Oh, não! — reclama Ara.

Estamos novamente dentro de água, mesmo no meio da lagoa. Começo a nadar para o lado da cabana. A Ara nada na direção contrária.

— É para aqui — digo.

— Nada para este lado.

— Queres tentar outra vez, não é?

Sigo-a e saímos.

— Outra vez! — Aproxima o braço do meu, sem me tocar. — Temos de conseguir, sem irmos parar à água.

— Continuo a pensar que a cama seria uma ideia melhor. — Belisca-me, a imitar um sorriso bravo. — Está bem, está bem. Vamos lá, mas continuo a achar que és tu que não estás suficientemente concentrada.

Em resposta, o braço dela choca fortemente no meu, pele com pele, as nossas mãos no antebraço um do outro. E, no átimo seguinte, estamos à porta da cabana. Do lado de lá do vasto manto de água.

— Conseguimos! — Saltita e solta uma risada contagiante.

— Atravessar este lago, sim, mas será que conseguimos atravessar um oceano?

Por muito que me apeteça ficar com Ara nesta bolha de felicidade e isolamento para sempre, temos de voltar à realidade e às nossas responsabilidades. Há muito que investigar, começando pelo documento *Descent*. Também quero passar algum tempo com Colt e conhecer melhor Benny. Sei que não tem sido fácil para nenhum deles, acima de tudo para ela. Os pais de Ara chegam amanhã, pelo que decidimos ir embora hoje à noite. Aproveitamos o dia para passear pela ilha. Fizemos algumas atividades interessantes e lúdicas, outras interessantes e sexuais. Praticámos mais algumas deslocações pequenas no nosso próprio portal, ao qual Ara insiste em chamar *Inkport*.

— Pronta?

— Quase. — Ara aperta o saco das coisas que comprámos com a fita-cola larga, que rasga com os dentes. — Desta vez, estou preparada, para o caso de fazermos uma aterragem na água.

Estamos dentro da cabana com as luzes apagadas, o corpo dela encosta-se ao meu. Beijo-a com ardor. Levo a mão dela ao meu peito. Sinto-a irrequieta.

— Vamos fazer isto bem, não te preocupes.

— Não deixa de ser assustador.

— Juntos somos fortes. Vamos concentrar-nos na tua casa. No jardim.

— E se alguém nos vê?

— Só a tua irmã é que está em casa. E, dada a forma rápida como isto funciona, não creio que se aperceba de que simplesmente aparecemos ali.

— Jardim, aqui vamos nós! — O riso sai abafado contra o meu peito, ao declamar as suas conquistas como uma exploradora.

— Concentra-te! — É a minha vez de lhe dizer.

Afastamo-nos um pouco e juntamos as nossas tuataras. Um brilho intenso emana delas, envolvendo-nos numa redoma fria, como se estivéssemos rodeados por água.

Concentro-me no jardim da casa de Ara e deixamo-nos levar pelo tempo e espaço por este dom, sem o compreendermos na totalidade. Não sabemos quem nos deu este presente, só esperamos que não seja envenenado.

Reaparecemos, secos, no local desejado.

Ara toca no saco e parece satisfeita. Não me apetece ir para o hotel. Por muito confortável que seja, não tem Ara. Ela ouve o meu pensamento e esboça um beicinho.

— Tem de ser — diz ela. — É só um bocadinho. Amanhã voltamos a estar juntos.

— Acompanho-te lá dentro e depois vou embora.

Ela dá-me a mão. As luzes dentro de casa estão acesas, bem como a do alpendre. Benny ainda está acordada.

Entramos e o som indistinto de vozes inquieta-me. À medida que nos aproximamos, uma sensação de tensão aumenta no meu peito. Conheço este timbre.

Aceleramos o passo para a sala e a cena que decorre diante de nós gela-me o sangue.

Caspian e Benny de pé, os semblantes carregados, enquanto Mary e outra mulher, que pelas parecenças deduzo ser a mãe de Colt, estão ajoelhadas no chão. As mãos ensanguentadas trabalham com rapidez numa pessoa que está deitada no sofá e que reconheço de imediato.

Colt fala baixinho, com o braço à volta de uma rapariga.

— Maninho! — diz a minha irmã, largando Colt e correndo para mim. O pequeno corpo treme, envolto nos meus braços.

— Pequena! O que aconteceu? — pergunto, enquanto procuro ferimentos. Tem sangue na roupa, mas, tirando uns arranhões, não encontro nada de grave.

— Isla? — Ara, tão perplexa quanto eu, não tira os olhos do sofá. Isla solta-me e dá um abraço apertado a Ara, que retribui, suavizando com as mãos as costas da minha irmã, de forma a consolá-la.

Isla chora. Ara limpa-lhe as lágrimas na tentativa de a acalmar e eu tento manter a cabeça fria. Preciso de saber o que se passa. Ela estar aqui só pode significar uma coisa. Não me permito pensar no pior, mas pela expressão de angústia no rosto da minha irmã, percebo que é muito pior do que aquilo que eu possa estar a imaginar.

— Isla, o que aconteceu? Precisamos de saber — insiste Ara.

— Aquorea foi invadida — diz, encarando-me. — Kai, temos de voltar, não sei o que aconteceu, mas algo não está bem — diz a minha irmã num sofrimento atroz e o meu mundo escurece.

— A ambulância está a chegar. Temos de a levar já para o hospital. Está a perder muito sangue, corre risco de vida — diz alguém com uma voz segura, que me faz voltar ao presente.

Viramo-nos os três para esta cena de terror.

— Mira — murmura Isla, entre fungadelas angustiadas e impotentes, ao vermos a nossa amiga estendida no sofá, prestes a deixar a vida.

«Na quietude da espera, nascem sombras  
que dançam ao ritmo do coração apreensivo,  
sussurrando histórias de futuros incertos.»

Canção *A Sinfonia do Silêncio*,  
Lírio Maelstrom

# 19

## Ara

**E**stamos no hospital, à espera. A Mira está no bloco operatório.

Entretanto, viemos ter com a Isla à enfermaria. A minha mãe e Kai saíram mesmo agora daqui, para saberem notícias de Mira, mas eu não arredo pé.

A Isla fechou-se e as lágrimas continuam a rolar pelo seu rosto, devagar, sem parar. Estão a finalizar-lhe os curativos das escoriações e puseram-na a oxigénio. Enquanto o enfermeiro trata dela, nunca lhe largo a mão, mudando apenas de posição quando ele precisa de espaço para trabalhar.

— Pronto, da minha parte está tudo. Mas ainda vai ficar mais um pouco com o oxigénio. Alguma coisa, chamem.

Agradeço e ele sai. Passo a mão no cabelo de Isla várias vezes.

— Amiga — digo, sem conseguir captar a sua atenção. Está em choque. — Por favor, fala comigo. — O meu coração estrangula e a garganta dói-me, por eu tentar prender as lágrimas.

— Sinto-me tão impotente... — A voz dela é apenas um sussurro.

— Oh, Isla. Foste tão corajosa por teres vindo. Tão corajosa. Se não fossem vocês, nós não saberíamos de nada.

— Obrigada por estares aqui — diz ela, e o choro recomeça com mais intensidade.

— Estou aqui, estarei sempre aqui. Agora descansa. Não vou a lado nenhum.

\*

Quando saímos da enfermaria, Isla está com outra cor, mas continua sem falar.

Colt e Kai estão sentados na sala de espera. Conversam baixinho, e não nos ouvem chegar. Isla surpreende-me quando se senta ao lado de Colt, entrelaça o braço no dele e encosta a cabeça ao seu ombro.



Fecha os olhos e deixa-se ficar assim.

Entreolhamo-nos os três, contudo, não dizemos nada.

Os meus pais estão a um canto, de pé, e falam baixinho com Olívia, a mãe de Colt. De vez em quando, olham para nós e prosseguem.

A minha mãe tentou disfarçar e manter-se discreta quando lhe apresentei Kai, mas constatei que a beleza distinta dele a deixou sem palavras. E o meu pai demorou-se mais no seu rosto, a avaliá-lo, como se o tivesse reconhecido. E talvez tenha, do Brasil.

Kai levanta-se, e sentamo-nos nas cadeiras em frente a Isla e Colt. Resolvemos dar algum tempo a Isla, mas precisamos mesmo de saber o que se está a passar em Aquorea. Neste momento, só ela nos poderá passar essa informação.

Kai está taciturno.

— Parece que estavam à espera de que eu saísse — ouço-o sussurrar.

Viro-me de lado na cadeira.

— Achas que foi premeditado?

— É coincidência a mais.

— Eu disse-te, Kai. O Asul foi o bode expiatório. Aquela mensagem foi enviada apenas para desviar as atenções.

— E nós caímos na armadilha de alguém engenhoso. Agora, a situação em que nos encontramos parece muito mais perigosa.

— Quem achas que pode ser?

Lembro-me do episódio em que o Kai me contou que viu o Beau a falar com o Asul. Seguiu-o, mas não o encontrou na sala em que ele achava que o viu entrar. Segundo as suas palavras, a sala onde Llyr o manteve preso quando descobriu que Kai foi buscar Colt à Superfície. Quando eu estava em cativeiro, pelas mãos de Sofia. Ele atribuiu a confusão ao cansaço e ansiedade por vir ter comigo, mas e se for mais do que isso?

— Neste momento, qualquer um. Recolhemos todas as informações, seguimos e analisámos todas as pistas. Fomos precisos e metódicos. Infiltrámo-nos nos grupos da Comunidade sinalizados, monitorizámos as suas atividades ao pormenor, investigámos e interrogámos cada uma das pessoas que considerávamos suspeitas. Além de alguns grupos de pessoas descontentes com as ações do Consílio, não encontrámos nada. É quase como se...

— Estivessem à espera de que saísse. — Concorde com ele.

Ele olha para mim, os olhos vítreos, e quase consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro trabalhar.

— Talvez tenha sido apenas vingança.

Encaro-o, confusa.

— Tens de ser mais específico.

— Pela morte de Orgza, o filho do Morfeu. Ele morreu às minhas mãos.

O quê? Não fazia ideia. Enrugo a testa e ele continua.

— Foi algum tempo antes da tua chegada a Aquorea. Numa das rusgas deles à cidade. Estávamos nos passadiços. Foi uma luta justa e tentei... tentei mesmo salvá-lo, só que não consegui.

Daí aquela raiva no olhar de Morfeu. Será que orquestraram tudo para pensarmos que tínhamos as coisas controladas e baixarmos as defesas?

— O Morfeu iria tão...

Não chego a terminar o raciocínio, porque somos interrompidos pela minha irmã.

— Vou à cafetaria. Precisam de alguma coisa? — A voz dela é terna e doce. Pensei que nunca mais a ouviria neste registo. Levanto os olhos da minha mão, entrelaçada na de Kai. Ela continua a falar.

— Um chá ou alguma coisa para comer?

Kai olha, mas parece nem estar a vê-la.

— Água, por favor — diz, por fim.

Faz-me um gesto com a cabeça, a dizer-me para estar à vontade para ir com a minha irmã, porque ambos vemos todo o tipo de dúvidas e perguntas no rosto de Benny. Preciso de esticar as pernas e falar com ela, para tentar perceber como é que Isla e Mira chegaram a nossa casa.

— Vou contigo. — Levanto-me e dou um beijo no topo da cabeça a Kai, que sobe um pouco o olhar, mas não reage. Pondera todas as hipóteses. Está preocupado com Mira, e não saber o que se está a passar em Aquorea está a levá-lo ao limite. O meu coração estrangula ao saber que podíamos estar lá para ajudar.

E a Mira? A minha Mira. Quem lhe fez isto? Estou em pânico por ela.

Olho uma vez mais para Isla, que permanece na mesma posição, encostada a Colt, que pacientemente aguarda que ela se recomponha.

Eu e Benny seguimos pelo corredor largo. Estamos no Emory University Hospital, onde a minha mãe e Olívia trabalham. São amigas de longa data.

Na cafetaria, peço oito cafés grandes e a mesma quantidade de garrafas de água. Tiro diferentes tipos de barras de chocolate e cereais e acrescento ao tabuleiro. Benny está irrequieta, sei que tem perguntas. Olho para ela e isso basta.

— Passaste por muito. Percebi isso quando voltaste e quando conheci o Kai. Ele evoca o melhor de ti, mas, mana — baixa os olhos como que a ganhar coragem —, preciso de saber a verdade.

— Sobre?

— Tudo. Aquorea. O avô? Ele está mesmo vivo?

Já devia saber que a minha irmã só acredita naquilo que os seus olhos conseguem ver.

— Cada palavra que eu e o Colt te dissemos é verdadeira, Benny. E o Kai também. — Seguro-lhe na mão e olho-a nos olhos. — Sei que é difícil de acreditar, eu própria teria dificuldade, se me contassem, mas os nossos avós estão vivos num Mundo maravilhoso, é indiscutível.

— E será que estão bem? — A voz some-se no fim da frase.

Nada que já não me tenha passado pela cabeça.

— Não sei, Benny. Só me resta acreditar que eles estão bem, mas enquanto não arrancarmos algumas palavras à Isla, não temos como saber. Como é que elas chegaram até nossa casa?

— Com o Colt. Recebi uma chamada dele a perguntar se estava em casa e se podia chamar a Olívia, que ainda não tinha saído para o seu turno, aqui no hospital. Não me disse mais nada. Nem me deu sequer tempo para lhe dizer que os nossos pais já tinham chegado, mais cedo. Quando chegou, viu-os. — Encolhe os ombros.

Incentivo-a a continuar.

— Já percebi que a Isla é irmã do Kai, mas quem é a Mira?

— A Mira é uma das pessoas mais extraordinárias que conheço. É Curadora em Aquorea. Um ser humano muito querido e neta de um grande amigo nosso, o Arcas. — O meu coração estreita ao pensar em Arcas. Será que está bem? O que será que aconteceu para elas terem saído? Está na hora de obter respostas.

Passo pelos meus pais e Olívia e dou-lhes um café, uma barra de cereais e uma água a cada um. Olívia despede-se de nós e vai para o seu serviço, dizendo-nos que vai mantendo Mira debaixo de olho.

— Está na hora — digo a Kai.

Ele concorda, estamos uma vez mais em sintonia.

Vamos ter com Isla. Colt toca na cabeça dela quando nos vê aproximar e levanta-se, mas Isla permanece no mesmo sítio. É como se alguém tivesse desligado a luz dentro de si. Colt une as sobranceiras e eu dou-lhe um café, ao qual ele me agradece em silêncio.

— Levanta-te, pequena.

Isla olha para o irmão. Está extenuada.

— Precisamos de falar, querida — digo-lhe.

Ela estica a mão e eu ajudo-a a levantar-se.

— Temos de ir embora. — A voz dela sai-lhe fina.

Quando nos damos conta, a minha irmã e os nossos pais estão junto de nós. Já não tenho nada a esconder, portanto, até fico satisfeita por eles participarem na conversa.

— Isla, precisamos de saber o que aconteceu, ao mais pequeno pormenor.

Isla funga e enxuga as lágrimas com as costas da mão, aclara a garganta demonstrando que já se permitiu sofrer o máximo de tempo

possível. Agora, nos seus olhos castanhos, há apenas determinação.

— Aconteceu tudo muito rápido. Estávamos a trabalhar, no Centro de Pesquisa do GarEden quando a sirene despertou. Começámos a encaminhar-nos para os abrigos. Pensámos que era apenas mais um simulacro ou um ataque dos Albas. Eu e a Mira estávamos quase a chegar ao nosso esconderijo quando o pai — olha para o irmão — veio ter comigo e me disse para o seguir. E já sabes como é a Mira. Viu-o tão preocupado que não me deixou ir sozinha.

— Onde é que o pai vos levou? — pergunta Kai.

— Corremos por uns túneis interiores na rocha até chegarmos ao Colégio Central. Nem sequer sabia que aquilo existia.

— E o que é que ele vos disse? — pergunta a minha mãe, sem pestanejar e completamente absorta na história.

Olhamos para ela e apenas encolhe os ombros. Isla responde-lhe.

— O Ghaelle é o nosso pai — diz Isla em jeito de explicação e a minha mãe faz um «ah!» baixinho. — Para ele estar naquele estado, é porque a situação era grave. Deu-me uma sacola e disse-me que tudo o que eu precisava para te encontrar, Kai, estava lá dentro. Que tínhamos de ir diretas para o portal. Disse ainda outra coisa. — Pausa e suspira fortemente. — Cada sopro aqui é um desafio, a pressão é diferente. É como respirar através de areia — constata.

Kai toca ao de leve no braço da irmã.

— Respira, Isla — diz com voz serena. — E depois conta-nos o que o pai te disse.

Esperamos enquanto ela luta para arrancar cada palavra do peito, mas, quando o faz, continua com carácter de urgência.

— Que ia destruir o acesso ao géiser. Tinha de conter a guerra dentro de Aquorea e a única solução era não lhes dar hipótese de sair e não deixar mais ninguém entrar.

— Como é que a tua amiga foi ferida? — pergunta o meu pai.

— Saímos dos corredores de pedra para o Colégio Central. Corremos, com o meu pai a gritar-nos explicações, códigos que devíamos decorar e ordens do que fazer. Já quase a chegar ao elevador para o portal, balas começaram a voar e...

— Balas? — pergunto, alarmada. Além da pistola que Sofia tinha no dia em que me raptou, nunca vi mais nenhuma lá. Temos armas igualmente letais, mas não usamos armas de fogo em Aquorea.

— Sim.

Eu e Kai olhamo-nos como que a adivinhar onde isto vai dar.

— A Mira foi ferida nesse momento — continua Isla. — O pai disse para continuarmos, independentemente do que víssemos e ouvíssemos. E para vos encontrarmos, que se há alguém capaz de voltar a entrar são vocês os dois. Mesmo antes de a porta se fechar, olhei para o pai num ápice e vi terror nos olhos dele. Terror, Kai.

Kai pousa a mão no ombro da irmã.

— Calma, pequena, concentra-te. Conseguieste ver os Albas?

— Sim, vi. E outras pessoas... da Superfície.

Uma sombra densa e perturbadora atravessa o rosto de Kai, como um lampejo de uma tempestade interna, mas ele apenas desliza as mãos para dentro dos bolsos das calças. A promessa de uma força devastadora contida. Um guerreiro com a capacidade de proteger com garra e, ao mesmo tempo, a ameaça implacável de destruição, caso seja necessário.

— As últimas palavras dele foram: «pensa neles, no Kai e na Arabela, só assim os encontrarás». Conseguimos chegar ao géiser. Aquilo é intimidante, não sei como... — Isla começa a desviar-se do assunto, mas Colt tosse e ela percebe a dica. — Resumindo, conseguimos sair. Foi assustador. Saímos num lago e, dentro da mochila, estava um telemóvel e um papel teu. Segui as instruções e marquei o primeiro número que estava escrito, mas não deu. Depois liguei para o outro e atendeu o Colt, que nos foi buscar.

Olho para Kai, que me passa toda a informação rápida e mentalmente. Pelo sim, pelo não, deixou indicações de onde ia estar e o que fazer caso precisassem de o encontrar.

— O resto vocês já sabem — diz Colt. Olho para o meu amigo, os ombros tensos, o rosto fechado.

*Temos de ir*, digo a Kai pela nossa via de comunicação secreta.

*Rosialt, tens a certeza de que é o que queres?*

O meu desejo sempre foi regressar a Aquorea, mas não pensava que o faria desta forma. Apressada e preocupada. E também não quero que a minha família pense que os estou a abandonar outra vez ou que não os escolho. No entanto, a verdade é que não escolhi esta vida extraordinária, ela é que me escolheu. E eu não posso ignorar esta parte de mim.

— Mãe, pai — começo por dizer. O meu pai interrompe-me.

— Têm de ir.

Kai olha para mim e depois para os meus pais. Retira as mãos dos bolsos, virando-se para eles.

— Mary, Caspian, lamento. — É tão sentido que me arrepia.

— Nós também vamos, talvez possamos ajudar — diz a minha mãe. O meu pai percebe onde isto vai dar e passa um braço pelos ombros dela.

— Mãe, não podem. Por muito que não queira separar-me de vocês, não podemos levar-vos, não é prudente.

— Mas e tu? Não é perigoso para ti? — pergunta a minha mãe, alarmada.

— A vossa filha é a pessoa mais destemida que conheço, e a melhor Guerreira que tive o privilégio de treinar.

— E a Mira? — pergunta Isla.

— A Mira não está em condições de voltar, depois vimos buscá-la. Queres ficar, Isla?

— Claro que não! — diz, ofendida.

Um médico aproxima-se e calamo-nos.

— Correu bem — diz diretamente para a minha mãe. — Tinha o baço perfurado, mas está fora de perigo. A recuperação será lenta, tem um longo caminho pela frente. Já está no recobro e daqui a pouco podem ir vê-la.

Um alívio indescritível abate-se sobre nós, como se as nuvens escuras que pairavam dessem lugar a um feixe de luz.

— Ela pode ficar connosco, podemos cuidar dela, não é, Benny? Até vocês voltarem. — A voz da minha mãe é uma súplica. Seguro na sua mão tentando, em vão, tranquilizá-la.

A minha irmã não responde. Sente-se, uma vez mais, posta de parte. E sei que, no fundo, tem medo por mim, pelo que me pode acontecer.

— Partimos ao amanhecer — diz Kai, encarando-nos cabisbaixo.

De Colt, nem uma palavra. Mantém-se imóvel, impassível e indecifrável. Até nos virar costas e ir embora.

\*

Só devia entrar uma pessoa de cada vez no quarto, mas a minha mãe consegue que entremos eu, Isla e Kai. Puxo a minha irmã e, apesar da sua relutância, vem connosco também.

Mira dorme, tranquila. Observamo-la durante um bom bocado, a respiração ritmada transmite segurança e conforto no meio da incerteza e preocupação.

Toco-lhe no rosto algumas vezes e Isla faz festas na perna da amiga, por cima do lençol.

Mira abre os olhos lentamente. Fecha-os e volta a abri-los. E faz isto uma e outra vez, parecendo querer focar-se num ponto.

— Estamos aqui, Mira — digo baixinho.

Ela roda a cabeça e encara-me. Não sei como, mas arranja força para um sorriso ténue.

— Ara...

— Que susto me pregaste, amiga — suspira Isla.

Mira olha ao redor e observa-nos, um a um.

Kai aproxima-se e segura na mão dela.

— Vais ficar bem — diz-lhe. Mas Mira parece não o escutar. Sigo-lhe o olhar desorientado que está voltado para a minha irmã.

— Mira, esta é a Benny. A minha irmã.

Benny faz um gesto com a cabeça, mas permanece no mesmo sítio.

— Onde estamos? — pergunta, confirmando o seu grau de

confusão.

— Conseguimos chegar à Superfície — diz Isla.

— Foste ferida, estás no hospital. Tiveste de ser operada para te extraírem a bala, mas vais ficar bem. Só precisas de tempo para recuperar.

— Mira, mediante a informação que trouxeram, temos de voltar. E tu não podes ir. A mãe da Ara é enfermeira, vais ficar em casa deles até te conseguirmos vir buscar. — Kai sabe que não há tempo a perder e vai direto ao assunto.

— A tua mãe é uma Curadora — diz Mira com pouca força.

Confirmo.

— Já os vais conhecer. Ficas em boas mãos, prometo. E a Benny também te fará companhia. Não é, Benny?

Olhamos todos para a minha irmã. Ela apenas encolhe os ombros.

— Se não tiver outra escolha — diz num murmúrio.

Fico tão envergonhada que, se o meu olhar matasse, Benny morria carbonizada, mas, surpreendentemente, Mira sorri.

— Kai, os meus pais. E o meu avô — diz Mira.

Kai curva-se e dá-lhe um beijo na testa.

— Prometo que farei — pausa e olha para mim. — Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que todos fiquem bem. Aqui estás segura.

— Quero que conheças os meus pais, vou chamá-los — digo.

Encaminho-me para a porta e Benny segue-me.

— Vocês vão viver aventuras e eu vou ter de servir de ama-seca — diz Benny, mal saímos e fechámos a porta do quarto.

Paro uns metros à frente para que não nos ouçam.

— Não vamos viver aventuras, Benny. Acho que vamos entrar numa guerra. Aquela rapariga ali esteve entre a vida e a morte. — Não controlo as palavras, que me saem de forma rápida. — Não te levo porque não posso arriscar perder-te. E não vais ser ama-seca de ninguém. A Mira é uma das pessoas mais inteligentes e amorosas que conheço. Poderá ser uma ótima companhia e amiga, se deixares. E se tiveres uma mente aberta, poderás aprender muito com ela. Assim como ela contigo. Encara isto como a tua aventura. Mostrar um mundo novo a alguém que nunca viu algo tão simples como o Sol.

Benny não responde, mas sei que fica a matutar nas minhas palavras.

— Está bem, mas agora diz-me, porque é que ela estava a usar o relógio que eu te ofereci?

\*

— Adorava ir convosco — diz Benny.

— És precisa aqui. — Olho para os nossos pais. — E a Mira

também vai precisar muito da tua ajuda. Trata-a bem.

— Por quem me tomas?! Vai ser uma nativa da Superfície quando voltares — brinca. — Volta! — diz, agora com um ar sério.

Não lhe posso prometer algo que não estou certa de conseguir cumprir e a minha angústia aumenta, porque pode ser a última vez que vejo a minha família.

— Não sei quanto tempo vamos demorar, mas não fiques preocupada, estou onde quero. Promete-me que vais viver a vida e encontrar a felicidade que mereces, Benny.

Ela anui.

— Admiro-te muito, és uma mulher forte e independente. Amo-te e vais estar sempre no meu pensamento — diz a minha irmã. Ambas sabemos que isto pode ser um último adeus.

— Amo-te tanto, Benny. Tenho muito orgulho em ti e na mulher em que te tornaste. Obrigada por seres uma filha e irmã melhor do que eu fui. E obrigada por acolheres o *Flyer*.

— És a melhor irmã do mundo. Percebi isso tarde de mais — diz, enquanto me abraça. — E dá um beijo meu aos avós.



«No retorno aos lugares onde a nossa história  
foi escrita, sussurram boas-vindas, revelando que,  
de alguma forma, nunca partimos  
completamente.»

Excerto de *Maldições e Bênçãos Antigas*,  
compilado pelo Círculo de Anciãos Iluminados

## 20

### Kai

Um relâmpago ao longe avisa-nos de que uma tempestade se aproxima. E, não sei o porquê, levo este pensamento num sentido bastante literal.

Resolvemos ir pela forma com que nos sentimos mais confortáveis, pela água, porque não sabemos se o «nosso portal» consegue levar mais alguém.

Assim, estamos no lago onde Colt veio buscar a minha irmã e Mira. Não fica muito distante da casa dos pais de Ara. Eles fizeram questão de vir connosco. Benny também veio, talvez para ver pelos próprios olhos se o que dissemos é verdade.

À hora marcada, Colt simplesmente aparece de mochila às costas e acompanha-nos de forma tão casual como se o que está prestes a fazer lhe fosse natural. Ninguém comenta, porque nenhum de nós se surpreende. Ele descalça-se, despede-se de Benny e dos pais de Ara.

Volta-se para nós.

— Quando quiserem.

Enquanto Ara troca abraços e palavras com a irmã e a mãe, Caspian chama-me à parte. Sinto-me no dever de falar.

— Queria que a situação fosse diferente, Caspian. Gostava de ter tempo para vos conhecer melhor.

— E eu gostava de ir. Rever o meu pai, conhecer a minha mãe...

— Um dia, quando isto terminar. A nossa casa é vossa e estará sempre disponível.

— Protege a minha menina. — O rosto preocupado.

— Sempre. — Olho para Ara, uma mão dada com a mãe, a outra fechada sobre a pedra ao pescoço. Olhos semicerrados, mente concentrada, perfeita. — A sua filha é...

— Esplêndida.

— Sim, mais do que isso.

— Fico feliz que ela tenha encontrado o lugar dela, e a ti. Sei do

que ela é feita, de força e determinação.

— E amor.

Ele avança para mim e dá-me um abraço apertado e sentido.

— Bem-vindo à família, Kai.

Estas palavras têm em mim um impacto tão profundo que as sinto gravarem-se no meu coração.

Em simultâneo, sinto um aperto no peito, como se as mesmas me tivessem dado uma bofetada, por estar a privar Ara disto. Sei que ela quer ir, se lhe pedir para ficar vou estar a falhar com a minha promessa de nunca mais interferir com as decisões que toma.

As primeiras gotas de chuva ameaçam cair e avançamos para a água, em direção ao que não sabemos que nos espera.

Ara e eu formamos um círculo, intercalados por Isla e Colt.

— Se o géiser está interdito, onde vamos sair, Kai? — pergunta Isla, insegura.

— Para um sítio em Aquorea que descobri há muitos anos, e que só eu e a Ara conhecemos.

*Vamos para casa*, a voz de Ara acaricia a minha mente e eu visualizo o nosso Refúgio. Além de nós os dois, ninguém sabe da existência daquele lugar, portanto, acredito que seja um bom local para chegarmos.

Deixamos que a água nos envolva, Ara olha uma última vez para a família e depois concentra-se em mim.

*Para casa*, digo, deixando o meu corpo afundar.

\*

Saímos sãos e salvos, no nosso Refúgio. Colt cospe um pouco de água.

— Da primeira vez não custou tanto, mas também estava inconsciente — tenta brincar.

Atiro-lhe um olhar matador, sabendo que ele não deixa de ter razão. A primeira coisa que faz quando a água lhe dá pelos joelhos é sacar de uma máquina fotográfica da mochila e tirar uma foto.

Para mim, estas «viagens» são quase tão fáceis como respirar, mas compreendo que possam ser desconfortáveis para quem não está habituado.

O que acontece a seguir choca-nos.

— Pelos Cristais!

O nosso local secreto está cheio de pessoas. De pessoas *conhecidas*.

— Só vocês é que conhecem, *hein?!* — Colt olha para nós com um trejeito gozão e sai da água.

Apanho Ara a olhar para a *kerrysis*.

*Queres uma?*

Ela olha-me de rosto afogueado, com um canto da boca puxado

para cima. Semicerra os olhos como aviso para não a provocar.

— É lindo. — Isla observa o local. — Já sei onde estavas sempre que desaparecias. Podias ter partilhado.

— A ideia era ter sossego.

Gensay corre na nossa direção, cumprimenta-nos com tristeza e regressa para o que estava a fazer, com a mesma rapidez.

Avisto a minha avó ao longe e tranquilizo-me um pouco.

O teto brilhante da gruta ilumina o espaço. As pessoas olham para nós, intrigadas, tensas e apreensivas, talvez se interrogando de onde surgimos. Continuamos a caminhar pela areia. Olhares assustados são trocados, enquanto algumas choram e outras lutam para manter a calma.

O ar é denso, pesado e impregnado de medo. As vozes são sussurradas, mal ousando quebrar o silêncio, como se falar mais alto pudesse chamar a atenção dos inimigos.

Alguns têm ferimentos leves e estão a ser tratados. Outros tremem de medo, incapazes de esquecer os horrores que, acredito, presenciaram.

Pais tentam distrair os seus filhos com histórias e canções, sem grande sucesso. Os mais velhos, imersos em pensamentos, como que a tentar processar o que aconteceu.

É difícil não me sentir impotente diante deste caos.

— Meus netos! Ara! Colt! — Hensel envolve-nos, mas Isla não se afasta da nossa avó e recomeça a chorar, descontrolada. Passou por um grande trauma, mas creio não ser só isso. Hensel afasta Isla com cuidado, limpa-lhe as lágrimas e diz-lhe baixinho. — *Kia ka tonu te ahi o te maia.*<sup>2</sup> — Dá-lhe um beijo na testa e Isla afasta-se de nós, sem uma única palavra.

Estou muito preocupado com a minha irmã, no entanto, neste momento, tenho de manter o foco naquilo que é preciso. Estou tão confuso. Como é que estas pessoas vieram cá parar? Aquela passagem pelo túnel debaixo de água é difícil mesmo para quem tem experiência de mergulho. É impossível terem vindo por lá.

— Como conseguiram chegar até aqui, avó?

— Conheço este local desde jovem. Encontrei-o com o teu avô.

Olho imediatamente para a *kerrysis*. *Será?*

— Já cá estava. — Ela explica.

Afinal, não fui o primeiro. Nem o único.

— A minha mãe? — pergunto. Conhecendo o meu pai, sei que está lá fora a lutar, mas a minha mãe *devia* estar aqui.

A minha avó encolhe os ombros, triste.

— Deve estar protegida, num esconderijo — assegura-me Ara.

— E como vieram para cá? — pergunta Ara, com a mesma dúvida que eu.

— Pelas galerias subterrâneas, claro.

Eu e Ara trocamos olhares.

— Há túneis para aqui?

— Sim. Muito bem guardados. — Olha em volta. — É difícil encontrar as entradas, mesmo para os olhos mais hábeis e bem treinados. Pensavas que a entrada pela lagoa dos seixos negros era a única?

*Como? Como é que ela sabe?*

Encolho os ombros.

— Preciso de detalhes do que aconteceu.

— Uma invasão. Em grande escala. Fomos apanhados desprevenidos, foi o pânico, caos total. Achei por bem trazer para aqui as pessoas que consegui. Mas há muitos mais, vocês têm de ir. Tragam o maior número que conseguirem. Este é o lugar mais seguro em Aquorea, neste momento.

— Está bem, avó. Então, conta-nos tudo sobre esses túneis.

— Não é segredo que Aquorea é muito mais vasta do que aparenta. Esta rede de túneis confirma isso mesmo. Não temos registos exatos de quando começaram a ser escavados, mas deduzimos que talvez sejam tão antigos quanto a nossa civilização. E nem todos estão mapeados.

Conheço alguns túneis, que ficam a este, contudo, nunca me passou pela cabeça que fosse uma infraestrutura de engenharia desta envergadura.

Aceno para a incentivar a continuar.

— É como se existisse uma outra cidade inteira dentro do nosso Mundo. Estende-se por quilómetros e quilómetros de labirintos, câmaras ocultas e passagens. São centenas de caminhos, alguns mais fáceis, outros nem tanto. Têm de ter muito cuidado a navegá-los, para não se perderem. Mas são uma vantagem, podemos usá-los a nosso favor.

— Sabes orientar-te neles? — pergunto.

— Nunca fui muito fã de estar confinada, daí nunca os ter explorado. Mas há símbolos gravados nas paredes que nos ajudam a orientar para chegarmos ao nosso destino.

Isto assusta-me. Se os nossos inimigos se infiltrarem neles, também o poderão fazer. A minha avó parece perceber o meu receio.

— É muito difícil, senão impossível, chegar até aqui sem se conhecer os caminhos. Há alguns truques. E, quanto aos símbolos, é preciso saber interpretá-los. Eu conheço alguns, não todos.

Ela explica-nos os diferentes tipos de símbolos. Alguns representam túneis mais largos, outros, galerias estreitas e baixas. Há os que representam fontes de água subterrâneas. Outros foram usados para marcar entradas e pontos de fuga, passagens sem saída, ou até labirintos.

— Tens algum mapa?

Os olhos dela brilham.

— Estão bem guardados, no Consílio. A não ser que consigam entrar na caixa-forte, terão de explorá-los da maneira tradicional.

— E aquela outra conversa, avó? — pergunto. Toda a informação que nos faculte pode fazer a diferença.

— Sim, temos outras coisas de importância ainda maior para discutir, mas neste momento têm de ir. Reúnam e tragam as pessoas para cá, meu filho. Precisam de toda a vossa força e determinação. — Depois, vira-se diretamente para mim e segura-me nas mãos, o semblante pesado. — Vai ser difícil, mas não estarão sozinhos.

Eu, Ara e Colt, afastamo-nos em direção à *kerrysis*.

Ainda bem que sou prevenido. Além das armas que trago comigo, tenho aqui um pequeno arsenal. Coloco a armadura de antebraço e, por cima, a minha pistola de arpões. Mais umas quantas adagas à cintura.

Ao ver a sua pistola de arpões pousada num ramo baixo, Ara olha para mim e ajusta-a ao braço. Trouxe-a para aqui num gesto simbólico, e ainda bem.

— Não sabemos o que vamos encontrar, talvez seja boa ideia ficares aqui — diz Ara a Colt.

— Nem pensar. Vou ajudar.

— Não sabemos o que nos espera lá fora. É melhor irmos só nós os dois — digo.

— Está bem, vocês vão os dois, e eu vou convosco.

— Isso defrauda todo o conceito de irmos sozinhos — contraponho.

— Seja — diz Colt, encolhendo os ombros.

— Então, este é para ti. — Ara passa um arpão a Colt. — Isto tu sabes usar. É parecido com os de pesca, mas recarrega numa fração de segundos. Aponta ao alvo e dispara. E não te deixes matar.

— Eu... — Colt empalidece e deixa cair a arma aos seus pés.

Afasto-me um pouco deles e ponho o comunicador para tentar falar com o meu pai ou alguém da minha Unidade. Tento primeiro o canal do meu pai.

— Equipa Líder. Equipa Líder. Pai, estás aí? Adro?

Silêncio. Mudo a frequência.

— Unidade Um! Alguém?

Ara fala baixinho com Colt que, por sua vez, abana a cabeça de olhos postos no chão. Não sei o que se passa, mas algo o perturba.

— À escuta — respondem, com interferência. Reconheceria esta voz em qualquer lado.

— Wull! Chegámos. Põe-me a par.

Desta vez, o tempo de silêncio é ainda mais longo.

— Onde estás, Kai? — pergunta sem me responder.

— Em segurança. E vocês?

— Lembras-te do Penhasco Embrenhado?

Como poderia esquecer. Foi uma aventura encontrar aquele lugar. Quando éramos miúdos, eu e Umi gostávamos de explorar os caminhos esculpidos na rocha. Sempre achámos que tinham de nos levar a algum lado. Não podiam terminar assim, quando esbarrávamos numa parede. Ficávamos lá horas a esquadrinhar cada palmo. O nosso entusiasmo pelo desconhecido depressa se estendeu a Petra, Wull e Boris. Todos os dias, após as nossas tarefas, íamos para aquela parte escura da cidade. Até que um dia encontrámos um pequeno buraco na parede, mais um de tantos onde já tínhamos entrado, para apenas voltarmos a recuar por não haver espaço para dar a volta ao corpo. Dessa vez foi diferente, encontrámos um fosso largo e fundo que tivemos de descer com cordas. Jurámos pela nossa vida nunca contar este segredo a ninguém. Durante anos, brincámos lá e esculpimos um degrau de cada vez. Foram dezenas deles. Demorou, mas valeu a pena.

— Claro.

— Fizeram cerco ao Colégio Central, não temos muito mais informações. É melhor vires por... — Mais som abafado. Percebo que fala com alguém, mas não entendo o que dizem.

— Tens de vir pela floresta.

— E os passadiços? — pergunto.

— Não sabemos até que ponto têm a cidade controlada, não vale a pena o risco. Venham pela floresta. — A voz dele é uma ordem.

— Muito bem. Até já.

— Kai?

— Diz, Wull.

Silêncio.

— Até já, meu irmão — diz, com a voz mais suave.

— Vemo-nos desse lado — digo, com as palavras presas na garganta, cada vez mais com o pressentimento de que vamos correr em direção a algo aterrador.

2 Mantém a chama da coragem acesa.



«Nos domínios do não visto, os olhos vagueiam,  
tocando verdades veladas pela cortina do  
evidente,  
e sussurram segredos aos atentos.»

*Profecias de Eldur, 1670*

# 21

## Ara

Que saudades tinha desta energia. Começa com um formigueiro na planta dos pés, vai-se espalhando e percorre o corpo, numa sensação de vigor. É algo inexplicável que nutre corpo e alma.

— Kai! Arabela. — Uma voz feminina chama-nos.

Uma senhora desloca-se, devagar, com o apoio de uma bengala que se enterra na areia coral. Enverga um quimono longo, estampado e garrido. As calças cor de laranja combinam com o turbante que lhe cobre o cabelo. Vem de braço dado com um homem.

— Marianne! Lucas. Que bom ver-vos bem! — diz Kai.

— Fomos bafejados pela sorte, ao contrário de outros que não tiveram a mesma fortuna — diz Lucas, acenando suavemente com a cabeça. Depois afasta-se de nós.

— Ara, apresento-te a inigualável Marianne. Tia da Petra e a única pessoa que consegue ensinar saxofone e filosofia de vida no mesmo fôlego.

*Ah! Foi esta senhora que ensinou o Kai a tocar saxofone!*

Coro um pouco a relembrar o episódio do saxofone e Kai olha-me de esguelha. E é tia de Petra! Sim, consigo ver as semelhanças. Petra nunca falou muito da família, mas a verdade é que ela não é a pessoa que mais partilha esse tipo de informações.

— Prazer em conhecer-te, finalmente, Ara. E, sim, fui eu que lhe ensinei que a vida tem mais ritmo quando se segue a própria melodia — diz ela, ao fazer uma vénia teatral, e depois puxa-me para um abraço caloroso.

Sei que já vi esta senhora por Aquorea algumas vezes. E a primeira vez até foi com Kai.

— O gosto é todo meu — digo, quando se afasta, mas não me larga as mãos. No interior do pulso dela, vejo uma bonita tatuagem. — Lembro-me de si. A primeira vez que a vi, o Kai levava um cesto seu, com comida e bens.

— Ah, isso foi quando ainda tinha vontade de sair de casa e aproveitava para fazer dele meu laçao. Afinal de contas, quem não o quer por perto? — Larga-me as mãos, pisca-me o olho e brinda-me com um sorriso imaculado. — Agora, entrega os bens diretamente em minha casa, nas suas rondas. Gosto de pensar que só o faz para mim.

Ainda tenho tanto para aprender sobre Kai. Embora estejamos intimamente ligados, há tanto para descobrir um sobre o outro e histórias para partilhar. Estávamos tão focados noutras coisas que muito ficou por dizer.

Percebo que a atenção de Marianne se desvia de nós, como que puxada por um fio invisível de curiosidade. Sigo-lhe o olhar e vejo-a observar Colt, que está virado de costas, aninhado, o cabelo todo desgrenhado e concentrado em perceber o funcionamento da pistola de arpões.

— Colt — chamo-o. Ele olha para trás e, num movimento fluido, ergue-se e junta-se a nós.

— E este é o teu melhor amigo — diz Marianne, com determinação e uma expressão intrigada, encarando Colt, como se estivesse a tentar entender algo extremamente complexo.

— E único, mas não conte aos outros, senão ficam com ciúmes. — Colt olha-me de esguelha, aproxima-se e cumprimenta-a com dois beijos no rosto. — É um gosto conhecê-la.

— Marianne, temos de ir — diz Kai.

— Sim, vemo-nos mais tarde — diz, sem desviar a atenção de Colt. É uma mulher estranha, mas simpática.

Olho uma vez mais para Isla. Está sozinha, sentada perto da água, e mexe na areia, distraída. Está diferente, como se se estivesse a esforçar para controlar as emoções. Nota-se uma energia que a envolve. Não sei ao certo o que é, mas vejo que está a passar por algum tipo de mudança. Quero ir ter com ela, mas neste momento não temos tempo a perder. Temos de a ajudar, pois o susto por que passou, e quase termos perdido Mira, deixou-a bastante fragilizada.

\*

Optamos por explorar e seguir os caminhos dos túneis que a Hensel nos explicou. Desta forma, podemos identificar o trajeto e, se necessário, passar a informação a outros. Caminhamos muito e por um longo tempo. O percurso não é fácil e enganamo-nos algumas vezes, tendo de voltar atrás para corrigir a trajetória.

Todos os meus sentidos estão ao rubro, a adrenalina no auge. Por fim, passamos por um espaço apertado e, no final desse túnel, somos recebidos por dois Protetores que não conheço. Kai fala com eles com autoridade e eles regressam aos seus postos.

Descemos a escada íngreme. Estamos numa caverna muito

profunda e escura. Velas e alguns candeeiros de sal iluminam o espaço. Kai chamou-lhe Penhasco Embrenhado. Montaram aqui uma pequena base de operações. O espaço é frio, escuro e húmido. Parece-me seguro, mas as condições não são as ideais para conter tanta gente. Estão algumas dezenas de pessoas e quase todos dormem.

Boris e Wull, ambos com ar extenuado e abatido, limpam armas com uma destreza e minúcia extrema, concentrados nas suas tarefas. Os ruídos leves de metal são a única nota que ecoa, enquanto eles trabalham em silêncio.

— Ainda bem que voltaste, miúda — diz Boris, quando me vê. Levanta-se, agarra-me e dá uma pequena volta comigo no ar. — Ele andava insuportável — sussurra, contra a minha orelha.

— Também tive saudades tuas. — Aperto ainda mais o abraço.

E tive. Mesmo. Adoro Boris da mesma forma que adoro Petra. São meus irmãos. Para a vida.

Largo-o e abraço Wull.

Eles cumprimentam Kai, que lhes relembra o nome de Colt.

Observo o local, os meus olhos saltitam de pessoa em pessoa e o meu coração segue o ritmo deles.

— O Suna? — pergunto, quando não o vejo. Ele e Wull são inseparáveis, onde um está, o outro também está.

Baixa a cabeça.

— Não sei...

— Oh, Wull.

— *Meia-Leca!* — A voz inconfundível de Petra sobressai no meio da quietude e dispara na minha direção.

*Aqui está ela...*

Não consigo esconder a alegria que sinto quando a vejo.

— *Cenourinha!* Estás bem — digo, com a voz a tremer.

Enlaço-a com força. Afasto-me um pouco e avalio-a. Olheiras e pele baça. Cortes pouco profundos e alguns hematomas.

Abraça-me de novo.

— O que está ele aqui a fazer? — sussurra na minha orelha, referindo-se a Colt.

— Não comeces. Quer ajudar — digo baixinho e largamo-nos.

— É, pode vir a ser útil. Saco de pancada, talvez? — Revira os olhos e cumprimenta Kai, que sossega ao ver os amigos bem.

— Olá, *Amigo da Ara* — atira Petra para Colt, meio em tom de chalaça.

— Colt. Não te lembras? Venho em paz — responde-lhe Colt.

Petra arregala os olhos e franze a testa em simultâneo, como se ele tivesse dito algo errado. Mas eleva o queixo não se mostrando afetada.

— Ainda bem, senão teria de te matar. — Os olhos dela faíscam.

— Com uma faca, até aposto. — Colt encolhe os ombros e olha

para a coxa dela, onde a bainha de couro guarda três lâminas de forma segura, dando-lhe acesso rápido às armas.

— Conheci a Marianne, está em segurança — digo-lhe, interrompendo a picardia. E é como se ela ganhasse anos de vida. Os olhos reluzem e solta um suspiro. — E os teus pais?

— Não sei, não estão... podem estar em algum esconderijo ou... — As palavras morrem-lhe na boca. Encolhe os ombros e vejo preocupação e tristeza neles.

— E os meus avós? — pergunto, com o coração estrangulado. Desde o momento em que vi Isla à Superfície, esta angústia tem estado sempre aqui, latente.

— Estão bem. Ali, a descansar. — Wull indica-me um ponto no chão, ao fundo da gruta. O ambiente dormente.

— Volto já — informo o grupo. Atiro um olhar cúmplice a Kai e vou ter com eles.

Aproximo-me, ajoelho-me e toco no ombro do meu avô.

— Avô — sussurro.

Os seus olhos abrem-se de rompante e senta-se assim que me encara.

— Ara — quase grita ao abraçar-me.

Ajudo-o a levantar-se.

A minha avó acorda estonteada, mas segura a minha mão com força.

— Chegaste. Chegaste, minha filha — suspira as palavras enquanto também se levanta.

— É o Colt que vejo ali? — pergunta o meu avô a semicerrar os olhos.

— Sim.

— Os teus pais? — Mais uma pergunta.

— Estão bem. Já sabem de tudo. É uma longa história, depois contamos.

Alguém pigarreia atrás de nós. Reconheço este timbre e viro-me.

— Arcas!

— Fico feliz por te ver bem, querida Arabela. A Mira... não sabemos dela... — O rosto de Arcas esmorece ainda mais.

Não sabe onde está a neta. Não sabem que ela está na Superfície. É como se uma onda de choque me deixasse sem fôlego.

— Arcas, a Mira está bem. Está com a minha família, na Superfície. Foi apanhada no meio da confusão, no momento do ataque, e saiu com a Isla, para nos ir chamar. Ninguém te disse?

Os olhos dele sorriem. Um peso parece sair-lhe dos ombros. Ao mesmo tempo, outro assunto parece perturbá-lo.

— Não. Escondemo-nos aqui. E não sabemos da Hensel, nem do Llyr. Assim como da Nwil e dos Mestres Peacox. Todos os Membros do

Consílio... — A voz, que costumava ser alegre, está fraca e opaca.

Seguro-lhe nas mãos.

— A Hensel está bem. Já estivemos com ela.

*E os outros... será que estão bem? Na confusão, podem ter-se escondido noutros locais.*

— Porque é que a Mira não veio convosco? E a Isla? — insiste Arcas.

— A Isla veio connosco, mas a Mira foi ferida na viagem para a Superfície. Já está bem, prometo. Teve de ficar hospitalizada. Está em ótimas mãos, podes confiar. Assim que pudermos, vamos buscá-la. Agora, por favor, descensem — digo para os três.

Vou ter com a minha Unidade, temos coisas importantes a resolver. Os Protetores estão reunidos num grupo, bem organizado, de quatro filas. À frente deles, Kai, Petra, Wull, Boris e, para minha surpresa, Colt. Junto-me.

— Pelo início — exige Kai, olhando diretamente para Petra. O comando na sua voz é determinado e não deixa transparecer nada.

— A invasão aconteceu rápido, fomos apanhados desprevenidos. Não estávamos preparados para uma investida desta dimensão. Invadiram casas, reviraram tudo. Entraram a matar.

— A Isla disse-nos que viu pessoas armadas, *pessoas da Superfície*. Confirma-se?

— Sim, são muitos, mas ainda não os conseguimos contabilizar. Bem armados e treinados. São Mercenários.

*Quem os deixou entrar?*

Talvez a história que inventaram para incriminar o casal Peacox tenha algum fundo de verdade, há mesmo contacto com a Superfície. Isto não se cinge apenas à Sofia. Com que objetivo? E os Albas, onde ficam nesta história?

— E os Albas? — pergunta Kai, dando voz aos meus pensamentos.

— Saíram dos Pântanos e enfiaram-se quase todos no Colégio Central. Os que estão a lutar são poucos.

— Concorde. Já fizeram investidas na cidade, para roubar apenas comida, com mais homens — diz Petra.

— Não tem lógica. Se querem o domínio da cidade e instalar-se nas nossas casas, porque se enfiaram no Colégio Central? — pergunta Wull.

— O Morfeu pode não confiar no grupo da Superfície e querer ser ele a ter o controlo — digo, e eles olham para mim. Encolho os ombros.

Um rapaz do grupo levanta a mão para falar.

— Não precisas de levantar a mão, Ptol. Todos podem intervir — diz-lhe Kai.

O rapaz fala com sofreguidão.

— Vimos pessoas a serem mortas e pareceu-me que estavam a aprisionar as que não conseguiram fugir.

— Sim, foi o que vimos — diz Jacca. Olha para mim e eu fico feliz por vê-la bem. Tornámo-nos amigas durante o tempo em que estive em Aquorea, e formámos muitas vezes equipa. A mãe dela era a estilista pessoal dos Mestres Peacox, e foi também ela quem nos fez os vestidos para o fatídico baile.

Ao lado dela, Shelby, a minha parceira em tantos exercícios quando comecei a treinar; e Jamal, o Protetor que estava de vigia no dia em que Isla foi raptada. Adormeceu em serviço. Mais tarde, soubemos que havia sido drogado pela Sofia.

— Reconhecimento? — pergunta Kai.

— Explorações curtas, mas ainda não temos muita informação do que estão a preparar. A primeira coisa que fizemos, depois de deixarmos as pessoas aqui em segurança, foi juntar um grupo pequeno para ir à Fraternidade, buscar armas — diz Wull.

— Trouxemos também uniformes, mantimentos, o máximo que os nossos corpos aguentaram — explica Petra. — Saímos outra vez e conseguimos subir aos passadiços mais elevados sem sermos detetados. Estavam a montar estruturas e a instalar material que me pareceu para extração de minério na zona das Grutas de Energia. E há pouco ouvimos explosões.

— Pelo pouco que conheci do Morfeu, percebi que é muito protetor em relação aos dele. É ambicioso, mas qual seria o interesse dele em destruir Aquorea, se quer instalar aqui a sua gente? Temos de pensar que há alguém cá dentro que conhece o géiser para trazer estes Mercenários, armados até aos dentes, e escondê-los até que fossem os suficientes para causar toda esta instabilidade.

— Até termos um grupo mais coeso, achámos arriscado fazer qualquer investida — diz Petra.

— Fizeram bem. Viram o meu pai no momento do confronto?

— O teu pai e o Adro ficaram para trás a ajudar a população — explica Boris. — O Ghaelle ordenou-nos que as trouxéssemos para um lugar seguro e lembrámo-nos deste sítio. Eles não o conhecem, portanto, não têm como saber onde estamos. Já tentámos comunicar com eles, mas não respondem.

— Não há problema. Se bem os conheço, não se dão por vencidos, estão a ajudar quem podem.

— Apesar de tudo, sabemos que Ghaelle conseguiu impedir o acesso ao géiser. Se o objetivo deles era entrar e sair a seu bel-prazer, não vão ter sorte — informo.

— Pelo menos, até abrirem outra vez passagem — diz Colt baixinho ao meu lado. Olhamos todos para ele, mas as nossas cabeças acenam em concordância.

— Quantos somos? Alguém ferido? — pergunta Kai, referindo-se aos Protetores.

— Aqui estamos vinte e três. A contar convosco vinte e cinco... seis? — Petra indica Colt. — Nenhum gravemente ferido.

— Muitas pessoas devem ter conseguido chegar aos abrigos espalhados pela cidade. O ideal será reuni-las num sítio com melhores condições — diz Wull.

— Acho que temos a solução para isso — informa Kai.

\*

Chamamos também os Anciãos, para lhes explicar o que será feito. Enquanto alguns Protetores ficarão responsáveis por passar as pessoas que aqui estão para o Refúgio, outros irão à cidade. Fazemos um resumo curto, mas intensivo e detalhado da teia de túneis que Hensel nos transmitiu, explicamos por onde viemos e como podem entrar para o Refúgio; o caminho mais direto é por uma entrada pequena e muito discreta debaixo de uma ponte a noroeste, perto da floresta, quase no limiar da cidade. Assim, temos de percorrer estas galerias de rocha até à saída que nos deixa mais próximos dessa ponte, sair para a cidade por breves instantes, andar alguns metros, e voltar e entrar no labirinto esculpido na rocha em direção ao Refúgio.

— Muito bem, para já é tudo. *Haere!*<sup>3</sup> — grita Kai em maori. As pessoas dispersam, apenas a nossa Unidade permanece onde está.

Colt diz que quer ajudar a levar as pessoas para o Refúgio e eu fico mais descansada por ele não ser exposto a perigos iminentes. Movimenta-se com tanta fluidez e subtileza, como se já fizesse parte da Comunidade. Parece conhecê-las e entender os seus medos, esperanças e anseios. Cada gesto, cada palavra que profere à população é com a clareza de alguém que está em casa.

— Têm tempo, Colt. Levem grupos pequenos. Entre sete e dez de cada vez. E levem tudo o que conseguirem. Os mais jovens podem carregar os bens. — Kai dá as últimas indicações.

— Claro. Para isto resultar, tem de ser bem feito e com a maior segurança possível. Fazemo-lo por etapas, fica descansado — concorda Colt, e desaparece para falar com um grupo.

Kai vira-se de frente para mim.

— Encontraremos outro esconderijo para nós — diz, e deposita um pequeno beijo na ponta do meu nariz.

Apenas fico grata por saber que o nosso Refúgio servirá de porto de abrigo para a Comunidade.





«É minha convicção que as verdades ocultas,  
marcam mais profundamente do que a espada.  
É no silêncio que enfrentamos os embates  
mais intensos. Não contra o inimigo,  
mas dentro de nós.»

*Compêndio de Estratégias e Filosofias,*  
Dário, o Silencioso

## 22

### Kai

**C**om isto resolvido, a minha Unidade delineia um plano. Somos poucos, mas, neste caso, pode até ser uma vantagem. Menos barulho e movimento, logo, damos menos nas vistas. Eles podem conhecer Aquorea, mas nós temos Aquorea no sangue. Juntamos os Protetores que não vão levar as pessoas para o Refúgio, as armas disponíveis e vestimos os uniformes para fazermos um assalto rápido e eficaz.

Dividimo-nos em quatro equipas. Ara e eu formamos equipa com Jacca e dois miúdos novos e vamos para o centro.

Petra, Wull e Boris lideram as outras.

A equipa de Boris fica encarregada de verificar os abrigos na parte sul, em Salt Lake. A de Wull, a zona das plantações e a de Petra fica responsável pela floresta. Acreditamos que muitos devem ter conseguido chegar até lá e permanecem escondidos. Para já, não vamos arriscar a zona dos bazares dos Permutadores porque fica relativamente próximo das Grutas de Energia, onde os viram instalar as estruturas. Precisamos de recolher dados relevantes sobre as forças hostis, as suas posições, movimentos, capacidade e intenções, de forma a conseguirmos planear o melhor contra-ataque.

— Vamos apenas para tentar trazer pessoas e recolher o máximo de informação possível, por isso, olhos e ouvidos bem abertos. Evitem confrontos. As técnicas de camuflagem, evasão e fuga predominam, nada de sons e luzes.

— Tentem usar os caminhos de rocha sempre que possível, usemos isso em nossa vantagem — diz Boris, dando um beijo rápido a Petra.

— Encontramo-nos no Refúgio — digo.

Cada grupo segue o seu caminho. E ainda com poucos passos dados, digo a Ara: *Sei que queres lutar, mas...*

Ela continua a andar pois sabe que não há tempo a perder, no entanto, olha-me de soslaio.

*Foi para isso que vim. Aquorea é o nosso lar. Já todos derramámos*

*sangue para a proteger. Não hesitarei em fazê-lo novamente, o meu sangue, ou o dos nossos inimigos.*

Nada do que diga a irá demover. Seguro-lhe na mão e aperto-a uma vez, como sinal de agradecimento.

Adentramo-nos por túneis que mesmo eu desconheço. Sei, por experiência própria, ao perder-me neles tantas vezes, que são bastante vastos, um emaranhado de ramificações complexas, o que confirma a informação da minha avó. Nesta zona, são quase todos estreitos e escuros. Ara e eu vamos lado a lado. E os outros seguem-nos, calados.

— Se não estou em erro, vamos sair no GarEden.

— Tão longe. E depois, vamos por cima? — pergunta Ara, referindo-se aos passadiços.

— É a única hipótese que temos de passarmos mais despercebidos e estudar de que forma conseguimos conter a ameaça, contando que eles não os estejam a usar.

Ela não responde. Tem consciência de que ir pelas ruas da cidade seria arriscado. Não sabemos quantos são, nem onde se encontram. Nos passadiços, estaremos expostos, mas não tanto quanto cá em baixo. Mandeí as outras equipas para fora do centro. Aqui, com certeza, é onde a ameaça é mais forte.

Saímos atrás do Centro de Pesquisa do GarEden, entre uma vegetação densa e de folhagem grande e colorida. Mantemo-nos aqui um pouco, à espreita, a perceber se temos adversários por perto. Mas não se vê nem ouve vivalma.

— Vamos. — Ara dá a ordem. — São cerca de quinhentos metros até à parede mais próxima. Corram!

Estamos prestes a dar o primeiro passo, mas um dos rapazes novos soluça.

— Não consigo — diz, paralisado.

Paramos e encaramo-lo.

Sopro, exasperado. Vou para falar, mas, por saber do meu estado de espírito, Ara não me deixa abrir a boca.

— Zip. — Trata-o pelo nome. — É natural teres medo. Seríamos malucos se não tivéssemos, mas temos de pensar nas pessoas que dependem de nós.

— Eu nem queria integrar-me nos Protetores — soluça, com lágrimas gordas a rebolar cara abaixo. — Só fui porque o meu irmão me desafiou.

Não tenho paciência para isto, nem temos tempo a perder, mas Ara continua a apaziguar os receios dele.

— Não tens de ir. — Ara pousa-lhe as mãos nos ombros. — Respira.

— Sabes voltar para trás? — pergunto, a voz controlada.

Ele abana com a cabeça.

— Acho que sim.

— Então, vai. E encontra alguma coisa útil para fazer. Alguma coisa que queiras *mesmo*. Mais alguém? — Olho para os outros dois que respondem «não». O rosto de Jacca pronto para enfrentar o que vier.

Aprofundo os olhos nos de Ara por breves momentos.

*Obrigado, Rosialt, por não me deixares perder a cabeça.*

Ela assente e depois estende o braço e aponta para a frente para avançarmos.

Rapidamente, subimos ao passadiço intermédio. Não têm esta zona guardada, talvez por não poderem dispersar ou, então, não consideram esta área importante para vigilância. Ligeiros e silenciosos, prosseguimos nos passadiços, em direção ao centro. Uns instantes depois, no nosso campo de visão, avistamos apenas um Alba. Está de costas para nós, muito atento ao que se passa lá em baixo, na sua tarefa de sentinela.

Ara e eu estamos tão sincronizados que ela sabe o que vou fazer quando ainda nem comecei a formular a ideia.

Estamos muito perto e Ara sabe que sou incapaz de matar alguém pelas costas, pelo que emite um assobio quase impercetível. O Alba vira-se, apreensivo, já em modo de luta, e eu disparo um único arpão.

Agarro-o antes de ele cair e pouso-o devagar.

Olho de relance para baixo e a cidade materializa-se aos nossos olhos.

Daqui, temos uma visão completa do que se passa na cidade, e, se formos cautelosos, não nos veem a nós.

Um estrondo, como um trovão constrito, ribomba nas paredes e aninhamo-nos.

A corrente do rio lá em baixo, revolta e agressiva, faz-se sentir e reparo que a clareza da água mudou. O aroma fresco e floral desapareceu. O cheiro áspero, a fumo, faz-me torcer o nariz. Onde outrora havia brilho e harmonia, ruas movimentadas, cheias de vida e alegria, há apenas um silêncio agreste, ocasionalmente interrompido por explosões controladas, disparos e gritos de desespero.

Tiro os binóculos. Os meus olhos alcançam primeiro o horizonte, do lado nordeste, na zona das Grutas de Energia. É longe, por isso, afino a focagem. Dá para perceber a azáfama.

Mercenários entram e saem das Salas de Energia do outro lado do rio, onde essas explosões acontecem. Alguns Albas espalhados parecem fazer de sentinelas. Ao longe, o fogo queima algumas construções, iluminando a cena caótica em tons de laranja e vermelho.

*Estão a destruir Aquorea.*

Quem são estas pessoas e quem as ajudou a entrar? Bílis sobe-me à garganta. Habitantes trabalham forçados, ao ritmo de chicotadas. Uma

fila enorme e de ritmo lento, mas constante. Parece-me que alguns têm as pernas com grilhões de metal. Talvez os que tentaram fugir. Ajusto um pouco mais a visão e identifico Azul e Suna e o meu coração estreita, ao pensar em como dizer isto a Wull.

*Autokarts* a transbordar de cristais são encaminhados pelas pontes e para os barcos que param depois na doca do Colégio Central.

Do lado de cá do rio, mais próximo de nós, filas de tendas montadas no nosso campo de treinos. E mais Mercenários, bem-dispostos e sorridentes, comem a nossa comida e refastelam-se no nosso rio.

Continuo a perscrutar.

É então que vejo. Na Praça Central, corpos caídos, mutilados e torturados, dispostos em estrela. Líquido vermelho cobre a maior parte do chão de cristal da praça do Colégio Central, que brilha intensamente como rubis. E no centro, espetada numa estaca, uma cabeça.

O MEU PAI!

Os olhos abertos e sem vida.

*O meu pai!*

Sangue derramado e seco no poste grosso de madeira onde a cabeça foi empalada. No chão, o resto do corpo. Inerte, sentado com as pernas esticadas e encostado à estaca. Por breves instantes, penso: *LEVANTA-TE!*, não fosse a distância entre o corpo e a cabeça pendurada lá no alto. A pele de uma tonalidade pálida e opaca, o tronco baleado, com cortes e feridas. Um machado de cabo robusto ainda no seu punho cerrado diz-me que morreu a lutar. Isto não é apenas luta por território e pedras preciosas, é execução, é ódio. É uma declaração de guerra.

Veneno circula nas minhas veias, ácido e assustador. Os meus dedos enrolam-se em punhos. Ara puxa-me para trás. As minhas pernas não aguentam o meu peso e quase caio desamparado, não fosse ela e Jacca segurarem-me. A dor no meu peito não se compara à pressão nos meus pulmões. Vou deixar de respirar, o ar não passa na garganta.

Vou morrer.

Vou morrer!

O bater acelerado do meu coração indica-me que continuo a respirar, e a única coisa que me impele agora é dor. E vingança.

Não suporto a dor de ver o corpo do meu pai. Sinto-me como um animal selvagem, disposto a tudo.

E, no mesmo instante, outro pensamento invade a minha mente: onde está a minha mãe?

«A estratégia é a arte de antever o inesperado.  
Cada plano, uma semente que aguarda o seu  
momento de florescer no campo de batalha.»

Dito por Leonel, o Tático (1894-1939)

## 23

### Ara

**G**haelle, mataram o querido Ghaelle. O mais feroz dos guerreiros, o mais corajoso dos Protetores, o mais compreensivo dos líderes e o melhor dos pais.

Kai arfa aflito, à procura de ar. Os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça baixa entre as mãos, que repuxam o cabelo.

As lágrimas correm-me, descontroladas.

A imagem não me sai da cabeça e não consigo imaginar a dor que Kai sente ao ver a cabeça do pai empalada. Para dar o exemplo de que ninguém é intocável. E deixar o aviso: resistir é morrer. Há dezenas de corpos sem vida dispostos ao seu redor. Vejo, pela primeira vez, o real aspeto de uma guerra. Não apenas soldados mortos, mas também civis, alguns com armas na mão, outros não. Famílias, crianças... Viro-me para o lado e vomito todo o conteúdo do meu estômago. Uma e outra vez, até não restar mais nada.

Casas destruídas e pilhadas. Carmesim banha a cidade. E o cheiro, o fedor a morte é o que me faz arrepiar até ao couro cabeludo. Dá para sentir a vibração negativa encarcerada nas paredes, o som dos gritos de desespero que devem ter sentido quando tudo aconteceu. O povo tem razão para estar aterrorizado.

De mãos dadas, ficamos aqui sentados, encostados à parede e resguardados. O olhar de raiva e desespero no rosto de Kai. Os dentes cerrados, os olhos raiados. A energia dele é negra e emana devastação, mas a respiração é demasiado controlada. Está materializado debaixo da minha pele, como um formigueiro que me sussurra as suas tristezas e preocupações. E sei isso porque ele é parte de mim.

Ativo o meu escudo mental. Penso rápido. Sei que Kai quer vingança rápida e mortal. Mas estará ele em condições de levar a cabo uma operação tão delicada neste momento?

Preciso de ver melhor. Solto a mão de Kai e gatinho de novo para junto do corrimão. Espreito pelos binóculos. Logo abaixo da escadaria



do Colégio Central, gaiolas de grades altas cercam vários grupos de pessoas. Alguns guardas protegem estas celas improvisadas. Estes, conseguimos abater. Os prisioneiros estão sentados no chão, com vista para os corpos sem vida dos seus amigos e familiares. Observo cada uma dessas prisões ao detalhe. São muitas pessoas, na maioria, crianças e idosos. Concentro-me em cada uma individualmente, para ver se as conheço. Apesar da distância, reconheço algumas, mas a minha atenção desvia-se um pouco mais para o lado, para um tronco largo de madeira, onde estão atados os Mestres do Consílio, Alita e Fredek Peacox.

De Nwil e do Regente Llyr, nem sinal. E de Adro também não.

Observo mais algumas dúzias de Mercenários no campo de treinos, mas estão quase todos concentrados no lado de lá do rio, a abastecer-se de cristais. São centenas e centenas de invasores.

Por mais fortes que sejamos, somos apenas quatro.

Um calor emana do meu lado esquerdo, Kai está aninhado junto a mim.

*Não podemos ir buscá-los agora.*

Ele não me responde. Limita-se a seguir o meu olhar. Os nossos corpos tremem em sintonia e faço um esforço hercúleo para lhe enviar toda a minha força e determinação pelo nosso laço. Se serve para nos escutarmos e sentirmos, também dará para enviar energia. Parece funcionar, pois, quando Kai me aperta a mão, aquilo que sinto é confiança. Confiança em mim, em nós.

*Sei que queres atacar agora, e talvez até tivéssemos sorte. Conseguimos dar conta daqueles guardas, mas temos de ser mesmo muito rápidos para conseguirmos libertar toda a gente antes de aqueles chegarem.* Aponto para o campo de treino. *Porque vão chegar e num ápice.*

Ele opta por falar.

— Temos de ir, não sabemos quando se lembrarão de dar o próximo exemplo. Pode ser qualquer um — sussurra.

— Estás destroçado. A minha vontade também é ir já, mas temos de ser inteligentes. És uma pessoa prática, Kai. Mesmo que consigamos chegar lá abaixo e abrir aquelas correntes que prendem as jaulas, quantos metros conseguiríamos andar sem sermos atacados? Precisamos de mais gente, sabes disso. — A minha voz é pesada e triste, mas por ele não me posso permitir sofrer, não agora.

— Para mim, todos têm o mesmo valor, mas eles sabem que têm ali pessoas que valem mais e fazem questão de nos mostrar isso mesmo.

— Então, queres resgatar apenas os Mestres do Consílio?

— É injusto. Mas eles são uma moeda de troca valiosa. Temos de começar a igualar o jogo.

Percebo o que ele diz, mas estamos em minoria e seria suicídio

irmos agora.

— Vamos fazer isto bem feito. Só temos uma oportunidade. Regressamos com um grupo bem formado. Temos mais probabilidade de sucesso.

Ele para, pensativo. Tudo o que lhe passa pela cabeça num turbilhão de emoções é-me manifestado em dobro. Talvez pela dor que ambos sentimos.

Seguro no rosto dele com as duas mãos.

— Olha para mim — digo. O olhar distante e perdido parece desaparecer quando se foca em mim. — Tu és forte. Mostra-me que és forte. *Kia Kaha, Shore.*

Não sei quanto tempo passa, mas pusemos os nossos colegas de vigia e estudámos, ao mais pequeno detalhe, o que se passa lá em baixo. É difícil enfrentar tudo isto, ver a cidade ser destruída, olhar para as pessoas sem vida e ver o sofrimento dos vivos, mas não teremos outra oportunidade tão boa de vigilância e levantamento de dados. Aprendi que esta preparação é fundamental antes de qualquer operação. Identificámos as rotas de acesso possíveis, os pontos de segurança existentes, localizámos as posições de vigia inimigas e obstáculos que possam dificultar a nossa missão.

Além disso, estudámos os pontos cegos do terreno, as trocas de turno dos guardas e as áreas onde eles são mais vulneráveis, para juntarmos essas fraquezas ao nosso plano de ação.

— Vamos buscar a nossa Unidade — diz Kai, quando, por fim, estamos prontos. Dá-me a mão, levanta-se e faz sinal para que os outros nos sigam.

*Temos contas a ajustar.*

«Nos momentos em que o silêncio  
pesa mais do que as palavras, o coração  
partilha o que a voz não consegue.»

*O Livro de Nós,*  
Alarico Silveira

# 24

## Kai

**E**stivemos bastante tempo naquele passadiço infernal, mas fizemos o caminho de volta com rapidez e fomos diretos ao Refúgio.

Finalmente, saímos das sombras. A claridade dos cristais banha a área com uma luz cálida e o ar é fresco.

Parámos a observar. Parece que já cá estão quase todos os que estavam no Penhasco Embrenhado. Olho com mais atenção para os que aqui se encontram. Mako, o chefe da Fraternidade dos Pescadores, está de pé, com uma expressão dura no rosto, cercado por um grupo de pessoas, a fazer um discurso. Quando me vê, para de falar e todas as cabeças rodam.

Sei o que estão a pensar, a confiança em nós foi abalada, mas não posso deixar que extrapole.

A nossa Unidade está reunida num canto ao longe e, quando nos veem, acercam-se de nós.

— Tenho de admitir, amigo, é difícil cá chegar, mas é lindo à brava — diz Boris, ao aproximar-se. — Porque não partilhaste?

— Porque ias trazer cá *todas* as tuas conquistas — refila Petra, dando-lhe uma cotovelada suave.

Ele põe o braço ao redor dos seus ombros, e, quando percebem que não respondo, os seus semblantes mudam.

— Kai, o que... — Petra e Wull falam em simultâneo, mas param assim que veem a minha expressão. Os três põem-se em sentido, ao nosso lado.

Ara encosta-se a mim. Sentir a sua presença traz-me conforto, apesar de não minimizar a dor que sinto, nem a vontade ácida de matar os traidores.

Toca-me ao de leve na mão e eu seguro-a entre os meus dedos. Ela aperta-a. Estamos algum tempo assim, em silêncio.

*Vamos ter a nossa vingança. Sem dó e sem remorso*, diz-me. Estas palavras tocam-me profundamente porque sei que ela não descansará

até a ordem ser restabelecida e Aquorea estar a salvo.

Os olhos percorrem o aglomerado de gente. A minha irmã fala com a nossa avó e um grupo de pessoas. O meu coração estrangula no peito. Como lhes posso dar esta notícia? Como se diz a uma mãe que perdeu o filho e a uma filha que perdeu o pai?

Avançamos, com Petra, Boris e Wull atrás de nós. Isla começa a falar assim que nos aproximamos. A voz arrastada, como que pressentindo que algo não está bem.

— Kai, estávamos preocupadas.

— Pequena — interrompo-a e abano a cabeça.

Basta um simples olhar para perceberem. A nossa avó circunda os ombros da minha irmã com um braço e puxa-a para si.

— Onde estão os pais? — dispara a pergunta.

Olho para a minha Unidade, os meus amigos mais queridos, meus irmãos. O olhar deles é de apreensão e pavor. Acho que nunca vi estas emoções estampadas nos seus rostos.

— Avó, Isla, lamento... — O meu pai ensinou-me a ser uma arma, um guerreiro, mas, acima de tudo, sempre me ensinou a sentir. A pensar não só com a cabeça, que, por vezes, nos leva por caminhos negros e sem retorno, mas também com o coração. Eu não tenho lágrimas para dar, tenho honestidade. E elas percebem a gravidade da situação.

— O meu filho, o meu Ghaelle? — A pergunta da minha avó soa a afirmação. Ela sabe, sempre teve forma de intuir determinadas coisas sem que eu perceba como o faz.

Assinto com a cabeça.

Há um suspiro coletivo de horror quando a notícia os atinge. Os olhos de Petra enchem-se de lágrimas e cambaleia. A boca de Boris fica aberta e Wull apenas olha para nós, incrédulo.

— Eu sabia! Onde está ele, Kai? Onde está o papá?

Abraço-as com força e com todo o meu amor. Isla soluça de forma audível e eu deixo-a libertar a dor.

A minha avó desfaz a ligação entre nós. Beija o topo da cabeça da minha irmã.

— Vai ficar tudo bem, minha filha. É altura de crescer. — Depois, vira-se e segura o meu rosto com as mãos.

— É a tua vez. — Estende um braço na direção de Ara, que lhe dá a mão e se aproxima de nós. — Agora, é convosco. Está na hora de mostrar do que são feitos, para o que nasceram e que estão juntos.

Olho para Ara. Mediante o que aprendemos estes últimos dias sobre o que conseguimos fazer e o que o Consílio ainda não nos contou, sei que somos capazes de coisas extraordinárias. Mas precisamos de toda a informação que nos possam dar, sem que nos escondam nenhum detalhe.

— Precisamos que nos contem tudo, Hensel, sem meias-verdades — diz Ara, tirando-me as palavras do pensamento.

Isla está a olhar para nós, mas alheia a toda esta conversa.

— Kai? A mãe, onde está? — pergunta, por fim, com os olhos repletos de lágrimas.

Suspiro.

— Não sabemos, mas vamos encontrá-la, Isla — responde Ara.

— Ela está viva. Ela está viva. — A minha irmã repete estas palavras qual mantra.

A minha avó afasta-se alguns passos, baixa-se e pega num punhado grande de areia. Isla, como que movida por uma força superior, junta-se a ela e faz o mesmo movimento. Em sintonia, abrem um pouco as mãos, sopram devagar e os grãos de areia rodopiam no ar, formando dois redemoinhos pequenos, mas compactos.

— Que a leveza retorne às nossas vidas como a suavidade deste ar, e a dureza de milhões de pedras abafem as vidas dos nossos inimigos. — A minha avó recita e Isla imita, como se soubesse estas palavras desde sempre.

Boquiaberto, limito-me a ouvir. Sei que a minha avó tem os seus segredos. Nunca abriu completamente o livro, mas já me revelou muito de quem é e do que é capaz. Mas, neste momento, tudo o que precisamos dela, ou melhor, do Consílio, é, como disse a Ara, a verdade. Contudo, não temos cá ninguém do Consílio, que é composto pelo Regente Llyr, o seu braço-direito que é a minha mãe, e os Mestres de Consílio, Alita e Fredek, que estão presos a um poste na Praça Central.

Ara, também atordoada, abraça a minha irmã e afastam-se, a conversar baixinho.

O resto das pessoas à nossa volta também recuam, dando-me privacidade, a mim e à minha avó.

— É tão mau quanto eu sei que foi?

— Sim, avó. — Não quero de forma nenhuma contar-lhe o que vi. Ela não merece que esta seja a última memória que tem do filho.

— Já assisti a muita crueldade nesta vida. Não me vou abaixo. Mas preciso de saber o que fizeram ao meu menino.

Relutantemente, conto-lhe o que vi.

No fim, uma única lágrima rebola pela sua face.

— O Arcas? — pergunto, porque sei que sentirá a perda do meu pai como se se tratasse do seu próprio filho.

— Está com o Colt e o Anadir. Foram só confirmar que não ficou ninguém para trás e que trouxemos tudo o que nos faz falta. Fazem uma boa equipa. Ele é bom rapaz, o Colt. E ela vai precisar muito da vossa ajuda — diz, e foca um ponto atrás de mim. Viro-me e vejo a minha irmã e Ara sentadas a chorar, mas os meus olhos logo fogem

para Petra, sentada debaixo da *kerry*sis, sozinha.

— Até já, avó. — Beijo-lhe a face e afasto-me.

— Meu neto. — Paro, mas não me volto de frente para ela. — Não deixes que a dor te consuma. O teu pai educou-te com princípios. Mesmo na morte, deverá haver honra.

Cerro os olhos e os punhos. Quem fez aquilo ao meu pai não tem honra nem coração, porque terei eu? Acelero o passo e vou ter com Petra.

*Amor*, peço a Ara que venha ter connosco e, pelo canto do olho, vejo-a levantar-se e caminhar na nossa direção. Preciso dela ao meu lado.

Preciso dela.

«O sussurro de vozes descontentes  
fia a trama da discórdia, desafiando  
a harmonia estabelecida com sombras  
de desunião.»

Inspirado em ensinamentos  
de *Reflexões sobre Equilíbrio*.



## 25

### Ara

**E**u, Boris e Wull sentamo-nos com Petra e Kai junto à *kerrysis*.

Petra encara a areia coral de olhos mortiços, tem a mão cheia de fruta, mas não a come.

— O que aconteceu? — Wull é o primeiro a quebrar o silêncio, a voz quase um murmúrio.

Kai não responde. Vejo tanto sofrimento contido. Algo que me entristece ainda mais e assusta.

Ao longe, reparo que Colt chega com o meu avô e Arcas. Olha para mim, diz-lhes qualquer coisa e vem ter connosco, sentando-se ao pé de nós, sem hesitar.

— O que viram? — insiste Petra.

Sei que Kai não tem força para repetir tudo novamente. Ainda está a processar a imagem do corpo do pai inerte e encharcado em sangue.

Sou forçada a parar uns instantes, para ganhar coragem. Kai segura-me na mão e eu descrevo o que vimos.

O que se segue é duro de se ver. Lágrimas, gritos e agonia.

Conheço Ghaelle há uns meses e a sua perda deixa uma marca profunda em mim, mas eles conhecem-no desde sempre. Aprenderam com ele e lutaram a seu lado, viam nele uma figura paterna.

— Vamos fazê-los pagar por isto e não vamos descansar até que todos regressem às suas casas e às suas vidas, meu irmão — promete Boris, puxando Kai com força para um abraço tão sentido que me destrói um pouco mais.

\*

Quando o Refúgio recebe a notícia da morte de Ghaelle, o luto rapidamente se transforma em determinação. No entanto, há quem veja nesta tragédia uma oportunidade.

Kai já me tinha falado de Mako e, quando vejo o que ele está a

fazer, percebo que estamos perante um problema sério. Dou um toque a Kai e vamos ter com ele.

— Mako, o que se passa aqui? — pergunta Kai, num tom cortante.

— O que se passa é que vocês não conseguiram defender a população, então, eu tomei as rédeas — responde Mako, com uma calma provocadora. — Estas pessoas escolheram-me para liderá-las, já que o Consílio e os Protetores falharam em protegê-las.

— E és tu que vais repor a ordem? — pergunta-lhe Kai, lançando um olhar penetrante a cada um dos seus seguidores.

Conto-os.

— Com estas nove almas? — indago, com uma ponta de sarcasmo.

Ele olha-me com desdém.

— Desaparece daqui! Tudo piorou com a tua chegada. — A voz dele é um misto de arrogância e desprezo.

Mesmo estando lado a lado, consigo ver o maxilar de Kai a latejar, mas não se mexe um centímetro. Nem mesmo quando dou um passo à frente para encarar Mako nos olhos. É um homem imponente, robusto como o tronco centenário de uma árvore, mas não me intimida.

— Impressionante, Mako, conseguiste juntar uma multidão. Com um exército destes, quem precisa de Protetores? Mas diz-me, o treino deles inclui mais do que agitar tochas e proferir discursos vazios?

Ele lança-se para a frente, mas eu sou mais ágil. Rápida, esquivo-me da sua investida, viro-me e assento-lhe um murro no abdómen. Acho que distendi um músculo com esta manobra, e estremeço de dor, mas não o demonstro. Porra, estou mesmo enferrujada.

Mako cambaleia, mas não cai e, quando se reergue, o rosto é pura perplexidade.

Quando percebo que não vai reagir, viro-lhe as costas, com os braços atrás das mesmas e encaro Kai, que me observa com uma expressão que não consigo interpretar. Posiciono-me de novo ao seu lado.

— Estamos todos a sofrer, Mako — digo, calma. — Mas seres um imbecil, e ainda por cima um imbecil despreparado, não nos leva a lado nenhum.

— Sua, sua... — Mako comprime os lábios numa linha fina e a raiva que me lança é palpável, mas ignoro. Não é hora para insultos, mas de resolver e controlar a situação. Passo os dedos ao de leve pela minha pistola de arpões, lembrando-o de que só usei os punhos. Kai intercede.

— Mako, sabes que sempre demos o nosso melhor, mas não conseguimos controlar tudo. Se queres candidatar-te à Regência, faz isso da forma correta e no momento certo, não pela força. Agora precisamos de trabalhar em conjunto. Até porque o Consílio ainda está em vigor, até ordem em contrário.

Mako ri com desdém e mais pessoas começam a juntar-se à nossa volta.

— Colaborar? Vês aqui algum membro do Consílio, por acaso? A quantidade de mortes por negligência desta Regência. O teu próprio pai morreu, Kai! Nem pensar que vou deixar a minha vida nas vossas mãos outra vez — afirma, com um sorriso irónico.

A descrença no sistema é evidente, mas não podemos ceder. Pressinto que a situação pode descontrolar-se a qualquer momento, por isso, faço um sinal discreto a Petra e aos outros, que se posicionam ao nosso lado, prontos para agir.

Kai aproxima-se dele, todo o seu corpo denota tensão. Surpreendentemente, mantém a voz controlada.

— Lamento, Mako, mas não te posso deixar fazer isso — diz num tom firme.

Os seguidores de Mako murmuram entre si, alguns dispersam, mas ele permanece inabalável, ladeado por quatro homens.

— Eu sou o líder que eles precisam. E se vocês tentarem impedir-me, haverá consequências. — Ergue os punhos e prepara-se para o confronto.

— Não queríamos ter de fazer isto, mas não nos deixas alternativa, Mako. Ou acabas com esta encenação ou teremos de te prender — intervém Wull, com uma calma que contrasta com a tensão do momento.

Kai bem diz que ele é o prato que equilibra a balança.

Mako, incitado por estas palavras, avança furioso em direção a Kai, punhos cerrados e prontos para a luta. Kai, apesar de preparado para o impacto, é surpreendido quando Boris se interpõe, recebendo o golpe em seu lugar. O impacto é forte o suficiente para fazer com que Boris caia no chão, a barafustar.

A população da gruta assiste à cena com choque e horror, como se não bastasse o que está a acontecer lá fora.

Os restantes insurgentes reagem, avançando contra nós. Somos cinco contra cinco, mas a nossa preparação é superior, permitindo-nos controlar a situação rapidamente.

Quando finalmente Kai e Wull o imobilizam, Mako parece um animal enjaulado, a espernear, a gritar e a insultar, mas algum tempo depois a força começa a desvanecer.

— Acabou, Mako — diz Wull. — Não vais pôr a população em perigo.

— Levem-nos para a câmara mais isolada da gruta. Peçam orientação à Hensel. Já vou ter convosco — ordena Kai, enquanto encara a avó. Depois, vira-se para Mako. — Entretanto, Mako, pensa de que lado queres estar e de que forma queres terminar nesta guerra. Canaliza essa força para algo bom, de que o teu amigo Ghaelle se

orgulhasse. E vocês também — diz para os seguidores de Mako.

O chefe dos Pescadores olha-o e denoto tristeza, e talvez arrependimento, mas, ainda assim, resiste, quando o arrastam dali para fora.

Kai vira-se para mim.

— Precisamos de fortalecer a segurança aqui no Refúgio. Não podemos correr o risco de haver mais distúrbios, senão estamos lixados.

Depois, inclina-se sobre o meu espaço e diz: *E mais tarde, tu e eu vamos ter uma conversa.* Não consigo evitar uma ponta de um pensamento matreiro, quando lhe pouso a mão no braço e roço os meus lábios fugidios nos dele, antes de o ver afastar-se atrás da avó e do grupo que leva Mako e os seus apoiantes.

Assim que Hensel e Kai retornam, reunimo-nos numa zona mais afastada, onde o murmúrio dos refugiados não nos alcança. O semblante sério de cada um reflete a gravidade da situação.

— Ficou clara a necessidade de aumentarmos as medidas de proteção aqui na gruta — começa Kai. — Sugestões?

Petra, sempre pronta e determinada, toma a palavra.

— Vamos estabelecer postos de vigilância em pontos estratégicos. Isso dar-nos-á um controlo de qualquer atividade suspeita.

— E se treinássemos alguns dos refugiados para ajudar na vigilância? Há muitos dispostos a contribuir, o que aumentaria significativamente a nossa força — diz Wull, com o seu habitual espírito prático.

— Concorde, mas acho que devemos ser muito cuidadosos na escolha dos voluntários, porque já vimos que não dá para confiar em toda a gente — alerta Boris.

— As pessoas precisam de alguma estabilidade no meio deste caos — digo. — De se sentirem seguras, claro, mas também de rotinas. Não sabemos quanto tempo vamos estar aqui, devíamos pensar numa solução a longo prazo. — Olho diretamente para Hensel e Arcas, visto que, das pessoas aqui presentes, são as mais próximas do Consílio.

— Sim, é uma excelente ideia, Ara — admite Hensel. — Talvez traga uma sensação de ordem e equilíbrio. Eu e o Arcas podemos ajudar a coordenar isso.

«Nos momentos em que o caos se instala,  
emergem aqueles cuja visão guia a mão  
que projeta o novo amanhã, unindo pedras  
e sonhos em fundamentos sólidos.»

Extraído de *Estórias de Mudança*

## 26

### KAI

**L**iderados por alguns Anciãos experientes e uma Isla determinada, as pessoas tomam iniciativa e estruturam, da melhor forma, aquela que será a nossa casa nos próximos tempos. Apesar de desanimados, os habitantes estão decididos e não baixam os braços, começando de imediato a trabalhar. Dividiram o Refúgio em áreas distintas. Por zonas de dormida, refeições, treino, reuniões e lazer. Não se pode dizer que os habitantes de Aquorea não são criativos e engenhosos.

— Vamos ter de fazer uma boa gestão dos recursos, talvez racionar comida, para já. Termos água corrente e doce é mesmo uma bênção. Podemos usá-la para cozinhar, beber e até tomar banho — diz Isla, a contemplar séria e demoradamente as cascatas ao longe.

Está a afogar-se em trabalho para não mergulhar na tristeza.

— Sabes que estamos aqui, quando quiseses falar. — Ara verbaliza a nossa preocupação.

Ela assente e vira-nos costas, já a dar uma nova ordem a alguém. A luz dentro dela desapareceu e só espero voltar a ver alegria no rosto da minha irmã.

Ao fundo, fizeram uma cozinha e copa, onde serão preparadas e servidas todas as refeições. Ao lado, o armazém, onde ficarão os alimentos que conseguirmos encontrar, ferramentas e outros bens essenciais. Para manter estas guarnições seguras, a área será vigiada a tempo inteiro. Apenas o gerente das provisões e os guardas destacados para o serviço têm permissão para entrar nesta zona.

Noutra secção, improvisaram um sector médico, um santuário de cura, onde os Curadores presentes poderão tratar os doentes e feridos, conforme forem chegando.

Na zona mais quente e menos húmida, montaram uma área de dormir com mantas e almofadas. É ampla e todos terão um espaço só seu.

Conseguiram ainda criar um cantinho de convívio, onde as

crianças já estão a brincar.

Na parte mais distante, tiveram o cuidado de planejar um local para reuniões e estratégia, que servirá também como o nosso campo de treino.

E, na penumbra resoluta do Refúgio, os ferreiros habilidosos, mestres na arte ancestral da forja, trabalham incansavelmente e transformam o metal encontrado em armas de precisão mortal — facas e adagas, punhais, espadas e sabres, bestas e lâminas curvas, armas de arremesso e flechas e arpões, bem como escudos e armaduras.

Gensay, juntamente com outros Cultivadores, usam uma área de terreno mais propícia para plantarem legumes de crescimento rápido e fazem uma estufa hidropônica, para não termos de sair tantas vezes para colher. Ele trabalha de forma decidida e rapidamente. Os braços grossos, habituados a lavrar a terra.

Formámos algumas equipas de quatro Protetores para se revessarem nos túneis que, entretanto, descobrimos e fomos explorando, de forma a não deixarem sair nem entrar ninguém que não deva. Falta apenas organizar os grupos que irão procurar alimento. A única solução é caçar na floresta ou irmos buscar os animais diretamente aos campos, mas é mais arriscado. Precisamos de ter cuidado e fazer estas incursões aos pares, para segurança de todos.

Colt chega perto de nós e pede o seu arpão de volta.

— Tens a certeza? — pergunta Ara.

Ele confirma.

— Vai ser difícil... — digo.

— E o que não o é?

— Vais ter de matar, Colt. Não te posso pedir isso, é algo que fica entranhado em nós. Para sempre — contrapõe Ara.

— Talvez tenha de matar, talvez não. — Uma sombra negra trespassa-lhe no rosto, um sentimento que não consigo identificar.

— Ele também vem? — Petra e Boris juntam-se a nós.

Deixo que seja ele a responder.

— Sim. Acho que posso ser útil.

Petra olha para Ara, com aquele ar de quem diz «eu disse-te».

— Não tens preparação. — Petra parece preocupada de verdade. — Isto não é como atravessar fora da passadeira. Há consequências sérias e reais, como a morte.

Não deixo de notar que Ara franze o nariz à analogia da Superfície que Petra usa, como se alguma vez lá tivesse estado, e eu deito-lhe um olhar dizimador e de ultimato.

— Não sei lutar, é verdade. Não da forma que vocês lutam, pelo menos. Mas ofereço as minhas competências. Sei manobrar barcos, nado bem e faço nós como nenhum de vocês. Pode dar jeito para atar

os inimigos.

Entreolhamo-nos. Não deixa de ter razão.

— Porque vieste, Colt? — A pergunta de Boris é genuína. — Sabias que te ias meter no meio de uma guerra, certo?

— Amizade. Com certeza, vocês conseguem perceber isso. E porque é o correto a fazer. Porque sei que sou mais preciso aqui do que lá.

Olho-o com admiração, todo ele é tenacidade e resolução. Quer proteger pessoas que não conhece, lutar por um povo que não é o seu.

— És leal e feroz, tenho de admitir. Ou, então, muito burro. — Petra no seu melhor.

— E podes sempre aprender a lutar. Nós ensinamos-te — diz Boris, passando-lhe uma das suas estrelas de arremesso para a mão, envolvendo-o com um braço, enquanto o conduz para o campo de treino.

\*

Felizmente, muitas pessoas estavam escondidas nos *bunkers* espalhados por toda a cidade. Ainda não conseguimos ir a todos os esconderijos, mas havemos de o fazer a seu tempo, enquanto os Mercenários estão cegos com tanta riqueza.

Com as pessoas que Petra, Boris e Wull resgataram, já somos um grupo mais numeroso de Protetores, e ainda há cidadãos que se querem juntar a nós e lutar por Aquorea. Embora, para já, não sejamos suficientes para enfrentar a hoste invasora.

Estamos sentados na Sala de Guerra improvisada, num *briefing* operacional, a discutir e elaborar as melhores estratégias, na qual também os informamos de tudo o que foi analisado no Reconhecimento, feito por mim e por Ara.

— A base de operações é no Centro. Tomaram o Colégio Central e têm celas improvisadas na Praça. Mantêm também o Fredek e a Alita como reféns. Os Mercenários estão mais concentrados nas Grutas de Energia, e muitos dos nossos estão a trabalhar sob o estalar de chicotadas — diz Ara, e sei que bñlis lhe sobe à garganta, por saber que não irão sobreviver muito tempo.

Os rostos deles empalidecem e petrificam.

— Quantos estão lá? — pergunta Boris.

— Muitos. Um deles é o Suna... — digo, com um olhar apologetico e sentido na direção de Wull.

Boris aperta o ombro de Wull e diz-lhe alguma coisa ao ouvido.

— E o Adro e a equipa deles? — questiona Ptol, o rapaz novo que discutia no treino de Boris no dia em que fui para a Superfície ter com Ara. Não estava enganado, dará um excelente Protetor. É atento e preocupado, e, após aquela reprimenda, parece ter trabalhado mais



afincadamente do que todos os outros, as transformações nele são visíveis.

— Vimos alguns deles... Caídos na Praça.

O meu peito não aguenta mais esta pressão, mas sei que a armadura dos Protetores é feita de resistência, resiliência e amor. Não sei quanto tempo nos levará, mas sei que no fim os resultados serão implacáveis.

— Eles têm as coisas bem estruturadas. A recolha dos cristais usando a nossa mão de obra. Os corpos mutilados e abandonados são um lembrete de que ninguém está a salvo. Os Mestres do Consílio em exibição, como chamariz. Estão a provocar e a ameaçar — reflete Arcas, que, entretanto, se juntou a nós. É o único não Protetor nesta reunião, mas, pelo respeito que lhe tenho e pelo conhecimento que ele tem, permito que fique. — E não mostraram a tua mãe...

— Pode estar escondida em algum dos esconderijos a que ainda não conseguimos chegar — contrapõe Petra, a esperança contida na sua voz.

— A entrada do Colégio Central está bem guardada, portanto, é lá que estão os mandachuvas. Temos de conseguir entrar e travar quaisquer esforços que estejam a fazer para aceder ao géiser. Não podemos permitir que saiam.

*E temos de encontrar o Morfeu.* Ara encara-me com um olhar compreensivo.

— A prioridade agora é resgatar o maior número de pessoas possível. Vamos ao plano de batalha — digo, ao levantar-me. Começo a falar efusivamente.

Descrevo e esboço o reconhecimento que eu e Ara fizemos enquanto estivemos nos passadiços. Relato as rotas de acesso, os pontos de segurança, as posições de vigia e os obstáculos. Explico também a localização exata onde os reféns estão presos. A comunicação entre eles parece ser eficiente e verificamos que o seu arsenal é diversificado e letal. Usam cargas de explosivos para desencarcerar os cristais e não pomos de parte que podem ter outro tipo de explosivos, como granadas, ou outras de efeito mais estratégico, como as de gás ou atordoamento. No fundo da minha memória, ouço as palavras do meu pai: «O que interessa é o comando e controlo, não os números.» Quero acreditar que é possível, mas tenho sérias dúvidas.

— Vamos pelos passadiços, já percebemos que não há grande vigilância nessa parte. Pouparamos-nos de fogo direto e ganhamos vantagem sobre os inimigos que estão em baixo. Vamos tentar aproximar-nos o mais silenciosamente possível do local de cativeiro.

— Para sermos bem-sucedidos, vamos atacar por partes e proteger as pontes para atrasar os que possam vir do outro lado do rio —

completa Ara à minha direita.

Termino a explicar que a equipa Um desce, posiciona-se alguns metros atrás do local do cativo, e vamos tentar usar a cobertura natural, como árvores, arbustos e casas, para nos ocultar. Uma vez na Praça, a equipa deve neutralizar os guardas de imediato e, sem fazer barulho, usar técnicas de combate corpo a corpo ou armas silenciosas.

«Laços que se fortalecem sob o peso  
das descobertas partilhadas tecem entre  
corações uma trama de confiança inabalável.»

*Entre Mentiras e Verdades,*  
Mirodz, o Contador de Histórias Arcanas

## 27

### ARA

**T**erminámos agora a reunião tática onde planeámos as estratégias a levar a cabo nesta missão. Escutámos com toda a atenção tudo o que foi discutido, as nossas vidas dependem disso. E porque quando Kai fala, as pessoas ouvem.

Não temos tempo a perder, mas sabemos também que é prudente descansar e esperar pela melhor oportunidade, que é a troca de turno dos Guardas. As cozinheiras de serviço chamam-nos e oferecem-nos alguma comida. Comemos em silêncio, apenas os nossos pensamentos e o som da água da cascata como companhia. Estou lado a lado com Petra, as nossas pernas juntas, e nenhuma de nós comeu mais de duas colheres de caldo. Olhamos uma para a outra.

— Esperava uma coisa diferente — sussurra. — Já que pode bem ser a nossa última refeição.

Olho para a tigela e mexo a mistela.

— Há refeição mais nutritiva do que sopa de ervas daninhas? — observo. Sabemos que não é o momento mas, mesmo entre toda a tristeza, a nossa amizade traz sempre um feixe de alegria.

— Está mesmo bom, não está? — diz Boris, a engolir a iguaria, como se a sua vida dependesse disso.

E o impossível acontece. Eu e Petra desatamos às gargalhadas.

\*

Estou a preparar-me para descansar um pouco, quando Petra vem ter comigo, de sobrolho franzido. Indica-me Colt, do outro lado do Refúgio, que, com habilidade de Pescador nato, ajusta meticulosamente uma cana de pesca.

— Acho que vocês deviam conversar.

Olho-a intrigada e isso fá-la continuar.

— Diz que não vai matar. Que ajuda em tudo, mas esse é um limite

que não transpõe. Como sabes, estamos numa situação de vida ou morte.

Penso no dia que chegámos a Aquorea, quando dei o arpão a Colt, e na reação dele enquanto lhe explicava como o usar. Insisti que partilhasse comigo o que se estava a passar, mas não o fez. Mais tarde, voltou a pedir-me a arma e o seu discurso foi estranho.

Não sei o que lhe passa pela cabeça para querer estar no campo de batalha connosco, mas preciso de saber.

Caminhamos em direção a ele. As minhas pernas tremem a cada passo dado. O que será que se passa?

— Colt — chamo. Ele vira-se para nós e percebe a minha expressão.

— Que foi? — diz, um tudo-nada ríspido de mais, com o olhar preso no de Petra.

Como é um assunto importante e que não pode ser adiado, vou direta ao assunto.

— Ouvi dizer que precisamos de falar.

Colt encara Petra e semicerra os olhos, brilhantes de raiva, como aviso de que ela passou das marcas.

— Tinhas de te intrometer, não tinhas? — diz ele. Acho que nunca ninguém enfrentou assim Petra sem antes a conhecer bem. Claro que Colt não ser daqui e ser meu amigo joga a favor dele.

— É para teu bem — diz Petra, com um olhar desafiador ao cruzar os braços. — Contas tu ou conto eu?

Colt fica em silêncio por um momento, segura o meu braço e enrosca-o no dele.

— Mete-te na tua vida, Petra! — diz Colt, num tom sério.

Olho para trás, para Petra, e encolho os ombros.

— Deixa-te disso. Para ela estar preocupada, é porque é grave.

— É só para a irritar. Sei que estava mortinha para ouvir esta conversa. Não imaginas o que já tive de aturar desde que descobriu...

— Colt... — Olho para o meu amigo e sei que algo está errado. Soube disso na nossa primeira conversa de regresso à Superfície. — Queres ir embora? Se quiseres, podemos levar-te.

— Matei o Fabrici — cospe ele, de uma vez só, como se cada letra pesasse uma tonelada.

Uma tontura varre o meu cérebro e paro abruptamente.

— O jornalista?

— Ele estava a fazer chantagem com os teus pais. Tinha fotos que iriam expor a Benny. O Caspian e eu decidimos agir, mas não imaginávamos que as coisas se desenrolassem assim. Foi em legítima defesa, claro. O teu pai arcou com as culpas por mim — diz, quase num murmúrio no fim da frase.

A nota de desespero nestas palavras fazem-me ficar sem pinga de

sangue e começo com suores frios.

— A Benny sabe? — Nem chega a ser uma pergunta. Recordo a reação da minha irmã quando lhe falei do Fabrici, e quando me disse que eu não sabia nada. Tinha razão.

— Sim, contámos-lhe a verdade. O teu pai tinha provas suficientes para se livrar de uma pena e o jornalista também já tinha antecedentes. Mas protegeu-me. Ele protegeu-me, Ara.

Seguro a sua mão. A dimensão das minhas escolhas levou a acontecimentos terríveis.

— Tu estavas a proteger a nossa família. — Atiro-me para um abraço que o apanha desprevenido. — Desculpa, Colt.

— Fiz o que tinha de fazer. Ele apareceu armado, era ele ou nós. Mas...

— Não o queres fazer outra vez.

— Nunca mais. Eu quero ajudar. De verdade. Vim porque acho que posso mesmo fazer a diferença e porque senti uma grande ligação... — olha ao nosso redor como que a absorver cada detalhe, cada pessoa — ... a Aquorea. Mas matar, não.

Percebo agora o porquê dos terrores noturnos, dos gritos e do desespero. Compreendo melhor do que ele possa imaginar. No dia do resgate de Isla, há tantos meses, matei pela primeira vez e alguma coisa em mim quebrou para sempre. Foi em legítima defesa e, se não o tivesse feito, não estaria aqui, mas ainda ouço o grito de dor, o desespero da vida a fugir-lhe e o último sopro a arrancar-lhe a garganta.

— Porque não me contaste? Podia ter ajudado.

— Não me sentia preparado. Falar no assunto tornava-o real.

— E contaste à Petra? — deixo escapar.

— Esquece, é uma chata do caralho. — Cruza os braços e solta um riso curto pelo nariz. — Não descansou enquanto não me arrancou a verdade.

— *Okay*, vamos arranjar uma solução, mas não podes ir connosco para o terreno. Vai chegar a esse ponto, matar ou morrer.

— Ajudo de outras formas. Mesmo no terreno, posso...

— Nem pensar! Porque insistes em lutar, Colt? É perigoso e irresponsável.

— Quero ir — diz, determinado, pondo um ponto final neste assunto, ao franzir ferozmente o sobrolho para qualquer coisa que vê atrás de mim.

— Tudo bem? — pergunta Petra.

Viro-me para ela e assinto. Colt volta-nos as costas e caminha devagar em direção ao campo de treinos.

— Numa altura em que precisava, disseste-me que a coragem tem muitas formas. Posso não matar, mas isso não significa que não possa

ser outro tipo de arma. — Olha por cima do ombro, diretamente para Petra, e eu estranho as suas palavras. — Então, anda. És tu quem me vai transformar numa.

— Sabia que havia fogo dentro de ti — diz ela, já a correr para o apanhar.

— Com o que vamos treinar? — A voz dele é assertiva e grave.

— Já sabes que considero as facas versáteis — responde Petra no mesmo tom.

\*

As equipas estão prontas para partir.

Kai vem ter comigo e segura a minha mão com força, o olhar determinado e confiante.

— Do berço ao túmulo — diz, com a testa encostada à minha.

Sou invadida por uma onda de emoção, porque sei que juntos somos mais fortes. Foi assim desde o início.

Kai pousa as mãos na minha nuca e puxa-me para um beijo intenso e poderoso. Talvez um beijo de despedida, ou de confiança e promessa de que regressaremos juntos.

«Cada passo dado em falso é o prelúdio  
de uma melodia mais sábia, onde as notas  
da persistência compõem canções de triunfo.»

Thales, Poeta da Perseverança



## 28

### Kai

Chegámos e posicionamo-nos. Estamos espalhados mesmo acima do Colégio Central. Só temos uma oportunidade e não podemos falhar. Não tenho essa possibilidade. Ao meu comando, descemos em silêncio. As restantes equipas distribuem-se estrategicamente e cumprem o plano, colocando-se nos locais combinados. A equipa responsável por neutralizar os que estão no campo de treinos já está a chegar, sem que ninguém dê por eles. Apesar de ser improvável que nos vejam, uma vez que as Grutas de Energia de onde retiram os cristais ficam longe, os restantes estão posicionados nas pontes, de forma que, se o alarme soar, os inimigos que estão do lado de lá não consigam transpor as pontes tão facilmente.

A minha Unidade neutraliza os guardas que vigiam as celas, com arpões rápidos e silenciosos, mas a resistência inimiga chega em catadupa de dentro do Colégio Central. Os uniformes deles são um misto de camuflagem e armadura.

Petra luta como uma desalmada. Arpão atrás de arpão. Pontapé, murro. Pontapé, soco. Punhal.

Boris, com a sua mira afinada, atira arpões e *shurikens* seguidos, diretos ao coração dos inimigos.

Ara, a mais veloz de todos nós, consegue confundi-los e, quando dão por ela, já se encontra nas suas costas. Até que, num piscar de olhos, tudo muda. Sinto o choque de dor por todo o corpo, como se fosse eu a cair, e vejo Ara no solo. O grito que solta é ensurdecedor e corta-me o coração. A raiva e o medo espelhados nos seus olhos. Uma lâmina sobressai do seu abdómen, o líquido vermelho espesso escorre-lhe pelas roupas.

O medo aperta-me a garganta e o meu primeiro instinto é desenhencilhar-me deste tipo para ir ter com ela.

O olhar dela colide com o meu.

*Não te atrevas!*, ela grita a ordem pelo nosso elo, quando estou

prestes a dar o primeiro passo na sua direção. É tal a velocidade com que se levanta que me confunde. *Estou bem. Continua.*

Vejo-a retirar a faca da barriga depois de ter aniquilado a pessoa com quem lutava. O meu coração acalma um pouco, mas sei que não está bem. Está a perder muito sangue e tem dor. Temos de nos despachar.

Pelo canto do olho, vejo Wull em modo de combate total, o rosto transfigurado, e, com a ajuda de Colt, abrem as restantes celas.

É intenso e caótico. O cheiro a morte paira no ar devido ao odor metálico do sangue que pinta toda a praça. O som de aço a ser brandido reverbera, misturando-se com os gritos e gemidos dos soldados, bem como os gritos dos meus companheiros a berrarem ordens.

Uma dor lancinante trespassa-me quando algo me corta a perna. Ignoro e continuo. Suor escorre-me pelo rosto, mas o frio da adrenalina não me deixa parar.

Boris está cercado. Petra caída, mas a espernear para se libertar e poder ajudar o noivo. Eu estou longe e não consigo chegar até Boris. Ara pressiona o golpe para tentar estancar a hemorragia.

Colt, mais atrás, é o único que está livre, a perscrutar onde pode intervir. Tem o arpão nas mãos, mas ainda não o usou. Não perde tempo e, ao ver Boris cercado por inimigos, age de imediato. Desata a correr na direção deles a gritar, o mais alto que pode, palavras e impropérios, com o braço esticado e arpão em punho, mas sem disparar uma única vez. Isto distrai os inimigos e faz com que se concentrem nele, dando tempo suficiente para que Boris se consiga libertar e eu e Petra chegarmos para o ajudar.

Quando conseguimos controlar a situação, consigo chegar onde quero.

Solto as amarras a Alita e Fredek.

— O Llyr — diz Alita. — O Llyr e o Beau estão lá dentro — choraminga, enquanto deita um olhar rápido ao Colégio Central.

— Vamos recuperá-los — digo, para os tranquilizar. — Não se preocupem.

— Não, Kai. Eles entraram pelo próprio pé — acusa Fredek.

Um vislumbre de dúvida invade-me, enviando-me um arrepio incómodo pela espinha acima.

Mando-os ir ter com o resto do grupo de reféns, não me permitindo pensar agora no que isso significa, e reparo que as celas já estão todas abertas. As pessoas estão reunidas, seguem as instruções dadas pelo Protetores responsáveis para sair da Praça e dirigem-se ao ponto de evacuação seguro.

O meu objetivo agora é ir buscar o meu pai. Contudo, não dou mais de três passos. Outro grupo de Mercenários sai de dentro do

Colégio Central pronto a atacar com toda a força.

Morfeu está ao cimo da escada. O seu rosto nada revela, porém sinto que esconde algo que não consigo descortinar. Recua e fecha as portas do Colégio Central. *Porque é que não sai para lutar?* Porque não impede o grupo de reféns de fugir? Tenho de entrar lá dentro, preciso de saber se a minha mãe lá está.

Estamos desgastados, eles são demasiados, e não sei quanto tempo mais resistiremos. Com um olhar furtivo, noto que Ara está com dificuldade em andar.

— Boris! — grito, e indico-lhe Ara. Ele corre na direção dela e tenta carregá-la, mas ela resiste e não permite. Dá a sensação de que estamos a lutar incessantemente, e, além de termos conseguido libertar os reféns, parece que não estamos a conseguir progredir. Juntamo-nos os seis num círculo, e sinto o desespero e desânimo da minha Unidade. Ara cada vez mais fraca.

Cercados e sem esperança, olho em volta para tentar encontrar uma saída, mas sei que não há nenhuma. A minha preocupação recai no grupo de pessoas debilitadas que deveríamos levar em segurança para o Refúgio. Sou responsável por todos eles. E falhei.

Tento encontrar uma solução. A minha mente acalma de tal forma que vejo com clareza. As saídas estão bloqueadas e nós estamos cercados, mas...

— Não podemos desistir agora — grito.

— O que fazemos? — pergunta Wull.

— Continuamos até cairmos todos — brada Petra.

— Vivemos juntos ou morremos juntos. Saímos todos ou não sai nenhum. — Boris dá um beijo rápido a Petra.

— Juntos. Ninguém fica para trás — dizemos em coro.

Com as armas em riste, preparamo-nos para o pior, eis senão quando, de repente, algo estranho e grandioso acontece. Olhamos, incrédulos, para os cristais empilhados nos *autokarts*. Levitam e rodopiam na nossa direção, formando um escudo de espiral protetor à nossa volta. Os cristais, de diversos tamanhos e cores, brilham intensamente e não deixam que os adversários penetrem nesta barreira, atirando alguns para longe e soterrando outros.

Agora, vejo claramente. Estão divididos em dois grupos: os da Superfície e os Albas, quase como se não tivessem o mesmo objetivo. Os Mercenários estão determinados a retirar o maior número de cristais. Conforme os observamos a sair de dentro do Colégio Central, também devem estar a tentar obter de novo o acesso ao géiser. E apesar de alguns Albas andarem por aqui espalhados, parecem estar mais em missão de vigilância do que de ataque. Mesmo assim, não é um número significativo. Isso deixa-me ainda mais confuso. O que estará Morfeu a planear?

Perplexos, andamos devagar e confirmamos que este redemoinho que nos envolve se movimenta connosco. É inacreditável, mas estamos tão aflitos que aproveitamos esta inesperada ajuda para conseguirmos avançar.

Temos todos o mesmo pensamento: Ghaelle, o meu pai.

À medida que nos aproximamos dele, as minhas entranhas revolvem, mas não me permito sentir. Faço o que tem de ser feito. Trego o poste e retiro a cabeça. Depois, muno-me de toda a força e pego no que sobra do meu pai, em peso. Boris ajuda-me, as lágrimas a transbordarem-lhe dos olhos.

E aqui estão, também, alguns homens da equipa do meu pai, mortos com a mesma brutalidade.

Caminhamos juntos em direção ao grupo que já está escondido. Os cristais abrem-se e abrigam também as pessoas resgatadas. Olho para trás. Os inocentes, mortos, estão, como que por magia, protegidos pelos cristais e sobre eles erradia uma luz ofuscante. Alguém me passa um manto para envolver e cobrir o corpo mutilado do meu pai. A dor que me trespassa a alma não tem limite.

Não temos força suficiente para ir para o lado de lá do rio, onde está a maior parte das pessoas cativas e escravizadas, pelo que não podemos fazer mais nada a não ser retirar todos os sobreviventes que aqui estão e levá-los para segurança.

Apesar de ela não estar no meu campo de visão, a dor de Ara é cada vez mais intensa e febril. Assim que chegámos ao Refúgio, transfiro o peso do corpo inerte do meu pai a Boris, e apresso o meu passo para trás, em direção a ela.

Ao alcançá-la, as suas feições são um retrato vivo de agonia, os olhos semicerrados lutam contra a escuridão que ameaça engoli-la.

— Kai. — A voz não é mais do que um sopro carregado de desespero, uma súplica que me corta com a precisão de um bisturi. E, assim que lhe toco, o peso do seu corpo cede contra o meu e desmaia nos meus braços. Envolver-a e avanço com passos decididos.

Agonia, sangue, perda.

A dor dela devasta ainda mais os meus sentidos.

\*

As mãos da minha avó, de Arcas e Isla trabalham rápida e habilmente no corpo imóvel de Ara. Um corte cruel, aberto como uma boca faminta no seu abdómen. Perde muito sangue. Demasiado. O aperto que sinto no estômago ao ver um disco aquecido, esterilizado, pronto para marcar e selar a sua carne, fere-me mais do que qualquer espada.

— Ela vai ficar bem. — A voz de Petra não é mais do que um mero sussurro quando me abraça. Está pálida, diria que prestes a vomitar.

— Tem de ficar, tem de ficar — recita repetidas vezes, cabisbaixa.

Assim que o ferro em brasa toca na pele dela, é uma dor tão intensa que sou consumido por um medo avassalador.

— Ela vai recuperar? — pergunto pela terceira vez, de volta deles.

— Kai, sai daqui. Deixa-nos fazer o nosso trabalho. — A voz da minha irmã é uma ordem, no entanto, eu não recuo.

Cada suspiro que Ara dá, cada batida do seu coração reverbera no meu e é um presente para mim, pois cada batimento é uma vitória. Ara é forte, sempre foi, mas, ao vê-la assim, entre a vida e a morte, a sensação de impotência que me invade é inconcebível e incompreensível. Não posso viver sem ela. Não saberia como.

Arcas passa por mim, mas nem me olha, de tão concentrado que está. Tira um frasco largo e redondo de uma prateleira improvisada, abre-o e cheira o conteúdo. Calça umas luvas de couro castanho até aos cotovelos, põe uma máscara de proteção, e tira um pouco do creme pastoso, negro como a noite.

— Afastem-se — pede à minha avó e a Isla.

— O que é isso? — pergunto, aflito. Arcas ignora-me. — Arcas, o que é isso? — insisto. E por que raios ele tem de se proteger e pedir para todos se afastarem? A minha angústia cresce.

Arcas para um momento, os dedos a escaços centímetros do golpe de Ara.

— Preciso que confies em nós, meu filho. Este é o único unguento que poderá ajudar a Ara. Por muito que não queiramos usá-lo, porque só em situações extremas o fazemos, tem de ser, o corte é demasiado profundo. Vamos fazer tudo para salvá-la — diz a minha avó.

O meu coração cai aos meus pés. Um choro de desespero ecoa ao nosso lado. Petra está agarrada a Boris, que a consola, e Wull está sentado, com a cabeça entre as pernas. Estão desfeitos, mas nenhum arreda pé.

— Ela terá de lutar para viver — conclui Arcas antes de, num gesto decidido, avançar e aplicar aquilo que poderá ser o derradeiro desafio entre a vida e a sombra da morte.

— Agora a batalha é tua, Ara — sussurra a minha irmã, dando um beijo na testa da amiga.

*Wairua toa. Okioki i runga i te rangimarie.*[4](#)

Despedida Maiori

4 Alma guerreira. Descansa em paz.

## 29

### ARA

**A**cordo com um sobressalto. Tento sentar-me, mas uma dor intensa, como uma mordida violenta, recorda-me de que fui apunhalada. Fecho os olhos com força e, quando volto a abri-los, Kai está no meu campo de visão. Com o olhar raiado de sangue, o cabelo desgrenhado e um suspiro de alívio que me faz estremecer.

— Foi assim tão mau? — pergunto.

— Não. Foi pior. — Segura na minha mão, os ombros caídos. — Será muito pedir-te para não te deixares matar? — A voz dele tenta soar zombeteira, mas sai fraca.

Tento sentar-me de novo e ele ajuda-me.

— Não me apetece propriamente andar por aí a ser esfaqueada. Só que, por vezes, não consigo evitar.

— Não me voltes a fazer uma destas, Rosialt — diz, ajoelhado ao meu lado, uma mão de cada lado do meu rosto. Os olhos azuis profundos dizem-me aquilo que eu também sei, que não conseguiria viver sem ele.

\*

A calidez da areia fina é confortável e traz-me à memória tempos felizes, mas logo se esvai, quando o meu olhar recai sobre Hensel e outros Curadores, a preparar o corpo de Ghaelle para o último adeus. Não sei como o fizeram, mas constato, perplexa, que Ghaelle parece que apenas adormeceu, e não que foi assassinado e mutilado com tanta violência.

Estou marcada por um golpe bastante profundo. Hensel e Isla insistiram para que eu ficasse deitada a recuperar, mas faço o melhor que posso para disfarçar que está tudo bem. Sim, a dor é intensa, mas pálida comparada ao sofrimento que eles enfrentam.

O som baixo de búzios do mar anuncia que está na hora. Foi tudo



preparado ao pormenor. Eu e Kai caminhamos com o grupo de Protetores. As pessoas abrem caminho para nos dar passagem. Estão vestidas com roupas claras e muitas delas têm tatuagens e adornos na cara e no corpo. O ar, carregado de emoções. Muitos choram, derrubados pela dor, enquanto outros mantêm um semblante sério, de força, para apoiar os mais débeis. Eu absorvo cada um destes sentimentos. Fico preocupada por ver Mako entre a multidão, mas não teço nenhum comentário. O seu rosto é triste, desfeito.

Ghaelle está deitado sobre uma plataforma de madeira, coberto com um fino tecido e adornado com flores ao seu redor.

Hensel, Arcas e Isla estão de um lado. Eu e Kai posicionamo-nos do outro, e os Protetores dispõem-se em formação.

Kai dá um passo em frente e inclina-se, encostando a testa à do seu pai.

— *Wairua toa. Okioki i runga i te rangimarie* — diz baixinho, dando-lhe o derradeiro beijo. Endireita-se e volta para a minha beira. O corpo rígido contrasta com as feições que transbordam mágoa e pesar. Kai ainda não chorou, mas sei que o desgosto que lhe oprime o coração é imensurável.

— *Taua Ki uta, taua ki te wai.* 5 — Boris brada um grito de guerra e eu sobressalto-me com a intensidade da sua voz.

Eu e Kai permanecemos nos nossos sítios, mas os Protetores respeitam a tradição e dão início ao ritual de despedida do seu tão estimado líder e mentor. Formam algumas fileiras e fazem uma coreografia com movimentos rudes e vigorosos, acompanhada de um canto feroz em maori.

Esta cerimónia recorda-me a de Umi e o meu peito fica ainda mais sombrio, até dói ao respirar.

Cada pessoa pousa a mão direita no ombro da pessoa ao seu lado, enquanto o som de pancadas dóceis nos tambores ecoa pela gruta. Durante todo o processo, temos atenção ao ruído que emitimos, para não revelarmos a nossa localização. Como que movidos por algo maior, todos olhamos para o céu do Refúgio, que escurece. Somente o brilho intenso do que parecem estrelas dão luz ao momento fúnebre.

*Será que está a acontecer em toda a Aquorea?*

O momento está impregnado de muita emoção.

Quando os Protetores terminam, Arcas posiciona-se atrás de Ghaelle. A cascata de rastas do mesmo tom do seu traje. Branco puro. Baixa a cabeça e sussurra alguma coisa impercetível. Talvez uma despedida ao seu amigo.

Aclara a garganta e começa a falar.

— Não é neste papel que estão habituados a ver-me. Mas hoje, aqui, diante de vós, não está somente um velho anfitrião. Está um pai, um avô, um amigo. — Olha para Hensel, quando o diz. A voz é

límpida, mas transtornada. — Quero começar por agradecer a cada um de vocês. Pela vossa lealdade e amor. Hoje, homenageamos a memória de um dos nossos melhores. Acompanhei o crescimento do Ghaelle, desde menino até se transformar no homem bom que todos conhecíamos. Era intrépido e deu tudo de si, sacrificando-se até ao último fôlego para proteger o nosso precioso lar. A sua coragem e determinação para defender Aquorea foram, desde muito cedo, inabaláveis, e a sua falta será profundamente sentida. Mas desenganem-se... — Gira sobre si próprio muito devagar, e tenta olhar cada um de nós nos olhos. — A luta de Ghaelle não acabou, porque um pouco do seu espírito permanece em todos nós. Agora, é a nossa vez de continuarmos o seu legado. Podemos não estar no nosso melhor, mas, se juntarmos as nossas cabeças e a nossa força, sairemos vitoriosos. Por aqui se vê. — Faz um gesto amplo com o braço a mostrar o Refúgio. — Fizemos deste pequeno recanto a nossa casa. Não haverá um dia em que não nos lembremos dos nossos amigos caídos, da mesma forma, sei que recuperaremos os nossos irmãos ausentes. Eu acredito em ti. — Olha para Isla. — Em ti. — Encara Kai. — Em ti. — Escolhe uma pessoa aleatória. — Acredito que cada um de nós pode fazer a diferença. Eles podem vir e destruir as nossas casas, partir os nossos cristais, banhar-se no nosso rio, mas nunca farão parte de Aquorea. Cada contribuição é vital, porque formamos um todo. E isso fará a diferença entre ganhar e perder. Viver ou morrer.

\*

Quando Kai nos juntou e propôs um assalto rápido ao Colégio Central na tentativa de eliminar a base de operações do inimigo, concordámos de imediato.

Depois dos planos de ataque serem novamente revistos e avaliados e as estratégias de combate e códigos de ação memorizados, pedi à Petra que me ajudasse a vestir e a equipar, e ela ainda não parou de reclamar.

— Devias ficar de fora nesta — diz-me Petra, pela terceira vez.

— Ouvi das outras vezes.

Estou de costas para ela, com as duas mãos apoiadas na parede fria de pedra, enquanto ela me envolve, com delicadeza e precisão, o abdómen com ligaduras de linho. O suor escorre-me pelas costas enquanto luto para esconder o tremor de dor que me percorre.

— Isto é uma loucura, *Meia-Leca* — protesta. — Ainda estás muito fraca, perdeste muito sangue. Não podes ir para a batalha assim.

As palavras são um murmurar longínquo, abafadas pelo zumbido persistente nos meus ouvidos. Giro a cabeça para a encarar.

— Eu aguento — digo entredentes.

Ela amarra o curativo, o nó forte contra a minha pele.

— O corte pode abrir outra vez — diz, com dureza. — Podes... safaste-te por pouco.

Sei o que ela quer dizer, posso morrer.

Ajoelho-me para agarrar na minha pistola de arpões, os dedos tremem.

— Estamos todos em risco de morrer, Petra — respondo. Não estou a ser cruel, é apenas a verdade.

Lança-me um olhar fulminante.

— Ainda não estás pronta para isto.

Reconheço a preocupação no seu olhar, mas não há lugar para fraqueza agora.

— Tenho de estar. Todos temos de estar.

Ela suspira, mas não contesta, em vez disso, aperta-me um colete de couro reforçado em volta do abdómen. Cada ajuste do cinto parece pressionar mais a ferida.

— É um golpe arriscado — prossegue Petra, as suas mãos a moverem-se com uma eficiência metódica. — O Colégio Central está bem protegido.

— É por isso que precisamos de ir todos — respondo, com a mão fechada em torno da minha pistola. — Para apanhá-los desprevenidos. Não estão a contar com outra investida tão cedo.

Ela olha para mim, num misto de respeito e receio.

— E se a ferida abrir durante o combate?

— Terás de me salvar, como sempre.

— Se dependesse de mim, não ias. E deixa só o Shore saber.

Como que adivinhando, Kai aparece. Para a alguns metros de nós, mas não fala, observa apenas, os braços ao longo do corpo. O peso do mundo parece pressionar-lhe os ombros largos. Os olhos encontram os meus e vejo neles um brilho de alarme.

— Ara. — A voz é grave, um murmúrio rouco de preocupação.

Troco um olhar com Petra.

— Kai — digo.

Ele engole em seco, depois volta-se para Petra.

— Dás-nos um momento?

Petra desaparece no mesmo instante.

Kai aproxima-se, sem nunca desviar o olhar do meu. Toca no meu abdómen, o polegar a traçar uma linha suave sobre o local onde está o ferimento, por baixo das ligaduras e do colete. A dor está sempre presente e ainda estou a aprender a ignorá-la. Apenas preciso de não respirar para não a sentir.

Sentes?, pergunta, a nossa ligação telepática a criar um canal privado entre nós.

— É suportável — respondo.

Uma expressão de desespero passa pelo rosto dele.

— Não podes ir.

— Estou pronta, Shore — respondo, a firmeza na minha voz a combater a preocupação na dele.

Um sorriso triste dança nos seus lábios.

— Ainda não, meu amor. Não quando o risco é tão grande.

Sinto-me a vacilar, a determinação a ser abalada pelas suas palavras.

— Kai...

Ele pousa a mão no meu rosto com ternura.

— Quando te vi ferida, quando pensei que podia perder-te, foi como reviver a morte do meu pai de novo. Não quero passar por isso mais uma vez. Não posso.

As palavras dele são como sentir a facada novamente: dolorosas e verdadeiras. Olho-o, a minha mente a trabalhar em mil direções, mas, no fundo, uma única certeza emerge. Amo este homem. E não posso causar-lhe mais dor.

— Promete-me, Ara. Promete-me que desta vez me vais escutar e fazer o que eu te peço. — Um ténue sorriso surge, pois ele sabe que eu o desafio desde o primeiro momento em que o vi.

Não posso negar-lhe isso e arriscar perder tudo o que temos.

Enlaça-me num abraço apertado, o batimento do seu coração a pulsar contra o meu.

— Prometo — concordo, envolvendo os meus braços em torno dele. — Mas só se tu me prometeres outra coisa.

Ele fita-me, curioso.

— Diz.

— Que me levas contigo para a batalha de outra forma.

O sorriso que lhe vejo despontar é a coisa mais bela que podia ver no meio deste caos.

\*

Estou sentada na minha cama improvisada, a ferida a latejar e o coração nas mãos.

*Estás pronta?*, ecoa a voz de Kai na minha mente, cheia de tensão e adrenalina. Seguro na nossa pedra e percebo um formigueiro espalhar-se pelos meus dedos, como se a pedra despejasse vida para as minhas veias ou me quisesse comunicar algo.

*Estou*, respondo, e, através da nossa ligação telepática, projeto-me para o campo de batalha. Os olhos de Kai tornam-se nos meus, o ritmo nervoso da sua respiração acompanha o pulsar no meu peito. Ele observa o acampamento, cada detalhe gravado nas nossas mentes.

O Colégio Central eleva-se à sua frente, uma imponente fortaleza sombria contra o céu de Aquorea, agora enegrecido. As poucas sentinelas Albas que se avistam, com as suas armaduras prateadas,

brilham ao longe.

*Agora!*, ordena Kai. O mundo explode em movimento. Boris e Wull avançam, as suas enormes silhuetas de força bruta a confrontar os primeiros Mercenários. A brisa fria e cortante de Wull é diferente do calor tático de Boris. Jacca e Petra seguem-nos de perto, o seu combate uma dança mortal de luz e movimento. Os restantes Protetores movem-se como uma sombra na noite, o silêncio concentrado a abafar o zunido dos arpões e de metal, e o estrondo do combate corpo a corpo.

Sobem agora a escadaria longa e íngreme do Colégio Central, cada degrau conquistado representa uma vitória minúscula, mas significativa. Estamos quase a alcançar a entrada, quando a resistência dos invasores se intensifica.

O confronto é brutal. Respondem, reagrupam-se, cada golpe e disparo a reverberar pela *nostra* ligação. O medo e a determinação fundem-se numa sensação amarga que se aloja na minha garganta.

A pedra no meu pescoço brilha cada vez mais, e é como se eu pudesse sentir o coração de Kai a bater, mesmo que esteja longe.

Somos forçados a recuar. A raiva fervilhante de Kai, a sua decepção e triste aceitação tornam-se palpáveis no ar.

*Recuar!*, ordena Kai, e movem-se em unísono, batendo em retirada. Estamos em minoria e a força deles é maior.

Toco a mente de Kai, uma presença suave e reconfortante, mesmo distante, e, quando estão em segurança, desfaço a ligação, deixando as emoções de Kai desvanecer-se, ficando só com as minhas.

\*

Depois de regressarem, há uma sensação de urgência comum no Refúgio. Após a tentativa falhada de recuperar o Colégio Central, todos parecem querer fazer algo mais, aquele esforço extra. O revés trouxe um sentimento ainda maior de união. É palpável a vontade de se prepararem, de se fortificarem para o próximo confronto.

Nos rostos dos nossos guerreiros, vejo o reflexo do meu próprio espírito. O desejo não apenas de resistir, mas de retaliar, de reivindicar o que é nosso. A atmosfera está carregada de uma energia nervosa, um zumbido quase audível de preparação e planeamento.

Kai está à conversa com Isla e não os quero interromper, por isso vou para o campo de treinos. Sei que ainda não estou pronta para lutar, pois o ferimento é muito recente, mas preciso de baixar os meus níveis de adrenalina e gastar alguma energia.

Está uma azáfama.

Alguns praticam exercícios de arremesso com machados, *shurikens*, bumerangues, arco e flecha, e até pedras. Um grupo grande está na cascata e treina equilíbrio e agilidade. Usam a rocha para praticar

escalada em vários graus de dificuldade, com e sem cordas.

Outros nadam e correm para aumentar a resistência e mais alguns fazem *parkour*, usando os obstáculos naturais que têm à sua disposição.

Wull ajuda uma rapariga a melhorar as suas técnicas de defesa. Ensina-a a bloquear um golpe e a desarmar o inimigo. Repetem o exercício vezes sem conta.

Para minha grande admiração, Colt está numa luta corpo a corpo com Boris. Paro por momentos a apreciar. Colt sempre foi bonito, mas tornou-se num homem lindíssimo, o cabelo um pouco mais comprido fica-lhe mesmo bem e vejo como as mulheres olham para ele desde que cá chegámos. É bastante mais alto do que Boris e o corpo imponente mete respeito. Usa *T-shirt* e calções pretos e, claro, está descalço. Não foi casmurro como eu e já veio sem sapatos, mas vi que os meteu na mochila.

Sento-me ao lado de Petra.

O rosto dela é neutro, mas sei que está a gostar de ver o seu mais que tudo em ação. Colt está a levar uma coça das grandes. Não seria de esperar outra coisa. Boris é um lutador experiente. Vejo a câmara fotográfica com que Colt anda desde que cá chegou e tiro duas fotos aos lutadores à nossa frente.

— Anda lá, *Amigo da Ara* — grita Petra daqui.

— Não me digas que tens medo de um rapazote como eu? — observa Boris, incitado por Petra, com um sorriso sarcástico, sem parar de se movimentar depressa na areia.

Colt arfa, mas continua a andar em círculos no ringue improvisado, de punhos levantados.

— Claro que não, só não te quero magoar! — Colt esboça um sorriso malandro.

— Oh, anda lá, eu aguento com uns socos.

Não conseguimos evitar um risinho e eles continuam.

— O primeiro passo é encontrar o equilíbrio. Tens de sentir os teus pés bem seguros antes de qualquer outra coisa. E este terreno é ótimo para isso, se te conseguires aguentar aqui, estás preparado para tudo.

Ele demonstra-lhe como ficar de pé corretamente, com os pés afastados e os joelhos um pouco dobrados. Colt tem no rosto uma expressão de concentração máxima enquanto segue as instruções de Boris, mas volta a cair. Uma e outra vez.

— Não vai dar, Protetor — diz Petra, quebrando o silêncio entre nós.

— Porque dizes isso? Tem muito que aprender, é verdade...

Petra faz um gesto de indiferença, mas não responde e continua a avaliar, pensativa.

Passado um tempo, fala.

— Tenho de te contar uma coisa, mas tens de me prometer que não ficas furiosa comigo.

Encaro-a.

— Conta.

— Eu conheci o Colt antes de ele vir para Aquorea. De ele ter sido... trazido. — Encolhe os ombros.

*Eu sabia!* Os meus olhos não se desviam da cara dela. Agora, sim, aquelas palavras trocadas entre eles fazem sentido.

— Foste à Superfície, não foste? — A minha voz é seca.

— Apenas uma vez. Quando o Kai esteve aquele tempo todo ausente. Segui-o e estive lá apenas um dia, mas conheci o Colt.

— Porque me mentiste, Petra? — A tristeza é grande. Ela sabia onde Kai estava, sabia que estava com Colt e não me disse.

— Não encontrei o momento ideal. E, honestamente, queria-te cá. Tu estavas a ganhar vida aqui. E eu não fui capaz...

Não encontro palavras para lhe responder. Estou magoada. Não esperava isto de Petra. Nunca de Petra. No entanto, dentro de mim, forma-se uma sensação, uma... intuição? Sacudo a cabeça e recupero a compostura.

Ela nota uma mudança na minha expressão.

— Prometeste não ficar furiosa comigo.

— Não prometi porra nenhuma.

— Desculpa, *Meia-Leca*. Sabes que te adoro, mas às vezes sou egoísta. — Encolhe os ombros, como se se estivesse a desculpar por ter comido a última bolacha do pacote.

Tento compreender também o seu lado. E se fosse eu? No lugar dela faria o mesmo? Talvez não, no entanto, somos pessoas diferentes.

— Vamos mudar de conversa. Por agora. — Semicerro os olhos e ela sabe que deve deixar as coisas por aqui.

— Achas que ele veio porque continua apaixonado por ti?

A pergunta apanha-me de surpresa, mas sei a resposta.

— Não. Tenho a certeza que não. O Colt percebeu que somos e queremos coisas diferentes, que nos amamos, sim, mas um amor de irmãos. Ele é mesmo boa pessoa, Petra — digo, com receio de que Petra não sinta confiança nele, mas a resposta que ela me dá surpreende-me ainda mais.

— Eu sei, acredita que sei. Ele salvou o Boris.

Enrugo a testa.

— Não reparaste, porque tinhas acabado de ser ferida, mas, no ataque ao Colégio Central, o Boris estava desarmado e rodeado. Sem escapatória. Estávamos todos ocupados e ele fez uma coisa incrivelmente estúpida e fenomenal. Desatou a correr e a gritar disparates, de arpão em riste, sem disparar uma única vez.

— Podia ter morrido. — Os meus olhos esbugalham-se de horror.

— Mas não morreu — diz uma voz atrás de nós.

Kai está de pé, de mãos nos bolsos. Observa a cena de pancadaria entre Boris e... Bem, só Boris é que se está a divertir. Agora, estão parados frente a frente, ele explica-lhe como dar um gancho de esquerda e de direita.

Adentro-me bem no pensamento de Kai. *Com que então, a Petra foi ver o sol?*

*Foi. Desculpa, ela insistiu que queria ser ela a contar-te. Proibiu-me de te dizer.*

Não estou zangada. Com tantas coisas dolorosas a acontecer, seria mesquinho chatear-me por algo que aconteceu há tanto tempo.

— Tens de te soltar mais, amigo — diz Boris com uma palmada forte nas costas de Colt, enquanto se dirigem na nossa direção, dando por terminada a aula.

— Estavas a lutar como se estivesses a dançar com a tua avó, *Amigo da Ara* — diz Petra, mas logo para e encara Colt de forma um pouco assustada, com medo de ter cometido uma gafe. — Ainda tens avó?

— Tenho. E dança melhor do que tu! — A voz profunda ribomba como um trovão.

Como resposta, Petra apenas lhe mostra o dedo do meio.

Boris e Colt estão todos sujos e suados, mas riam às gargalhadas juntos e o meu peito descomprime um pouco por vê-los assim. Levantamo-nos.

Petra lança um olhar amistoso a Kai, e Boris assobia para chamar Wull. Ele dá as últimas indicações à aluna e junta-se a nós.

— Posso dizer uma coisa? — pergunta Gensay, aparecendo de repente ao meu lado, e até me assusto porque não dei por ele chegar.

Olhamo-lo.

— Não quero levantar falsos testemunhos, mas o Llyr e o Beau estão desaparecidos. E se são eles? Afinal de contas, foi o Llyr quem matou a Sofia. Será que foi para a impedir de falar? — O ar dele é taciturno. Abana a cabeça e logo se afasta, deixando-nos a digerir esta informação.

*Raios partam este gajo!*, penso, porque pode muito bem ter razão.

Alita e Fredek disseram que Beau e Llyr entraram no Colégio Central, mas não me permiti adentrar sobre esse assunto.

— Sabemos que a Sofia não trabalhava sozinha, ela confirmou que tinha aliados. E não me parece que o Asul tivesse capacidade para tudo isto, além de que está como recluso nas Grutas de Energia. Foi ela que orquestrou o rapto da Isla e confessou ter matado o Edgar — digo.

— Usou os Albas a seu favor para aumentar o medo na Comunidade — diz Wull. — Quem sabe de quantas mais mortes



culpabilizámos os Albas, sem o terem feito.

— Raptou e incriminou os Mestres Peacock para desviar as atenções. Para que todos pensassem que eles estavam a conspirar contra Aquorea e a vender pedras preciosas para a Superfície. Foram os bodes expiatórios perfeitos. Mas... e se foi o Llyr? Ele tinha acesso aos cristais para comprar os Mercenários, e livre acesso à Superfície — conclui Kai.

Na minha cabeça, vou organizando os factos e informações, para fazer uma triagem das coisas mais relevantes.

— Há uma coisa que me continua a fazer muita confusão. Se o objetivo do Morfeu é tomar a cidade, porque a destruiria desta forma? — pergunto.

— Sim, verdade, não é o *modus operandi* dele — concorda Petra. — Mas tem de haver alguma ligação entre eles, certo?

— Uma coisa é certa. Os Mercenários querem Cristais, isso é evidente. Alguns estarem fechados no Colégio Central quer dizer que devem ser os principais orquestradores de tudo isto, a tentar aceder ao géiser para saírem.

— Qual é o próximo passo? — pergunta Boris.

— Resgatar as pessoas, mas não vamos conseguir concluir a missão porque não temos poder de fogo e estamos em desvantagem numérica de, pelo menos, seis para um — diz Kai.

— E por muito que os novos recrutas queiram ajudar, vão demorar muito tempo até estarem preparados. E até lá, Aquorea... — Wull deixa a frase morrer.

— Entretanto, podemos sempre usar táticas de guerrilha para os enfraquecer — diz Colt.

Olhamos para ele, surpreendidos.

— O que foi? Gosto de ver filmes de ação!

— Sim, é uma excelente ideia — diz Boris. — Já que não temos o mesmo número de guerreiros, nem poder de fogo compatível, podemos começar por atacar as linhas de abastecimento, sabotar as comunicações, entre outras coisas, para os enfraquecermos aos poucos. Fazemos moossa onde pudermos. Usamos a floresta, os túneis e os passadiços como cobertura, atacamos e desaparecemos no mesmo instante, antes que eles possam reagir. Estás a pensar como um Protetor! — Dá uma palmada forte nas costas de Colt.

— Para os vencermos, precisamos de ajuda. De aliados — suspira Wull, e o olhar baixa para o chão, como que rendido.

Aliados.

*Precisamos de aliados!*, digo a Kai através do nosso vínculo.

Ele olha para mim de rompante.

— E se tivermos onde encontrar respostas e ainda, talvez, a possibilidade de obtermos essa ajuda? — Lança Kai para o vazio.

— Sim — digo com entusiasmo, por perceber que afinal podemos ter uma solução.

— Vamos. O Consílio tem algumas explicações a dar.

5 Nós da terra, nós do mar.

«Onde os nomes se perdem, encontra-se a verdade. E no crepitar silencioso do fogo, a história é reescrita. Nas linhas escritas sem tinta forma-se um laço mais forte do que o aço, mais duradouro do que o próprio tempo, tecido do sussurro inquebrável das almas comprometidas.»

*Ecos Ancestrais*, almanaque milenar,  
passado através das gerações,  
na posse de Hensel.

# 30

## KAI

Não perdemos tempo.

Vamos ter com Hensel, que está à conversa com Marianne.

Os únicos membros oficiais do Consílio presentes são os mestres Alita e Fredek Peacox. Apesar de combalidos, acedem ao nosso pedido quando solicitamos uma reunião de emergência.

Pedimos, na zona da cozinha, que nos deem privacidade, pois é o único sítio onde há bancos para nos sentarmos em volta de um tampo de madeira. Dispomos Protetores num raio de quinze metros, para ninguém escutar o que será discutido, nem deixarem ninguém passar.

A minha avó sabe o que nós pretendemos e concorda que está na altura de abrir o jogo. Já muito se perdeu e não nos podemos dar ao luxo de adiar mais, mas Alita não fica muito satisfeita por revelar a informação também a outras pessoas.

— Talvez fosse prudente falarmos apenas com vocês os dois — diz Fredek, apontando para mim e para Ara, após a mulher lhe segredar algo ao ouvido.

— Ficamos todos — rujo.

— Ele não precisa de estar. — Alita aponta para Colt e ele começa a levantar-se. — Afinal de contas, foste tu quem o foste buscar, Kai. Ele não faz parte da Profe...

Levanto-me num ápice, sobressaltando as pessoas junto de mim.

— Senta-te, Colt! — digo, apontando para o banco.

Sei que devo manter o controlo, pelo que faço um esforço para o que digo a seguir saia o mais calmamente possível. As circunstâncias mudaram, e isso exige adaptação por parte de todos.

— Acabámos de enterrar o meu pai — digo, e logo percebo que falho na minha tentativa de soar brando. — Não sei onde está a minha mãe. Muitos dos nossos entes queridos morreram, temos metade da população escravizada e estão a destruir o nosso Mundo. Não sei quanto a vocês, mas eu estou destruído. Quero perseguir e matar os

filhos da mãe que nos estão a fazer isto. Infelizmente, não temos capacidade. Pela primeira vez, estamos indefesos, em minoria, despreparados e no limite. Precisamos de ajuda, mas, acima de tudo, precisamos da verdade.

Ara envia uma carícia pelo nosso laço e eu sinto-a como se ela me afagasse a mão.

— Não testem a minha paciência — brado, voltando a sentar-me e dando-lhe a palavra.

— Já sabia que era diferente antes de vir para Aquorea. A minha chegada aqui só confirmou aquilo que sempre senti. Que havia algo mais. E quando vi o rosto do homem com o qual passei a vida a sonhar, percebi que fazia parte de algo muito maior do que eu. — Ara fala e sei o que vai dizer. Incentivo-a a continuar. — Eu e o Kai temos uma ligação telepática. — A voz dela sai clara e sem receios.

Ouve-se um *aaah* geral, mas parecem todos em choque para fazer perguntas.

— Sim. Escutamos, sentimos e vemos o que o outro pensa, sente e vê — explico. — E isso não é tudo.

— Queremos saber sobre os Outros Mundos, Hensel — pede Ara, a voz muito mais contida do que a minha. À nossa volta, ninguém respira. — Encontrei o documento *Descent*. Pensava que os locais assinalados eram portais para Aquorea, mas não são, pois não?

Arcas e Hensel entreolham-se como que a confirmar esta informação.

— Outros Mundos? — Isla verbaliza baixinho, a processar a mensagem.

— Sabia que ias acabar por perceber — diz Arcas a Ara. — Mas não me competia a mim partilhar...

A minha avó levanta-se. Os ombros estão tensos, mas descaídos.

— Muito bem — diz, ao retirar de um saco de pano o seu livro de pele negra desgastada. — O que vamos revelar agora tem sido divulgado apenas uma vez por geração, a um grupo muito exclusivo de pessoas. Mas esta é uma situação em que nunca nos encontrámos. Uma questão de vida ou de morte, por isso — olha para cada um dos que se sentam à mesa com muita atenção —, penso que é óbvio que temos de abrir uma exceção e que esse grupo de pessoas está decidido.

Petra arregala os olhos e engasga-se. Boris pousa a mão nas suas costas e esfrega-as com carinho. Petra abomina tal posição de privilégio, mas a curiosidade sobre o que está para ser revelado é mais forte, pelo que não arreda pé.

— Antes de prosseguirmos, há uma coisa que deve ser feita. O juramento de segredo e lealdade. Estejam cientes de que é um compromisso para a vida e não vem sem consequências. Portanto, quem não estiver pronto para o assumir esta é a altura de se retirar —

diz Hensel com uma voz firme.

Permanecemos todos.

Do mesmo saco de pano, retira um pergaminho enrolado por um laço acetinado. Desenrola-o na mesa, revelando um texto escrito com tinta dourada.

— Repitam comigo — ordena.

Começa então a ler, lentamente, sentindo cada palavra.

— Eu... — Olha para cada um dos que vai fazer o juramento.

— Eu, Kai — digo e os outros dizem os seus nomes.

Repetimos as restantes palavras de Hensel em uníssono.

«Diante do Consílio, juro solenemente a minha lealdade. Prometo proteger e lutar pela nossa Comunidade, cumprindo todas as tarefas designadas e nunca traindo essa causa. Comprometo-me a guardar os mistérios aqui partilhados, selando este segredo no meu coração e mantendo o nosso conhecimento seguro e intocado. Com a minha vida, defenderei a honra deste compromisso até ao meu último sopro.»

À medida que o dizemos, as palavras reverberam nos nossos peitos.

De seguida, Hensel pega num pedaço de carvão e entrega a Wull.

— Escrevam os vossos nomes na parte inferior do pergaminho para selar o juramento.

Wull assina e passa ao seguinte.

Cada um de nós escreve o seu nome com determinação.

Quando terminámos, a minha avó volta a pegar no pergaminho, enrola-o de novo e pousa-o em pé no centro da mesa. Acende uma vela negra e aproxima-a do papel, que começa a arder lentamente.

Observamos em silêncio enquanto este se transforma em cinzas. De seguida, deposita as cinzas num pequeno recipiente de madeira que contém algumas ervas. Pacientemente, vemo-la amassar até formar uma pasta, e daí forma seis pequenas esferas. Quando entrega uma a cada um de nós, a pequena bola está dura como diamante.

Aperto-a entre os dedos com força e percebo que é inquebrável.

— Este ritual é um lembrete de que a vossa lealdade não é um juramento vazio, mas sim sagrado, que deve ser protegido.

Olho para as pessoas nesta mesa e vejo neles a mesma expressão que está no meu rosto.

Hensel abre o livro.

— «Os sangues cruzar-se-ão, pujantes e nada impostores. Os mestres passarão a palavra e virarão discípulos, visionando a sua própria sentença.» — A minha avó recita as mesmas palavras que me leu há tempos, quando me aconselhava sobre o melhor a fazer acerca de Ara. Agora, fazem todo o sentido. A junção dos sangues e um amor mágico e poderoso. E que os ensinamentos que nos serão transmitidos ditarão a nossa condenação ou salvação.

— Da mesma forma que Aquorea existe, também Outros Mundos

foram criados para dar origem à Superfície, aquando da criação do nosso planeta. Nas escolas à Superfície são ensinadas como sendo as Esferas Terrestres, mas não imaginam que nessas «bolhas» existe vida. E Aquorea é um desses Mundos Secretos — explica Fredek.

Esta informação abala-me mais do que imagino. Inocentemente, sempre pensei que Aquorea era única.

— Há seis marcações no documento *Descent* — afirma Ara com convicção, como se essa informação fosse importante.

Hensel franze a testa antes de falar, a voz solene.

— Vivemos numa tapeçaria de realidades, entrelaçadas pelas linhas do destino e da existência. Vocês conhecem bem o nosso Mundo da Água, onde as correntes da vida fluem de forma livre. O Mundo do Ar é aquele onde os sussurros dos antigos são carregados pelo vento; o da Terra, onde os segredos mais profundos residem, e o do Fogo, onde a paixão e a destruição dançam em chamas eternas. E, além destes, existem outros que escapam à nossa compreensão. A Luz e Escuridão andam de mãos dadas e são o equilíbrio fundamental do nosso universo. É um intermédio, entre lugar... ou limbo, se preferirem.

Engolimos em seco e Arcas intercede, tentando suavizar as palavras da minha avó.

— O que têm de saber é que somos mais do que humanos, somos parte da criação. Estes Mundos fazem parte da formação do nosso planeta. Existem, mas as pessoas da Superfície não os veem.

— E podemos ir a esses Outros Mundos? — pergunta Wull.

— Talvez nos possam ajudar — diz Petra.

— Numa época distante, as fronteiras Entre Mundos já estiveram abertas e as pessoas eram livres de entrar e sair sem restrições, e de ir também à Superfície. Mas esqueceram-se de que estávamos em simbiose, o que acontecia a um, afetava os outros. Com o passar do tempo, estes Mundos começaram a perder as suas comunidades, porque muitas pessoas escolhiam ficar nos Outros Mundos ou sair e viver à Superfície. Por isso, foi tomada a decisão de serem desativados os portais Entre Mundos.

— Mas nós conseguimos ir à Superfície. Esse acesso nunca foi cortado.

— Sim, é verdade. Cada Mundo instituiu as suas regras para as saídas à Superfície. Em Aquorea, sempre selecionámos algumas pessoas para recolherem informação da Superfície e limitámos o número de pessoas que sai. Relativamente ao Portal dos Mundos, também nunca o fechámos, não nos pareceu correto. Mas os outros estão vedados.

— Então, é impossível — diz Colt.

— Não totalmente. Talvez exista uma forma, mas não sabemos se funciona — diz Alita.



Todos nós, os novatos, nos chegámos um pouco à frente.

— O que eu entendo da Profecia é que há alguns talismãs que supostamente servem de condutor para esses Mundos. Funcionam quase como uma chave especial para a abertura desses portais, mesmo que o do outro lado esteja fechado — explica Arcas.

Eu e Ara olhamos um para o outro e resolvemos abrir o jogo. Não temos tempo a perder. Talvez nós tenhamos esses talismãs.

— Temos algo a acrescentar — interrompo. — Recentemente, eu e a Ara percebemos que não precisamos do géiser para nos transportar.

Todos olham para nós, abismados, menos a minha avó.

— Sim, percebi isso quando chegaram ao Refúgio, diretamente da Superfície, com a Isla e o Colt. — A minha avó mexe as mãos, nervosa, mas os seus olhos brilham ao percorrer as páginas do seu livro. — Uma passagem dos Escritos refere que há pessoas muito especiais que conseguem fazer essa transição Entre os Mundos, desde que a dádiva das marcas lhe seja concedida.

— Espera, mano. — Boris tem os olhos muito arregalados. — Estás a dizer que vocês...? — Não termina a frase.

— Descobrimos que conseguimos ser a nossa própria ponte interdimensional. Ir de um local para o outro com um simples pensamento.

Ara olha-me de relance e de sobrolho franzido.

— Não é bem só com um simples pensamento, é preciso muita concentração, mas não é importante agora. Isso aconteceu depois de ambos termos feitos estas marcas. — Mostramos as nossas tatuagens.

— Não nos foram concedidas, fizemo-las — diz Ara, e Hensel ignora-a.

— Ah, aqui está! Os portais podem ser convocados e atravessados usando as «Etherkeys». «Ether» é descrita como a quinta-essência, uma substância que preenche todo o espaço e é a fonte de toda a matéria e energia. E essas chaves, «Keys», são as marcas para ter acesso aos diferentes Mundos.

A tensão é tanta que até as nossas respirações são apenas ligeiras vibrações.

A minha avó continua a ler.

— «Em díade, os proclamados cruzarão os Mundos, com a dádiva das Etherkeys, transcendendo as barreiras do tempo e do espaço, mas devem eleger sabiamente, pois essa jornada não é desprovida de constrangimentos.»

*Arriscamos?*, pergunta-me Ara telepaticamente.

Esboço-lhe o mais terno dos sorrisos.

— E então? Como fazemos para ir a esses Mundos? — pergunto.

«A cumplicidade é o silêncio compartilhado  
que fala volumes, um olhar que entende sem  
palavras  
e revela um universo de conexão.»

*Silêncio Partilhado*, p. 267

# 31

## ARA

**H**ensel explicou-nos que, nesta geração, somente ela, que é a Zeladora do Portal, tem acesso à localização do Portal dos Mundos e que só a Zeladora e os portadores das Ehterkeys — eu e Kai — poderemos acompanhá-la quando for o momento de o usarmos.

Desde que chegámos a Aquorea, dormimos muito pouco e o cansaço, aliado à dor constante que sinto no abdómen, começam a tomar conta dos nossos corpos. Tentámos descansar um pouco antes de nos aventurarmos para o desconhecido. Devo ter adormecido algum tempo, porque, quando abro os olhos, Kai não se encontra ao meu lado. Levanto-me à procura dele, mas não o encontro e sei que não está aqui no Refúgio. Só *sinto* que está a salvo.

Petra e Boris dormem em conchinha. Boris atrás, o rosto escondido no pescoço dela e o braço forte a envolver a sua cintura. Ambos têm as suas pistolas de arpões presas no antebraço e uma catana larga e brilhante repousa ao lado de Petra. Colt adormeceu sentado, encostado a uma pedra cinzenta redonda que sobressai na cor coral. Percebo, ao longe, a figura de Wull no campo de treinos a fazer exercícios. Uma angústia cresce-me no peito. Está destroçado por saber que Suna está lá, como tantos outros dos nossos, oprimidos e escravizados.

Isla está na zona dos Curadores. Em cima da bancada improvisada, estão todo o tipo de ervas que desconheço, umas flores muito miudinhas, de um vermelho intenso, e até musgo. O rosto está triste, mas, acima de tudo, concentrado e determinado. Não quer que tenham pena dela e, quando estiver pronta para falar, cá estarei.

— O que fazes? — pergunto, quando me aproximo. Olha-me de soslaio e continua a mexer o conteúdo dentro da panela.

— Nada. — Encolhe os ombros.

— Isla...

— Estou a tentar ajudar — diz apenas.

Ponho-me ao lado dela e espreito para o líquido verde e espesso que borbulha, viscoso.

— Onde foste buscar tudo isto?

— Se soubermos onde procurar, temos tudo à nossa volta. — Aponta para as ervas viçosas. — Estas encontrei atrás da queda-d'água e este tipo de musgo arranja-se facilmente nos túneis.

Observo as flores garridas e percebo que em lado nenhum há esta tonalidade. A única cor vermelha que sobressai aqui dentro é da árvore solitária, *kerrysis*.

— E estas? — pergunto, alarmada.

— Essas encontrei lá fora, naquela lagoa de seixos negros.

O coração cai-me aos pés. Ela saiu daqui. Será que foi sozinha? Não quero que se sujeite a riscos desnecessários, mas sei também que não há nada que se intrometa entre Isla e os seus objetivos. Se é isto — ou seja lá o que for — que ela precisa de fazer para amenizar a dor que sente, então, muito bem.

— Podias ter-me dito. Teria ido contigo, Isla.

— Estavas a descansar, não te quis acordar. Pedi ao Wull. E o Colt também foi connosco. É um excelente nadador. Atravessar aquele túnel debaixo de água não é fácil, mas ele ajudou-me.

Apesar de saber que foi perigoso, sei que Wull nunca a levaria sem cobrir todas as frentes.

— Devo querer saber para o que isto serve?

— É um veneno.

Dou um passo atrás e os seus lábios rosados levantam num canto.

— Parece mais um desinfetante sanitário.

Agora, sim, ela emite uma risada curta e olha para mim, os olhos brilhantes.

— Não faço ideia o que seja isso.

— Sempre às ordens para dizer palermices. — Pisco-lhe o olho. — Deambulo por aqui um pouco. As prateleiras improvisadas condicionam todo o tipo de loções, poções, unguentos e mezinhas para os Curadores usarem e que têm sido tão úteis e essenciais. No meu caso, diria fundamental. Sei que o que Arcas usou em mim, aliado ao trabalho deles, me salvou a vida. Olho, à procura, para ver se descubro qual foi. — Foi este que usaram em mim? — Aponto para um frasco, cujo conteúdo é verde, numa prateleira mais alta.

Ela olha de relance por cima do ombro.

— Não. Isso é apenas a hera da transparência, um soro da verdade.

*Apenas!*

— Ah — digo. — Então, se...

— Se quiseses a confirmação de que alguém não mente, bastam umas gotas. O teu foi aquele. — Aponta para um frasco grande, na outra ponta da prateleira. — Mas não lhe toques!

— Está bem — digo, já a baixar a mão. — Viste o Kai?

Ela nega com a cabeça e concentra toda a atenção num recipiente transparente onde despejou um pouco do dito veneno. Levanta-o e examina-o à luz. Chama por Arcas, que lhe faz um sinal a dizer que já vem ter com ela.

Caminho até à árvore da vida, a frondosa *kerrysis*, carregada de fruta. Apanho algumas. O sumo fresco e doce inunda a minha boca quando trinco a textura macia e aveludada dos frutos. É o equilíbrio perfeito entre a acidez e a doçura, que deixa na minha boca um sabor delicioso.

Sigo o meu coração e continuo. Pego num archote que está pendurado na parede, aceno ao Protetor de serviço e entro por uma das entradas camufladas nos túneis escuros. Percorro quilómetros até o encontrar. A gruta é minúscula, tenho de me curvar para entrar, mas tem uma linda janela de água e o chão é igual ao do Salão Ruby, sedoso e morno debaixo dos meus pés. Kai está sentado no chão a observar o mar negro.

— Tens sempre forma de me encontrar — diz, sem se voltar para mim.

— Quando precisas de mim, sim.

— Preciso sempre. — Olha para trás como que a incentivar-me a entrar no seu pequeno espaço.

Sento-me, encosto a cabeça e o braço dele rodeia-me. Tem o rosto manchado por lágrimas. Sabia que ele precisava do seu tempo para processar tudo o que está a acontecer.

Não falamos. Sei do que ele precisa, do que ambos precisamos. Aproxima a boca da minha, lentamente. Os nossos lábios encontram-se num beijo suave. Kai envolve-me nos seus braços e, num movimento rápido, mas cuidado, puxa-me até eu estar ao seu colo. Os meus olhos permanecem abertos, capturando cada traço do rosto dele, quando lhe beijo os olhos, as bochechas, o pescoço e lhe sinto o sal. Queria poder absorver toda a sua dor, cada milímetro da sua mágoa.

A tensão dele desfaz-se nas minhas mãos quando procura de novo a minha boca. E eu entrego-me ao beijo dele, que é agora exigente. A língua dele explora a minha boca e eu respondo com prazer a cada movimento. Kai aperta ainda mais o abraço, como se cada toque revelasse uma fome há muito reprimida. O cabelo dele, macio entre os meus dedos, faz-me libertar um suspiro contido e Kai absorve-se em mim, murmurando palavras que se perdem no calor do momento.

Aperta-me mais e geme contra a minha língua, o calor do corpo dele contra o meu.

Num gesto lento, mas firme, faz-me rodar e o meu corpo desliza pelo piso aveludado e tépido, até ficar deitada. Kai acompanha o movimento e deita-se em cima de mim, pressionando todos os pontos

certos. Uma das suas mãos embrenha-se no meu cabelo e faz de almofada para a minha cabeça, enquanto a outra desliza por baixo da minha *T-shirt*, e a minha pele arrepia-se. Trilha um caminho ardente pelo meu pescoço, os dentes a rasparem e a morder a minha pele. A leve dor no meu pescoço mistura-se com prazer, e arranca-me outro gemido involuntário, deixando-me sem fôlego.

As minhas mãos percorrem avidamente o seu peito, os músculos duros sob o meu toque. Preciso dele, de o sentir. Não há nada no mundo que se compare a ter este homem nos meus braços.

Deixamo-nos levar pelo desejo, ao mesmo tempo com intensidade e serenidade. Cada toque, cada carícia e respiração trocadas são um reflexo de amor profundo. Todos os nossos pensamentos obscuros se desvanecem e nada mais importa, só eu e ele. Entregamo-nos um ao outro, até não sobrar mais nada de nós.

\*

O corpo nu de Kai está enroscado no meu. Ficamos deitados no chão tépido e confortável. Não faço ideia onde estamos, mas *sei* que estamos em segurança. Nenhum de nós quer sair daqui, porque neste cantinho há apenas amor e quietude.

Apesar de sonolento, Kai está inquieto. Sinto em cada gota de sangue que me circula no corpo.

Retiro o braço dele do meu peito com cuidado e sento-me. Ele resmunga baixinho, sem se mexer.

De costas voltadas para a janela de água, deixo-me ficar a fitá-lo.

— Não! — diz ele, ainda de olhos fechados.

— Não disse nada — reclamo.

— Mas pensaste.

Fico mais uns momentos em silêncio.

A devastação nele é tão forte que, mesmo dividida entre os dois, é imensurável.

Ele senta-se. Encosta a testa à minha. A respiração calma.

— A minha mãe não esteve cá para se despedir do meu pai — diz, por fim.

— Vamos encontrá-la. — Tento soar positiva. A minha esperança é que Nwil esteja barricada nalgum esconderijo, ou, no caso de estar a ser mantida em cativeiro, que seja para negociar. E, quando isso acontecer, estaremos prontos.

— Ele queria mais tempo para usufruir da vida, para nós. Na nossa última conversa, o meu pai disse-me que gostaria de que eu assumisse o comando da Fraternidade. E disse-me para sermos felizes. Devia ter estado cá...

— Lamento tanto.

— Vou matá-lo.

A voz é baixa e fria.

— Eu sei.

— A minha avó diz que devo ter honra. Mas sei que, quando a oportunidade surgir, vou matá-lo, Rosialt. Quero honrar a memória do meu pai, que me ensinou a compreender e a respeitar os nossos inimigos. A matar apenas em situações limite, em caso de vida ou morte. Mas eu não sou o meu pai. O que é que isso faz de mim?

Entendo o dilema dele. O medo de não corresponder às expectativas que Ghaelle tinha para ele, mas sei também que esta é uma situação limite. E que, na vida, nem sempre as coisas são certas e erradas.

— És apenas humano, Shore. Nem tudo é preto ou branco. Não és pior pessoa por teres esses sentimentos. Quando o momento chegar, vais saber o que fazer.

— Vou matá-lo, vou matar o Morfeu.

«Nos véus do não revelado, cada passo  
desconhecido é uma promessa de encontros,  
abrindo portas para dimensões de nós mesmos.»

*Mapa da Alma,*  
Cartógrafo do Corpo



## 32

### Kai

Saímos da nossa toca fortalecidos e cientes do que temos para enfrentar.

Um símbolo na parede chama a minha atenção. É peculiar o suficiente para se destacar entre os outros. Uma combinação de linhas retas e curvas, tão antigas quanto o próprio túnel. Mas o que me instiga é a sensação de que já o vi antes, fora destes túneis, embora não me consiga lembrar onde. Toco-lhe, fecho os olhos e deixo a minha mente vaguear, procurando essa memória esquecida, mas ela não chega. Abro os olhos novamente e continuo a observar o símbolo. É a chave para algo, tenho a certeza. Mas o quê?

— Vês isto? — pergunto a Ara.

— Parece-te familiar?

— Talvez. Preciso de esclarecer uma coisa. Vamos juntos?

Ela assente e mantém-se ao meu lado. Aventuramo-nos então pelo caminho oposto ao que tínhamos planeado, aprofundando-nos ainda mais neste labirinto. Continuamos a andar, adaptando a nossa visão à escuridão, com a pouca ajuda do pequeno archote que Ara traz consigo.

— Não fiques para trás — digo, quando está dois passos atrás de mim. — E, *por favor*, não te deixes matar.

A única resposta que tenho é o som dos seus passos a acelerar e um gesto obsceno a preencher toda a minha mente, como uma explosão.

O ar aqui é diferente, mais pesado, carregado com a humidade fria que invade as nossas narinas. Há um aroma a terra e a mofo que permeia tudo, misturando-se com a salinidade que se infiltra pelas fendas da rocha.

O cheiro é profundo, antigo, como se cada grão de poeira carregasse consigo memórias de um tempo esquecido. Atentos a todos os detalhes, encontramos uma variação do símbolo. Paramos e examinamos. Não é exatamente igual. Tem menos uma linha.

A adrenalina palpita dentro de nós, mas controlamo-la. Não podemos precipitar-nos. Memorizamos cada detalhe, cada curva do túnel, cada rugosidade da rocha, tentando decifrar este enigma.

— O que procuras? — sussurra Ara.

— Só saberei quando o encontrarmos.

Outro símbolo surge, desta vez com menos uma linha curva. Restam apenas duas de cada. Numa bifurcação à frente, somos forçados a uma decisão, mas o símbolo não aparece em lugar algum.

— Esquerda ou direita? — pergunto. — Será que no último que vimos havia algum indício?

— Sim! Um círculo, quase impercetível, no canto inferior direito — responde Ara, entusiasmada.

Decidimos que não é coincidência. Optamos pela direita. Finalmente, pareço entender. Está tudo interligado. A cada curva, antecipo alguma revelação ou perigo, mas só encontramos mais escuridão.

O caminho revela mais três variações do símbolo, cada uma com menos uma linha, como uma contagem decrescente gravada na pedra.

A última é a mais simples de todas, apenas uma linha. Reta, delicada, quase convidativa, e quando, finalmente, nos apercebemos, estamos numa grande e escura sala. A luz dos archotes das paredes mal alcança as mais distantes. No centro, ergue-se uma estátua de um símbolo colossal. Uma enorme bússola, formada por vários anéis entrelaçados.

E encostada a ela, está uma pessoa sentada.

Reconheço-a. Aproximamo-nos com cautela, temendo o que vamos encontrar. Na luz ténue, um vulto move-se ligeiramente. Sentado no chão, os joelhos puxados para o peito. Ao ver-nos, aparenta surpresa, mas não fala. Parece diferente, mais velho, cansado. No colo, embala uma criança que nos fita de olhos assustados, e de uma palidez apenas possível para quem vem dos pântanos. Uma Alba.

— Beau?! — A minha voz ecoa pelo espaço. Ajoelhamo-nos para os ajudar.

*Como é que sabias?*, pergunta Ara.

Deixo a minha mente correr livremente e respondo-lhe pelo nosso elo.

*Sei precisamente onde estamos, por baixo do Colégio Central. E sei como Beau chegou até aqui. Aquela sala, onde Beau desapareceu. A mesma onde fui interrogado por Lly e estive preso, apenas a olhar para as paredes. Aquele símbolo estive à minha frente muito tempo. Ao que parece, nem tudo naquela sala era tão simples quanto parecia à primeira vista. Recordo-me de que uma das pedras se destacava das outras. Era mais lisa, diferente. Agora, lembro-me dos riscos nela, tão leves que quase pareciam acidentais, desgastes do tempo. Mas formavam um padrão.*

*Linhas retas e curvas cruzavam-se, esculpindo na pedra o mesmo símbolo que vimos há pouco. O símbolo estava lá, à minha frente. Talvez um ligeiro toque na pedra certa, e uma secção da parede mover-se-ia, revelando a saída. Agora, tudo se conecta. O símbolo, o túnel, a sala, está tudo interligado. Mas os túneis continuam. Para onde irão?*

\*

Quando chegamos ao Refúgio, Beau e a criança são levados para a zona médica. As pessoas olham de soslaio para a menina, que se mostra assustada e frágil, apesar de os olhos serem meigos e curiosos. Precisamos de respostas, mas para já devemos dar espaço aos Curadores para trabalharem e aos recém-chegados para recuperarem. Montamos um perímetro de segurança apertado na zona onde se encontram a descansar e vamos ter com a nossa Unidade.

— E encontraram-nos assim? — pergunta Petra, desconfiada de toda a situação.

— Sim, seguimos os tais símbolos de que vos falei.

— Quem será a miúda? Deve ter uns três ou quatro anos, não?! — atira Boris, avaliativo, a coçar a barba rala.

— Não deve ser uma ameaça — digo.

Wull pigarreia.

— Numa situação normal, concordaria, mas dadas as circunstâncias...

— Vamos manter-nos atentos — diz Ara.

«A verdade emerge das cinzas da ilusão,  
lança luz sobre as sombras do engano  
e força corações valentes a encarar  
o que jaz além do véu.»

*Dilemas de Um Feiticeiro*  
(compilado em 890)

# 33

## Ara

**E**stamos em pé, junto da cama improvisada de Beau. Esperamos pacientemente que ele nos responda às perguntas, enquanto toma o chá que lhe preparei. Para a menina, que sabemos agora chamar-se Nevaeh, trouxe um sumo de fruta doce e alguns pãezinhos, que ela sorve com prazer. Quando me acerco para falar com ela e tentar levá-la para junto das outras crianças, não chora, mas noto que faz um grande esforço para se manter valente. Tranquilizo-a, digo-lhe que não tem de ir, e agarra-se ainda mais a Beau.

Ele olha para nós e para a criança que tem ao colo e começa a falar.

— A Nevaeh é minha sobrinha — diz Beau, e dá um beijo na testa dela que retribui com o mais bonito dos sorrisos.

Ficámos todos sem perceber a ligação e se o que ele diz corresponde à verdade. Há muitas perguntas a serem feitas, mas quem tem a palavra é Hensel.

— Não percebo, Beau. — A voz normalmente clara de Hensel está entrecortada. — Tu não tens irmãos. A não ser que...

Ele assente com a cabeça.

— O quê? — pergunta Kai.

— A Graciete não foi levada pelos Albas — sussurra Hensel, que parece estar a ligar todos os pontos.

— Ela fugiu. Por amor — afirma Beau.

— A tua mãe está viva? — pergunta Wull.

— Não. A minha mãe morreu há muitos anos. O erro dela foi apaixonar-se por um Alba. Teve um filho com ele, mas queria continuar o legado da sua família em Aquorea, por isso, voltou, casou-se com o meu pai e teve-me. Contudo, o coração falou mais alto e, um dia, quando acordei, ela não estava lá. Era apenas uma criança e todos me diziam que ela me amava e que tinha sido levada, mas eu sabia, sentia que nós nunca fomos a sua verdadeira família. Que sempre foi o

Morfeu. De cada vez que o seu nome era proferido lá em casa, tinha um som diferente e os olhos dela brilhavam. Os do meu pai também, mas por motivos opostos. Não sei se ele sempre viveu com a verdade ou preferiu acreditar na mentira.

Kai empalidece ao meu lado e as suas mãos estremecem.

— O Orgza era filho do Morfeu e da tua mãe — confirmo aquilo que acabei de perceber, mas ainda assim Beau acena com a cabeça.

— Vamos por partes — diz Arcas com tom autoritário. — Afinal, quem é a mãe desta pequena?

Arcas sorri à menina e passa-lhe a mão pelo cabelo para a serenar. Ela retribui abertamente o sorriso.

O meu peito comprime quando *ouço* o pensamento formar-se na mente de Kai.

— É a Sofia. — O tom de Kai é sério quando finalmente entende. — Por isso é que ela esteve todo aquele tempo isolada sem que ninguém a visse. Os pais dela sabem?

— Não — diz Beau. — Desconfiaram que havia alguma coisa estranha a acontecer, mas como nessa altura ela já vivia na Fraternidade dos Mediadores, foi mais fácil esconder. Eles não sabem que têm uma neta e isso foi sempre motivo de discórdia entre mim e a Sofia. Os avós mereciam saber. Infelizmente, ela sempre foi boa a guardar segredos. Até de mim, que julguei conhecê-la bem.

*A Sofia.*

A revelação cai-me como um balde de água fria. Imagens de Sofia inundam-me a mente. Nunca imaginei que houvesse mais na sua história, mas, de novo, nem tudo é apenas preto ou branco. E agora, aqui está a sua filha, uma pequena e inocente vida que Sofia teve de esconder por achar que não tinha outra opção. Olho para Nevaeh e vejo os mesmos olhos castanhos de Sofia. Tenho de me concentrar para ouvir o que Beau diz a seguir.

— Há uns anos, ela confidenciou-me que se tinha apaixonado e insistiu que eu tinha de o conhecer. Soube que a minha mãe já não era viva no dia em que conheci o meu irmão Orgza.

— Como? — pergunta Arcas, cabisbaixo.

— Morreu a dar à luz outro filho com o Morfeu. Nem ela, nem o bebé sobreviveram. Nunca tive coragem de revelar essa parte de mim. Quando a Sofia engravidou, fiz tudo para a ajudar, porque sabia que ela não queria ser banida de Aquorea. Depois, pelo carinho a Nevaeh, fiz sempre o esforço de a manter oculta.

— «Ela vive», foram as últimas palavras de Sofia. Eram para ti — digo.

— Onde está o avô? Vamos ter com ele agora? — pergunta a menina, impaciente. Beau sorri-lhe, mas continua a falar para nós.

— Foram para mim — confirma. — Para me lembrar de que ela

é sangue do meu sangue e de que devo sempre protegê-la. E assim tenho feito.

— Mas como é que foram parar aos túneis?

— Quando a invasão começou, consegui entrar no Colégio Central. Escondi-me e esperei pelo momento certo para ir pelos túneis até Salt Lake, onde me entregaram a Nevaeh, para que eu a escondesse. Regressei pelos túneis, mas não podia ir com ela para o Colégio Central. Tentei continuar para encontrar abrigo, contudo, fiquei confuso e demasiado exausto. Perdi-me, mas consegui voltar para trás. Fiquei ali na esperança de que alguém me encontrasse. Sabia que, com o que se está a passar na cidade, alguém ia saber usar os túneis.

Um *flash* de receio passa pela cabeça de Kai: *será Beau mesmo leal à nossa Comunidade? A história é convincente e as suas emoções parecem genuínas, mas e se ele está apenas a usar a sua relação com Nevaeh para se infiltrar aqui? E se tudo isto não passa de uma estratégia dos Albas?*

Por outro lado, estou tranquila com as palavras de Beau.

— Podias ter sido seguido naqueles túneis. Ou, após tanto tempo de convivência, quem sabe até tenhas mudado de equipa — instiga Kai.

Beau parece chocado, mas não diz nada em sua defesa. Em vez disso, olha para a sobrinha e depois para nós.

— Eu só quero o bem de Aquorea. E, para mim, Aquorea são todos os que vivem dentro desta gruta gigante. Vejam bem o que aquela maldita barreira provocou!

Kai vai para contra-argumentar, mas Hensel é mais rápida e olha de relance para mim, antes de falar.

— Diz-me, meu querido Beau, as tuas intenções são sinceras ou trazes artimanhas no coração?

— Só quero o melhor para ela. E o melhor para ela é estar aqui convosco e comigo. Só queria que houvesse paz — diz, e começa a chorar.

— Pronto, pronto. Tens de descansar. — Arcas dá-lhe umas palmadinhas reconfortantes para o acalmar e eu e Kai afastamo-nos.

Quando estamos a alguns metros, digo:

— Ele está a dizer a verdade.

— Como sabes? Se ele escondeu este e talvez outros segredos durante tanto tempo.

— Porque tomei as devidas precauções e o chazinho dele não continha apenas ervas medicinais — esclareço.

— Drogaste-o?! — Kai parece chocado, mas isso não me aflige.

— Nada que não lhe passe com uma boa dose de sono, mas assim temos certeza de que fala verdade. A hera da transparência nunca falha. — Pisco-lhe o olho. — Foi a tua irmã quem o garantiu, por isso, se quiseres aproveitar para lhe fazer mais algumas perguntas, fá-lo

agora.

Ele puxa-me e sinto os meus pés elevarem-se do chão.

— Sou um homem com tanta sorte. — Os olhos penetrantes nos meus. — Meu brilhante génio do mal!

Encolho os ombros como resposta.

— Mas tens razão, devemos aproveitar — concorda.

Isto é demasiada informação para processar, mas é óbvio que não podemos ignorá-lo. Precisamos de saber mais sobre Sofia. Porque fez todas aquelas coisas terríveis, com quem e quais as suas motivações.

Aproximamo-nos de Beau novamente, numa abordagem ponderada. Observo os músculos do seu pescoço contraídos, os olhos distantes e preocupados. Nevaeh adormeceu.

— Tens de nos dizer o que sabes — diz Kai.

Beau parece perdido nos seus próprios pensamentos durante alguns segundos.

— Quando a Sofia conheceu o Orgza, foi como se tivesse encontrado a peça do *puzzle* que faltava — diz Beau. — Ela acreditava que ele podia tornar os seus sonhos realidade e oferecer-lhe tudo o que mais desejava. Nunca levei nada daquilo a sério, porque pensava que eram apenas delírios apaixonados e sempre a vi como uma pessoa responsável, que amava o seu trabalho e, acima de tudo, a Comunidade. Nunca pensei que...

— Porquê as mortes? — pergunto.

— Nunca soube dos planos deles, juro. Ela escondeu toda essa faceta de mim e de toda a gente. Acho que piorou depois do Orgza morrer. Via nela sempre uma fúria desmesurada, mas nunca pensei que chegaria a tanta maldade. — Beau hesita, antes de continuar. — Agora, sei que a Sofia acreditava que o fim justificava os meios. Incluindo matar. A ambição desenfreada de ter uma posição de poder ou mais privilegiada em Aquorea era para ter acesso ao géiser, e usou de todos os estratagemas para o conseguir.

— E o Morfeu? Ele sabia o que o filho e a Sofia andavam a planejar?

— Não sei.

Há um longo silêncio após a confissão de Beau. Sofia, uma mulher que planeou e executou uma série de atrocidades terríveis, tudo por um sonho. Uma visão de um futuro que nunca chegou a acontecer.

As ações de Sofia e Graciete, o amor que ambas sentiram pelos Albas e as consequências desse amor, tudo isso nos afeta de maneira direta, contudo, há algo que me incomoda a mim e a Kai de igual forma.

— E o teu pai? — antecipa-se Kai. Certificámo-nos de que Alita e Fredek viram realmente Llyr a entrar de livre e espontânea vontade. — Os Mestres Peacock viram-no também entrar no Colégio Central.



Beau empalidece ainda mais.

— O quê? O meu pai? Ele está lá?

— Ele entrou atrás de ti — respondo.

Uma expressão de preocupação toma conta do rosto de Beau. Ele parece, de repente, muito cansado.

— Não faz sentido.

A hesitação na sua voz faz-me questionar se há alguma coisa que ele não quer revelar. Kai partilha das minhas suspeitas.

— Tens a certeza de que não estás a ocultar-nos nada, Beau?

Beau olha para nós, a dor evidente no seu rosto.

— Eu... — começa, mas parece lutar para encontrar as palavras. — Eu não sei. Se o meu pai entrou no Colégio Central, foi por minha causa. Só pode ter sido.

Eu e Kai trocamos olhares.

— É possível que o teu pai esteja a colaborar com os Albas? — dispara Kai.

Há uma pausa prolongada antes de Beau reagir. O semblante dele revela um misto de incredulidade e negação.

— Não, isso... não acredito que isso seja verdade. Conheces o meu pai, Kai. Nunca trairia Aquorea.

— Sabemos que é difícil de aceitar, Beau. — Kai fala com uma voz suave, tentando amenizar o impacto das nossas palavras. — Mas precisamos de entender o que se passa. Alguma coisa te passou ao lado. Há alguém dentro de Aquorea que nos trai. Sabes que assassinaram o meu pai?

Beau digere as palavras e a sua expressão oscila entre confusão e angústia.

— O quê? Não! Mataram o Ghaelle?

Kai apenas confirma com a cabeça.

— No dia do ataque. — Beau começa, a sua voz não passa de um sussurro. — Eu e o meu pai discutimos. O ataque estava em curso, o medo e a confusão estavam por todo o lado e, quando lhe disse que não ia para o abrigo, ele chamou-me irresponsável. Eu perdi a calma. Confrontei-o sobre o seu aparente desinteresse na busca pela minha mãe. Aquele não era o momento nem o lugar, mas eu... eu... não me contive. Acusei-o de se importar mais com os seus deveres como Regente do que com a própria família. — Os olhos dele estão cerrados, como se estivesse a tentar reviver aquele momento. — Disse-lhe coisas horríveis, de que me arrependo. Culpei-o de a minha mãe ter fugido com o Morfeu. Fui um canalha, quando a única pessoa com a qual sempre pude contar foi com ele, e nada fez senão encher-me de amor. Conte-lhe acerca da Nevaeh, que tinha uma sobrinha Alba e que ia buscá-la. Ele não sabia, pareceu muito surpreendido, em choque.

Levanta o olhar para nós, o brilho das lágrimas contidas a refletir-

se nos seus olhos.

— Ele seguiu-me para o Colégio Central...

— Beau — começa Kai, estendendo a mão para a pousar no ombro dele. — Ainda não temos a certeza de nada. Precisamos de todas as informações possíveis para entender o que se passa. Se tiveres mais alguma coisa para nos contar, pedimos-te que o faças.

Beau assente, a expressão abatida.

— Não há mais nada, prometo, mas tenho de ir procurá-lo — diz, tentando levantar-se. — Não posso deixá-lo lá.

Impeço-o. Ele está demasiado fraco para ir onde quer que seja e, para mais, não sabemos se Llyr está refém ou com os traidores.

— Para já, ficas aqui a descansar, logo havemos de pensar no que fazer.

Afastamo-nos dele e percebo que, independentemente do que esteja a acontecer, Beau está a sofrer. E só o tempo dirá se o pai dele é culpado ou não.

\*

Observo Beau dormir com Nevaeh aconchegada nos seus braços. Ela é tão pequena, tão frágil, e, mesmo assim, carrega em si um peso que parece gigantesco. A carga de ser uma Alba em território aquoreano.

Reunimo-nos: Anciãos, a nossa Unidade e os Mestres Peacox. Todos os rostos marcados por linhas de preocupação e incerteza.

Hensel lança-nos a realidade: a chegada de Nevaeh e a revelação da sua linhagem podem provocar um tumulto. Temos de proteger a criança, é uma verdade que não carece de discussão. As palavras que partilhamos refletem um sentimento comum, Nevaeh é inocente de qualquer crime que lhe possam atribuir, mas a realidade é dura.

— Então, como protegemos Nevaeh da possível fúria da população?

— Para já, ocultamos a verdadeira identidade dela. Diremos que Beau a encontrou abandonada e a trouxe por compaixão. — É Arcas quem oferece uma solução.

Todos concordamos, é um remendo temporário, mas dá-nos algum tempo para encontrar uma solução a longo prazo.

«Na trama do silêncio e do caos, um lampejo  
de luz entretece jubilo etéreo entre almas  
que ousam sonhar.»

*Odes da Ilha Esquecida,*  
Aelar, cronista dos Momentos Eternos

# 34

## Kai

**P**reparamos uma mochila cada um, ambas repletas de armas e com outras coisas que nos podem fazer falta, inclusive calçado.

Petra e Boris aproximam-se de nós em silêncio. A cara de Petra é de preocupação e algo mais, que não consigo deslindar.

— Precisamos de falar — diz Petra de chofre. Atira o cabelo vermelho-fogo para trás das costas.

Ara olha para ela, mas continua a enfiar arpões-balas e adagas nos bolsos da mochila.

— Estamos grávidos — diz Boris, de rompante.

— O quê?!

Salto ao encontro deles. Separamo-nos e olhamos os três para Ara, que parou o gesto a meio e olha para nós. Os olhos embaciados e repletos de amor.

— Desculpa — diz Petra. — Devia ter-te contado mais cedo acerca daquilo, sou uma craca.

Ara lança-se para os braços da amiga.

— Adoro-te! Estou tão feliz. Como? Quando? — diz Ara, sem largar o pescoço de Petra.

Petra ri, o que atíça a curiosidade das pessoas à nossa volta.

— Estou certa de que por esta altura já descobriste como se fazem os bebés — atira Petra.

— E também não sabemos quando — diz Boris baixinho. — Ela não me larga. — Encolhe os ombros e revira os olhos.

Rimo-nos e Ara abraça-o.

— Parabéns! Vais ser papá, Boris.

— Estou apavorado — diz, e sei que é verdade.

Fico contente por saber que não deixei de sentir, que não me tornei apático ou cruel. E que, entre tanta tristeza, ainda há coisas positivas que nos fazem sorrir. No entanto, fico preocupado com Petra. Estamos a meio de uma guerra, não quero que se sujeite e corra mais riscos do

que os estritamente necessários.

— Petra — digo, e ela interrompe-me, com um dedo levantado.

— Se julgas que me vais proibir de fazer seja o que for, podes parar por aí.

Lanço-lhe o meu olhar mais cortante, mas ela ignora.

— Optámos por vos contar agora porque gostaríamos de oficializar a coisa.

— Queremos casar — explica Boris.

— Agora? Não temos tempo. — A pressão aperta. Temos de encontrar aliados antes que seja tarde de mais.

— Já viste como estão as coisas, Kai? Não sabemos o que vai acontecer, nem com o que contar.

Ara segura-me na mão e olhamos para o Refúgio. As pessoas estão focadas nas suas tarefas, mas os semblantes são tristes com o peso do conflito que nos cerca.

— Vamos fazer isto. — Olha-me nos olhos. — Acho que estamos todos a precisar de alguma alegria. Vamos proporcionar-lhes esse momento.

*Vamos, amor...*, penso para ela.

— O que querem que faça? — pergunto, resignado.

— Que me leves ao altar. — Petra rasga o sorriso, mas os olhos estão marejados de lágrimas.

\*

Combinámos realizar o casamento em tempo recorde. Ara tinha razão. Quando Petra anunciou a notícia da gravidez e do casamento, viu-se uma onda de esperança surgir, pelo que começámos todos a trabalhar mediante as limitações e a escassez de materiais e bens. Uns começaram a tratar da decoração, outros das roupas e outros do banquete.

Pelos meus amigos, arrisquei e tratei de matar um *dulasmin*. Não há carne melhor e sei que Boris vai ficar contente.

Erguemos um arco feito de sarmentos finos e maleáveis, cobertos de heras e flores brancas. Posicionámo-lo perto da única árvore do nosso Refúgio, a *kerrysis*. Estou satisfeito com o resultado, vai ficar mesmo bonito.

Os pais de Petra ainda estão desaparecidos. Petra sempre foi muito independente e senhora do seu nariz. Desde cedo, soube que seria uma guerreira, e assim que fez treze anos, ainda antes de começar os Estudos Iniciados, pediu permissão e foi viver para a Fraternidade dos Protetores. Nunca percebi muito bem a relação que tem com os pais, que são excelentes pessoas, mas sempre passou muito mais tempo com a Marianne, talvez por esta ser um Espírito Livre e se identificar mais com a tia.

Ara está a ajudar Petra a preparar-se, num pequeno espaço rodeado por tecido claro e esvoaçante.

— Posso? — pergunto.

— Avança lá, rapaz. — A voz de Marianne faz-se ouvir.

Enfio a cabeça para espreitar. Petra está sentada de costas para mim e Ara à frente dela a maquilhá-la, talvez? Marianne está numa cadeira ao lado da de Petra e faz-lhe qualquer coisa às mãos e unhas.

— Os homens e os seus medos. Manuseiam armas e escalam precipícios, mas enfrentar fitas e batons, isso, sim, é um campo de batalha terrífico — diz Ara, sem parar o que está a fazer. — Entra! Nós não mordemos. — Sorri. E depois acrescenta, sem nunca desviar o olhar dos lábios da amiga: *bem, eu talvez o faça*.

— Está na hora — digo, e, ainda assim, apximo-me, cauteloso.

— Só falta o cabelo — explica Ara, contornando a cadeira e posicionando-se atrás de Petra. É atenta e metódica em tudo o que faz e o meu peito inflama ainda mais de orgulho.

— É que o Boris está uma pilha de nervos. Eu tentei distraí-lo com comida e nem isso funcionou. Diz que não lhe passa nada. — As três cabeças giram na minha direção de olhos arregalados e eu aceno.

— Pronto, pronto. Vamos lá a despachar! — diz Marianne.

Ara pega num monte de cabelo de Petra, eleva-o bem no topo da cabeça e começa a prender com ganchos e outras coisas que desconheço completamente.

— Ah, que engraçado, tens uma marca de nascença — diz Ara, enquanto aproxima o rosto da parte de trás do pescoço de Petra.

— Nem me lembro que tenho isso aí. — Petra passa a mão por cima da mancha.

Ara pausa-lhe um dedo e esfrega a marca com atenção.

— Que engraçado, é mesmo muito parecida...

— Meninas, chega de conversa. Vamos, antes que o noivo desmaie — diz Marianne, começando a levantar-se. — Ajuda aqui a velha senhora, Kai. Precisas de ajuda com o cabelão? — pergunta a Ara.

— Não. Só faltam mesmo dois e está pronto. — Prende mais duas mechas de cabelo, solta duas na parte da frente do rosto e sorri ao olhar para a melhor amiga.

E eu sorrio a observá-la a ela.

\*

O teto de cristal amarelo reflete-se na água e as cascatas finas criam um som acolhedor. Este lugar é lindo e eu estava com receio de que ter aqui tanta gente o fosse desvirtuar, mas as pessoas fizeram dele um lar.

A maioria dos convidados está de pé num semicírculo, de forma a terem uma visão perfeita do altar. O corredor está ladeado por

grandes conchas que servem de castiçais para as velas, que tremeluzem suavemente. O aroma adocicado e a brisa das ondas do pequeno mar que sopram através da gruta misturam-se de forma harmoniosa, criando uma atmosfera única e romântica.

Uma sensação de tranquilidade e paz invade-me. Alguns convidados seguram flores, outros velas acesas, simbolizando o amor e a luz entre Petra e Boris. Algumas pessoas choram, num misto de felicidade e esperança. Colt tira fotos.

Eu e Marianne caminhamos, um de cada lado, de braço dado com Petra, todos os olhos postos na noiva, que enverga um vestido longo e simples. Na mão, uma pequena flor. Quando chegamos ao altar, sorri para Boris, que lhe retribui com um sorriso contido de extrema felicidade.

— Estou muito orgulhoso da família linda que estão a formar — digo-lhes.

Abraço Boris e dou um beijo a Petra. Ponho-me ao lado do noivo e olho para Ara, que se encontra orgulhosamente ao lado da amiga.

*Linda, digo-lhe.*

*Também não estás nada mal.*

*Os próximos somos nós.*

Ela ruboriza e não controlo um pequeno riso que me sai abafado.

— Não é para estarem a *telepatiar* no meu casamento — ralha Petra, baixinho. — Este momento é sobre mim, apenas.

— Nós, amor. Sobre nós — diz Boris, pacientemente.

Rimo-nos.

— Oh, eles perceberam.

Hensel aproxima-se.

— Meus queridos amigos, estamos aqui hoje para celebrar o amor entre Petra e Boris, que é tudo menos maçador e previsível. — A minha avó sorri aos noivos. — Vocês são guerreiros corajosos e fortes, mas como todos nós sabemos, a vida pode ser imprevisível e cheia de desafios. Mesmo assim, juntos podem enfrentar qualquer coisa, pois esse amor torna-vos mais fortes. Petra e Boris, chegou o momento de expressarem os vossos sentimentos, nos quais se comprometerão a amar e cuidar um do outro pelo resto das vossas vidas, sejam elas longas ou curtas. Peço aos convidados para formarem um círculo em volta dos noivos, simbolizando o apoio e a proteção da Comunidade.

Petra e Boris olham-se nos olhos e Petra começa a falar com a voz trémula:

— Boris, sei, desde há algum tempo, que és a pessoa perfeita para me aturar. Prometo respeitar-te e apoiar-te, em todas as alegrias e desafios que possam vir. E prometo amar e cuidar da nossa *filha* — deita-lhe a língua de fora —, mesmo que ela herde as tuas piadas secas. Amo-te, e prometo não to dizer muito frequentemente.

Boris segura nas mãos de Petra numa tentativa, falhada, de se acalmar.

— Petra, és a luz da minha vida, a única pessoa que eu conheço que me consegue deixar sem palavras e me faz sorrir, mesmo quando não há razão para isso. Prometo amar-te, cuidar de ti e fazer-te rir com as minhas piadas secas, todos os dias da minha vida. — Dá um passo em frente e pousa a mão sobre a barriga de Petra. — Prometo proteger-vos e ser um pai dedicado ao nosso *filho*. — Pisca-lhe o olho. — Mesmo que ele herde o teu feitio. Amo-te e prometo dizer-te isto todos os dias.

Risada geral.

— Pela minha autoridade e pela vontade dos noivos, declaro Boris e Petra, marido e mulher. Vivam juntos, em harmonia. Mesmo que as sombras tentem obscurecer a vossa vida, que a luz dentro de vós brilhe sempre mais forte.

Eles beijam-se e todos aplaudem, emocionados, o som de hurras contidos a ecoar na rocha. De repente, um som no meu ouvido alarma-me. Uma interferência estremece no meu auricular. Tenho-o mantido sempre ligado. Levo a mão à orelha.

— Petra! Wull. Boris. Alguém? — Ouço.

O meu estômago embrulha-se. Faço sinal a Ara e afasto-me da multidão.

— Adro?



«Da Concordância ao Desconhecido  
Um passo revela Mundos.»

Citado por Lysander,  
Navegador das Fendas Temporais

# 35

## ARA

O rosto de Kai transfigura-se. Faz-me sinal e afastamo-nos. Pequenas gotas de suor formam-se na sua testa. Como não tenho auricular, deixa-me *ouvir* a conversa.

— À escuta — diz Kai.

— Kai? Estás cá?! — A voz de Adro é trémula.

— Sim. Onde estás? — pergunta Kai, mas, como resposta, obtém apenas estática.

— Apanharam-me, Kai.

O nosso chão abate.

— Vamos tirar-te daí, amigo.

Mais silêncio.

— Rendam-se. Querem que vocês se rendam.

— Quem quer?

Palavras indistintas e um som abafado.

— Rendam-se! Entreguem as armas. É a única mensagem que te posso passar.

— Mantém a calma, Adro. Viste a minha mãe? — pergunta Kai.

— O Llyr e... — Adro começa a falar depressa, mas alguém o interrompe.

Ouve-se um som seco e breve, como um pedaço de madeira a partir. Depois, silêncio total.

A raiva de Kai está prestes a estourar. Arranca o auricular do ouvido.

— O que será que ia dizer sobre o Llyr? Será que ele ia dizer que a minha mãe está refém também?

— Não sei, mas não podemos adiar mais. Temos de ir — digo. — Tal como tu, também eu quero ir já tentar salvar o Adro e certificarme de que a tua mãe está bem, mas estamos em inferioridade numérica, Kai. Já tentámos e falhámos.

Não queremos estragar o clima festivo, por isso, optamos por não

nos despedirmos de ninguém, mas observo cada um dos nossos amigos e gravo-os na minha memória, no meu coração, porque, como Petra disse, não sabemos o que o futuro nos reserva.

Isla e Colt conversam um pouco mais à parte. As risadas deles ecoam nos meus ouvidos. Os rostos corados e os olhos brilhantes com alguma piada que provavelmente Colt acabou de dizer. Sei que está a tentar levantar o ânimo de Isla e fico-lhe grata por isso. Colt tem essa capacidade de saber sempre do que os outros precisam. Por vezes, esquece-se de olhar por ele próprio, mas nunca de ajudar os que estão à sua volta. Tenho muita sorte em tê-lo como amigo e fico feliz por Isla agora poder dizer o mesmo. Por duas das minhas pessoas favoritas se terem encontrado.

Saímos de fininho, com Hensel a indicar o caminho. Andamos pela linha d'água. Quando chegamos ao fim, Hensel sobe a umas pedras, encosta-se à parede de rocha e começa a trilhar um caminho aparentemente inexistente. Passamos por trás da cortina de água da cascata. Continuamos a segui-la e, de repente, desaparece. Eu e Kai paramos, admirados. Uma pequena reentrância impercetível ao olho humano, como numa ilusão de ótica, permite-nos entrar por uma entrada estreita.

Hensel agarra em tochas que aqui estão, molha-as numa pia embutida na pedra, uma de cada vez, e elas acendem-se. Passa-me uma e dá outra a Kai. Espanto-me com a beleza deste sítio. É completamente diferente dos outros túneis esculpidos na rocha. Este é largo e parece uma obra de engenharia. O teto cimentado e pintado, que acredito um dia ter sido branco.

O chão é um mosaico de azulejos com desenhos e padrões coloridos, desgastados pelo tempo, porém o que mais chama a minha atenção e onde deposito um olhar mais demorado são as paredes ao nosso redor. Estão cravejadas não de joias, mas de punhais, adagas e espadas. São lâminas de todas as formas e feitios: onduladas e curvas, longas e finas, pequenas e robustas. Muitas delas simples, outras incrustadas de pedras preciosas e trabalhadas. Cada uma delas cravada nas paredes, e parecem emanar ainda uma aura de resiliência.

— Onde estamos? — pergunto a Hensel.

— É a Passagem da Concordância. O caminho que nos levará ao Portal dos Mundos. Quando as fronteiras estavam abertas e vivíamos em harmonia, era por aqui que todos passavam, segundo os Escritos. Entravam e saíam de livre vontade para fazerem as suas trocas e confraternizarem.

— E estas armas, o que significam?

— Cada lâmina cravada não é um mero ornamento, nem são resquícios de batalhas passadas. São promessas, juras de paz, deixadas por aqueles que por esta passagem transitaram. Ao espetar o ferro na

pedra, cada viajante declarava a sua intenção de harmonia, renunciando à violência, ao cruzar o umbral dos Mundos. Era tido como um gesto de boa-fé, de confiança mútua. Infelizmente, também se perdeu nas névoas do tempo.

Tenho esta pergunta há muito tempo na minha cabeça, e este é o momento certo para a fazer.

— Hensel, porque é que me disseram que eu era a Escolhida? Como chegaram a essa conclusão?

— Os Escritos são vagos, mas, desde que vocês eram crianças, eu via o meu neto a falar para ti, a comunicar Entre Mundos. Quando chegaste e vos vi juntos, a vossa união, eu soube. Deste início a uma cadeia de acontecimentos. — Abre os braços. — Olha onde estamos agora.

Começámos a descer. A pressão nos meus ouvidos dá de si e começam a estalar. Faço manobras de descompressão para aliviar. Andamos e andamos, cada vez mais e mais fundo.

— E só o Consílio sabe da existência deste Portal dos Mundos? E agora nós?

— Os membros do Consílio sabem da existência, mas só eu sei a sua localização. Só uma pessoa por geração tem esta informação, o Zelador do Portal. E está na altura de eu passar este cargo.

Isso é muita responsabilidade e acredito que esta informação não seja passada de forma leviana.

Saímos deste corredor e deparamos com um cenário belíssimo.

Estamos numa grande caverna oval, com prateleiras e buracos esculpidos nas paredes de pedra, a toda a volta e altura. Livros, papéis e papiros empoeirados cobrem cada centímetro. Mesmo no centro, uma ruína do que outrora deve ter sido uma casa, ou, pela dimensão da escada que ainda se mantém de pé, um palácio. Ao lado, um poço largo com a parede redonda ainda intacta. Kai aproxima-se, inclina-se e aponta lá para dentro.

— Por favor, diz-me que não é isto o portal.

Hensel aproxima-se e espreita também.

— Esqueci-me que isso estava aí... — diz Hensel, e Kai *mostra-me* o que está lá dentro.

Hensel levanta o rosto, sorri e aponta para a escadaria alta. No topo, não existe nada a não ser um arco de uma porta, de pedras grandes e robustas. É um arco quebrado, pois tem uma forma pontiaguda, que dá a sensação de força e segurança. Ainda cá em baixo, contorno a escada só para constatar que não há mesmo mais nada atrás delas. Se passarmos aquele arco, caímos desamparados cá em baixo.

— Temos de atravessar aquele arco, não temos? — pergunto, quando chego junto deles.

Hensel assente e pergunta.

— Trouxeram calçado? — Olhamos um para o outro e anuímos. — Então, calcem-se — diz, ao tirar algo do bolso.

— O que é isso?

— É uma bússola — diz, com a palma da mão aberta a mostrar o objeto que, de facto, se parece com uma bússola, mas, no centro, onde normalmente está o mostrador com as marcas que indicam as direções cardeais e a agulha magnética, tem apenas aquilo que eu entendo ser uma pedra viva. Tem uma espécie de líquido em tom pérola e prata, que brilha e se mexe com fluidez e beleza extrema. Sinto-me de tal forma atraída que não consigo tirar os olhos dela.

Kai segura-a.

— Vai levar-nos onde precisamos de ir?

— Vai ajudar-vos a não se perderem — esclarece ela, e eu engulo em seco. — As marcas que vos foram concedidas...

— Nós é que as fizemos — repito as mesmas palavras que disse antes do juramento de lealdade.

— Fizeram-nas porque vos foram concedidas. Passei a minha vida a estudar os textos, porque essa tarefa me foi atribuída. Não interessa se é um objeto que vos é passado, ou que encontram em algum momento ou, como no vosso caso, tatuagens. O tempo encarrega-se de fazer com que os escolhidos as encontrem.

— Como assim, a não nos perdermos?

— No limbo, na matéria, no vácuo. Acima de tudo, devem acreditar em vocês mesmos e na vossa força.

— E onde devemos ir?

— Ao Mundo da Terra ou do Ar. Nunca ao do Fogo — explica ela.

— Porquê?

— Foi o que mais danos e perdas sofreu. A destruição permanece. Façam o que fizerem, não vão lá.

— Isso está nos Escritos? — pergunto, mas ela ignora-me.

— Abstraíam-se de qualquer sofrimento ou dor. — Hensel segura as nossas mãos e junta-as. — Sintam apenas o vosso enlace. A bússola encarregar-se-á de vos levar onde têm de ir. Com a prática, fica mais fácil, segundo os Escritos...

— Alguma vez passaste este portal? — pergunta Kai.

— Não. Desde o fecho dos portais nos Outros Mundos e, uma vez mais, segundo aquilo que interpreto dos Escritos, apenas as pessoas portadoras das Etherkeys podem passar ou trazer alguém consigo. E eu não sou portadora. Sou apenas a Zeladora do Portal.

— Se conseguirmos que nos ajudem, como fazemos para trazer as pessoas?

— Bem, talvez eles tenham de abrir o portal do lado deles, seria mais fácil a travessia. Se não, da mesma forma que trouxeram a Isla e

o Colt da Superfície. De qualquer maneira, o nosso continuará aberto.

Ela para e repete, o rosto vincado de preocupação.

— Não se esqueçam de que os portadores das Etherkeys podem passar, mesmo que os portais estejam fechados, uma vez que funcionam como o seu próprio portal. Vocês são os portadores das Etherkeys, portanto, têm carta branca para andar Entre Mundos.

Aponta para a escadaria ancestral.

— O resto do caminho têm de ser vocês a fazer — diz, dando um beijo no rosto a cada um.

Os degraus são largos e desgastados pelo tempo. À volta, a vegetação cresce em estado selvagem e pedras caídas da estrutura estão espalhadas pelo chão, mostrando ainda a grandiosidade da construção original. Chegamos ao topo e, entalhadas nas pedras do arco, estão inscrições que não entendo e alguns dos símbolos que reconheço também do documento *Descent*.

— Preparada?

Olhamos uma vez mais cá para baixo. A queda é alta e as pedras amontoadas em baixo ditarão a nossa morte, caso isto não funcione.

— Tanto quanto alguma vez estarei.

Aproximamo-nos e o aroma de Kai envolve-me e tranquiliza-me. As nossas tatuagens estão juntas e seguramos a bússola entre nós. Um arrepio percorre todo o meu corpo e o ar começa a ondular com uma energia crescente.

Concentramo-nos e deixamos que o nosso pensamento esteja limpo para que a bússola nos leve para onde precisamos de ir.

Sem nunca tirarmos os olhos um do outro, damos um passo e caímos.

«No sussurro das chamas  
A verdade é forjada  
No brilho do fogo,  
A sabedoria revelada.»  
Provérbio de Ignisia

# 36

## Kai

A sensação de queda livre parece não ter fim, como se estivéssemos dentro de um vórtice de luz brilhante. O calor intensifica e o cheiro a queimado também, como num túnel de labaredas.

Atordoados e ainda entrelaçados, não temos tempo sequer de pensar, mediante o cenário a que somos apresentados.

Fissuras largas rasgam o terreno debaixo dos nossos pés, que continua a partir e a abrir em grandes fendas. Lava borbulha nessas brechas e temos menos de um segundo para decidir para que lado saltar.

Mergulhamos para a direita mesmo a tempo. O sulco espalha-se e a lava quase nos devora. Caímos no chão, a respiração ofegante. Olho para a mão, que aperta a bússola. Emite agora um tom dourado.

— Não era suposto termos vindo cá parar, certo?

— Definitivamente, é o Mundo do Fogo. Parece que não temos voto na matéria, mas, pelo menos, já sabemos que isto funciona — digo, e guardo a bússola no bolso. Levanto-me e puxo Ara pela mão.

— Vamos — diz Ara, e começa a andar pela terra castanho-escura e áspera, com rapidez. Sigo-lhe os passos. — Achas que estamos dentro de um vulcão? — pergunta, olhando à nossa volta, e eu anuo.

O ar é quente e seco e o solo está coberto de cinzas. Lava fervilha por todo o lado, poderosa e pulsante. É uma paisagem desoladora e, ao mesmo tempo, belíssima. As paredes estão cobertas por uma camada espessa de musgo viscoso que cresce à luz do brilho das cores quentes e luzes cintilantes. A única vegetação que vemos são catos. De todas as formas e feitios. Grandes e pequenos.

Estamos a caminhar há muito tempo, benditas sapatilhas. Cada passo é uma batalha contra o calor que envolve este Mundo de fogo e cinzas. O ar denso, quase tangível, tão diferente do de Aquorea, pesa nos meus pulmões. Suor escorre por cada um dos meus poros. Já esgotei a minha reserva de água. As pernas doem-me e queimam com



o esforço de me mover nesta atmosfera implacável.

— Temos de encontrar alguém. E água — reclamo.

Ara lidera o caminho. Para, espera por mim e passa-me a sua garrafa. Sinto-lhe o peso, foi bem mais regrada do que eu.

— Força, Shore. Testa os teus limites — encoraja-me ela, o rosto vermelho-vivo. — Tem de haver pessoas neste inferno. Vamos conseguir.

O conforto das suas palavras impele-me a continuar.

— Os meus pulmões foram feitos para a água — explico.

À medida que a última gota de água desliza pela minha garganta ressequida, sinto as forças abandonarem-me, apesar dos incentivos constantes de Ara, que se mantém resoluto.

O desespero instala-se e é neste momento que um grupo de figuras emerge das sombras, de armas em punho. Não sei se deva ficar aliviado ou aterrorizado.

Formam um círculo ao nosso redor, apontam-nos os bastões espinhosos e uma descarga de adrenalina explode no meu corpo.

— Hey — digo, pondo-me à frente de Ara por instinto, de braços no ar. Ela espregueia atrás de mim para as pessoas e vem para o meu lado.

— Vimos em paz. — Ara ergue também os braços. — Vimos de Aquorea, o Mundo da Água.

Sem uma palavra, apertam o cerco, retiram-nos todas as armas e as mochilas, e uma delas diz: *Fos Crownbearer*. Batem com os bastões de espinhos no chão com vigor, uma única vez, e começam a andar. Os uniformes são elaborados, com cores sofisticadas e adornos intrincados. Vamos no meio, não temos forma de fugir. Mas, mesmo que conseguíssemos, para onde iríamos?

— Pelo menos, encontrámos pessoas — digo, a tentar manter o espírito positivo.

— São todas mulheres — sussurra Ara, a referir-se ao grupo de guerreiras que nos faz a escolta. — *Crownbearer*? Será o rei?

Encolho os ombros.

— Será que têm água?

O silêncio é apenas interrompido pelo som arrepiante de uns pássaros de asas e bicos grandes, cor de vinho, que voam raso nas nossas cabeças.

A terra começa novamente a tremer debaixo dos nossos pés, como o ritmo de uma música ancestral. Penso que pode ser um sismo, mas as guerreiras nem pestanejam, por isso, acredito que estamos fora de perigo. O som crescente está cada vez mais perto. Uma manada de cavalos passa por nós a galopar, os cascos batem no chão e produzem um ritmo poderoso e pulsante. O pelo deles é de um cinza vulcânico luzidio e as suas crinas parecem penas incandescentes. Correm livres e

sincronizados, é uma visão inesquecível e hipnotizante. Dou a mão a Ara.

O ambiente à nossa volta fica mais leve e começamos agora a entrar numa zona habitacional. As casas estão construídas em nichos das paredes e em plataformas suspensas. As poucas pessoas que por aqui se encontram tentam penetrar com o olhar a barreira das guerreiras e perscrutam, curiosas e desconfiadas.

*Onde está a população?*, pergunto de mim para mim, e Ara ouve. Trocamos um olhar cúmplice e os nossos sentidos ficam ainda mais alerta mediante as palavras de Hensel.

Ao longe, avistamos uma grande escadaria, entalhada na rocha. No cimo, uma das obras mais bonitas que já vi. Uma construção esculpida diretamente a partir da face frontal da rocha vermelha. As colunas que guardam a entrada parecem não terminar, de tão altas que são.

*Uau! Será que é para lá que nos levam?*, pergunta Ara.

*Já vamos ver. É preferível a ir para ali.* Olhamos para o lado e sinto-a estremecer através do nosso vínculo. Uma cascata efervescente, num tom metalizado, escorre por uma parede e forma um riacho estreito que passa por baixo das plataformas que suportam as casas.

*Não me quero refrescar naquele rio*, diz ela.

À medida que nos aproximamos, a imponência desta obra magnífica é ainda mais intimidante. Sinto-me minúsculo ao subir a escada e a passar pela entrada magistral. É, sem dúvida, um palácio.

Cá dentro, tochas de fogo iluminam o amplo corredor e o salão para onde nos levam.

— Vejo que as Guardiãs vos trouxeram em segurança — diz uma voz feminina segura e serena, quando nos aproximamos devagar, sempre rodeados pelas guerreiras.

As Guardiãs formam uma fila entre nós e a mulher, sem nos deixarem vê-la por completo. Batem uma vez com os seus bastões no chão e arredam-se para os nossos flancos, dividindo-se em dois grupos iguais.

É é então que a vemos. No centro, à frente do que parece ser um trono imponente, está uma mulher, de pé, que olha diretamente para nós.

Ao seu lado, está uma criatura imensa, como nunca tínhamos visto. Parece um puma, mas muito maior, ultrapassa a cintura dela. Uma besta coberta por uma armadura que brilha como se estivesse em chamas. As longas presas projetam-se para baixo, e os olhos são de um vermelho ardente que brilha na escuridão. O rugido é tão potente que as paredes vibram. A alguns metros de distância, está um animal do tamanho de um porco-bravo, preso por uma corrente.

— Calma, *Tundrar*. — A mulher passa-lhe a mão pelo lombo largo e ele acalma-se, mas sem nunca deixar de nos fitar. — O teu jantar é

aquele — indica o bicho ao canto. — Come! — diz uma palavra apenas, o grande animal dá um salto, e, ao aterrar, trinca o porco e engole-o de uma só vez. A rainha não tira os olhos da cena e, quando nos encara, apenas encolhe os ombros.

*Um aviso, será?*

Dá três passos determinados e ficamos cara a cara. Deixamos que nos observe, mas não falamos. Por baixo do traje detalhado, sem mangas, despontam cicatrizes escuras e nodosas, dignas de uma guerreira. Na cabeça, um turbante, reflete ainda mais a sua simplicidade e beleza.

— De onde vêm?

— De Aquorea — respondo.

A expressão é de espanto. No mesmo instante, uma Guardiã bate com o bastão no chão e diz «Vossa Majestade».

Mais um aviso.

— De Aquorea, Vossa Majestade — corrijo, com uma pequena reverência.

— O nosso portal está fechado. É impossível. A não ser...

Arrisco e levo a mão ao bolso para tirar a bússola e tentar explicar como e porque viemos cá parar, mas, assim que faço o movimento, uma cinquedea é encostada ao meu pescoço. O frio do metal largo e curto contrasta com o calor do meu corpo.

Ara posiciona-se para contra-atacar e eu mantenho-me quieto, não me sinto ameaçado.

— Recuar! — diz a monarca, a voz firme, sem gritar. No mesmo instante, a Guardiã afasta-se e volta para a formação.

— Não temos armas. Tiraram-nos todas — explico. — Posso? — indico que vou tirar a mão do bolso e ela assente.

Mostro a bússola e ela arqueja baixinho.

— São possuidores das Etherkeys?

Mostramos os respetivos antebraços com as nossas tatuagens.

Leva a mão à testa, depois ao coração e toca-nos, repetindo os mesmos gestos.

*O que está a acontecer?*, pergunta-me Ara.

— Chamo-me Kai. Esta é a Ara, Vossa Majestade.

— Olá — diz Ara, e faz um pequeno gesto com a cabeça.

— Sou a Calantha. Apenas Calantha, não são precisas essas formalidades entre amigos. Bem-vindos a Ignisia. Venham — diz, fazendo sinal para que a sigamos. *Tundrar* acompanha-a com uma postura soberba, digna de linhagem real.

Vamos atrás dela. As Guardiãs seguem atrás de nós.

O salão onde nos encontramos é simples. A rainha indica-nos umas cadeiras de costas altas e sentamo-nos. *Tundrar*, prestes a acomodar-se ao lado da rainha, parece subitamente atraído por algo. Curioso,

aproxima-se de Ara, farejando-a de forma meticulosa, embora gentilmente. O meu olhar vai dele para Ara, para a monarca, que está tão surpreendida quanto nós. O animal, satisfeito com o que encontra, retira-se sem nenhum sinal de hostilidade.

Calantha faz um gesto e logo um jarro grande com água e copos é pousado sobre a mesa de apoio à nossa frente. Sirvo-me de um copo e vou para encher outro para Ara.

— O nosso bem mais precioso — diz.

Pouso o copo ainda vazio e passo o que tem água a Ara, que olha para mim. Bebe uns goles e passa-mo. Sorvo a água, que tem um gosto terroso e a fumo, mas não deixa de me saber bem.

— Obrigada pela partilha. É muito generoso da sua parte — diz Ara, e eu concordo com a cabeça.

— Em Aquorea, há muita água, com certeza.

— Bastante — digo. Não quero ofender, mas tenho de saber se este Mundo sempre foi assim ou o que se passou para estar neste estado. Arrisco perguntar. — É por falta de água que...?

Não termino de formular a pergunta, porque ela esboça um sorriso, mas não me responde.

— Para arriscarem vir cá, devem estar desesperados.

— Na realidade, não deveríamos ter vindo cá ter. Fomos aconselhados a manter a distância. Lamento — diz Ara.

— Ainda assim, aqui estão vocês. — Abre os braços num gesto largo.

— Pois, de alguma forma, aquela bússola decidiu por nós — explico.

— A bússola leva-vos onde precisam ou onde o coração deseja. Olho para Ara.

— Precisamos de ajuda — digo, indo direto ao assunto. — Aquorea está sob ataque e, sozinhos, não conseguimos dominá-los. Se não tivermos apoio, vamos perder o nosso Mundo, também.

Levanta-se e começa a andar de um lado para o outro, sob o olhar atento das Guardiãs. Passados uns segundos, fala.

— Ara e Kai, as nossas capacidades, de momento, não nos permitem estender a mão como aliados, da forma que necessitam.

— Percebo a vossa situação, mas qualquer ajuda, por mais pequena que seja, pode fazer a diferença para nós.

— Não imaginam o quanto lamento, mas não encontrarão aqui o que procuram. Temo que, afinal, a bússola possa estar avariada ao fim de tanto tempo sem ser usada. — A voz é assertiva.

— E vocês, precisam de ajuda? — pergunta Ara, aquilo que os dois pensamos e sentimos.

A mulher acerca-se de nós e Ara levanta-se, ficando à mesma altura. Pousa a mão na de Ara.

— Um dia, quiçá, precisaremos, mas agora têm de procurar quem vos possa realmente oferecer aquilo que eu não posso. E se precisam de o fazer com essa urgência, então, devem partir o quanto antes. — A *Crownbearer* faz um gesto e de imediato os nossos pertences são-nos devolvidos.

— Para onde devemos ir? A Hensel, a Zeladora do Portal, aconselhou-nos a Terra ou o Ar.

— A Terra consome a Água. O Ar floresce oxigénio — diz apenas.

— Concede-nos o acesso ao vosso Portal dos Mundos?

— Sigam-me.

Andamos até ao fundo do grande salão e, quando penso que vamos virar para algum corredor que nos levará ainda mais às profundezas da terra, Calantha aponta para a parede.

— Aqui está — diz, a indicar uma tela pintada, que cobre quase uma parede inteira. Ilhas flutuantes cobertas por árvores e plantas exóticas, frutas e flores exuberantes. Pássaros e borboletas voam acima delas. Chamas saltam e dançam por todo o lado. E, no centro da pintura, uma grande fogueira, onde animais se juntam a celebrar. Dragões, fénix, salamandras e outros dançam e brincam, as asas a brilhar no escuro. Outros estão apenas sentados, a contemplar o fogo. As cores quentes e os dourados criam nela uma atmosfera intensa e mágica. O fogo simboliza a força e o poder e os animais representam a união e o espírito de comunidade. Fico a pensar se eles já viveram assim, em harmonia, e o que poderemos fazer para os ajudar e se querem ser ajudados.

«Num *ballet* de vento, desvendam-se respostas  
que o céu escreve nas nuvens, um bailado  
eterno entre a terra e o infinito.»

Aeris, o Guardião das Nuvens

# 37

## ARA

**D**ou um puxão mental a Kai porque ele está de tal forma fascinado e perdido em pensamentos que não escuta nada do que Calantha explica sobre a pintura magnífica que está à nossa frente. Ela observa Kai com atenção e ele recompõe a postura.

— É o portal? — pergunta Kai.

Calantha tira do pescoço uma bússola semelhante à nossa e passa-a com movimentos sincronizados e estudados em frente à pintura. De repente, as cores começam a ondular e a tela ganha vida. A chama cresce e encandeia, os seres mágicos giram e saltam e posso jurar que quase consigo ouvir os seus gritos de felicidade, as canções, e sentir o calor das pequenas explosões da lava incandescente.

— Está aberto — diz. E os seus olhos faíscam tristeza. — Não é aberto desde... há muitos anos.

— Muito obrigada, Calantha — digo.

Ela faz o mesmo gesto de tocar na testa e no coração.

— Até um dia — responde, e eu quero acreditar que há a possibilidade de um dia a voltar a ver.

Kai também se despede.

— Não feche o portal — pede Kai. — As coisas deviam voltar a ser como já foram um dia.

— Sonhar é para os que têm coragem de seguir o coração, acima da dúvida e da cautela, embora a mesma jornada para outros possa parecer um devaneio — recita, a contemplar a Dança das Chamas, nome que deu ao quadro quando nos aproximámos. — Mas vocês têm razão, para o bem ou para o mal, não voltará a ser fechado. Têm a minha palavra.

*Vamos, Rosialt.* Kai passa-me a bússola e encostamos as nossas tatuagens.

— Vamos concentrar-nos — digo-lhe baixinho.

Da primeira vez, mantivemos a mente vazia e deixámo-nos ser

guiados por esta força invisível que nos envolve, mas, desta vez, teremos o controlo. Nós decidimos para onde vamos.

*Mundo do Ar. Mundo do Ar. Mundo do Ar.*

Kai aperta o meu braço e sorri-me com ternura. Os seus olhos estão cansados e tristes. Olhamos uma vez mais para Calantha, antes de darmos o derradeiro passo para transpor o portal.

Ela levanta o braço para nos dizer adeus.

E o meu coração gela, porque acabo de perceber o motivo pelo qual viemos cá parar.

\*

A queda é diferente da do outro portal. Uma sensação de liberdade e leveza, mas, ao mesmo tempo, intenso, com rajadas de vento e tempestades elétricas que me percorrem o corpo. É estranho porque não parece que estamos a ser empurrados, mas a levitar. Uma névoa densa forma-se à nossa volta, o que me deixa um pouco desorientada. Uma força invisível atira-nos com vigor para fora deste vórtice e desequilibra-nos. O nevoeiro dispersa gradualmente e, quando levanta, o cenário diante de nós é de tirar o fôlego.

Uma cidade a perder de vista, com edifícios elegantes, avenidas largas e jardins bem cuidados. Ao longe, campos ordenados. Duas palavras ocorrem-me ao pensamento: idílico e luxuoso. O sol brilha intensamente acima de nós e ofusca-me a vista.

— Ara. — Kai chama-me e eu viro-me só para ficar perdida de admiração, hipnotizada pela beleza do que vejo e pela emoção do que sinto.

Estamos dentro de uma bolha gigante e flutuante.

Lá em baixo, o planeta Terra.

Uma bola azul e verde. Nuvens, montanhas, desertos, linhas costeiras e cidades. Uma pequena e arrebatadora bola no universo, cercada pelo vazio do Espaço. As pessoas que aqui vivem têm uma vista privilegiada.

— Isto é mesmo bonito — digo, à falta de melhor descrição.

— Temos de sair daqui — diz Kai.

Apesar de estarmos encobertos por árvores altas, estamos relativamente perto de pessoas e não sabemos com o que contar.

— Como é que não os conseguimos ver da Superfície?

— Ah, mas conseguem — diz uma voz desconhecida, e eu sobressalto-me. — Às vezes, veem, mas pensam que é um satélite ou uma estrela.

Os nossos corpos enrijecem.

Olhamos e vemos um rapaz deitado na relva, atrás de uns arbustos baixos e bem cuidados. Pela roupa estranha, parece ser um segurança ou algo do género. Um gato gordo repousa em cima dele.



Olho para Kai e encolho os ombros.

*O que fazemos?*

— *Hey!* — Kai dá um passo na direção dele.

— Pela conversa, não são de cá. — Ele permanece imóvel e faz agora festas no lombo do gato.

— Talvez nos possas ajudar — digo.

— Pela quantia certa.

Franzo o cenho.

— Desculpa?

— Pela quantia certa, deixo-vos ir embora, incólumes, a rastejar de volta para onde quer que tenham vindo.

Os músculos de Kai contraem-se e solta um pequeno riso de desprezo.

— Vamos — diz-me Kai. Voltamos as costas ao segurança que faz tudo menos o trabalho dele e, no segundo seguinte, ele está à nossa frente. Uma adaga apontada à minha garganta e outro gume afiado ao coração de Kai. O gato mia e enrola-se nas pernas do dono. Não temos tempo de reagir, quanto mais esticar o braço para disparar um arpão.

— Não viemos para fazer mal a ninguém — digo.

Damos um passo atrás e apontamos-lhe as nossas pistolas de arpões.

— As armas aqui não valem nada, se não forem rápidos.

Faz todo um floreado com as facas e guarda-as com a mesma rapidez com que as sacou, sem que nós déssemos por ela. Alarga o sorriso da boca bem desenhada e sardónica. Mira-nos de alto a baixo, avaliando-nos demoradamente.

A tez morena é estonteante. Os caracóis largos caem pelos ombros como fios de seda e irradiam a leveza e transparência do azul do céu, envolvendo-o numa aura deslumbrante. Tem uma mochila fina aos ombros e usa uns óculos de avião estilo *steampunk*, com as lentes escuras.

— Indie é o nome — diz ele.

— Do gato? — pergunta Kai.

— Do humano. Esta é a *Besta*.

Quando ouve o seu nome a ser chamado, a gata trepa-lhe pela perna longa com uma rapidez extrema para um animal tão balofo. É linda, os olhos são prateados e as orelhas fazem-me lembrar as de um lince. Indie desaperta algo que está preso ao seu cinto, passa as patas da gata por umas aberturas e põe-lhe uma bolsa às costas.

É tudo tão caricato que escondo o sorriso com a mão.

— Somos a Ara e o Kai — explico.

Ele aperta a mão de Kai.

— Saudações, Ara.

— Eu sou o Kai.

— Percebes agora? Não é agradável, pois não? — diz com ar muito sério. Tira dois pares de óculos da mochila e dá-nos. Ponho os meus e sinto um grande conforto. Despe o casaco de um tecido finíssimo, em tons de branco e prateado, e dá-mo. Tira outro da cintura, passa-o a Kai e nós vestimo-los. — Ponham o capuz. Bem-vindos a Ventara.

*Ventara, que lindo.*

— Precisamos de falar com alguém do vosso Consílio — explica Kai.

— Com quem? — Indie gira um pouco a cabeça, como se precisasse de escutar atentamente.

— O Consílio? Ou o rei, ou a rainha. Alguém responsável pela cidade.

— Ou Presidente? — acrescento.

— Ah, A Mão Que Rege. Sim, falarão, mas não hoje.

*A Mão Que Rege?! No que nos viemos meter.*

— Não temos tempo a perder, pá! — grita Kai, exasperado.

Indie para e encara-nos, sério, como que a avaliar do que somos capazes.

— As audiências de hoje já terminaram. Se vos levar, Vayu obrigar-me-á a matar-vos só por ter incomodado, e depois manda cortar a minha própria garganta. E não queremos isso, pois não? Além do mais, vocês estão com um ar de merda, não vos fazia nada mal descansar um pouco.

*Não me importava nada de dormir um par de horas, digo a Kai.*

*Eu também me quero aconchegar contigo,* responde ele, e eu não sei onde arranja esta força interior. Admiro-o tanto que, de cada vez que penso que ele é meu, o meu coração transborda de felicidade.

— Vamos. — Indie recomeça a andar e a *Besta* atira-se para o chão, com a sua caricata mochila às costas. — De onde são e como vieram cá parar?

— Somos de Aquorea — diz Kai.

— É na Europa?

Eu e Kai olhamos um para o outro.

*Será que ainda vamos a tempo de fugir?*

— Não quero saber. — Faz um gesto com o braço a desconsiderar. — O que me interessa mesmo é saber como é que vocês entraram. Porque convenhamos, nunca ninguém cá entrou, não entendo porque precisamos de tantos patrulhas.

— É o teu trabalho? É que és mesmo mau a fazê-lo.

Indie olha por cima do ombro.

— Apanhei-vos, não apanhei?! E não. Sou O Titular de Limpeza.

Ah, então daí a roupa estranha.

— Ah, fazes limpeza?

— Não. Mato pessoas.

Por momentos, penso que está a brincar, mas a forma como o diz e a maneira como se moveu, percebo que está a falar a verdade. O ar dele é gingão e muito sério ao mesmo tempo, o que me faz sentir que estamos a rebolar por uma encosta abaixo, abraçados a um barril de pólvora.

A cidade rodeia-nos, uma esfera que nos circunda. Olho para cima e vejo casas e edifícios invertidos sobre a minha cabeça, como se estivessem pendurados de pernas para o ar, mas nós continuamos a caminhar sem dificuldade. Tudo bem organizado e estruturado.

Malabaristas e outros artistas de rua adicionam ainda mais vida e cor ao cenário. Se eu achava que Aquorea já era tecnologicamente avançada, estou estupefacta com o que encontro aqui. E como conseguem escondê-lo do mundo inteiro. Literalmente. Deve haver algum escudo protetor.

Caminhamos por uma avenida larga com casas espaçosas e modernas, adornadas por jardins e piscinas. As pessoas conversam, riem e parecem não reparar em nós. Aliás, parecem baixar o olhar quando Indie se aproxima, por isso, passamos despercebidos.

As árvores, com folhagem que dança ao sopro do vento, abrigam pássaros, abelhas e borboletas, todos em harmonia. Enquanto me perco na contemplação deste cenário de sonho, uma elegância capta a minha atenção. Libelinhas de todos os tamanhos e cores flutuam. Mas uma destaca-se entre todas. Grande, de uma beleza estonteante, as asas quase translúcidas brilham sob a luz, refletindo tons prateados que me fazem duvidar dos meus próprios olhos. Planando com uma leveza que desafia toda a lógica, toca no solo e transforma-se suavemente numa pessoa. A transição é tão subtil, tão fluida, que, por um instante, questiono a minha sanidade. Ainda tento chamar por Kai para ele confirmar o que vi, mas ele está distraído com outras coisas. Será que aconteceu mesmo ou os encantos deste Mundo estão a brincar com os meus sentidos? Foi ilusão, com certeza.

Indie encosta-se a uma coluna larga onde se lê «Porto de Ar». Acredito que seja uma paragem de transportes e nós paramos também. Um homem robusto aproxima-se dele. Traz vestido um casaco do mesmo tecido e cor que o meu e o de Kai, e também tem o capuz posto.

— Tudo pronto para hoje, chefe? — pergunta o homem.

Indie passa-lhe qualquer coisa para a mão, de forma discreta.

— Não te atrases — responde. E o homem segue o seu caminho.

Fico angustiada. Está-me a parecer que acabámos de presenciar algum tipo de negócio manhoso. Kai aproxima-se mais de mim.

*Temos de estar preparados para tudo*, diz-me Kai.

Concordo, calma.

À nossa frente, está uma plataforma. De repente, há um som que

chama a minha atenção. Levanto a cabeça e um veículo desliza pelo céu em silêncio. É um transporte pequeno, talvez para quinze pessoas, metalizado, reluzente e sem condutor. A porta desliza e algumas pessoas saem. Nós entramos, e este começa a ganhar altitude, devagar, e retoma o seu trajeto. Tem bancos acolchoados com alguns rasgos e janelas grandes e desgastadas.

Vista daqui de cima, a cidade é ainda mais impressionante.

Até que deixa de ser. As avenidas começam a mudar para ruelas estreitas e apinhadas de edifícios antigos e precários. Quando saímos do transporte, o cenário é ainda pior.

— Bem-vindos ao *lado de cá* — diz Indie com orgulho.

«Destinos entrelaçam-se em novos começos.»

*O Segredo do Ar*

# 38

## KAI

**N**ão quero irritar este tipo que se diz assassino. É espirituoso, mas ainda não sei se é de confiança. Apenas viemos com ele porque precisamos de perceber melhor o funcionamento deste Mundo, tão diferente do nosso. Parece que há qualquer coisa que não encaixa, e até estar certo do que é, estarei vigilante e atento a todo o sinal de perigo. Destravei a minha pistola e enfiei uma adaga no punho do casaco que ele me deu. Observo todos os seus movimentos. A verdade é que ele parece ter capacidades, é rápido, pelo menos. Mais alguns como ele dariam muito jeito. E é isso que tenho de pedir quando formos falar com A Mão Que Rege. Ara veio relaxada até aqui, mas esta zona da cidade é completamente diferente daquela de onde saímos.

O ar aqui é mais pesado. Ao longe, ouvem-se rangidos e chiores fantasmagóricos, talvez de máquinas, e o som de uma música cantada, quase como um embalo. Ao mesmo tempo, é acolhedor. As pessoas vendem produtos caseiros em bancadas de rua, os rostos cansados, mas de sorriso fácil.

E no ar, abelhas, muitas abelhas. Movo a mão à frente do rosto, para as enxotar, mas não adianta. Não picam, não atacam, é quase como se nos estivessem a dar as boas-vindas.

Miúdos brincam, alegres, numa praça que não tem nenhum tom de verde.

— A comunidade é forte — diz Indie, ao ver a nossa expressão incrédula. — Há muita interajuda.

A disparidade é enorme, tal como na Superfície. Mas num dos Mundos Originais? À primeira vista, diria que este Mundo tem tudo para dar condições e oportunidades iguais às pessoas.

Os prédios são baixos, de um ou dois andares.

— Indie, Indie. — Uma criança corre na direção dele. Veste um fato-macaco e tem cabelo curto. Um dos olhos está todo pisado, tem

escoriações e lama no rosto e nos braços, apesar disso, está a sorrir. — Apanhei-os. Fiz como me disseste e apanhei-os.

— Eu disse-te. Só tens de ser paciente. Não interessa se eles têm o dobro do teu tamanho. Se usares isto. — Toca-lhe na cabeça. — Se os apanhares desprevenidos e fores rápida, não há como falhar.

— Vou continuar a praticar como me ensinaste. Quero ser a melhor de *Beewatch*. — Ela olha para o chão, envergonhada. — Depois de ti, claro.

Ele ajoelha-se para ficar ao nível da menina.

— Nada disso. Os Limpadores têm vida curta. Vais continuar a estudar para seres alguém na vida. Vais ser a melhor aluna da professora Magdalene. E porquê?

A menina assente, abanando a cabeça com convicção. Estou admirado com a preocupação dele para com a comunidade e para formar estas crianças. Sobe um pouco mais na minha consideração.

— Porque quando for a melhor posso morar nas casas bonitas do *lado de lá* e convidar-te para jantar todas as vezes que quiseses.

— Então, o que vais fazer?

— Continuar a aprender e a aperfeiçoar-me. Vou ser a aluna mais dedicada da professora Magdalene e a melhor Larápia deste mundo — diz com alto entusiasmo, os olhos a brilharem de alegria enquanto dispara a correr na direção contrária.

— É assim mesmo — diz ele, com um sorriso orgulhoso e os braços cruzados no peito. — Aquela vai longe. Vão por mim.

— Estás a incentivá-la a roubar? — Ara está escandalizada e não se coíbe de o demonstrar, quase a gritar com ele.

— Ou mata ou rouba. Qual preferes?

Ela petrifica.

— Deve haver outros trabalhos que...

— Os empregos na cidade boa são escassos para os da nossa laia, e a falta de recursos torna a vida difícil. Então, é melhor do que labutar O Esforço Silencioso. — Ele encolhe os ombros, como se isto por si só já fosse uma explicação válida.

*Estes Mundos não deveriam ser melhores do que a Superfície?*, Ara fala-me pelo nosso vínculo. A tristeza e a revolta que sente entranha-se nos meus ossos.

*Não são. Talvez sejam um espelho do que se passa à Superfície? Ou os nossos Mundos refletem-se na Superfície.*

*Pois, é capaz de estar tudo interligado.*

Seguro a mão dela e aperto-a, na tentativa vã de lhe trazer algum conforto. Temos passado por tanta coisa juntos. Coisas muito difíceis de superar, de acreditar e de engolir, como é o caso. Temos sido a força um do outro, e não suportaria passar por tudo isto se ela não estivesse ao meu lado. Contudo, há injustiças que são difíceis de

tolerar, e se estiver ao nosso alcance fazer alguma coisa para o mudar, devemos agir, mas sei também que não sabemos nada sobre estes Mundos que estamos agora a conhecer. Não sabemos nada da sua política interna, costumes e tradições.

É difícil, talvez até egoísta, mas temos de pensar em Aquorea, a nossa casa, e de que forma podemos ajudar a nossa gente. Para que não se torne uma sociedade assim, em declínio.

Indie para perto da entrada de um prédio apenas com rés do chão e primeiro andar. Dispostas numa bancada e no chão, estão dezenas de caixas de abelhas. As colmeias são bem cuidadas. Frascos de mel, pólen, própolis e cera de abelha estão dispostos em cima de uma mesa redonda, ao lado da bancada. Um homem passa, pega num frasco de mel e num pedaço de cera de abelha e agradece ao Indie.

— Algo que se rouba com facilidade do *lado de lá*. O néctar e o pólen das flores deles. Estas são as ladras mais furtivas que conheço. Depois da Magdalene, claro.

Passa a ombreira de uma porta que está aberta e faz-nos sinal para que o sigamos. Subimos uma escada estreita e esburacada. Indie abre a porta, que chia, e entramos numa casa humilde, mas limpa.

— Não é muito, mas o que está cá dentro é também vosso, por uma noite.

E tenho a certeza de que é uma noite na qual não dormirei.

Indie parece perceber a minha expressão.

— Se vos quisesse mortos, não tinha o trabalho de vos trazer para minha casa — diz ele, sentindo a nossa insegurança.

— Obrigada — diz Ara, e eu concordo.

— Eu tenho de sair para, hum... — Levanta o braço, a descartar importância. — Coisas de trabalho. Fiquem à vontade.

Com isto, sai e fecha a porta atrás dele.

Ficamos os dois espicados a olhar para a porta e depois um para o outro.

— Mas que... — Ara não termina a frase e começa a rir. — A sério, já devia estar habituada a que coisas estranhas aconteçam na minha vida, mas isto é mesmo muito esquisito!

— Porque achas que nos está a ajudar?

— Não sei, mas acho que ainda vamos descobrir. De qualquer forma, em relação a ele, não sinto que seja uma ameaça.

— Concordo. Também não sei bem explicar o porquê.

— O que importa, para já, é que estamos seguros.

Separo a distância entre nós e abraço-a. Ara encosta a cabeça no meu peito e todo o peso do mundo sai de cima de mim. Ela derrete-se nos meus braços. Sentimos os batimentos cardíacos um do outro e ficamos apenas assim, abraçados neste calor e conforto. Sabemos que, neste abraço, estamos seguros, protegidos e que temos capacidade



para enfrentar tudo.

*Amo-te, beijo-lhe o topo da cabeça.*

— Também te amo, Shore — responde, ainda de olhos fechados e com a cabeça a fervilhar de ideias.

«Alianças forjadas na dúvida  
Das Sombras e da Luz  
Testam o Silêncio dos Entendimentos  
Nas chamas da incerteza.»

*Danças sob a Lua Cheia*

# 39

## ARA

**A**cordo assustada com um barulho. Ainda estou na mesma posição de quando me sentei e me encostei ao peito de Kai. Ele está de olhos abertos e alerta. Não pregou olho. Não sei como adormeci, nem por quanto tempo, mas a verdade é que estava mesmo a precisar, de tão esgotada que me sentia. E este sofá, apesar de ter algumas molas a espetar, é mesmo confortável. Pelo menos, assim me pareceu.

— Chiu, as visitas estão a dormir! — Ouvimos da cozinha.

Levantamo-nos e deparamos com Indie à mesa, sentado numa cadeira. Tem um braço em cima da mesa e com o outro cose, apenas com uma agulha demasiado grande e torta, um corte profundo no braço, à luz de uma vela que bruxuleia timidamente. Sangue espalha-se na madeira e o rosto dele está transfigurado.

— O que aconteceu? — Sento-me na cadeira ao lado dele. — Deixa-me fazer isso. — Tiro-lhe a agulha das mãos, está a coser tudo torto. Tem o cabelo preso num coque alto e eu fico um pouco em choque por perceber que lhe falta uma orelha, mas não é de agora, é uma ferida antiga e cicatrizada.

Ele nota que eu me demoro mais a olhar para o lugar onde deveria estar a orelha.

— Podia ter sido pior e ter ficado sem a outra também.

Concentro-me a avaliar a ferida e Kai dá voz aos meus pensamentos.

— Tens álcool? — pergunta Kai.

Indie aponta com o braço bom para um móvel ao lado. Kai abre as duas portas e tira de lá umas garrafas. Abre umas quantas e cheira o conteúdo. Traz uma e derrama o líquido para cima da ferida aberta.

— Aaaaiiiii! Isso é para beber — reclama Indie.

Kai dá-lhe a garrafa para a mão, ele leva-a aos lábios e bebe, sôfrego.

A gata brinca com uma bola de pano e continua a bater nas pernas

das cadeiras e da mesa atabalhoadamente.

— *Besta*, ninho! — ralha Indie e a gata olha-o de esguelha, como se o repreendesse. — Desculpa, não queria levantar a voz. Por favor. — O tom de voz é solene e paciente, e só aí a gata desaparece a bambolear-se para dentro da mochila de Indie.

— Não te mexas — reclamo.

Coso o melhor que consigo mediante o material que tenho à mão. Ele não emite nenhum gemido nem resmungo, como se estivesse habituado a este tipo de dor.

Kai senta-se à nossa frente, em silêncio. E esperamos.

— «Nunca te desvies do teu trajeto.» Infringi uma das minhas principais regras — diz, por fim, Indie.

— Era assim tão importante? — pergunto.

— Ao ponto de amanhã não vos poder levar a Vayu.

Isso não! Não podemos perder esta oportunidade. Seja qual for a situação complicada em que se encontra, tem de a resolver. Amanhã, com ou sem ele, falamos com a tal Mão Que Rege.

— Conta-nos o que aconteceu — pede Kai, a voz seca como folhas de outono.

Ele olha para nós, o rosto desconfiado e repleto de dúvidas.

— Não vos conheço. Os meus muros são intransponíveis, mesmo para os que julgam conhecer os meus segredos.

Rio-me com esta tirada dramática, mas o ar solene dele não muda. Decido mudar de tática.

— Talvez se te contarmos quem somos e o que pretendemos, percebas que temos mais a perder do que imaginas.

Resumimos o melhor que conseguimos. Focámo-nos nos pontos principais da nossa história e do nosso Mundo e apelámos ao seu coração, aparentemente duro, por compreensão. Quando terminámos, fica em silêncio. O curativo está feito e não quis que lhe pusesse o braço ao peito com um lenço. Sem que me apercebesse, a gata já está novamente ao seu colo e ele permanece muito sério, passando a mão no pelo dela, como se isso o anestesiasse. O animal também parece estar atento à nossa conversa.

— Uau! Os vossos problemas são muito maiores do que os meus, que pena — diz, irónico, mas depois de mais uns instantes de silêncio, continua. — O serviço de hoje era de extrema importância e sigilo, mas, pelo menos, descobri quem me traiu.

Arregalamos os olhos, admirados, e foi incentivo suficiente para ele continuar.

— Digamos que sou dotado e possuo um conjunto de habilidades e competências que fazem de mim um tipo muito respeitado no meu ramo.

Por aquilo que me apercebi hoje, enquanto caminhávamos com ele

na rua, temido é a palavra certa.

— Treino e coordeno uma equipa de pessoas com capacidades semelhantes, mas há um deles que acha que me pode superar e ficar com os meus serviços. E, claro está, dei-lhe uma posição de destaque, como meu Limpador-Absoluto. Apesar de ser meu subalterno, não corto as pernas a ninguém que queira mais. No sentido figurado, claro. No literal já cortei. Temos o que se pode chamar de disputa saudável. Uma sabotagem aqui, outra ali. Porque sei que ele tem potencial e gosto de o levar a superar os próprios limites. Acontece que, há uns tempos, as coisas começaram a tomar outras proporções, quando ouvi rumores de que Vayu lhe iria atribuir um serviço exclusivo. Os meus Limpadores nunca trabalham por conta própria. Dou-lhes trabalhos mais pequenos que lhes encha a barriga e o ego, mas nada mais do que isso.

— Então, mas o que aconteceu hoje? — pergunto.

— Desinformação — Esboça um sorriso límpido e expressivo, talvez o mais sincero que já lhe vi até agora.

— Já percebi que lixaste alguém e pareces feliz por isso, mas em que é que isso complica a nossa vida? — Kai está impaciente.

— A Mão é uma pessoa com exigências muito particulares. — Baixa a voz, como se segredasse. — E, por vezes, isso requer que sejam tomadas medidas drásticas.

Tamborilo com os dedos na mesa, ansiosa, porque ele está a desviar-se do assunto. Percebe a minha impaciência e empurra a garrafa na minha direção. Abano a cabeça.

— Não, obrigada.

— Só uma pessoa sabia que eu ia passar por aquele trajeto. Por isso, é a única pessoa que me pode ter traído.

— Então, o teu Limpador-Absoluto é aquele homem a quem deste algo hoje, quando esperávamos pelo autocarro aéreo?

Ele solta um riso abafado.

— Autocarro aéreo — repete ainda a rir, retomando o assunto. — Uma das pessoas em quem mais confiava. Na medida em que se pode confiar em alguém do nosso ramo, claro.

— O que aconteceu, Indie? — Kai, tal como eu, está a ficar sem paciência, porém, Indie não parece apressado.

— Usaram a única pessoa que me podia fazer desviar do meu caminho. A pequena Larápia — suspira. — Foi feio, mas ficou resolvido. Ela está a salvo.

— Mataste-o?

— A ele, não. Mandou outros tentarem fazer o serviço sujo, o cretino.

— E agora precisas de ir terminar o trabalho, antes que ele chegue primeiro ao alvo, é isso?

— Ah, não. Isso não vai acontecer. Desconfiava que ele andava com ideias parvas de formar o seu próprio Esquadrão, mas só acreditei vendo. Verifico sempre as minhas fontes e rumores. E, infelizmente para ele, estavam certos.

— O que fizeste?

— Tomei as minhas próprias providências. Dei-lhe a hora errada e o número do beco certo. Onde encontrará a sua esposa numa sessão, que espero que seja escaldante, com o Braço de Ferro da Mão Que Rege. Ele nem desconfia o que o espera, coitado.

— Sabes que nem gaguejas ao contar-nos que acabaste de lixar a vida de outras pessoas? — A expressão de Kai é séria, mas sei que começa a achar piada à forma de pensar de Indie. — Não te estou a criticar, longe de mim. Por favor, continua. — Levanta os braços.

— E não foste terminar o serviço devido ao ferimento, é isso? — pergunto. Agora, estou intrigada.

— Este arranhão não é nada. O pé partido é que não me deixou avançar mais.

— Pé partido? — pergunto, alarmada.

— Claro. Porque achas que estou aqui sentado a perder tempo a falar convosco?

Olhamos para a perna dele. A pele do pé está vermelha e inchada, com uma deformidade sombria onde antes era uma linha reta.

Kai levanta-se, contorna-o e baixa-se. Toca ao de leve para avaliar e ele geme, como se este simples gesto fosse uma tortura insuportável.

— E não dizias nada?

— A história da vossa guerra distraiu-me um pouco da dor.

Este rapaz não é muito mais velho do que eu, talvez até seja mais novo, mas a vida que leva e a maturidade que tem fazem-no parecer mais velho do que a idade real sugere. É como se ele tivesse vivido uma vida inteira em apenas alguns anos, e isso reflete-se na personalidade e comportamento maduros, mas também cínicos.

— Temos de tratar disso. — Levanto-me e peço que pouse a perna em cima da cadeira onde eu estava sentada. — Não vais conseguir andar nas próximas horas.

Ele sorri.

— Com a vossa ajuda, consigo. Vamos lá. Endireitem lá isso, para podermos fazer desaparecer mais um. Um brinde aos meus novos Limpadores! — Ergue a garrafa no ar, com um sorriso fugaz e bebe mais, enquanto Kai, com um puxão forte e rápido, faz o osso estalar, o que me arrepia até à alma.

«De receios nascem laços insólitos,  
moldando o futuro em concórdia nascida,  
unidos na necessidade.»

*Alianças Ocultas,*  
Theron

# 40

## Kai

**H**á linhas que não transponho. E pensava que fazer desaparecer alguém que não conheço fosse uma delas.

Estamos novamente do *lado de cá* e ainda não parei de pensar no que fizemos e nas coisas em que este tipo deve estar envolvido. A *Besta* anda à nossa frente como se liderasse o grupo, com a sua mochila ao lombo e, por estranho que pareça, foi uma mais-valia nesta missão.

Fora desta bolha extraordinária, as estrelas cintilam. Os casacos que Indie nos emprestou mudaram de cor com a chegada da Lua, agora, são escuros e parecem refletir algum do prateado do céu. O casaco dele é mais longo e nunca tira os óculos do rosto. Eu e Ara amparamo-lo, um de cada lado, e ele ri, como se tivesse graça. Devia ter o pé em repouso e ao alto, porque, se for connosco para Aquorea, vou precisar que tenha as pernas funcionais. Convida-nos para irmos a um bar. Apesar de não me apetecer, também não tenho sono e, já que temos de queimar tempo até à audiência com A Mão Que Rege, optamos por conhecer um pouco mais deste Mundo.

— Foi uma boa noite — diz Indie quase ao pé-coxinho. — Vocês são corajosos. Ou, então, têm uma grande falta de bom senso.

— Tempos sombrios exigem medidas drásticas. E não foi assim tão mau — diz Ara.

A gata mia alto.

— Claro que também estiveste bem, *Besta* — diz Indie à gata e ela parece menear-se mais ainda. — É sempre isto, necessita de validação.

Não consigo evitar sorrir.

— Não tirem os capuzes nem os óculos — aconselha Indie, antes de entrarmos no estabelecimento e puxarmos o tecido mais para o rosto. O espaço tem um balcão grande e enegrecido, e há mesas e cadeiras espalhadas aleatoriamente. Pessoas conversam, outras jogam e reclamam alto. Moedas e algumas notas em cima das mesas fazem-



me perceber que aqui o dinheiro conta. Do lado oposto, há uma zaragata, mas ninguém parecer dar demasiada importância. Velas por todo o lado são a única iluminação.

Sentamo-nos num canto menos iluminado e mais afastado da confusão.

A *Besta* trepa pela perna do dono e ronrona contra o peito dele, os olhos são duas gemas prateadas, como se a Lua refletisse diretamente neles. Indie abre a mochila da gata e tira um biscoito.

— Não teria conseguido sem ti. Um dia, ainda vais liderar o Esquadrão, mas primeiro tens de emagrecer uns quilos. — A gata olha para ele como se o entendesse e, em resposta, senta-se em duas patas. Indie dá-lhe a comida e a *Besta* salta para o chão num voo elegante.

Por baixo da mesa, dou a mão a Ara. O polegar em círculos contra a pele suave dela.

Uma mulher com um avental imaculado vem ter connosco e pousa três copos no tampo da mesa. Baixa um pouco a cabeça e tenta espreitar para nós, mas uma mulher jovem aparece e, com gestos hábeis e cuidadosamente ensaiados para não o parecerem, desvia a atenção de nós para si mesma.

— Lucinda, traz-me um — diz-lhe.

A mulher não responde, apenas faz que sim com a cabeça e desaparece. A rapariga senta-se na cadeira ao meu lado, mas ignora-nos por completo.

— Indie, deves estar devastado.

— Porquê, gentil Magdalene? — Indie está relaxado e com os cotovelos apoiados na mesa.

*Esta é que é a professora Larápia?*

— Não me digas que as tristes notícias ainda não te chegaram ao ouvido? — diz ela, com um sorriso sagaz.

— A informação chega-te sempre primeiro. Afinal de contas, tens dois. — Indie responde na mesma moeda.

— É uma notícia sensível e não sei se devo ser eu a partilhá-la contigo.

— No último negócio não tiveste essa preocupação — diz Indie, num tom bastante enérgico.

— Ainda estás a pensar nisso?

— Foi ontem, Magdalene!

— Foi apenas um mal-entendido. Sabes que não ousaria — diz ela, mas algo no rosto de Indie a faz engolir em seco. — Sabes que te trago sempre as melhores informações. Para te compensar e me redimir, esta é disponibilizada sem cobrança. Um presente de reconciliação por uma amizade de tantos anos.

Ele coça a ferida por cima da ligadura que Ara improvisou.

— Não há plateia mais ávida no que tens para oferecer.

— O teu Limpador-Absoluto e a mulher foram encontrados mortos em casa. E acabo de saber que o Guardião das Nuvens desapareceu sem deixar rasto.

Como é que ela tem esta informação? Acabámos mesmo agora de tratar deste assunto com Indie. Talvez não seja de esperar outra coisa, é Larápia. A melhor, como se pode ver. E talvez os golpes mais valiosos aqui sejam a troca de informação.

Indie permanece impassível e inexpressivo. Fingindo-se distraído, gira o líquido no copo e leva-o à boca, sem olhar para ela. Por sua vez, Magdalene cruza os braços, observa-nos e depois foca-se no rosto de Indie.

— Não pareces surpreendido.

— Devastado é a palavra — diz ele pausadamente, numa boa *performance*, erguendo o rosto, e eu sou apanhado de surpresa pela seriedade da sua inflexão. Se ao menos eu não soubesse que ele está a mentir. — Magdalene, amanhã, ao meio-dia, tenho uma missão para ti. — Muda de assunto tão rapidamente que ela entende a conversa como terminada.

— Claro, dá-me detalhes.

— Os detalhes são: amanhã, ao meio-dia.

Com isto, ela levanta-se, e começa a afastar-se da mesa.

— Larápia! — diz Indie, sem gritar ou sequer se virar. — Devolve-lhe o que subtraíste.

Levo de imediato a mão ao bolso. Como é que não dei por ela?!

Ela dá meia-volta e dirige-se para nós.

— Tive curiosidade. Não me podes recriminar por tentar. — Estende a mão e passa a bússola a Ara. — Tu, com certeza, sentias — diz, esboçando um sorriso a Ara.

— E cortava-te um braço — retribui Ara, sem deixar os verdadeiros sentimentos transparecerem. Apesar de tudo, está a achar a situação caricata.

A Magdalene sai e nós olhamos para Indie, à espera de respostas.

— O acordo é ela não roubar os Limpadores e eu não matar os Larápios. A não ser que tenha mesmo de ser. Mas Magdalene tem um grau invulgar de iniciativa própria. — Ergue o copo e incentiva-nos a repetir o gesto para um brinde. Para, pensativo, e depois diz:— À noite, a nossa aliada eterna.

Brindamos. É tudo tão novo para nós, mas, na realidade, parece muito natural, porque nascemos para isto. Obtermos a informação dos Mundos Secretos e de que podemos andar livremente entre eles faz-me ter a certeza de que estamos destinados a grandes coisas. O foco, agora, é formar uma aliança com este povo.

Ao ter contacto com estes dois Mundos tão diferentes do nosso entendendo que onde há humanos há sempre destruição, guerra e luta por

poder. Mas há também interajuda e bondade, por vezes mascarada de fanfarronice ou frieza, talvez por acontecimentos da vida.

E as ocorrências de hoje são um exemplo disso. A primeira impressão que criei de Indie não está a corresponder àquilo que é na realidade. Quando ele disse que iríamos fazer desaparecer mais um, não estava a brincar.

— Queres explicar o que se passou hoje? — pergunto.

— Como vos disse, A Mão é caprichosa. Alguém cujo poder se desviou dos intentos iniciais. Sou contratado para os trabalhos mais difíceis, por assim dizer. E alguns deles eu faço mesmo, mas noutras ocasiões, como no caso de hoje, não serve o meu propósito.

— E qual é esse propósito?

— Salvar vidas, principalmente a minha — diz ele, pomposo. No entanto, algo me diz que é mais do que isso. Um reconhecimento que vem, talvez, de esconder toda a vida um dos pedaços mais importantes de mim.

— Não tens medo de que Vayu descubra que não os matas? — pergunta Ara.

— Porquê ter tanto medo? Se cada novo dia inicia com escuridão, porque não aceitar o nosso lado sombrio para um novo começo? Ou permitir um novo começo a alguém.

Apesar de se exprimir como se estivesse numa peça de teatro, ele tem razão, na vida, há sempre incertezas e, tal como ele, nós corremos os riscos necessários para alcançar os nossos objetivos. Não sei com quem teremos de lidar, mas não podemos perder mais tempo, nem sairei daqui sem uma resposta positiva. Já cedemos demasiado e não temos oportunidade de ir para outro Mundo agora.

— Então, amanhã podemos contar contigo para nos lebares ao vosso governante? — pergunta Ara sem rodeios, ouvindo o meu raciocínio.

— Claro. O que vocês fizeram hoje não tem preço. Estou em dívida para convosco. Terão de convencer Vayu a autorizar esta maluquice que parece ser abrir o portal, e na qual eu duvido que acredite, mas...

— Não acreditas em nós? — pergunto.

— Como achas mesmo que viemos cá parar, Indie? — pergunta-lhe Ara, de imediato.

— Não sei. Estava a dormir! — Deixa escapar uma risada genuína, mas depressa a voz se torna séria. — Se o que partilharam comigo é verdade, duvido que A Mão saiba que existe tal coisa, porque de outra forma já... — Não termina o raciocínio, mas nós percebemos.

— Não te preocupes, nós tratamos dessa parte. Podemos contar contigo? — pergunto.

— Acima de tudo, tinham de me convencer a mim. Não tenho a certeza do que estamos a enfrentar, mas acredito que com o meu

Esquadrão podemos ganhar essa guerra.

— Podemos confiar em ti?

— Meus amigos, podem até duvidar do meu nome, mas nunca da minha palavra — responde com um sorriso astuto e uma expressão satisfeita.

*Não voltamos para casa dele hoje*, diz-me Ara através do nosso vínculo, e eu aperto-lhe mais a mão.

«Os olhos que admiram a minha luz,  
Raramente veem a sombra que a segue,  
Pois na busca pelo brilho, o mundo é meu.»

Vayu

# 41

## ARA

-Não olhem diretamente para A Mão. — Este foi um dos muitos conselhos que Indie nos deu ao longo do caminho. A *Besta* vai às costas dele, dentro da mochila, somente a cabeça de fora, e agora também usa uns óculos semelhantes aos nossos. Não podia ficar mais fofa.

Ficámos no bar até os primeiros raios de sol despontarem. Kai está derreado, mas determinado a encontrar aqui a nossa solução. É angustiante não saber o que se está a passar em Aquorea, mas acreditamos que estão a fazer tudo o que está ao alcance deles para irem debilitando o inimigo, foi o que ficou combinado. Também penso muito nos meus pais e na minha irmã, mas de forma diferente, desta vez, porque vir foi uma decisão minha. E saber que eles estão em segurança e que sabem a verdade dá-me a tranquilidade de que preciso para me concentrar na missão.

Atravessamos a cidade a pé. Aqui, deste lado, sentimos o luxo por toda a parte. As ruas estão cheias de gente, mas é rara a pessoa que olha na nossa direção.

Dirigimo-nos a um edifício majestoso. Uma fachada de mármore branco, com arcos graciosos e colunas douradas. Em cima, parece ter havido em tempos um letreiro.

A entrada é guardada por duas estátuas que parecem anjos, mas, quando olho com atenção, percebo que não o são. São pessoas com asas pequenas e óculos de aviador, como os de Indie.

— Bem-vindos ao Palco das Ilusões.

O interior é ainda mais espetacular. O teto abobadado decorado com frescos e detalhes de ouro. As paredes cobertas por tapeçarias luxuosas. Uma escadaria larga, de mármore, leva-nos a uma sala com um palco adornado por cortinas pesadas de veludo vermelhas. Luzes cintilam nos candelabros de ouro.

— Uau!

— Não te deixes enganar, Ara. Tem dupla personalidade. Belo e elegante por fora, mas perigoso e sombrio cá dentro.

Descemos em direção ao palco. Na parede do cenário, estão expostos gráficos, mapas e listas de nomes.

No centro do mesmo, uma poltrona de couro negra, cravejada de diamantes, revelando imponência e autoridade, com quatro capangas atrás. Sentada nela, uma pessoa. Um arrepio percorre-me a espinha, não de medo, mas de nervosismo e expectativa.

Ficamos os três diante do trono e, tanto eu como Kai, ignoramos totalmente o último conselho de Indie, de não olhar diretamente para Vayu. Não sabia bem o que esperar. Talvez alguém mais velho, com um ar austero, contudo, não é nada disso que encontramos.

— O que me trazes aqui, Ana? — pergunta Vayu a Indie, enquanto nos varre com uma expressão implacável.

*Ana?*

*Ele avisou-nos*, diz-me Kai, e eu recordo-me do que Indie disse ontem à noite acerca de confiarmos nele.

— Visitas. São a Ara e o Kai.

— Não é possível. Nunca ninguém entrou. Foi um Varredor que os apanhou?

— Fui eu.

— E decidiste trazê-los. Interessante. Porque não os Limpaste?

— Podem ser uma oportunidade — diz Indie. Não sei o porquê, mas o meu estômago contrai.

— Estou a ver, uma decisão tomada por ti. — Levanta-se e caminha no pouco espaço que nos separa. Para à nossa frente. — O meu Titular da Limpeza. Contratei-o para limpar a minha cidade, porque ele não conhece outra coisa, não é verdade? Começou a matar logo no útero da mãe — diz, num tom cruel.

Os guardas riem de forma maldosa e desagradável.

Estas palavras chocam-me mais do que eu gostaria de admitir e Kai envia um afago reconfortante. Indie não se encolhe e mantém uma expressão calma e serena, como se já estivesse acostumado, mostrando força de carácter.

Já Vayu tem uma postura muito altiva, o rosto anguloso, a pele lisa já com finas rugas de expressão. O cabelo curto com algumas mechas caídas na testa, um fato branco elegante, notoriamente feito à medida e com o propósito de não revelar nada do seu corpo. É impossível perceber se é uma mulher ou um homem. Ou ambos. Vayu é andrógino.

— São muito corajosos ou muito estúpidos. Terem entrado assim no meu território.

Kai dá um passo à frente e eu acompanho-o. Os seus guardas não se mexem e Vayu nem estremece, o que me diz que não se assusta

nem se deixa intimidar com facilidade.

— Somos de Aquorea. Fomos invadidos, estamos em minoria e precisamos de aliados. — Kai vai direto ao assunto.

Vayu movimenta-se à nossa volta, lentamente e em silêncio. Observa-nos com cautela, de alto a baixo.

— Aquorea, dizem?

— Vimos de longe e não temos tempo a perder. Precisamos de saber se nos podem ajudar. O Indie disse que...

Vayu sobe um braço e para mesmo à minha frente. De expressão fria e penetrante que parece ler-me a alma, começa a falar contida e autoritariamente.

— Cara estranha, a minha admiração pelo Ana não conhece limites — diz, com um sorriso mínimo. — Porém, jamais comece uma frase com as palavras «o Indie disse...». — Levanta uma mão no ar, como se pudesse enxotá-las com o vento. — São apenas comparáveis a «o Indie pensa».

Os lacaios atrás riem-se de novo e eu fico muito irritada. Kai, ao meu lado, está tenso como uma tábua. Todo o corpo uma arma pronta a entrar em ação. Estou meio-morta, tenho sono, sinto fome, cada músculo do corpo dói-me e esta pessoa está a levar-me ao limite da paciência.

— Ouça! — digo, repentinamente. — Não viemos para brincar. Estamos numa situação muito delicada em que milhares de pessoas dependem de nós, um Mundo inteiro depende de nós. — O meu tom é agreste, mas comedido. — Não temos mais tempo a perder com jogos. Então, por favor, queira fazer a cortesia de nos deixar explicar o que precisamos, para dizer se nos podem ajudar.

Vayu abre a boca numa expressão de surpresa, mas volta-se e retorna ao seu assento.

— As audiências devem ser agendadas. Vou abrir uma exceção porque vêm de... longe. De onde dizem que vêm, exatamente?

Eu e Kai entreolhamo-nos.

*Não sabem mesmo da existência dos Outros Mundos. Usemos isso a nosso favor.*

— Aquorea — digo. — Como governante, certamente sabe do que falamos.

A Mão ajeita-se no seu lugar, o maxilar treme um pouco, mas, além disso, nenhum outro indicador de surpresa.

— Claro que sei. Apenas quero saber o que mais sabem e se dizem a verdade. Continuem.

É nítido que mente com quantos dentes tem, mas, pelo menos, conseguimos captar a sua atenção. Uma coisa é nós termos ficado a saber apenas agora, porque em Aquorea optaram por não divulgar esta informação, mas o Consílio é detentor dela e passa-a



criteriosamente há gerações. Outra bastante diferente é a pessoa responsável pela governação de um Mundo não saber do que estamos a falar. O que me leva a crer que algumas das minhas suspeitas só podem estar certas.

Kai continua.

— Vocês são o Mundo do Ar, porque estão... — Faz um círculo com o dedo no ar. — Nós somos do Mundo da Água.

— Precisamos de uma equipa de pessoas bem treinadas para combate. Foi-nos aconselhado procurar ajuda entre vós — digo.

Vayu levanta-se de um pulo, sem descurar a elegância.

— E como pensam sair daqui sem que eu vos deixe?

— Da mesma forma que entrámos.

— Meus caros estranhos, acham que podem vir a minha casa, com exigências e sem nada para negociar?

— Negociar? — A voz de Kai sai potente e grave. — Não vou negociar o extermínio da minha gente. Ou nos podem ajudar ou não. É simples. Claro que é sempre um grande benefício prestar assistência a quem tem acesso ilimitado a pedras preciosas de todos os tipos.

Kai tira da mochila um grande e brilhante diamante e apresenta-o na palma da mão. Para pessoas ambiciosas e que só pensam em poder, esta é a tentação perfeita.

*Sempre preparado*, digo a Kai, e o lábio dele sobe ligeiramente, de modo que só eu perceba.

— Acho que entendo a vossa preocupação — diz Vayu, a voz controlada, sem nunca deixar de observar o cristal robusto. — Mas, como devem compreender, não posso simplesmente abrir mão dos meus melhores para ajudar os nossos irmãos forasteiros.

Rio amargamente e prego-lhe uma rasteira.

— Claro que não. Até agora, nem sabia da existência de Aquorea. Apenas os verdadeiros líderes têm essa informação.

Uma veia pulsa na sua testa e o rosto fica repleto de raiva com as minhas palavras, que provocam uma debandada. Os guardas avançam a correr na nossa direção pela ofensa cometida. Toquei no ponto certo!

Eu e Kai unimos os nossos braços com estrondo e, no segundo seguinte, estamos fora do palco, no meio das cadeiras da plateia, fora do alcance dos guardas.

Os grunhidos coletivos de espanto dizem-nos que agora temos finalmente a atenção de que precisamos.

Até Indie e a *Besta* têm um ar apatetado.

— Agora, podemos conversar? — Kai projeta a voz de longe.

— Com certeza que vamos conversar, meus caros Ara e Kai. Sobre a ajuda que teremos todo o gosto em proporcionar ao tão estimado povo de Aquorea e de que forma nos pagarão tão precioso auxílio.

«Nos corredores do tempo, onde o desconhecido  
segreda aos corações intrépidos, é a sede de  
saber

que os guia, levando-os a trilhar veredas em que  
a vontade se molda ao encontro do inesperado.»

Proclamação de Oríon

## 42

### Kai

-Como fizeram aquilo? — pergunta Vayu, a curiosidade nunca abandonando a sua expressão. Convidou-nos a entrar para uma sala mais recolhida e a sentar nuns bancos altos. Mandou servir alguma comida e bebidas que declinámos respeitosamente.

Indie está sentado ao meu lado, porque assim insisti. Vayu queria que ele esperasse lá fora, mas não deixei. Neste momento, que eu saiba, Indie é o nosso único aliado. E a gata, claro.

Optámos por ocultar o Portal dos Mundos. Esta pessoa é perigosa. Se faz o que nós tivemos oportunidade de ver ao seu próprio povo, o que fará se tiver possibilidade de ir aos Outros Mundos?

— Já lá iremos. A questão mais importante é: quantas pessoas nos pode dispensar e quantos destes vão ser precisos. — Mostro a pedra preciosa e pouso-a em cima da mesa.

— Kai, por muito que adore objetos reluzentes, há outra coisa que me apraz mais e me inflama não só o ego como a mente.

*Acesso a informação*, Ara mexe-se na cadeira e envia pelo nosso vínculo.

— Conhecimento — diz Ara, e A Mão observa-a com admiração.

— É perspicaz, gosto disso. As coisas materiais são efémeras, a informação é a chave para desbloquear as portas da sabedoria e da verdade. Prefiro ser uma pessoa rica em conhecimento do que em ouro.

— Diz a pessoa rodeada de opulência. — Ara faz um sorriso irónico e, por muito que ame esta faceta dela, temos de ter pés de lá para não minarmos as nossas possibilidades de uma aliança. Ara sabe disso, por isso, continua: — O verdadeiro valor do conhecimento está em partilhá-lo e usá-lo para melhorar a vida das pessoas à nossa volta. Pelo que observamos, você faz isso com perícia — diz Ara, tentando soar doce.

— Tenho visão. E valores — diz de peito inchado. — Trabalhei e

lutei muito para chegar onde cheguei e não vejo nada de errado em desfrutar dos benefícios que a minha riqueza me proporciona.

*Desde que não tenhas metade da população a viver na pobreza!*

— Claro — digo, com os punhos cerrados por baixo da mesa. — Passemos então aos negócios. Precisamos de uns...? — Olho para Indie, que mantém uma postura descontraída.

— Quinze — responde Indie sem olhar para mim, confirmando que está atento à conversa. A *Besta* continua na mochila às suas costas. Ele vai partindo um biscoito que tem na mão e dá-lhe em pequenos pedaços. Ela lambuza-se, satisfeita.

— Apenas quinze? — pergunta Ara. — Já te dissemos, são centenas de...

— Estás a pensar apenas no tamanho do exército e na força bruta. Vocês não precisam de muitos, precisam dos melhores. — Indie parece pensativo. — Chegam dez, na verdade. Sim, dez dos meus. Posso reunir, Mão?

— Sempre impaciente, o meu Ana. Por isso é que os negócios estão comigo. Ora vamos lá ouvir a vossa proposta. — Pousa os cotovelos em cima da mesa e esboça um sorriso escarninho.

*Ora vamos lá estimular esta ganância. Começas tu?*, pergunto a Ara.

— Fomos escolhidos para vir até ao vosso Mundo pedir ajuda. Trazemos ordens e teremos todo o gosto em partilhar toda a verdade.

Ara não lhe fala dos Outros Mundos nem do Portal Entre Mundos, seria uma desgraça se A Mão descobrisse.

— Então, aquela pequena demonstração que fizeram há bocado é só uma amostra do que conseguem transpor? Como o fazem, são essas marcas? — pergunta, apontando para as nossas tatuagens.

Perspicaz!

— Não. Foi uma poção que tomámos — minto.

— Conseguimos vir até aqui, mas com muita dificuldade. E claro, teremos todo o gosto que nos acompanhe. — Ara continua a manipulação.

— É seguro? — A voz da Mão é irregular.

Aproveito a deixa.

— Foi difícil e doloroso. Foi uma experiência desagradável e não sabemos sequer se é possível levar outras pessoas connosco. Pode ser perigoso ou podemos nem conseguir, mas temos de tentar. Pelo nosso povo.

— Claro, claro. Tudo pelos nossos — diz com um gesto vigoroso, enquanto acende o que me parece ser um cachimbo elegante e sofisticado, com detalhes em metal cromado e um sistema de extração próprio que não deixa o fumo flutuar na nossa direção.

— Avisaram-nos do risco de nos perdermos no vácuo — diz Ara, o rosto muito sério com uma expressão exagerada de pavor.

— Nem pensar que vou arriscar a vida do meu Esquadrão! — afirma Indie, e percebo que entrou na onda. Conhece bem A Mão, sabe como manipular e percebeu que nós não estamos a abrir o jogo.

— Infelizmente, não poderei embarcar nesta aventura, desta vez... Mas como sei que voltam com os meus preciosos?

— Tem a nossa palavra. Se sobrevivermos, prometemos regressar para trazê-los e, claro, com toda a informação sobre Aquorea que conseguirmos disponibilizar, bem como mais dessas — aponto para o cristal.

— Parecem-me pessoas sérias, mas a vossa palavra não me enche as medidas. Tu vais, ela fica — diz, a apontar para a Ara. — Dessa forma, sei que voltas.

Mantenho o rosto impassível, controlo a respiração, mas os ombros estão tensos. Ara envia-me uma carícia serena.

*Ainda agora me conheceu e já quer ficar comigo*, brinca Ara numa tentativa de me tranquilizar.

— Creio não ser possível, este é um método que precisa dos dois para funcionar. Volto a frisar que será um gosto que se junte a nós.

Vayu franze a testa como se estivesse a tentar encontrar a solução para um problema. Levanta-se e, com um pequeno movimento, logo dois guardas se juntam à retaguarda. Dá a volta à mesa e para atrás de Indie, que estremece ligeiramente quando percebe o que está a acontecer, mas não se manifesta. A Mão retira-lhe a mochila dos ombros e a *Besta* mia alto. Passa a mochila a um dos guardas.

— Fica à tua responsabilidade fazer com que vos tragam — diz A Mão a Indie, enquanto regressa ao seu lugar.

O maxilar de Indie enrijece. Pelo pouco tempo que passei com eles, percebi que a relação de Indie com a gata é de cumplicidade e amizade. São mais do que dono e animal de estimação, são colegas de trabalho, companheiros de aventuras.

O miado torna-se mais forte, contudo, não é aflitivo. Parece conversar com Indie.

— Sim, eu sei que não vais permitir que me façam mal — diz Indie. — Mas mantém-te alerta.

— Como sinal de boa-fé — digo ao empurrar na sua direção o cristal que está no centro da mesa enquanto me levanto.

Ara e Indie levantam-se.

— Quando tudo estiver seguro, vou conhecer Aquorea — confirma A Mão.

Agradecemos e saímos do Palco das Ilusões.

Caminhamos em silêncio até estarmos bem longe do edifício. O sol parece estar no seu ponto mais alto. Ainda bem que temos os óculos.

— Desculpa, Indie — diz Ara.

— Ou preferes Ana? — Não consigo evitar.

— Só A Mão me trata assim — ruge.

— E porquê?

— Porque me chamo Indiana. Foi o nome que os nossos pais nos deram — atira, e eu e Ara paramos de repente.

Estou sem palavras.

— São irmãos? — pergunta Ara, incrédula.

Ele continua a andar e nós acompanhamo-lo.

— Lamentavelmente.

— Como? O que aconteceu para seguirem caminhos tão... diferentes? — Ara está chocada.

— É uma longa história, envolve egoísmo e ganância. Não temos tempo. — Indie acaba com as perguntas.

— Vamos recuperar a *Besta*, prometo — digo.

— Vamos? — pergunta Indie, franzindo a testa.

— Agora, somos uma equipa. E a *Besta* faz parte dela — atesta Ara.

— Ninguém fica para trás. — Eu e Ara dizemos em uníssono.

— Não estou preocupado com ela, é mais desenrascada do que vocês e não tarda nada está em casa.

Apanhamos o autocarro aéreo e Magdalene já está à porta do bar conforme as instruções que Indie lhe deu.

— Reúne os oito melhores. Armamento, proteção e mantimentos. Também vens. Daqui a uma hora.

— Missão? — pergunta Magdalene pouco surpreendida com as diretrizes.

— Tanto pediste outra vida que vais tirar esse couro desta bolha pela primeira vez.

Se ela se admira com esta informação, não deixa transparecer,

— Antes de ir, tenho uma mensagem para ti. — A voz falha-lhe e os olhos encaram o chão. Dá para perceber que não é boa coisa.

— De Vayu?

Ela faz que sim com a cabeça e começa a recitar as palavras que lhe foram transmitidas.

— «A gata fica bem, irmãozinho. E ambos sabemos que tu não te deixas matar, por isso, se não regressares dentro de um prazo razoável, a tua pequena Larápia passa a pequeno cadáver.»

*A Mão raptou a criança.*

O rosto de Indie transfigura-se e no mesmo momento em que está parado ao nosso lado, dispara para o céu com uma velocidade incrível, com uma rajada de vento poderosa, deixando-nos paralisados e chocados.

*O que foi isto? Ele voa?*

— Daqui a uma hora — diz Magdalene e, no mesmo instante, já cá não está.

«Na dança das sombras,  
Onde o engano floresce,  
Brota a lealdade rara  
Na cumplicidade silenciosa  
Dos corações audazes.»

*Cânticos de Aerendi*

# 43

## ARA

Não saímos à hora combinada porque Indie ainda não apareceu.

O que nos dá tempo de sobra para confraternizar com Magdalene e o grupo que Indie mandou reunir. Exceto Magdalene, dá para perceber que todos os outros são Limpadores. Não só pelas roupas que usam, parecidas às de Indie, como também pela postura. O que me leva a pensar porque é que Indie quer levar a Larápia. Talvez pelos seus dotes de observação? Parece que não presta atenção a nada do que se passa à nossa volta, mas reparo que está vigilante a tudo.

Tanto eu quanto Kai estamos fascinados com as histórias que nos conta.

— A mais pura verdade — repete ela. — Passei semanas a planejar aquilo, e ali estava eu, seminua, sem os meus óticos e a correr pela minha vida. Só porque o Varredor era medroso. Quando me viu, assustou-se, tropeçou e caiu. Fiquei dias a ponderar numa mudança de visual. — Encolhe os ombros. — A parte boa é que fugi com o saque porque ele teve demasiado medo de me seguir. Soube que foi «limpo» no dia seguinte.

— Nem todos são bons no que fazem — diz um Limpador do outro lado da mesa. — Sorte a nossa, somos os melhores.

— E falta de sorte a dos outros — dizem todos em uníssono.

— Não sou Limpadora por gosto — diz uma rapariga com um ar muito sério, como se repensasse na vida. — Apenas porque a vida não me deu outra escolha. — Solta uma gargalhada alta e todos a vaia.

— TRAPACEIRA!

— Eu só Limpo porque é mais emocionante do que qualquer outra coisa que já fiz! — diz o que parece ser Wink, brindando a si mesmo.

— AVENTUREIRO!

— E eu só o faço porque sou um artista, e cada um dos meus trabalhos é uma obra de arte! — diz o seu irmão gêmeo, Blink.

— TALENTOSO! — respondem em coro.



— Eu apenas roubo porque gosto à brava! — diz Magdalene.

— LARÁPIA!

Rio-me com gosto pela primeira vez em muito tempo. Nunca pensei que uma reunião de assassinos e uma ladra pudesse ser tão divertida. E dá para perceber que cada um tem os seus motivos para ter esta vida.

Acho extraordinário estarem aqui, sem sequer saberem o que lhes vai acontecer, para onde vão e ao que se vão sujeitar. Estamos tão gratos a este grupo de estranhos que não há palavras para expressar, embora parte de mim questione se serão suficientes para fazer alguma diferença no desfecho que precisamos. Necessitávamos de um batalhão e vamos levar um esquadrão. Não duvido de que sejam bons, mas vamos enfrentar uma multidão de pessoas muito bem treinadas. Contudo, é o que temos e vamos fazer o melhor que conseguirmos.

— E vocês? — pergunta um dos gémeos a apontar na nossa direção.

— Sim, partilhem — diz uma outra Limpadora.

Decido entrar na brincadeira. Afinal, temos de nos entreter e, se vamos juntos para a batalha, mais vale ficarem a conhecer-me. Opto pela verdade.

— Luto porque uma Profecia me fez afogar e levou-me para um Mundo desconhecido pelo qual me enamorei. No dia em que morri, foi o dia em que comecei a viver — digo.

— CORAJOSA!

Viramo-nos todos para Kai, curiosos com a sua explicação. Ele encolhe os ombros, resignado.

— Bem, eu protejo. Por vezes, sou trapaceiro, outras aventureiro e outras até larápia, mas faço-o por uma causa que considero nobre e justa. A luta pela liberdade, igualdade e justiça. E faço-o também por e ao lado de alguém que me motiva e inspira a ser um homem melhor. — Com um sorriso cativante, põe a mão em cima da mesa à espera da minha. Estico o braço e o toque quente dele percorre o meu corpo numa onda de prazer. — Porque amar não é só sobre sentir, é também sobre agir.

Todos o escutam, em silêncio. E eu admiro-o, perplexa. Sei o quanto Kai dá de si aos outros, e não é de se expor muito. Ouvi-lo pôr em palavras os seus sentimentos faz-me amá-lo ainda mais.

— APAIXONADO! — gritam com aplausos calorosos e efusivos, e eu não resisto a dar-lhe um beijo assim mesmo, apaixonado. Ainda me custa a crer que este homem é meu.

Ainda estou sentada ao colo de Kai quando Indie entra. O rosto impenetrável e com um lenho enorme. Ninguém se atreve a perguntar seja o que for e ele não nos dirige uma palavra, fazendo apenas sinal para que o sigamos. O Sol está quase a pôr-se no horizonte e diria que

este Mundo está envolto numa névoa, que mais parece espuma, ou talvez apenas nuvens, muito brancas e espessas, que fazem com que pareça que estamos a flutuar sobre elas. Daqui, nem vestígio da cidade, apenas vegetação semelhante a corais de todas as formas, tamanhos e tons.

Indie, no comando, leva-nos, a nós e ao seu grupo, para uma clareira entre árvores floridas e montanhas. Descemos uma estrada de terra que me dá a ilusão de que estamos a caminhar para dentro do pôr do Sol, onde feixes de luz incidem e fazem desta uma paisagem quase espiritual. Ao fundo, um prado verdejante a perder de vista com pequenos relevos. Fico intrigada, parece que há alguma coisa ali debaixo. De vez em quando, Magdalene olha para trás, como se estivesse à procura de alguma coisa ou de alguém, e eu sigo-lhe o olhar, mas não encontro nada de incomum.

Indie para.

— Pode ser aqui? — pergunta.

É longe da cidade e bastante isolado, parece-me um excelente local.

*Vamos testar primeiro?*, pergunto a Kai. Ele assente e eu vou direta ao assunto.

— Nunca fizemos isto com tanta gente — admito, e eles entreolham-se.

*Somos doze. Será que devemos estar juntos, ou cada um numa ponta, como quando levámos o Colt e a Isla?*, pergunto a Kai.

Ainda não temos uma fórmula, portanto, é por tentativa e erro, mas desta vez, não convém mesmo não acertar.

— Juntos — diz Kai verbalmente.

— *Okay*, vamos experimentar.

— Vamos formar um círculo — diz Kai, tirando a bússola da mochila.

Assim fazemos. Estou ao lado de Kai e pedimos para darem as mãos.

— Estão a ver aquela árvore mais alta? Concentrem-se em ir para lá. Pensem que querem chegar lá, como se as nossas vidas dependessem disso.

*Vamos*, digo a Kai.

Ficamos em silêncio. Consigo ver na expressão deles que estão a lutar para manter o foco e a achar isto surreal e descabido. Uns estão com um sorriso brincalhão e outros olham para os lados, para verem o que os companheiros estão a fazer.

— Vamos tentar com os olhos fechados? — sugere Kai, uma vez que todos temos óculos e não conseguimos ver os seus olhos.

Concentro-me, mas, inconscientemente, quando passa demasiado tempo e nada acontece, começo a contar os segundos.

— Não podemos usar o nosso voo? — pergunta alguém, e eu abro os olhos.

É risota geral, e outros concordam veemente.

*Pensam que somos loucos, digo a Kai. Isto assim não funciona. Alguma coisa não está bem. A natureza exhibe e exige simetria. Vamos experimentar da outra forma?*

Kai percebe o que quero dizer. Passa-me a bússola para a mão e vai para o outro lado da roda. Agora, temos exatamente cinco pessoas entre nós, de cada lado, e formamos um círculo perfeito.

— É como numa batalha, dependemos uns dos outros. Se um falhar, não conseguimos. Por favor, concentrem-se — pede Kai.

Fecho os olhos e, passados uns instantes, ouço-os respirar mais profundamente, o que é bom sinal.

Uma sensação de formigueiro percorre todo o meu corpo, terminando nas extremidades. As minhas mãos são como um fio condutor e, através delas, o redemoinho de energia flui para as pessoas para quem tenho as mãos dadas. E sei que delas passa para os outros. Sinto que de Kai flui a mesma energia. De repente, somos empurrados por uma onda de força e, quando torno a abrir os olhos, estamos no sítio exato que pretendíamos.

A perplexidade toma conta do grupo e, empolgados, comemoram esta conquista. Deixo-os celebrar, também eu fico satisfeita. É sinal de que eu e Kai somos fortes o suficiente e de que o grupo é coeso.

— Não quero ser desmancha-prazeres, mas o que temos pela frente é muito mais complexo do que deslocarmo-nos cem metros — diz Kai.

— Festejamos na mesma as pequenas vitórias. Porque, de que adianta não nos divertirmos pelo caminho... — diz um dos gémeos.

— ... Se chegamos chateados ao destino? — O outro termina a frase.

— Vamos lá — diz Magdalene. — Temos de nos despachar. — A expressão é apreensiva e um tanto ambígua.

Não a consigo descortinar e não gosto disso. Parece esconder algo. O que será? Ou pode estar apenas a ser vigilante pelo nosso bem. Talvez eu esteja a ser demasiado cautelosa.

— A Magdalene tem razão — digo. — O que vai acontecer a seguir é bastante mais complicado. Vocês não sabem para onde vamos, não conhecem Aquorea. Temos mesmo de nos concentrar.

Eles assentem.

— Estejam atentos. Confiem nos vossos instintos e, acima de tudo, uns nos outros. E façam o que fizerem, não larguem as mãos. Nunca! — explica Kai.

— Apesar de não conhecerem, pensem em Aquorea. Mundo da Água. Até o podem recitar baixinho, ajuda — concluo.

Formamos um novo círculo, comigo e Kai nas mesmas posições.

Olho para Indie. O semblante dele é triste e parece carregar um fardo invisível aos ombros. Percebi o quanto aquela menina é importante para ele. Aliás, deu para entender que se preocupa com o bem-estar de toda a comunidade. E, apesar do seu trabalho, ele e Vayu não podem ser mais diferentes.

*Vamos para casa*, Kai transmite-me a mensagem e a sensação de conforto é imensa. Ainda que ciente do que estamos a enfrentar, a satisfação de saber que vamos estar com os nossos é maravilhosa.

*Portal dos Mundos?*, pergunto-lhe, e, uma vez mais, estamos em sintonia. Temos as Etherkeys e a Bússola, e com bastante concentração, talvez conseguíssemos sair diretamente no Refúgio, mas, como levamos tanta gente, é melhor não arriscar. E o Portal dos Mundos em Aquorea está aberto, conforme Hensel nos assegurou.

Concentramo-nos em emitir o máximo de força e coragem a estas pessoas que nos estão a ajudar.

*Aquorea, Aquorea, Aquorea.*

Visualizo, as escadas em ruína, os livros e papiros antigos nas prateleiras esculpidas nas paredes. Os símbolos dos arcos. Ao mesmo tempo que impulsiono amor e vitalidade.

Desta vez, a explosão é muito mais forte, mas mais lenta também. Parece o tempo de fazer um sono profundo, até estarmos a cair pela escada abaixo.

Alguns reclamam de dor, outros riem-se e outros ainda, bem preparados, usaram o seu sistema de voo para se safar do embate duro.

Caio desamparada e aterro em cima do peito de Kai. Com um braço, ele aperta-me forte contra si.

— É sempre um prazer ter-te em cima de mim. — A voz sai rouca e com a mão livre tira os óculos.

Ah, estes olhos...

— Não perdes uma oportunidade, pois não? — digo, já a beijá-lo.

Somos puxados do nosso torpor de adrenalina pelo barulho de uma ventania forte, quase como um rugido. Levantamo-nos para dar de caras com um ambiente encantado. Livros e papéis soltos voam alto e por todo o espaço. O ar parece eletrizado. Um barulho de páginas a serem viradas e papiros a serem desenrolados criam uma cacofonia que mais parece angelical. As luzes das chamas dos archotes tremeluzem, criando um efeito hipnotizante. Os nossos amigos do Mundo do Ar também observam, surpresos, estes acontecimentos.

A poucos metros de nós, Hensel aguarda-nos, de postura calma, a sorrir.

E, para nosso espanto, ao lado de Hensel, está Isla, nada abalada pela cena que se desenrola diante de nós.

«Após longos períodos envoltos em separação,  
Erguem-se vínculos que desenham tramas  
Repletos de promessas e sombras.»

Proclamado por Murddin,  
o Guardião dos Segredos Esquecidos

Intrigado, observo a minha irmã ao lado da minha avó. Hensel disse que apenas a Zeladora do Portal tem autorização para cá entrar. E nós, que o conseguimos atravessar.

Ara conversa com Indie, aponta para elas e aproximamo-nos os três. Os outros Limpadores e Magdalene permanecem alguns metros atrás de nós, já em formação e compostos.

— Finalmente, chegaste — diz Isla, os olhos reluzentes.

— Indie, esta senhora é a minha avó, a Zeladora do Portal — digo, começando as apresentações.

— Já não — diz Hensel, encarando-me.

A *Isla!*, exclama Ara pelo nosso vínculo.

— Obrigada, Indie, a vossa presença é muito valiosa para nós. — A minha avó cumprimenta-o a ele, a nós e depois vai ter com os restantes membros do grupo.

Indie nem me dá tempo de dizer mais nada. Chega-se mais perto de Isla, estica o braço e aperta a sua mão, numa sincronia de movimentos, como se tivessem coreografado uma dança. No mesmo instante, os objetos esvoaçantes regressam para os seus lugares. Permanece calado. Olho para ele de esguelha e Ara emite um riso abafado.

*O que se passa com o tipo?* Pela primeira vez desde que o conheço, Indie tira os óculos. Os olhos têm uma forma distinta, marcada e bela, dando-lhe um ar misterioso e fascinante. Duas fendas alongadas, que parecem capturar a luz de maneira diferente, criando uma profundidade e intensidade únicas, como se carregasse um pouco do Mundo do Ar neles.

Como ele continua mudo, decido intervir.

— Indie, esta é a Isla. A minha irmã — digo. — Mais nova — acrescento.

— Estávamos à espera. Mas diz-me, são só vocês? — pergunta Isla,

olhando para trás de nós.

Dou uma cotovelada a Indie. Ele encara-me surpreso, como que a despertar de um sonho.

— Ah, olá! Sou o Indie! — repete ele, como se não estivesse cá estado até agora. — Não gosto de peixe — diz com um ar muito apatetado e desnordeado, o oposto da pessoa que conheci até agora, sempre focado e obstinado.

Isla ri-se e encolhe os ombros.

— Não há problema. Comes outra coisa.

— Mas gosto de gatos! — continua a cavar a própria sepultura.

— Para comer? — pergunta Isla, ainda a sorrir.

— Não! Nunca comi nenhum, mas são animais interessantes, não achas? — Ele coça a parte de trás do pescoço e noto que está a transpirar.

— Nunca convivi com gatos — diz Isla. — Interessantes em que sentido? — Ela parece mesmo interessada na conversa dos gatos e eu sopro.

— Ah, eu não sei, são *fofinhos*. E gostam de brincar com bolas, e ajudam no trabalho, mas são independentes. Sim, a minha é independente — assegura, a acenar com a cabeça.

Rimo-nos. O rapaz está tão à toa que chego a sentir pena dele. O assassino virou bichano.

— Independente? — A minha irmã está imparável e notoriamente divertida. — Se te foge, é porque talvez...

Ele fica atrapalhado, mas não deixa de olhar para ela, enquanto passa as costas da mão pela testa.

— Está calor aqui, não está? — pergunta Indie.

— Hum, hum — digo, de olhos semicerrados.

Ara percebe o confrangimento dele, abraça a minha irmã, que lhe retribui o gesto, e afastam-se um pouco, a conversar.

— Que foi aquilo, pá? — sussurro a Indie.

— Acho que, talvez não... Esta coisa de atravessar portais não é para mim — reclama e vira-me costas para ir ter com o seu grupo.

Ara e Isla cochicham e olham para o Esquadrão do Ar. Aproximo-me delas e observo a minha irmã. Parece serena, mas algo a sobrecarrega.

— Estou bem — diz Isla, quando percebe que olho para ela com persistência.

— Como é que aconteceu? Escolheste? A avó disse-nos que apenas uma pessoa por geração sabe da localização deste portal.

— Acho que sempre soube que seria... teria mais? — interroga-se ela, a voz cede e parece insegura. — No momento da morte do pai, algo mudou em mim — murmura, e o meu coração aperta.

— É uma posição de grande responsabilidade, mas se há alguém

capaz, és tu — digo. Envolvero-a num abraço cálido e sinto a força da nossa união.

— Sim, se há alguém com a capacidade de manter o equilíbrio és tu, Isla. E temos tanto para te contar dos sítios que conhecemos — diz Ara. — E muito para partilhar, não é?

Isla assente com um sorriso curioso.

— Mas antes que me esqueça, a bússola, por favor. Tenho de ser eu a guardá-la — diz com a mão estendida e a Ara entrega-lha.

A minha irmã está diferente. Tenho vindo a aperceber-me disso desde há algum tempo. No entanto, agora é palpável a transformação, mas não negativamente. Uma fonte de amor e empatia que açambarca todos. É um fardo muito grande para ela carregar. Contudo, também fico feliz que seja a Zeladora, pois, assim, podemos trabalhar em conjunto para garantir a segurança de todos.

\*

Já no Refúgio, percebo que acolhe muito mais gente. Alguns olham para nós e cumprimentam-nos. E também observam e estranham as pessoas novas que trazemos connosco. Inspeciono rapidamente o local. Não vejo a minha mãe e isso apenas agudiza o meu desassossego.

Colt como que se materializa ao nosso lado e parece transtornado.

— Caramba, Ara, não podes continuar a fazer isto — reclama, ao abraçá-la.

— Também tive saudades tuas — diz Ara.

— E eu aqui a pensar que ela só tinha saudades minhas — digo, enquanto o cumprimento com uma palmada nas costas e sinto-lhe os músculos mais duros. Esteve a treinar.

Colt ri-se, mas desvia a sua atenção de nós.

— Estás bem? — pergunta Colt à minha irmã num sussurro, pousando gentilmente a mão no seu ombro. Ela assente, reconfortada pela sua presença.

Trocamos um olhar cúmplice, sinto-me muito grato por tê-lo aqui e por saber que vai fazer parte das nossas vidas.

Wull aparece com Boris, felizes por nos verem.

Como é seu hábito, Boris envolve Ara nos braços, eleva-a e fá-la girar no ar. Pousa-a e olha para trás de nós.

— Onde está o resto? — pergunta, de testa enrugada, a olhar para o tamanho do Esquadrão.

— São só estes, mas acreditamos que vão fazer a diferença — diz Ara.

— E levaram tanto tempo para reunir este pequeno grupo? — pergunta Wull. A voz embargada, o rosto cada vez mais triste.

— Como assim?

A minha pergunta surpreende-os. Entreolham-se, de cenho



franzido.

— Pensávamos que não regressariam, estiveram fora trinta e seis intervalos de tempo — explica Colt, e percebo que alguém já o elucidou de como a contagem do tempo aqui funciona.

— Quase três semanas? Impossível! Não sei o que pretendem, mas não é altura de brincar. Partimos há seis ou sete intervalos de tempo, no vosso casamento, Boris — afirma Ara. — A Petra, onde está?

Assim que Ara pergunta, vemos Petra ao longe, a conversar de forma descontraída com Marianne. Petra acena-nos e caminha na nossa direção. A outra mão pousa suavemente na barriga, agora um pouco mais arredondada.

Olho para Ara.

*Impossível!*

— É verdade? — pergunto diretamente à minha irmã.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Para vocês, passaram apenas sete intervalos de tempo? — Wull insiste.

— Sim. Não chegou a quatro dias — diz Ara. — Tentámos ser o mais céleres possível — explica.

— E até este momento, achava mesmo que tínhamos sido — reforço.

— Mas não foram e estávamos inquietos — diz Wull.

*O que se terá passado? Será que o tempo não passa da mesma forma nos Outros Mundos?*

— Ah, ótimo! Mais uma coisa para lidar. Já estava a ficar preocupado que a nossa vida estivesse a ficar demasiado monótona — digo.

Rodeio Ara com o meu braço.

— Vamos tentar perceber o que aconteceu e de que forma se pode evitar — garante Isla.

— Não permito que voltem a desaparecer outra vez desta maneira. — É a primeira coisa que Petra diz quando chega ao pé de nós, já a abraçar-nos.

— Pela primeira vez, concordo com ela. — Colt dá uma cotovelada a Ara quando o diz.

As amigas dão as mãos e ficam a olhar uma para a outra. A amizade entre elas é extraordinária. Ara pousa a mão na barriga de Petra e ela faz uma dança vaidosa.

— Pensei que tinha de escolher outros padrinhos para *ela* — suspira pesadamente.

Eu e Ara olhamo-nos.

— Vamos ser os padrinhos?

— Claro. Quem mais podia ser o padrinho *dele*? — Boris interpõe com um gracejo.

— Trouxemos reforços. São poucos, mas bons. Têm umas capacidades... especiais — digo, porque ainda não sei bem do que são capazes, mas confio em Indie.

— Vamos conhecê-los? — pergunta Petra.

— Primeiro, queremos saber o que se passou na nossa ausência.

Contam-nos que os Mercenários continuam a retirar os cristais das Grutas de Energia. As explosões são cada vez mais frequentes. Os nossos fizeram emboscadas e ataques específicos a alguns alvos, como aos *autokarts* e aos barcos, para lhes dificultar a retirada dos cristais. Sabotaram pontes estratégicas e Grutas de Energia ativas, o que fez a cidade ficar algumas vezes às escuras. Também roubaram alguns dos seus mantimentos. Com isto, conseguiram atrasar muito as operações deles, mas não conseguiram chegar às armas. E, felizmente, resgataram todos os que restavam nos esconderijos. A minha mãe não se encontrava nesses grupos, o que me leva a concluir que está refém. Não me atrevo a pensar no pior.

— Contactaram-nos mais duas vezes e exigiram falar contigo, Kai, mas conseguimos contornar a situação — diz Wull, a sua voz controlada, mas desconfio que não está a dizer tudo. — Estão desesperados e querem que deponhamos as armas, e que paremos com estes ataques.

— Se o pedem, é porque as nossas investidas os estão a desgastar. E dizem que querem negociar — diz Colt.

— Ótimo, vamos continuar com elas. Atacar sempre e onde pudermos, vamos ver isso em detalhe — afirmo. — E os Albas?

— Continuam impávidos, sem expressão de luta — confirma Wull.

— E o que não nos estão a contar? — pergunta Ara, com a mesma sensação que eu.

— O Beau fugiu — diz Petra. — Uns intervalos, logo após vocês terem ido embora. Deixou a Nevaeh e foi sem que déssemos conta. Reforçámos todas as entradas. E o porta-voz agora é o Llyr. O registo é o mesmo, pressão e exigências, mas ficámos com uma sensação estranha, de que algo não está a bater certo.

— A mãe? — pergunto, por fim, com o coração estrangulado no peito.

— Não nos deixaram falar com ela, mas o Llyr garantiu que, tanto ele, como a mãe e o Adro estão bem. E eu acredito. Eles têm de ter como negociar.

Fico em silêncio por um momento, ponderando as informações que recebi. A negociação pode ser uma opção para salvá-los, mas também é preciso ser cuidadoso ao dialogar com os inimigos. E porque é que Llyr está agora no comando? Os meus pensamentos ficam mais sombrios, mas se Beau deixou aqui a sobrinha, também não tem interesse em que ataquem o Refúgio. A incerteza corrói-me, e percebo

que a minha desconfiança pode causar um caos desnecessário. Decido guardar estas preocupações para mim, por agora.

— Vamos lá avaliar as exigências deles — digo, ao ajustar no ouvido o pequeno dispositivo que Boris me passa. Ara põe o dela.

Seleciono o canal pretendido.

— Llyr? — chamo por ele e aguardo. — Adro? Morfeu? Alguém à escuta? — Do outro lado, nem um som. Tentámos mais canais e por muito tempo, mas não obtivemos resposta, o que me deixa ainda mais angustiado.

Suspiro e Ara envia-me um aconchego.

— Contaram a alguém onde nós estivemos? — pergunto, embora certo da resposta.

Sem nada dizer, mostram a esfera que todos recebemos quando jurámos segredo e lealdade.

Não sei o que aconteceu, nem como é possível que tenhamos estado tanto tempo fora, mas a verdade é que as coisas por aqui parecem estar controladas. E isso só acontece porque tenho a melhor Unidade.

— Venham conhecer os nossos novos colegas — diz Ara, apontando para onde eles se encontram, bem-dispostos, já instalados e a comer.

— O melhor grupo de assassinos de Ventara, o Mundo do Ar — explico.

— E uma Larápia — acrescenta Ara, enquanto nos dirigimos a eles.

— Trouxeram uma ladra para uma guerra? — pergunta Colt com descrença.

— Sim, e é *demasiado* profissional. Vê se guardas bem os teus pertences — responde Ara com um jeito brincalhão.

— Ou vê lá se ela não te rouba o coração — acrescenta Petra com um sorriso ardiloso.

Isla desvia os olhos para eles de relance.

— Quando os nossos olhos se cruzaram, soube que estava em apuros, mas ainda assim sou incapaz de me afastar — diz Isla em tom baixo e quase apenas para si.

Mesmo sabendo que as coisas acontecem por um motivo, não consigo deixar de sentir uma angústia enorme pelas mudanças pelas quais está a passar. E, no meio de tudo isto, algo me diz que o coração da minha irmã foi conquistado.

«PORRA!»

Arabela Rosialt

# 45

## ARA

**P**rocuo pelos meus avós e sou surpreendida com a minha avó, Raina, a conversar com Indie. Observo-os de mãos entrelaçadas e trocam palavras como se fossem velhos amigos. Quando me vê aproximar, Indie dá um beijo afetuoso no rosto de Raina e retira-se discretamente. Notando a minha presença, um vislumbre de preocupação cruza o rosto dos meus avós.

— Estás bem? — O meu avô quase corre para mim.

Assinto, incapaz de conter a minha curiosidade.

— O que foi aquilo? — pergunto a gesticular para as minhas costas em direção ao Indie, e abraço-os a ambos.

— A vida é repleta de encontros inesperados — diz Raina, com os olhos marejados de lágrimas e a agarrar-me as mãos. — Há segredos do Ar que por vezes encontram eco na Água.

A resposta evasiva deixa-me ainda mais confusa, contudo, dedico-me a tranquilizá-los. Como temos muito trabalho em mãos, passo num instante na minha zona de descanso para apanhar uma muda de roupa. A minha mente está cansada e nublada e a sensação é de que não durmo há semanas. E a pensar no tempo que passou para os que cá ficaram, é verdade. Preciso de água no meu corpo.

Estou num canto recatado da cascata, em roupa interior. O calor da água envolve-me e faz amolecer os meus músculos doridos, permitindo-me relaxar um pouco. Sinto Kai aproximar-se devagar e a congeminar, pensando que vai apanhar-me desprevenida e esboço um sorriso. Abraça-me por trás. Viro-me num ápice, imobilizo-o e afundo-o na água.

— Sou eu! — avisa ele, meio sufocado.

— Eu sei — digo, ao dar-lhe a mão para o ajudar a erguer-se. — Estava a testar se seria capaz de te apanhar a *ti* de surpresa.

Passo as mãos no seu tronco nu, rodeio-lhe a cintura e encosto a cara ao seu peito. O queixo dele repousa no topo da minha cabeça e

toca-me no cabelo com pequenos movimentos relaxantes. O peso e o som da água envolvem-nos, enquanto nos fundimos num abraço.

O aroma dele penetra nas minhas narinas e Kai começa a cantarolar uma melodia serena. Levanto o rosto, intrigada.

— Cantas?

— Nem eu sabia. Acho que é uma música que a minha mãe nos cantava em pequenos.

— Gosto da tua voz. É uma mistura de veludo, oceano e sonhos profundos. És tu.

Kai sorri contra o meu cabelo e dá-me beijinhos sucessivos.

— Alguma coisa dentro de mim ficou arruinada e partida...

Aperto-o mais, com força.

— Vamos recuperar esses pedaços partidos. Os teus e os meus, e fazemos um só.

— Queres ficar mais um pouco? — pergunta ele depois de se lavar.

— Sim — respondo.

Não me apetece sair já. Aqui, posso ignorar, só por mais um instante, a dura realidade.

Ele desliza os lábios sobre os meus num beijo suave e eu fico a vê-lo afastar-se.

A água não é muito profunda, mas ainda assim mergulho e permito-me um momento de abandono. Deixo-me afundar por um instante e sou embalada pela corrente e pelo som hipnótico do ritmo suave e constante da água a cair do alto. De olhos fechados, os pingos da cascata dançam sobre a minha pele e, com um suspiro profundo, deixo-me flutuar e entrego-me ao capricho da água que me carrega sem esforço. Relembro o momento, não muito distante, de intimidade entre mim e Kai, no nosso novo cantinho. Aquela gruta minúscula com uma janela mágica para o mar, o chão acetinado e morno, e sinto uma urgência de tocar na nossa pedra, como se ela aguardasse o toque da minha mão. Assim que os meus dedos envolvem o talismã, um batimento cardíaco fica suspenso no tempo. A energia flui e o mundo à minha volta dissolve-se em faíscas de luz, numa tapeçaria de estrelas.

E quando a luz se apaga, o ar é doce, com aroma a jasmim. O meu coração acelera de antecipação, pois sei o que acabou de acontecer. Com algum receio e ainda maior expectativa, abro os olhos e encontro-me de pé, a pingar água, no nosso ninho de amor.

— PORRA! — digo, desconcertada.

\*

Ainda atónita, percorro o caminho, pelos meus próprios pés, no chão rugoso e áspero dos túneis. Como é que isto aconteceu? Não era suposto serem precisas duas pessoas para se *transportarem*? Aconteceu

quando tocava na pedra e percorria as minhas memórias mais felizes. Será o nosso seixo? Já antes de fazermos as tatuagens, a pedra era um sinal do nosso poder. A forma como brilhou quando a ofereci a Kai e sempre que nos aproximávamos, ou da primeira vez que fizemos amor e como serviu para ampliar a comunicação telepática entre nós. Foi quando demos os primeiros passos daquilo que somos hoje. E agora aqui estou eu, sozinha, a fazer o que pensava ser impossível.

Quando apareço à boca do túnel, os Protetores de guarda ficam espantados ao ver-me corada e em roupa interior. A confusão nos seus rostos é tremenda e relevo a situação.

— Fui dar uma corrida, mas estava demasiado calor. — Pisco o olho. — Entrei por ali — digo, a apontar para outra entrada do lado oposto — e saí aqui! Estes túneis são matreiros, fiquem atentos!

Continuo a correr e dirijo-me ao local onde havia deixado a minha roupa lavada, em cima de uma pedra robusta ao lado da cascata. E a visão choca-me. Ao redor de toda a lagoa onde me banhava, e onde havia apenas areia, desabrocharam flores, não mais do que pequenos pontos de cores exuberantes. E a água parece ainda mais cristalina, formando um oásis de vida. Cardumes de peixes nadam agora, por toda a parte.

*O que foi isto? Aconteceu quando me transportei?*

Fico um pouco ansiosa com a situação, mas não me posso dar ao luxo de pensar neste assunto por agora. Valores mais altos se levantam.

Visto o uniforme leve e fino e vou para o campo de treino, onde já estão Protetores e Limpadores, mas não encontro Magdalene em lado nenhum. Onde se meteu a Larápia?

Assim que me vê, Kai emite um dos seus gritos para que todos se aproximem. Com as mãos firmes atrás das costas, olha em volta, para o grupo, o rosto sério.

*Quando lhe contarei o que me aconteceu?*

— Bem-vindos — diz Kai num tom cortês, mas sem rodeios. — O tempo é curto, por isso, vamos diretos ao assunto. Acredito que já tiveram tempo para se conhecerem um pouco, agora temos de nos organizar e de vos dar a conhecer o inimigo.

— Compreendemos — responde Indie do outro lado, o rosto sério e determinado. — Precisamos de saber todos os detalhes. Forças, fraquezas e padrões de ataque.

— São fortes e muitos — explica Jacca, demasiado sucinta.

— Rácio? — pergunta Indie.

— Seis para um... Mas não conseguimos garantir, porque mesmo com toda a vigilância, não sabemos quantos estão fechados dentro do Colégio Central — diz Boris.

— Assim que neutralizamos um grupo, logo outro surge —

resmunga Ptol.

— A surpresa é um elemento que podemos usar a nosso favor. Somos especialistas em movimentos rápidos e ataques precisos, mas precisamos de conhecer o terreno. — Indie olha ao redor como que há procura de algo ou de alguém.

Kai acena com a cabeça em concordância antes de falar.

— O fator surpresa é uma opção e pode ser útil na nossa situação, mas precisamos de ser cuidadosos, porque, se falhar, podemos dar-lhes tempo de se reagruparem e ficamos vulneráveis a um contra-ataque.

— E uma das nossas vantagens, até agora, é não saberem onde estamos escondidos — diz Wull. Noto o meu amigo em sofrimento e sofro com ele.

— Devíamos trocar conhecimento. Treinar em conjunto e conhecer bem as técnicas de combate uns dos outros. Aprendermos a lutar como uma única Unidade — diz Colt, e eu surpreendo-me por ele continuar tão atento e interessado.

— Vamos começar, então? — diz um dos gémeos, que penso ser o Blink, num tom demasiado entusiasta.

\*

Gotas de suor escorrem pelo meu corpo enquanto tento acompanhar Wink. A fadiga começa a pesar-me no corpo, mas a minha mente está alerta, focada em dominar os movimentos.

— Muito bem, Ara — diz-me. — Mas tens de ser mais rápida. Chama-se golpe duplo por algum motivo. Atacas duas vezes seguidas, em direções diferentes.

Arfo, porque ele é tão rápido que parece desafiar as leis da física.

— Acredita, estou a tentar.

— E a falhar! — O riso dele é sincero. — Mais rápido! Tens de surpreender o oponente sem te desequilibrares.

As minhas pernas tremem e o peito ofega, mas ainda assim repito o movimento. Uma e outra vez. E falho, caindo de joelhos.

— De novo! — berro, com raiva de mim própria e já a levantar-me.

Os lábios dele sobem, mas não diz nada, apenas se posiciona e recomeça a atacar, sem dó nem piedade.

Lembro-me de todas as correções que ele me fez e de cada músculo que preciso de ativar para conseguir executar este golpe com sucesso. Salto no ar, girando o meu corpo com precisão e velocidade, e apanho-o desprevenido. A adrenalina percorre-me, enquanto o meu punho encontra o alvo, num passe rápido. Ainda antes de ele se recompor, a minha perna segue um arco preciso, atingindo-o mais uma vez, derrubando-o.

Caio no chão, junto dele. As mãos em cima do estômago, que sobe e desce depressa, e os olhos fechados. Estou toda partida.



— Conseguiu. — A voz dele é animada.

— Agora é só repetir mais umas mil vezes.

— Ninguém nasce perfeito, como eu.

— E como o teu irmão gémeo — brinco.

— Ah, nem me fales. Mas a *minha* mãe gosta mais de mim. Sou o mais velho — rejubila. — Estiveste bem, a sério, Ara. Não te esqueças, a repetição é o pilar da perfeição.

— Já a tua mãe achava isso — digo, e ele ri às gargalhadas. — Até já, Wink.

Levanto-me e sinto o peso do esforço. Tenho de beber água. Estamos a treinar sem parar ao que me parece o tempo para fazer três refeições de vinte pratos.

Observo o campo. Cada erro e deslize é corrigido de imediato com a ajuda do outro. É fascinante ver como afinal trabalhamos tão bem juntos e nos complementamos uns aos outros, num baile letal.

Kai pratica com Indie e não consigo evitar admirá-lo. Os meus olhos fixam-se em todo o corpo de Kai. O suor escorre pelo rosto e pescoço, fazendo brilhar a sua pele dourada. Os músculos tensos e prontos para a ação.

*Que visão impressionante*, penso, com o coração aos saltos.

«Na essência da percepção,  
O sexto sentido desvela caminhos ocultos,  
Onde observar, escutar e sentir  
Convergem para revelar o invisível.»

*O Olho da Mente,*  
Silas, o Vidente das Verdades Veladas

# 46

## Kai

*Será que alguém ficou sem palavras ao admirar os meus bíceps?*, digo, a meter-me com Ara. Sei que está inquieta, mas não consigo perceber o porquê.

*Ah, não. Estava só a apreciar o Indie*, provoca-me e vira costas, a sorrir interiormente.

*Ka patua ahau e koe!*<sup>6</sup>, digo-lhe.

Faço sinal a Indie para pararmos um instante e vou ter com ela ao barril da água. Passa-me uma taça cheia e eu bebo com agrado. O meu pensamento vai para Ignisia e Calantha e para o estado daquele Mundo.

— Sabes, o treino com o Wink valeu mesmo a pena. Trouxemos bons aliados — diz ela, puxando-me dos meus pensamentos.

Um sopro foge-me e Ara olha-me de esguelha. Não preciso de dizer nada, pelo meu sorriso gozão, ela percebe.

— Estive aquele tempo todo a treinar com o Blink, não estive?

— Na verdade, eles são mesmo iguais.

— Tu sabes distingui-los. — A voz sai-lhe irritada.

— Não. O Indie é que me disse.

Recebo um murro no ombro como resposta.

— Está decidido, vou fazer uma marca num daqueles cabrões!

— O que se passa? — pergunto. — Estás preocupada.

Os seus olhos fixam-se nos meus, e o rosto dela ruboriza-se um pouco. Quando parece começar a explicar, a atenção dela desvia-se para as minhas costas.

— É a Magdalene.

— O que tem? — pergunto, confuso.

— Ali — aponta para trás de mim. — A Magdalene. Está sempre a desaparecer, não sei se confio nela. Para onde é que ela vai?

Vemo-la aproximar de Wull e segredar-lhe algo ao ouvido. Ele assente e dá um passo em frente.

— Reúnam-se! — A voz tranquilizante de Wull faz-se ouvir sobre todas as outras. Não sei onde arranja a força para, no meio deste vendaval, ser sempre a voz da nossa razão e a pessoa que nos relaxa, seja por gestos ou palavras. Ou, neste caso, até com um grito voraz.

Assim fazemos.

Magdalene está sozinha no centro da arena. A pele escura cria um belo contraste com a areia cor de coral. É baixa e esguia, mas o corpo é blindado por músculos, como se ela fosse feita apenas dessa fibra. A presença é imponente e cativa a atenção de todos.

— Sou Larápia. — A voz sai casual, serena, mas chega aos ouvidos de todos nós. — Não sei fazer outra coisa. Em Ventara, a nossa casa — olha em busca dos seus contrerrâneos —, surripio desde que aprendi a gatinhar. E sou a melhor a fazê-lo. No entanto, há coisas que são mais fáceis de roubar do que outras.

Roda sobre si mesma para encarar cada um dos presentes e, quando dá uma volta completa, começa a caminhar pelo nosso meio, tal qual uma serpente deslizante.

— O que vocês roubam não é fácil, mas, já que têm de o fazer, façam-no com eficácia, antes que vos roubem a vocês o último sopro. Além da agilidade e força que vocês exercitam há anos — para em frente a Colt —, alguns há mais do que outros, há elementos cruciais que muitas vezes são subestimados em combate, como a capacidade de observar, ouvir e sentir.

Atira para o meio do campo quatro adagas, uma faca de combate e, para minha grande surpresa, a minha pistola de arpões. Toco no meu braço. Como é que eu não senti? Já é a segunda vez que me rouba!

— Todos têm um ponto fraco, uma fragilidade ou até insegurança. E o nosso trabalho é tirar partido disso. Fechem os olhos.

Os olhos de Ara passam de mim para Magdalene, e observa-a com desconfiança, mas fecha os olhos. Eu faço o mesmo. Enterro bem os pés na areia. Ligo-me à terra e deixo a energia fluir.

— O campo de batalha está cheio de sons, demasiados. Devemos fazer uma triagem, abstrairmo-nos do que não faz falta e aprender a distinguir os que nos interessam. A velocidade do vento, o farfalhar das folhas ou os passos do inimigo a aproximar-se podem salvar a nossa vida. Quando sentirem o meu toque, abram os olhos. — Ouço-a dizer junto do meu ouvido, quando uma carícia leve como a ponta de uma pena me toca no braço, mas, assim que abro os olhos, ela está do lado oposto do círculo.

A sua capacidade em mover-se ágil e silenciosamente é surpreendente.

— Quanto à observação — continua Magdalene —, a linguagem corporal do nosso inimigo e os sinais subtis que emitem antes de

entrar em ação podem ser muito reveladores. Por exemplo, reparei que aqui o Wull transfere sempre o peso de um pé para o outro, antes de atacar. Talvez devas trabalhar nisso.

Wull leva o braço atrás a coçar o pescoço.

— Essa é demasiado fácil — protesta Ptol.

A Larápia levanta o queixo, estreita os olhos negros e esboça um sorriso travesso.

— Hum, muito bem! Então, e se te disser que consigo prever o comportamento de qualquer pessoa aqui dentro?

Ele emite um riso estranho enquanto dá um passo em direção a ela. Não me meto, sei que Ptol gosta de esticar a corda e já percebi também que Magdalene não o deixará esticá-la muito.

— Tens algum poder de adivinhação?

— Não estiveste a ouvir? É observação. — A voz de Gensay sai alta e abana a cabeça na direção de Ptol, em reprovação. Passa por nós com um grande cesto carregado de frutas e legumes. Está a trabalhar, mas sempre atento a tudo, também.

Magdalene lança-lhe um olhar cordial e desvia a atenção novamente para Ptol.

— Ali. — A Larápia aponta discretamente para um homem que está a alguns metros de nós, a instalar mais algumas mesas na zona do refeitório. — Está prestes a fazer uma pausa para beber água — afirma e, quase no mesmo instante em que as palavras lhe saem da boca, o homem para o que está a fazer, esfrega o pescoço com vigor e dirige-se ao barril de água mais próximo.

*Tenho de admitir que ela tem jeito*, ouço a voz de Ara no meu pensamento. Olho-a e está a revirar os olhos, porque não queria ceder.

*Se o conseguirmos pôr em prática, dará jeito, sim. Agora, atenta à aula.*

*Estás a gostar demasiado disto*, reclama ela, e sinto um puxão de orelha mental. Sinto-o mesmo. Levo a mão à orelha num gesto rápido e arregalo os olhos para Ara que já está outra vez focada em Magdalene.

— Acompanhem-me. — Sem esperar resposta, começa a andar em direção ao oceano do nosso Refúgio. Sempre me fascinou termos uma cascata de água doce de um lado e um mar salgado no outro extremo da gruta. — É possível aprender a ler as marés, não só do mar, mas também das pessoas.

— Desculpa — diz Jamal um pouco encabulado. — Tenho de concordar com o Ptol. Isso soa a tolice. — A voz sai-lhe num murmúrio e fica corado como uma *kerry* por todos os olhos estarem focados nele.

Troco um olhar conspiratório com Ara, mas Magdalene apenas caminha até à beira da água e, claro, nós seguimo-la, numa

combinação de ceticismo e curiosidade.

— Observem. — Aponta para uma pequena poça formada entre as rochas baixas. A luz dourada que irradia do teto de cristal concentra-se e ilumina as águas cristalinas. Magdalene dá um passo e mergulha lá os pés. Subitamente, um cardume de pequenos peixes luminescentes aparece a nadar num bailado elétrico à sua volta.

— É magia! — diz Boris, incrédulo.

— Não é magia, Boris.

— Então, como é que fizeste para os peixes irem ter contigo? — A voz de Jamal sai agora um pouco mais confiante.

— Estes peixes são guiados pela luz. Ou pela falta dela. Reagem a frequências específicas que realça o plâncton do qual se alimentam.

— Ou seja, comem plâncton, que brilha no escuro — completa Ara. Magdalene olha para Ara de relance e pisca-lhe o olho.

— Só tive de criar o ambiente perfeito. Escolhi este local específico para bloquear a luz e fazê-los nadar até mim.

— Uau — diz Ptol, dando a mão à palmatória. — Isso é muito fixe.

— É entender o mundo à nossa volta: escutar, observar e, mais importante, *sentir*. Todos temos um sexto sentido, uma intuição que nos avisa quando algo não está bem ou o que deve ser feito. Aprender a confiar nele pode ser a nossa maior vantagem. Fundam-se com o ambiente, tornem-se nas sombras entre as sombras, sintam a tensão e a mudança no ar. Estudar padrões, entender comportamentos e agir no momento certo pode virar o jogo a nosso favor.

Percebo agora porque foi uma mais-valia trazê-la. É observadora e astuta, apesar de ainda não estar cem por cento seguro quanto às suas verdadeiras intenções.

Ara estuda-a com atenção e até com uma certa admiração. No entanto, parece haver algo mais que não consigo descortinar, como se tivesse descoberto uma verdade que só ela consegue ver.

6 Tu matas-me.

«Com cada alvorecer, corações encontram-se  
E juntos desbravam caminhos que revelam  
destinos  
E acendem chamas dos propósitos  
Antes inimagináveis.»

*Cânticos dos Renascidos,*  
Elara Valestrem



# 47

## Ara

Os últimos intervalos de tempo têm sido exaustivos, a praticar novas técnicas e a delinear novas táticas de combate. Limpadores e Protetores treinam juntos, quase ininterruptamente, e Indie tem sido um elemento fundamental para que a ligação entre ambos seja tranquila. Indie lá está, a treinar, desta vez com Jacca, que aguenta firme as investidas do Limpador, sob os incentivos de Petra, que está sentada a observá-los.

Muita coisa me surpreendeu quando chegámos, mas o mais impressionante foi o que observei no campo de treino.

Colt move-se com uma destreza surpreendente e responde aos ataques de Boris, com uma precisão impressionante. A parte superior do cabelo de Colt está apanhada num puxo, para não lhe cair para a frente dos olhos, enquanto a parte de baixo lhe cai sobre o pescoço. Esquiva-se de um golpe direto, usando o impulso para girar para trás de Boris, fazendo-lhe uma rasteira que o derruba com eficácia. Boris faz uma cara de surpresa, mas Colt não se fica por aí. Aproveita a queda de Boris para o imobilizar no chão e Boris bate três vezes com a mão, para que Colt o solte. Levanta-se e estende a mão a Boris, que se ergue e lhe dá um abraço apertado, como se comemorassem algo entre si. Talvez a primeira vez que ele o vence? A transformação é notável e é evidente que Colt dedicou cada momento da nossa ausência para aperfeiçoar cada técnica, cada golpe.

Isla está sentada na orla da água, com vista privilegiada para o campo de treinos e com um livro aberto no colo. Vou ter com ela. A dor e as transformações pelas quais está a passar não são fáceis.

Sento-me ao seu lado. A areia morna faz cócegas nas pontas dos meus dedos.

— O que tens aí?

Mostra-me a capa e vejo que é o livro de couro que pertencia a Hensel, *Ecos Ancestrais*.

— Queres falar? — pergunto.

Ela encolhe os ombros.

— Isla, tu foste uma das pessoas que mais me ajudou quando a minha vida sofreu a maior reviravolta de sempre. Desde o meu primeiro dia em Aquorea, estiveste aqui para mim. Aliás, foste tu quem me apresentaste a cidade e o nosso grupo. Se não fosses tu, talvez... — Pouso a mão sobre a dela, ela sabe de tudo. — Obrigada! — digo apenas, e ela compreende.

— Foi natural para mim. De alguma forma, sabia que pertencias aqui e que o teu caminho seria grandioso.

— Assim como o teu. Estou aqui para ti, para te escutar e aconselhar, se precisares. Sou tua irmã, de coração.

Isla suspira, fecha as mãos na areia com força e solta devagar os dois punhados num fio fino e quase mágico que se eleva no ar. A brisa leva a areia para longe.

— É como se cada grão de areia representasse uma escolha que terei de fazer. O futuro pesa em mim e tenho medo de fazer as escolhas erradas.

Observo-a em silêncio por um momento, compreendendo a sua inquietude.

— Cada escolha que fazemos é uma oportunidade de aprender e crescer. E lembra-te, ainda tens muitos grãos de areia para escolher.

Olha para o grupo que pratica as táticas de ataque.

— É tão má altura.

Esboço um meio sorriso, porque já passei pelo mesmo. Pode ser tão confuso.

— Nunca é má altura para nos apaixonarmos, querida. Não eras tu que querias alguém especial, que te arrebatasse? — Recordo-a das suas palavras.

— Agora não é o momento certo! — reclama ela, irritada.

— Ahahah! Era tão bom que se pudesse desligar esse botão e ligar só quando nos desse jeito. Houve momentos em que gostava que isso fosse possível, o teu irmão tirava-me mesmo do sério.

— Aiiiii! — Ela cobre o rosto com as mãos, num misto de nervos e riso.

— Sabes que mais? Acho que apareceu exatamente quando precisas.

— Será que o meu pai aprovaria?

Pondero seriamente.

— Tenho a certeza de que sim. Antes de tudo o mais, o que o Ghaelle queria era que *tu* o aprovasses. Lembra-te quando me disseste que te estava destinado um amor fantástico?

— Era só a minha adolescente interior a ser piroso! — A risada dela contagia-me.

Olhamos as duas para ele com atenção. Os movimentos fortes e determinados, alguém com o qual sabemos que podemos contar.

Encolho os ombros.

— Talvez tenhas um amor mais épico do que fantástico.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Épico?

Aceno com a cabeça.

— Sim, algo que transcende eras e dimensões, que vai além do que podemos imaginar.

Isla sorri, contemplativa.

— Gosto disso! Um amor épico. Acho que é mesmo esse tipo de amor que quero ter.

— Acho que já tens. — Encosto-me a ela e toco no livro. — O que procuras aí?

— Estou a tentar perceber o que se passou para terem demorado tanto tempo a regressar, quando para vocês não foi assim tanto.

— E o que descobriste?

— Este livro é vasto em informações, se soubermos procurar. Há aqui um texto que talvez nos dê uma explicação. Numa época em que as pessoas entravam e saíam livremente para os grandes mercados, festas, ou para visitar familiares e amigos, essa travessia era feita no mesmo momento.

— Pois, mas isso era numa altura em que todos os Mundos tinham os portais abertos. Isso agora não acontece.

— Exato. E se for isso? Os Mundos não estão em sincronia, então, a viagem não flui com naturalidade. Se fosse de portal a portal, era rápido, mas como os outros portais estão fechados, demoraram mais no vácuo.

Sinto um aperto no coração. A Hensel tinha razão acerca de podermos ficar perdidos no vazio.

— Porque será que não fomos ao Mundo da Terra? A Hensel aconselhou-nos Ar ou Terra, mas não fomos levados ao da Terra.

— Talvez não fosse o momento certo?

— Sim, tendo em conta tudo, acho que sim. Em Ignisia, disseram-nos que deixariam o portal aberto, mas aquilo pareceu-nos tão mal, tão doente — explico. — A Calantha, a *Crownbearer* do Mundo do Fogo, é espantosa.

Isla fica pensativa.

— Realmente, só a sonoridade do nome: C-a-l-a-n-t-h-a. Há uma aura de grandiosidade nele.

— E há mais — digo.

— Eu sei. — Isla assente fortemente com a cabeça. — Já sei.

Anuo.

— Já no Mundo do Ar, nem sequer sabem da existência do portal.

— Pondero no que dizer enquanto Isla me observa. — O acordo foi voltar e dar-lhes informações valiosas.

O ar de Isla é de espanto.

— Não sabem?!

— Ventara é mal governado, as desigualdades entre os estratos sociais são abismais. Talvez no fim de tudo devamos falar com o Indie acerca disso, para sabermos mais — digo.

Ela assente, mas muda de assunto.

— O facto de Ignisia ter decidido abrir depois da vossa visita é ótimo. É sinal que estamos a curar.

É bom sinal, porque está tudo interligado. Com o mundo a passar por alterações climáticas, guerras, fome, sobrepopulação e falta de recursos... Talvez se for reposta a ordem e a saúde nestas Esferas Terrestres, nestes Mundos, se possa ajudar a recuperar a Superfície também.

— Achas que alguma vez vamos ter todos os portais novamente abertos?

Isla pondera a minha pergunta por um momento, perdida nos seus pensamentos.

— Para ser sincera, não tenho a certeza, mas há algo aqui que nos poderá dar uma ideia. — Passa o dedo por um parágrafo no livro e incita-me a ler.

— «Quando todas as chaves se alinharem e as estrelas no céu brilharem com um brilho diferente, uma única chave poderá abrir todos os portais.» — Leio em voz alta, com o coração a bater mais forte a cada palavra.

Faço uma pausa por um momento, para permitir que a informação assente.

— E se formos nós, todos nós, essa chave, Isla?

Ela encolhe os ombros, com um sorriso misterioso.

— Quem sabe?! Talvez sejamos nós, talvez não. Mas sei que estamos mais perto do que pensamos de desvendar esse mistério.

\*

Do outro lado da arena, Indie luta agora com Petra que salta agilmente de um lado para o outro. É forte, teimosa, e não abranda o ritmo. Aflijo-me ao ver a sua barriga rodeada de armas.

— Queres descansar um pouco? — digo, aproximando-me dela.

Termina o movimento e desarma o oponente. Olha para mim, recriminando-me por me ter intrometido. Suspira pesadamente, despede-se de Indie e sorri-me com ar dócil.

— Estou a exagerar um pouco, não é? — admite, e isso surpreende-me.

— Sim! Esta criança ainda não nasceu e já te está a trazer algum

bom senso.

Petra abana a cabeça.

— Claro que não, Ara! — grita, aborrecida. — É só um bebé, não uma bomba prestes a detonar.

— Devias estar a descansar, não a lutar. E se alguma coisa...

— Não te preocupes. Esta criança já está a aprender técnicas de luta bem cedo. Vai ser a melhor guerreira de Aquorea. — Segura na minha mão e pousa-a na sua barriga enquanto a outra repousa sobre o seu coração. — Mas agora temos uma coisa importante a fazer, anda — diz, a puxar-me por um braço no sentido contrário. — Eles já estão à nossa espera.

— Quem?

— Já vais ver!

A luz emitida pela cúpula de cristal cria um ambiente sereno apesar do caos, e, à medida que nos vamos afastando e a luz começa a ser mais escassa, sei para onde nos encaminhamos.

Devido ao calor que emana, a forja fica no canto mais recôndito e obscuro do Refúgio, longe da vista de todos e com a mais-valia de ter um curso de água perto.

Para meu espanto, Colt e Boris esperam-nos na vasta câmara. Colt está inclinado sobre uma mesa de madeira improvisada, feita com o que parecem ser pedaços de troncos resgatados da floresta e está muito concentrado nuns papéis, enquanto discute alguma coisa com um dos ferreiros de serviço. Boris tem um sabre lustroso na mão e luta sozinho. Faz movimentos ensaiados, quase coreografados, que parecem saídos de uma valsa.

Olho para Petra de esguelha e faço um esforço para conter o riso que insiste em me escapar. Ela encolhe os ombros.

— E não dançou no nosso casamento — diz ela, a revirar os olhos.

O forno, construído a partir do que parecem ser pedras da lagoa, espalha um calor ardente e a bigorna de metal é feita de bocados de sucata, de ferro e de aço que encontraram.

Aproximamo-nos de Boris, que beija Petra afetuosamente nos lábios, depois na barriga e, de seguida, pega em mim ao colo e gira-me no ar. Algo ao qual já me habituei e não posso dizer que me canso.

— Já contaste à Ara a minha ideia *genial*? — A voz de Boris tenta soar profissional, mas sai-lhe com um tom jovial.

— Deixei para ti, *meu prodígio* — explica Petra ao marido.

Petra apressa o passo e vai ver o que se passa na mesa. Boris enrosca o meu braço no dele e começamos a caminhar devagar.

— Ele está muito melhor no combate, mas precisa de armas — explica Boris. — Então, pensei, *pensei*, e tive uma ideia.

— Genial — acrescento.

— Exato! Como ele não mata — Boris cospe a frase como se isso

fosse um defeito e não uma virtude —, criei-lhe armas para o campo de batalha. É um jogo de sobrevivência, pode não matar, mas pode defender-se e atacar os nossos inimigos.

— E como vão fazer isso? — pergunto com genuíno interesse.

— Já vais ver.

Alcançamos a mesa. O ferreiro tem na mão o arpão que dei a Colt, mas está modificado.

— Ara, este é o Branimir, o melhor ferreiro de Aquorea — diz Boris. O homem está tão focado no que está a fazer que nem nos liga. Várias peças estão espalhadas sobre a mesa.

— Pontas achatadas, ganchos para prender — diz Branimir. As mãos grandes e calejadas do ferreiro são um contraste profundo com a sua voz e aspeto. É um homem baixo e demasiado magro, com um bigode branco e farfalhudo que se enrola nas pontas. Os olhos escuros são afáveis. — O melhor é a parte da descarga elétrica — diz, a abrir o sorriso.

Isto é, de facto, inteligente e admirável.

— Colt, o Guerreiro Bondoso — diz Petra, a andar à volta da mesa e a pegar em peças ali pousadas. — Não sei porque tens de ser tão teimoso, mas...

Colt lança-lhe um olhar impiedoso. E eu não queria estar na pele dela.

— Não é teimosia, é princípio. — A voz de Colt é firme e feroz. — Se não entendes o conceito básico de humanidade, talvez devesse...

— *Hey, hey!* — Boris levanta as mãos e depois faz um gesto para a mesa, a relembrar o que nos trouxe cá.

— Certo — cede Petra, com vontade de continuar a azucrinar a cabeça a Colt. Segura numa estrela de arremesso com dois dedos. — E isto, como funciona?

— Isso, menina! Isso é a arma mais criativa que já alguma vez fabriquei.

Chego-me para a frente e pego numa. É uma *shuriken* comum, com uma adaptação num dos lados. Franzo a testa.

— Para que serve?

— Estrela com arremesso de redes. — Colt esboça um sorriso entre mim e Boris, enquanto dispara um olhar cortante a Petra.

— E se, por acaso, te encontrares numa situação que exija medidas mais drásticas, preparei algumas peças especiais, com um toque extra. — Branimir faz uma pausa dramática e, cuidadosamente, levanta outra estrela, também modificada. — Uma surpresa explosiva, só para garantir que tens todas as opções à tua disposição — diz, com um brilho cúmplice a faiscar-lhe nos olhos.

«Na travessia de adversidades,  
a mão estendida de um amigo  
É o mais valioso dos bens,  
um porto seguro em mares revoltos.»

*Reflexões sobre a Amizade,*  
Afonso Dumes

# 48

## Kai

**É** urgente avançar, mas, antes, temos de restabelecer forças. Comer e descansar. Preciso de dormir, pelo menos, um intervalo de tempo inteiro. De preferência, ao lado de Ara.

Desde que chegámos de Ventara, mal temos passado tempo juntos. Entre as missões de reconhecimento e vigilância, os assaltos de desgaste aos invasores, o controlo de segurança dos túneis e os treinos de preparação, vamos descansando conforme conseguimos, mas quase nunca ao mesmo tempo. Somos poucos, portanto, toca a todos estas tarefas.

— Vou caçar com o Wull. O Boris vai com a Magdalene e o Colt para outra zona e assim termos mais possibilidade de trazermos alguma coisa. — Ara arregala os olhos, mas não comenta. — E depois temos de descansar um pouco — digo, quando me cruzo com ela e Petra entre a troca de turnos de patrulha dos túneis. Elas estão a entrar e eu a sair.

*Tenham cuidado*, diz-me, enquanto me beija nos lábios e se afasta.

\*

— Pronto? — pergunto a Wull, que está a terminar de trocar de roupa. O semblante é pesado. No meio de tudo isto, ainda não tivemos tempo para conversar e quero passar um pouco de tempo a sós com ele.

Ele põe a armadura de antebraço e, por cima, a sua pistola de arpões.

— Vamos. — Aproxima-se de mim e caminhamos lado a lado.

O estudo dos túneis foi fundamental para a nossa deslocação e segurança. As galerias são iluminadas por candeeiros de sal. A luz emite um brilho quente que se reflete nas paredes, criando um efeito de sombras e texturas, que lhes confere um ar ainda mais misterioso.



Há muitos cantos escuros e passagens estreitas que podem desorientar quem por cá passe, pelo que convém sair, no mínimo, em duplas.

Saímos num dos canais na Fraternidade dos Tecelões. Um buraco bem camuflado, que desemboca num ribeiro que irriga os campos e os moinhos. Os nossos sentidos estão alerta para todos os movimentos, porque sabemos que os inimigos podem estar em qualquer lado.

Rastejamos por entre a vegetação, o cheiro a erva fresca enche as minhas narinas e o som do campo encharcado faz-nos ficar ainda mais atentos. Temos de ser cuidadosos. Podíamos ir diretamente aos campos de pasto, mas sabemos que há mais hipótese de confronto lá. Assim, decidimos esperar, sabemos que alguns animais fugidios gostam de vir para estas paragens.

— Só temos de ser pacientes — digo.

Estamos deitados, imóveis e com as nossas armas prontas a disparar.

— Estou cansado de ser paciente — diz Wull, com a voz baixa e um pouco agreste.

Wull sempre foi o mais responsável e prudente de todos nós. Muito cuidadoso nas suas decisões, nunca deixando detalhes importantes passarem despercebidos. Sei que fala com o coração, por medo, por raiva e por amor.

— Vamos trazê-los de volta, meu irmão. Vamos trazer o Suna de volta.

Ele suspira e abana com a cabeça.

— É difícil pensar nele lá... sozinho. — A voz treme. — Tenho medo de nunca mais o ver. Assim como tu com o teu pai... — A voz falha-lhe a meio da frase.

— Sei o quanto é difícil, acredita, mas vamos reunir a nossa família outra vez.

Um barulho do lado direito chama a nossa atenção. Um bando de *cadres*. Não é a carne mais saborosa, mas é tenra. Mantemo-nos agachados e silenciosos, para não os espantar. Fazemos gestos que indicam que matamos dois cada um. São pesados, é o máximo que conseguimos carregar e temos de ser céleres, porque quando os arpões forem disparados, os outros fogem.

Miro com cuidado, seguro a respiração e, quando estou para disparar, ouvimos um som estranho de um arbusto próximo e preparamo-nos para o pior.

Um Mercenário salta e aterra mesmo à nossa frente. Levantamo-nos agilmente e, no mesmo instante, começamos a disparar, olhando ao nosso redor, para ver se há outros. Ele é lesto e esquia-se das nossas investidas. Afasto-me uns passos para dar abertura e Wull poder contra-atacar com a sua catana, pois, do flanco direito,

aparecem mais. Enquanto Wull desfere golpes rápidos, eu disparo arpões velozes. Elimino um deles.

— Não temos hipótese, temos de fugir — berra Wull.

— Vai! — ordeno e ele começa a correr por entre a vegetação, o barulho da água a chapinhar.

Vou logo atrás dele.

É um risco, mas temos de tentar entrar nos túneis sem que nos vejam. Ou podemos pôr em risco toda a gente.

Wull desaparece à minha frente e tenho de me despachar se quiser que deixem de me ver também.

Olho para trás, os Mercenários ganham alguma vantagem sobre mim, mas ainda tenho oportunidade.

Corro com toda a minha força, a respiração ofegante e o coração acelerado. Os gritos dos invasores ecoam ao nosso redor.

Por fim, alcanço a entrada do túnel, onde Wull já me aguarda, com a mão estendida. Entro e o bafo húmido e frio envolve-me como um abraço estrangulado. Ainda não estamos em segurança, pois há a possibilidade de nos seguirem.

Do lado de fora ouvimos «não podem ter ido longe!».

Corremos com a escuridão a cercar-nos. Se descobrirem a entrada, pelo menos aqui temos possibilidade de os despistar. A cada passo que damos, a tensão aumenta. Passamos a cortada que nos levaria mais depressa ao Refúgio e continuamos, para o caso de estarmos a ser seguidos.

De repente, o som de passos em corrida, aproxima-se, veloz. Encontraram-nos! Mais pesados. Mais próximos. Eu e Wull, olhamos um para o outro, sabendo que o confronto é inevitável. Preparamos as armas. Esperamos. O tempo parece parar, e tudo fica em silêncio, exceto o som dos nossos corações acelerados.

É então que a ouço, antes de a ver.

— Kai? — Ara corre na nossa direção e atira-se para os meus braços assim que me vê.

Petra e mais alguns Protetores e Limpadores logo atrás.

— Caralho, que susto! — diz Wull.

— Susto apanhei eu! — diz Ara. — Vieram para caçar e acabaram a ser caçados.

*Mandaste-me uma imagem de vocês a serem atacados e depois não vi mais nada. Pensei...*

Envio-lhe uma carícia mental com um pedido de desculpas. Tem razão, devia ter mostrado com mais clareza.

— Foi uma correria por estes túneis. Sabes quantas combinações possíveis existem para chegar aqui? — reclama Petra. — Se não fosse a Ara, estávamos perdidos.

«Diante do Abismo, o primeiro passo  
revela mais sobre a alma do que uma vida inteira  
de caminhada em terreno seguro.  
Salta!»

*Último Duelo dos Deuses,*  
Erevan Skyholder, p. 210

**B**oris, Colt e Magdalene tiveram mais sorte do que Wull e Kai. Conseguiram matar um *cadre* e um *dulasmin*. E, além disso, Magdalene ainda trouxe dois animais de médio porte, vivos, puxados por cordas. Gensay correu na direção deles e vi-o fazer uma coisa rara — sorrir — quando Magdalene lhe passou uma das cordas para a mão e levaram os animais para longe.

Agora, um fogo queima num anel de pedras e, em cima dele, a carne que o trio caçou. Parecem satisfeitos com a proeza e eu contente por ter a oportunidade de partilhar esta refeição, que pode muito bem ser a nossa última, com todos eles. Atrevo-me a pensar nos meus pais, na Benny e na Mira. Estou certa de que ela saberá que, se ninguém a for buscar, uma tragédia aconteceu e que não deverá tentar voltar. No meu íntimo, sei também que ela ficará bem.

Observo as pessoas. A expectativa, a esperança estampada nos olhos. As crianças brincam despreocupadas, mas quase em silêncio, pois sabem as regras desta casa provisória. A sobrinha de Beau foi acolhida pelos miúdos da sua idade, apesar de ainda não saberem quem ela é na verdade. É linda. Tem os traços de Sofia, mas o cabelo é todo branco, assim como as sobrancelhas e as pestanas.

Pela primeira vez em muito tempo, o cheiro condimentado faz-me salivar. Quando nos sentamos, o ambiente está estranhamente descontraído. Não há muito falatório, porque a comida está bastante saborosa, mas a tensão no ar parece ter descomprimido.

Boris tem o prato fundo a abarrotar e come com satisfação. Ao levar uma colherada demasiado cheia à boca, engasga-se com um pedaço de carne e começa a tossir, pondo a mão em frente à boca.

— Então! — Indie está atento e bate-lhe nas costas com força. — A morte por engasgamento não é digna de ti! — Ergue o seu copo bem no alto, olha para os seus Limpadores e depois para nós.

Não são precisas palavras. Levantamos os braços e brindamos.

— As trevas dirão se irás escapar — dizemos nós.

— À noite, a nossa aliada eterna — dizem os Limpadores em uníssonos.

Bebemos. Os olhos repousam uns nos outros.

Blink, ainda de copo na mão, pousa o cotovelo sobre a mesa e encara-nos. Abre e fecha a boca, duas vezes, sem saber muito bem o que dizer. Franze a testa e, com um ar desconfiado, diz:

— Esse vosso brinde é tão mórbido.

Isso basta para que os risos nos escapem e ressoem pelo espaço, permeando cada canto.

Ficámos à conversa durante muito tempo após o jantar, parece que ninguém queria arredar pé. Partilhámos histórias antigas e recentes, e escutámos também as dos nossos companheiros de Ventara. Conforme as pessoas se vão retirando para os seus cantos de descanso e o barulho começa a diminuir, também nós ficámos mais relaxados, a exaustão de tantos dias de trabalho duro e planeamento a fazer-se sentir.

— Vamos? — sussurra Kai ao meu ouvido, enquanto os dedos percorrem o meu braço com pequenos círculos. — Estou ansioso para me enroscar contigo. — A respiração dele no meu pescoço faz-me trepidar.

— Vais adormecer antes de a tua cabeça chegar à almofada.

— Hum, acho que vou aceitar essa aposta. — Levanta-se, estica o braço e eu aceito a sua mão.

Caminhamos de mãos dadas para o nosso lugar de descanso e eu sei que tenho de aproveitar este momento para lhe contar sobre a minha mais recente proeza, de conseguir *atravessar* sozinha. Preciso de partilhar com ele e saber se já lhe aconteceu. Mas, conforme previ, Kai adormece quase no mesmo momento em que se deita. Sorrio perante o pensamento de que quando acordar o posso provocar com este assunto.

Respira, calmo, enlaçando-me com o seu braço, mas eu continuo de olhos abertos, um frenesi a dançar-me nas veias. Desde que Magdalene nos mostrou como aproveitar as *nuances* do mundo à nossa volta, que uma chama de possibilidades começou a crescer no meu peito e percebo que posso fazer algo real para virar o jogo a nosso favor. Foi como se me tivessem aberto os olhos. Recuso-me a aceitar a inevitabilidade dos factos. Começo a congeminar um plano e os meus lábios dobram-se num sorriso curto. Já sei o que fazer! E tem de ser já, enquanto os nossos inimigos dormem.

Afasto, com leveza, o braço de Kai e levanto-me.

Sempre com um olho nas costas, caminho rápida e silenciosamente, e vou para um canto escondido. Aí, paro para respirar. Estou prestes a levar a mão à pedra no meu pescoço, mas

hesito. Um brevíssimo momento. Porém, nem me permito pensar na alternativa. Eu vou! Fecho os olhos e concentro-me.

Tenho de pensar para onde quero ir, afinal já o fiz algumas vezes. *Com Kai*, repreendo-me mentalmente. Sozinha, apenas uma. O princípio é o mesmo, não é? Tem de ser. Eu estava a pensar no nosso ninho e fui lá parar. Agora, tenho de fazer o mesmo. Cerro os olhos. Inspiro e expiro profundamente, tirando todo o ar de dentro de mim. Não acho que estou a agir de forma errada, pelo contrário, sinto que me estou a mover na direção correta.

Cristalizo a imagem na minha cabeça e, desta vez, nem preciso de envolver a pedra. O mundo à minha volta desvanece-se numa névoa de cores e sensações, e, num piscar de olhos, sou engolida pela escuridão, emergindo, de seguida, no acampamento inimigo. Engulo em seco para controlar a batida descompassada do meu coração que faz os meus sentidos estarem ao rubro. O crepitar da fogueira, as conversas abafadas dos Mercenários, o cheiro da terra molhada e o odor metálico das armas.

Numa das últimas vigias, percebemos que a maior tenda serve de base de operações.

Aproximo-me da entrada. O tecido grosso da lona roça nos meus dedos, e, ao afastá-lo, sou assaltada pelo cheiro de papel e tinta e pelo odor masculino. No interior, a luz fraca de uma vela desenha sombras dançantes nas paredes e eu assusto-me. Forço os meus olhos a ajustarem-se e movo-me com cuidado, para não fazer barulho. Apresso-me a vasculhar os papéis espalhados sobre a mesa que aqui está. Alguma coisa que nos possa ser útil. Entre estes documentos, há um relatório detalhado sobre os recursos naturais de Aquorea, com anotações nas margens sobre como podem ser explorados. Tento perceber se conheço algum dos nomes nos documentos, se descubro quem está por trás de tudo isto, mas nada. Continuo a minha busca frenética e é então que um deles me chama a atenção, mais do que qualquer outro. Um mapa de Aquorea. Sobre ele, um ponto, marcado com precisão. A localização do depósito de armamento inimigo. Anotado com as quantidades e tipos de armas.

Encontrei!

Com o coração acelerado, enfio o documento no bolso das calças. Mal tenho tempo de me recompor quando passos pesados se aproximam. Deslizo para o chão e escondo-me debaixo da mesa. Fico imóvel. Um Mercenário entra na tenda e eu deixo de respirar. Vejo as botas aproximarem-se. Pega em alguma coisa e volta a sair. Relaxo, levanto-me para me preparar para regressar quando ele volta a entrar. Quando me vê, atira-se na minha direção a gritar. A adrenalina dispara-me nas veias e a minha primeira reação é fugir. Escapo-me das suas mãos por pouco e corro no labirinto de tendas que está agora

agitado porque a minha presença foi notada.

Correm de todos os lados e sei que tenho de me acalmar para conseguir voltar. Um deles está no meu alcance, e o desespero começa a tomar conta de mim, enquanto me desvio de obstáculos para tentar ganhar terreno. O som de disparos ecoa nas minhas costas, cada passo uma corrida pela vida. Não posso desacelerar, tenho de o fazer em movimento. Então, para ter mais probabilidade de sucesso, invoco o poder do seixo com uma necessidade desesperada. Por fim, caio desamparada no chão do Refúgio.

Ofego de alívio.

Agora, só tenho de contar ao Kai o que fiz. E como consegui fazê-lo.

\*

Apesar de me custar, tenho de o acordar.

Sento-me ao seu lado e toco-lhe no cabelo, curvo o tronco e beijo-lhe o rosto.

— Kai — digo-lhe baixinho ao ouvido.

Ele abre os olhos, confuso.

— Perdi a aposta?

— Anda comigo — digo, enquanto me levanto e o puxo pela mão.

Ensonado, acompanha-me. Deambulamos de mãos dadas, sem fazer barulho, vou direta à cascata e aponto para o lago.

— Queres tomar banho, agora?

Nego com a cabeça.

— Olha as flores.

— São bonitas.

Apetece-me revirar os olhos.

— Não estavam aqui antes. Acho que fui eu que as *criei*.

Agora desperto, baixa-se e apanha algumas. São muito pequenas, muitas delas do tamanho de pirilampos. Analisa-as na palma da mão.

— E como fizeste isso?

— Já te aconteceu conseguires usar a tua ponte interdimensional sozinho?

A confusão no rosto dele aumenta.

— Não.

— Eu consegui. Foi sem querer, da primeira vez — digo.

*Da primeira vez?*

Resolvo ignorar e continuo.

— Estava aqui a tomar banho e deixei-me levar por pensamentos. Pensei no nosso cantinho de amor. — Sinto o rosto enrubescer.

Ele olha-me de soslaio.

— Não te posso deixar sozinha. — A voz é rouca e matreira.

— Segurei a nossa pedra. — Levo a mão ao pescoço. — E, quando

dei por mim, estava lá.

Ele arregala os olhos.

— Isso é extraordinário!

— Sim, mas quando regresssei, vi que a lagoa estava diferente. Toda esta cor e vida. Até tem mais peixes, Kai!

— Não te assustes. É uma coisa boa, não é? É sinal de que o nosso dom pode evoluir. Criar jardins não é propriamente um mau dom. Tens de explorar mais isso. E eu também o farei, claro.

— Concordo. Não acho que tenha sido propriamente o desejo de estar no nosso ninho que provocou isto, mas uma manifestação mais profunda do nosso poder. Acho que tem que ver com a água. A ligação para criar este oásis de vida é a água. Porque, há bocado, não apareceram flores no...

Baixo os olhos, denunciando-me.

— O que fizeste, Rosialt?

Tiro o documento que acabei de roubar do acampamento dos invasores e dou-lho para a mão.

Os olhos dele abrem-se de espanto ao ler o seu conteúdo e soma dois mais dois. Dobra o papel e enfia-o no bolso.

— Devíamos ter pensado nisso juntos... aliás, eu pensei em usá-lo como vantagem, mas achava que precisávamos de o fazer juntos, então não o quis fazer porque...

— Me querias proteger — cruzo os braços em frente ao peito.

— Temos de melhorar a nossa comunicação, Rosialt. O que fizeste foi muito arriscado. Brilhante, mas arriscado. Não sei se te beije ou te mate de cócegas. — Espicaça-me, semicerrando os olhos e abraça-me. — Talvez os dois. Anda, ainda vou a tempo de ganhar aquela aposta. Aproveitamos e testamos a tua teoria. Ninho do amor, não é? — Um sorriso teima em escapar-lhe.

Mergulhamos os pés na água, Kai beija-me e desaparecemos. Quando aparecemos na nossa pequena gruta, temos a suavidade do musgo sob os nossos pés, um contraste marcante com a aspereza das rochas da cascata. O chão é agora um tapete de flores que nos convida a deitar e a desfrutar, uma vez mais, do nosso amor.



«Quando o horizonte se turva  
e a tempestade se aproxima,  
os verdadeiros líderes são aqueles  
que transformam a incerteza em pontes  
para o amanhã.»

*Fragmentos de Um Mundo Esquecido*  
(transcrito em 1501)

# 50

## Kai

O peso do inevitável que se agarra aos meus ombros é como uma sombra. Nunca é bom quando temos de lutar, mas ir para uma guerra é uma sensação muito diferente. Gostava que houvesse algo que pudesse ser feito para não ter de os levar a uma morte certa, levá-la a *ela* a uma morte quase certa.

Contudo, quando varro os olhos por eles, vejo que talvez, talvez seja possível.

A firmeza inabalável de Ara ao meu lado.

Petra com olhar de aço, a refletir o brilho das nossas armas.

Boris, a serenidade personificada, tão letal como as marés.

E Wull, cuja força é a âncora da nossa esperança.

O plano está traçado, cada detalhe discutido e assimilado por todos. Avançamos em silêncio pelos túneis, rumo à cidade. A tensão no ar é palpável e denuncia a urgência do momento. Estamos todos cientes de que este confronto é crucial para o desfecho desta guerra.

Algumas pessoas da Comunidade também fazem questão de lutar. Mako foi o primeiro a oferecer-se. Aquele tempo na prisão fez-lhe bem e, quando pediu para sair para ir ao funeral do meu pai, o comportamento dele mudou radicalmente. Eram quase da mesma idade, não eram chegados, mas, ainda assim, amigos.

Vamos usar diversas táticas por zonas, e escalar o ataque progressivamente. Desta vez, vimos mais bem preparados, com escudos e armaduras leves, mas resistentes. Todas as nossas armas vêm impregnadas com o veneno concentrado que Isla criou com a ajuda de Arcas. É paralisante e mortal. Espero que se torne numa vantagem para nós.

Os Limpadores de Ventara, liderados por Indie, juntamente com Wull e o seu grupo, são a equipa de assalto, para atacar e tentar derrubar uma grande quantidade de homens de uma só vez. São velozes e letais, por isso, são a nossa esperança para libertar e trazer

para segurança os cidadãos presos e escravizados do outro lado do rio, nas Grutas de Energia, evitando mais baixas civis. Wull também vai para aquela zona porque Suna está lá.

Foi com dificuldade que convencemos Petra a não estar diretamente no campo de batalha. É um grande risco e, como padrinho da criança que ela carrega, também tive direito à minha opinião. É a responsável pelo grupo da «artilharia de longo alcance». Vamos usar todo o tipo de armas que os nossos ferreiros fizeram, para disparar contra as linhas inimigas e tentar causar baixas significativas.

— É aqui que nos separamos — digo, quando chegamos a um túnel com múltiplas ramificações. — Indie, *Pelos Cristais*, evitem baixas civis — peço.

Com um aceno taciturno, Indie desce os óculos da testa para os olhos e dispersa de imediato com a sua equipa.

Junto-me à *minha* Unidade. Ara, Colt, Wull, Boris e Petra. Estamos num círculo apertado, conciso, o topo das nossas cabeças encostadas.

— Usem o auricular, mas só se precisarem. Não sabemos se eles conseguem intercetar as nossas comunicações — relembro. — Invadiram o nosso Mundo, ceifaram as vidas dos nossos, não permitiremos que saiam impunes — digo.

O sangue ferve dentro de mim, como que clamando para derramar o dos nossos inimigos. Sei que o sentimento em todos nós é mútuo.

— As trevas dirão se irás escapar — sussurramos em coro.

— Cada passo dado é por Aquorea. — Boris dá um beijo na barriga de Petra, depois faz sinal ao seu grupo e afastam-se a correr. Petra segue com o seu pelotão pelo caminho paralelo ao do marido.

— Por Aquorea! — diz Wull, a partir em direção ao mesmo túnel dos Limpadores.

Colt e Magdalene, silenciosamente, desvanecem-se na escuridão, no sentido oposto. O papel deles é crucial, pois vão atuar nas sombras, a criar distrações vitais para destabilizar o inimigo e dar-nos tempo para fazermos o que precisa de ser feito.

Seguro a cabeça de Ara entre as minhas mãos e diminuo a distância entre nós.

— Luta! Nascestes para isto. Tu és corajosa. Tu és determinada. Tu és uma guerreira. A tua força é a minha inspiração. Quero-te viva! — Sem nunca tirar os olhos dos dela, desço um braço até à sua mão e depois toco no seixo negro que ela nunca tira do pescoço. O brilho azul faz-se notar e beijo-a com sofreguidão. Quando a solto, ela não me deixa dizer mais nada, faz sinal à sua equipa e desaparecem.

Comigo ficam apenas cinco membros. Preferi fortalecer todas as outras. A minha missão é entrar no Colégio Central, mas sei que não será fácil, tendo em conta as tentativas anteriores.

Saímos debaixo de uma doca mais a norte do Colégio Central, perto da Fraternidade dos Pescadores, e um pouco mais distante do acampamento deles. Movemo-nos em silêncio. Rastejamos pelo leito do rio e aqui ficamos por um momento, deitados e encharcados.

O ar está impregnado com o cheiro de pólvora. A adrenalina corre nas minhas veias como ácido corrosivo. O momento foi escolhido a dedo. Eles são soldados, mas são da Superfície, não têm o nosso ciclo circadiano, o que faz com que, mesmo os mais bem preparados, precisem de dormir. Em Aquorea, não há sol, por isso, apesar de o mimetizarmos com as luzes, não temos dia e noite. Dormimos apenas três a quatro horas. Nas nossas vigílias, percebemos que começaram a fazer um tempo de descanso maior a cada dia que passa, então, decidimos usar isso a nosso favor.

Analiso e percebo que podemos avançar. Ao meu sinal silencioso, o grupo move-se a par comigo e parecem não respirar. Eles deitam-se e eu aninho-me no sítio previsto, na lateral da Praça Central, num ponto tático.

Ponho-me à escuta e agarro nos binóculos. A cidade está em ruínas, mas, ainda assim, pulsa à nossa volta. As janelas de água, outrora vibrantes, agora jazem inertes e tristes. O Riwus, que sempre foi a nossa fonte e tanto nos dá, corre turvo pelas cicatrizes da guerra, e as pontes de Cristal estão imundas e parcialmente destruídas. Casas, campos e árvores demolidos e queimados.

O ar mórbido é silencioso o bastante para ouvir alguns roncões distantes e gritos que me arrepiam o couro cabeludo. Porquê? Porquê esta maldade e destruição? Eles matam por prazer. O brilho de uma grande fogueira a arder no campo de treinos, onde estão filas e filas de tendas, é visível, mesmo a esta distância.

Têm sempre guardas espalhados em pontos estratégicos, mas já os identificámos todos. E é essa a função de Ara. Eliminá-los antes de atacar o acampamento. O meu coração estrangula ao pensar que ficou com a missão mais difícil, mas, se há alguém que consegue, é ela. E a nossa ligação telepática é um recurso valioso para comunicarmos e partilharmos informações sempre que precisarmos, o que me deixa mais tranquilo.

— Kai, vamos? — sussurra Ptol, ao rebolar para se aproximar de mim. Ainda assim, continua em alerta.

— Espera!

O rapaz está ávido por ação. Percebo como se sente, mas ainda não é o momento. Só temos uma oportunidade para isto correr como queremos, por isso, temos de ser pacientes e esperar pelo sinal de Colt e Magdalene. Se fizerem bem o seu trabalho, como estou certo de que farão, não os conseguiremos ver. Nem nós, nem os inimigos.

— Só estão dois guardas à porta do Colégio Central, podíamos

aproveitar. De certeza que conseguiríamos ter...

Olho para ele, a minha expressão é dura.

— Espera! — retumbo e faço um movimento com o queixo.

Ele regressa à sua posição.

Esperamos e esperamos.

*Achas que vão conseguir?*, a voz de Ara é um bálsamo.

*Vão! Formam uma excelente equipa, o Pescador e a Larápia*, tento aligeirar. *Ara, por favor*, vou para continuar, mas sou interrompido.

A explosão é estrondosa. Uma coluna de fogo ilumina o céu num espetáculo de luz e som, e posso jurar que o próprio centro da terra treme. O barulho é ensurdecador e temos a nossa resposta. Não só conseguiram como brilharam. O depósito de armamento dos Mercenários foi completamente aniquilado, deixando-os apenas com as armas que têm em sua posse, o que equilibra um pouco as coisas.

As portas do Colégio Central abrem-se e grupos de dezenas de Mercenários correm na direção da explosão. É o momento.

— Agora — grito! — Façam o que está estipulado.

Do sítio onde nos encontramos, enlameados e encobertos por algumas árvores altas e por arbustos densos, mas baixos, temos uma localização privilegiada. Não muito perto, mas o suficiente para que as nossas armas os alcancem. Disparo o primeiro arpão, que voa veloz, e, com um estalar límpido, crava-se no corpo de um deles.

As nossas armas disparam umas atrás das outras e muitos deles vão ao chão. Gritam entre eles para terem cuidado, mas continuam a correr em direção à explosão controlada, sem perceber de onde vem esta chuva de arpões e setas.

— Continuem! — grito.

Elevo-me um pouco mais e ajusto a posição. Disparo e disparo e disparo, cada tiro certo. Apesar de não estarmos no seu campo de visão, conseguem agora ter a perceção da nossa distância e localização. Um último grupo sai do Colégio Central, são cerca de quarenta homens. Continuamos a disparar e a eliminá-los, e eles começam a aproximar-se.

— Avançar! — O comando na minha voz é claro, mas ainda assim faço um movimento para a frente com a mão a sinalizar a ordem.

Então, levantamo-nos e corremos!

Atravessamos a Praça ensanguentada e repleta de corpos dos nossos, cobertos por cristais que os protegem como uma sepultura mágica, desde o dia em que conseguimos levar o meu pai e os reféns que cá estavam.

Assim que saímos do esconderijo, começam a disparar sobre nós, mas somos ágeis e desviamo-nos. Aliados às nossas capacidades, os treinos com os Limpadores e as dicas de Magdalene foram fundamentais. Os escudos e as armaduras leves não impedem os

nossos movimentos fluidos.

Rapidamente, estamos em cima deles, obrigando-os a lutar corpo a corpo. O impacto de cada golpe reverbera nos meus ossos.

Um redemoinho de aço e fúria. As ações são calculadas e depressa conseguimos derrotar este grupo.

O estrondo de tiros, os gritos dos feridos, o clangor do metal contra metal fazem-me ficar ainda mais alerta.

E, antes de começar a subir a escada, dou uma vista de olhos pelos outros grupos.

Ao longe, bem no alto, avisto os Limpadores. São uma tempestade de movimento e precisão. O seu sistema de voo funciona como navalhas a cortar o céu, um borrão de velocidade, enquanto derrubam os Mercenários, um após outro. O Indie não mentiu, são velozes e mortais. No entanto, conforme temia, o poder de fogo inimigo é muito forte e um Limpador não é suficientemente rápido. Em espiral, embate desamparado no chão. Enquanto isso, a equipa de Wull retira as pessoas escravizadas através dos túneis.

Boris lidera a sudoeste, ladra ordens. Protege os flancos da mulher dele, garantindo que nada passa para lá da sua linha, onde Petra mantém a posição elevada nos passadiços, e, com a sua equipa, dispara habilmente bestas que abatem com eficácia os grupos que saíram do Colégio Central. Ajusto a visão e vejo-a, lá em cima, focada, a disparar com precisão mortífera.

Na zona das tendas, não vejo Ara em lado nenhum, mas o som de combate é intenso, o movimento e a correria dos Mercenários diz-me que estão a lutar. *Sinto* o calor da batalha, a tensão dos seus músculos e a determinação no coração. Já a subir a escada do Colégio Central, tento *falar* com ela, mas não obtenho resposta. O edifício, outrora um local de aprendizagem e crescimento, é agora um bastião de opressão.

*Cuidado*, um sussurro fugaz tranquiliza-me, e, mesmo sem a ver, aceno em compreensão e relaxo.

Estranhamente, as portas do Colégio Central estão fechadas. Alguém as fechou! Empurro a enorme porta de madeira, que contrasta com a maioria das portas e janelas em Aquorea, que são cortinas de água. Entramos no coração da nossa missão e o que vemos surpreende-nos.

Nada!

Ninguém.

Avançamos, com cautela, pelos cantos. Cada corredor é uma potencial emboscada, mas a determinação faz-me prosseguir. Estamos tão perto do nosso objetivo, que quase consigo sentir o calor da minha mãe. Mal posso esperar por abraçá-la e tê-la em segurança,

Subimos a escada para o piso superior. O nosso peso faz-se mais leve a cada passo, e sei que é um risco enorme estarmos aqui, porque

ainda há muitos deles para enfrentar.

Quando chegamos ao patamar, paro e escuto. Um som da Sala de Reuniões do Consílio faz-me mover nessa direção. Não há guardas à porta, nem nos corredores, o que me deixa ainda mais alerta. O que estarão a planear? Lá dentro vozes, altivas e zangadas.

Gesticulo as devidas posições à minha equipa e, com eles nas laterais e à retaguarda, rodo a maçaneta da porta muito, muito devagar. Não sei com o que contar atrás desta porta, mas coisa boa não é!

Uma frincha dá-me alguma visibilidade para dentro da sala onde um autêntico batalhão de Albas e Mercenários se encontram. Estamos em inferioridade numérica de uma forma que só posso considerar como absurda, mas uma voz dentro de mim incita-me a continuar. Abro mais um milímetro, mas a enorme porta de madeira range e todos os olhos se põem nela.

Tenho uma pulsação para pensar e agir. Fugimos ou avançamos?

O que faço?

Escancaro a porta, varro os olhos pelo panorama e dou com a minha mãe a um canto, sentada numa cadeira e rodeada de Albas.

— Filho? — O olhar perplexo dela quando me vê só é dizimado pelo meu, que está ainda mais surpreendido por ela não estar amarrada. Levanta-se e começa a correr na minha direção. Alguns Mercenários tentam agarrá-la, outros correm para mim, e os Albas avançam atrás deles.

— Mãe!

Ainda tento chegar a ela, os meus braços esticados para a apanhar e a levar daqui para fora, quando, de repente, uma forte explosão no exterior abala o edifício e os nossos corpos estremecem e caem com força. Partes do teto desabam e caem sobre todos nós. Levanto-me e tento ver pelo meio da espessa nuvem de pó onde está a minha mãe. Estará magoada? Soterrada? Ajudo um dos meus a levantar-se e aponto para Ptol, que tem um grande pedaço de teto nas suas pernas. Reunimo-nos e, juntos, conseguimos afastar o bloco e levantá-lo, um colega de cada lado, para suportar o seu peso. Tem uma perna desfeita.

Ao meu ouvido, a voz de Boris ruge, alto.

— Preciso de ajuda. Unidade Um, aqui! Já! Preciso de vocês. — A voz dele é de desespero, pânico. — Kai, preciso de ajuda. Por favor, irmão, preciso de ajuda. — A sua voz é uma súplica.

Conheço Boris desde sempre, nunca o ouvi neste estado. A minha cabeça não consegue decidir, mas tenho de o fazer no espaço de três respirações. A minha mãe está... *Ela está bem, ela está bem!*, recito para mim mesmo, vezes sem fim, a ver o muro de pedras onde era a porta.

Lá dentro, gritam-se ordens para tentar desimpedir a passagem,

mas sei que demorarão. Dou instruções ao meu grupo para se retirarem e levarem Ptol aos Curadores.

— A caminho — digo, já a correr escada abaixo.

— Eu também. — Ouvimos Wull pelo auricular.

— A chegar! — A voz de Ara é controlada, quase mecanizada.

O pó que se entranha nas minhas narinas mal me deixa respirar. Ofego e esfrego os olhos, que mantenho abertos com dificuldade. Os meus pés voam até à saída do Colégio Central. Desço a escada, olho para cima e um pouco para trás, e deparo com um cenário de terror que me petrifica e faz com que o meu coração me caia aos pés. Grande parte da estrutura de passadiços onde Petra se encontrava caiu.



«No silêncio que antecede a escolha,  
o coração pondera o peso da ausência  
com a coragem de proteger o amanhã daqueles  
cuja presença é mais preciosa do que a vitória.»

*As Dez Chaves do Poder,*  
Serafim Valthor

# 51

## Ara

**-B**oris! — grito, enquanto o tento arrastar para longe dos escombros. — *HEY!* — Levo a minha voz e o meu corpo ao limite. Boris é pouco mais alto do que eu, mas é puro músculo, força bruta. Todo adrenalina neste momento, por isso, estou a ser arrastada, as minhas pernas quase no chão, quando Kai chega.

Põe-se à frente de Boris e pausa-lhe a mão aberta no peito. Eu recupero o equilíbrio e eles encaram-se. A respiração de Boris está acelerada. Sei que está a ponderar derrubar Kai e que consegue fazê-lo. Sem deixar de tocar no amigo, Kai olha para a devastação atrás de si.

Um monte de sucata, com ferros espetados como estalagmites, mas o que mais me assusta, e o motivo pelo qual não corri com Boris, é que outra parte do passado está pendurada pelo que parecem ser fios de seda, e ameaça ruir a qualquer momento.

— Não temos muito tempo — digo-lhes. — Temos de ser rápidos.

— Vamos! — diz Kai a avançar pelo meio dos destroços.

Furiosos, levantamos pedaços de madeira e metal como se fossem penas, os cortes nas mãos e pés cada vez mais visíveis e profundos.

Wull junta-se a nós e não são precisas palavras.

O chiar ecoa nos meus ouvidos, uma sinfonia aguda e dolorosa que se mistura com os gritos não muito distantes da batalha. As nossas equipas mantêm as suas posições, dando-nos algum tempo.

— Petra! — grito, apesar de saber que não devo porque posso chamar a atenção das forças inimigas. — Petra! — Com um esforço extra tiro a armadura que me protege, não aguento a sensação de estrangulamento que me provoca. Porém, assim que embate no chão, percebo que a sensação permanece.

Wull está do meu lado direito, um pouco afastado, concentrado a levantar placas e peças e partes. Observa com atenção e, de repente, estagna. O guincho abafado que emite faz-me correr até ele, sem me

importar com as pontadas de dor, que, como agulhas finas, me perfuram a pele.

*Ara?*, pergunta Kai pelo nosso elo.

*Espera.*

O calor do meu sangue a sair do corpo que se mistura com o metal frio cria um contraste estranhamente vívido. Quando chego ao lado de Wull, percebo o motivo da sua súbita paragem. Sob uma placa metálica pesada, um corpo de um Protetor, da equipa de Petra. O rosto pálido e sujo, os olhos fechados como se estivesse num sono profundo e reparador. E, ao lado dele, um Mercenário arfa em golfadas fortes e cospe sangue a cada tentativa de expelir o ar.

*Não é ela*, digo a Kai.

Wull ergue o braço e dispara um arpão direto ao coração do militar.

Arregalo os olhos e estremeço.

A estrutura remanescente acima de nós range perigosamente e juro que percebo o som dos nossos corações a bater.

Temos de continuar. O tempo é escasso, aquilo não vai ficar seguro muito mais tempo.

De repente, gritos agudos sobrepõem-se a todos os outros. De uma voz que conheço tão bem.

Paramos todos nas respetivas posições, a tentar entender de onde vem o som. Do nosso lado esquerdo? Neste instante, alguns membros da equipa de Petra juntam-se a nós, cá em baixo.

— Ali! Ali! — Jacca corre na nossa direção e aponta para onde acaba de chegar. — Não conseguimos chegar até ela, Ara — lastima-se e para com as mãos nos joelhos a recuperar o fôlego.

Olhamos para o fundo e desatamos a correr.

— Aquilo explodiu! — Um rapaz corre ao meu lado e geme de terror. — A Petra percebeu antes que acontecesse e mandou-nos sair. Vinha mesmo atrás de mim. Mesmo...

Deixo de o ouvir porque corro mais rápido.

Com clareza, um grito corta novamente o ar. É Petra. A cerca de cem metros adiante e a uns assustadores duzentos metros acima das nossas cabeças. Levantamos os olhos e a distância que nos separa parece aumentar a cada passo.

— Rápido! — rosna Boris.

Petra está pendurada num precário pedaço de passadiço e uma onda de agonia invade-me.

Boris e Kai começam de imediato a escalar a parede de rocha que tantas vezes subi com Kai. Foi nestas paredes que me confirmou a nossa telepatia. Nunca os vi tão velozes.

— Estou a chegar, Petra! Aguenta, por favor! — A voz trémula de Boris ecoa pelo espaço. Todos os seus traços irradiam tensão.

— Eu... eu não sei se consigo aguentar muito mais... — A voz dela sai entrecortada do esforço.

Tento gritar palavras de encorajamento, mas o medo prende-me a garganta. E, ao observar daqui de baixo, percebo que eles nunca conseguirão chegar até Petra a tempo.

— Temos companhia — diz Wull, acercando-se de mim.

Olho de relance para trás e um grupo de Mercenários corre na nossa direção. Temos cerca de quarenta segundos até que nos alcancem. Cinquenta segundos, se as probabilidades estiverem a nosso favor.

— Merda! — digo. — Chama reforços, todas as equipas.

Ele assim faz.

— Não há forma de alcançar a Petra pelos passadiços, estão demasiado destruídos — desabafo para ninguém, enquanto Wull comunica com os outros. — E a parede fica muito longe de onde ela se encontra. Eles não vão conseguir.

Carrego no botão do meu auricular.

— Indie — chamo. — Zona Oeste, agora, rápido. Deixa a tua equipa e... — Estou a terminar a frase quando ele aterra ao meu lado. Está repleto de sangue em todo o rosto e corpo, tal como nós, mas não tenho tempo de lhe perguntar se está bem. — Ali! — Aponto para cima e ele lança-se para o ar.

Em voo vertical, Indie ascende a grande velocidade em direção a Petra. Paira por breves instantes junto dela, e envolve-a com os braços, segurando-a contra si.

Boris, com a respiração suspensa, começa a fazer o caminho inverso, a deslizar pela parede abaixo, e os tiros ensurdecem-nos.

— Leva-a para segurança — grita Boris, e Indie voa com Petra bem alto e para longe. Sei que a levará para o Refúgio.

*Obrigado, diz-me Kai.*

Quero deixar-me cair, respirar de alívio, chorar e abraçar a minha amiga, mas sei que não posso, porque o grupo hostil já está em cima de nós.

*Sempre às ordens. Agora, desce!*

Corro ao encontro do Mercenário que se prepara para me atacar. O punho cerrado dele voa na minha direção, mas eu deixo-me escorregar, derrapo e faço-lhe uma rasteira que o deita ao chão. Rebolo para trás dele e faço-lhe um triângulo de pernas. Apertando as coxas, exerço pressão em volta do pescoço dele para o imobilizar, mas o som do pescoço a estalar diz-me que acabei de fazer mais do que isso.

Levanto-me e não me permito pensar no que acabei de fazer. Hoje, já matei dezenas de pessoas, não é momento para reflexões.

Eles ou nós.

Escolho-nos a nós.

Não tenho tempo de respirar porque já estou a enfrentar outra adversária. Tremo com o esforço que tenho de fazer, o suor escorre-me pelo corpo e a exaustão ameaça tomar conta de mim.

*Kai, temos de retirar, digo-lhe.*

Recebo apenas um aceno mental como resposta, ele e Boris já se uniram a nós e lutamos juntos, uma vez mais.

— Indie! — A voz de Kai faz-se sentir pelo auricular.

— Aqui.

— Como ficaram as coisas do vosso lado?

— Reféns resgatados, invasores aniquilados.

— Deixa a Petra e volta para aqui — ordena Kai.

— Entendido. Já deixei!

*Não são assim tantos que não consigamos neutralizá-los*, envio o pensamento a Kai. Mas minto a mim própria. Estamos todos drenados de energia.

*Há muitos dentro do Colégio Central ainda*, responde-me Kai. *Se saem, estamos fodidos.*

Neste momento, todas as nossas equipas estão aqui, bem como os Limpadores, que continuam imbatíveis e resolutos. Estamos cercados por todos os lados e não temos como fugir sem lutar, contudo, pela primeira vez desde o início desta guerra, o jogo está equilibrado, estamos em paridade numérica.

Nada há a fazer. Combatemos com uma ferocidade que apenas as últimas gotas de adrenalina nos proporcionam. Corpos caem. Mais do lado deles, devido ao veneno mortal impregnado nas nossas armas.

— Temos de ir para o Riwus. — A voz de Kai ouve-se no auricular.

— Sim, podemos escapar nos barcos — diz Wull. — Nova ordem! Todos para lá. — O comando na voz dele ao fazer o movimento com o braço.

O pensamento dá-me um novo alento. Se conseguirmos subir o rio até ao limite, podemos embrenhar-nos na floresta e, de lá, aceder aos túneis — a nossa rota de fuga — de forma impercetível, protegidos pelas árvores.

*Seria bom não termos de correr tantos quilómetros outra vez*, aligeiro.

Kai está em cima de um monte alto de destroços. Alguns Mercenários carregam para cima dele e o coração sobe-me devagar até à boca quando ele dá um salto assombroso e aterra em cima dos homens, desferindo golpes e arpões. Mal o arpão raspa no corpo do homem, ele cai desamparado na terra, grita por uns segundos e depois fica apenas de olhos abertos, imobilizado, o peito a subir e a descer muito rápido, até deixar de o fazer. Kai luta como se tivesse nascido para isto, e eu sou incapaz de desviar o olhar.

Outra militar aparece por detrás dos destroços e levanta a sua

arma em direção à cabeça de Kai. Só que ele está tão focado em derrubar o adversário que não se apercebe.

Merda!

*Kai! Atrás de ti!*, grito pelo nosso vínculo e ele desvia-se do tiro por uma brecha, mas por ter olhado para trás o militar aproveita a distração e rasga-lhe a parte lateral das costas com uma faca afiada.

Merda. Merda!

Kai contrai-se de dor, mas continua a lutar.

Recarrego a minha pistola e disparo arpões sucessivos para a mulher, que não desistiu de matar Kai. Abato-a. No entanto, a minha energia estava tão canalizada para ele, que me esqueço da minha retaguarda, e só me lembro disso quando sou derrubada por outra mulher, mais ou menos da minha idade, mas muito maior e mais forte.

Levanto-me, mas não tenho tempo de me defender. Ela sacode-me violentamente. Tem os lábios cerrados numa linha fina e investe sobre mim com socos e movimentos coordenados e profissionais.

Mantenho os braços juntos, com os punhos fechados, em frente ao rosto, para me proteger, enquanto tento apanhar uma brecha para atacar. As botas dela marcam as minhas pernas e a minha barriga. Cada pontapé é uma dor lancinante. Rodo e dou dois passos atrás, porque os Protetores estão todos com o mesmo objetivo, chegar ao rio.

— Umas botas dessas davam-me tanto jeito agora — digo-lhe a arfar, puxando do meu punhal com a mão direita. O sorriso dela dobra-se num esgar mesquinho, encolhe os ombros e estala o pescoço.

Investe de novo na minha direção. Apesar de não ser o meu ponto forte, arremesso o punhal e este espeta-se na sua clavícula. Agarra-se ao cabo com um grito pavoroso de dor. É o veneno a espalhar-se pelo seu corpo.

— Anda! — Boris passa por mim a correr e puxa-me pela mão.

Corremos lado a lado, derrubando quem se atravessa no nosso caminho. Desembainho mais dois punhais com pontas igualmente envenenadas e seguro-os com firmeza. Esquivo-me de um golpe rápido de um homem à minha frente e aproveito a abertura para lhe rasgar a carne do tronco.

*Corre*, diz Kai. Olho por cima do ombro, só para confirmar que ele está atrás de nós. Nós os três somos os últimos no terreno, e noto que a maioria dos nossos rivais estão derrubados no chão, mas os que sobram continuam nos nossos calcanhares.

Metemo-nos por caminhos mais sinuosos, na tentativa de os despistarmos. Atravessamos as pontes curtas e estreitas que me fizeram lembrar Veneza, da primeira vez que as vi. As ruas, outrora imaculadas, estão empoeiradas e sujas. Continuamos a correr e entramos no campo de treinos, que eles utilizam como acampamento.

Esgueiramo-nos por entre as tendas, não fazendo um caminho a direito para aumentar a nossa chance de nos evadirmos. Sangue, lama, armas abandonadas, bem como cadáveres, espalhados por todo o lado. E sei que matei uma grande parte deles.

Quando saímos deste labirinto, aguço a visão e observo barcos cheios de Protetores a zarparem a todo o gás rio acima. A esperança de segurança torna-se quase palpável, até que, para minha aflição, alguns Mercenários também se lançam em embarcações, com uma eficiência gélida, e iniciam uma perseguição aos nossos.

— Ali! — grito, a apontar.

Avistamos barcos numa doca a sul, para lá do acampamento, e os três sabemos que precisamos apenas de um pequeno esforço extra. Até que um estrondo ensurdecedor rasga o ar. Quase me encolho para proteger os olhos da claridade, mas força-me para identificar a origem e ainda vou a tempo de ver um dos barcos, uma silhueta distante, ser engolido por uma explosão devastadora. Um calafrio súbito domina-me, porque não sei quem ia lá dentro. Aliados ou adversários? O som dos nossos passos mistura-se com o estrondo de novas detonações, acompanhadas por colunas de fumo e chamas que despontam em todas as direções sobre a água. No entanto, não podemos parar, temos de continuar.

Tiros recomeçam a soar nas nossas costas, o eco das botas deles cada vez mais perto, e atiramo-nos para dentro do barco mais próximo. Kai põe-no logo em movimento, enquanto Boris, debruçado sobre mim como um escudo, me protege com o próprio corpo.

«No alvorecer de laços inesperados,  
corações encontram-se guiados pela sagacidade,  
compartilhando um movimento calculado onde  
cada passo é pensado para moldar o futuro  
comum.»

*Entre Laços e Segredos*, história III, reflexão XXI



**C**onsequimos escapar porque tivemos ajuda. Os barcos que vinham no nosso encalço foram abatidos com uma precisão cirúrgica e, apesar de ter olhado em todas as direções para perceber quem estava por trás daquelas explosões, ainda não sei a quem o devemos.

Nunca o Refúgio me soube tanto a casa, porque o que acontece aqui dentro é pura magia. O reencontro dos prisioneiros com os seus familiares e amigos. Apesar de debilitados, os sorrisos e gestos trocados são atos de puro amor.

Petra está sentada na areia, com as pernas dobradas, ao lado de Marianne, que se encontra numa cadeira precária. A cabeça dela repousa no colo da tia e Marianne faz-lhe mimos nos cabelos cor de fogo. Boris suspira pesadamente e desata a correr ao encontro da sua mulher. Petra levanta-se e o abraço deles dá-me esperança. No nosso futuro, no futuro de Aquorea.

Ara dá-me a mão.

— Derrubámos bastantes — diz.

— Não os suficientes.

— Um passo de cada vez. — Os olhos verdes, agora raiados de sangue e com olheiras profundas, perscrutam o meu rosto e aprofundam-se nos meus. — Vamos buscá-la. Prometo, Kai. — A mão dela aperta a minha com força.

Os Curadores prepararam-se muito bem para receber todas estas pessoas, que sabíamos que iam necessitar de cuidados e tratamentos urgentes. Tal como nós, Protetores.

Para nosso alívio imediato, Wull está curvado ao lado de Suna, a dizer-lhe palavras de conforto ao ouvido, enquanto Suna é tratado pelos gestos precisos de um Curador. Apesar do semblante calmo, está a sofrer por ver o namorado com as marcas do cativo, no seu corpo agora frágil.

Os Curadores assemelham-se a formigas organizadas e velozes,

cada um nos seus respectivos postos. E todos os outros ajudam no que podem.

Observo Hensel, Arcas e Isla de volta de macas; desinfetam, cosem e curam. O rosto da minha irmã levanta-se quando nos vê e olha ao redor, a expressão carrancuda e preocupada. Volta a sua atenção para o paciente, mas sem a sua concentração habitual, porque qualquer movimento a faz levantar os olhos. Deve estar à procura da nossa mãe e daqui a pouco já lhe vou explicar o que aconteceu, mas, não sei porquê, imito-lhe o gesto.

— O Colt? — balbucio.

O som que passa pela traqueia de Ara é assustador. Vasculha o Refúgio com o olhar, movendo-se no mesmo sítio, desconfortável.

— E a Magdalene? — pergunta, e aperta o botão do seu auricular.

— Colt? Estás aí? Colt? Magdalene? — Ara fala apressadamente.

*O Indie também não está!*, digo-lhe.

— Indie? — pergunto pelo meu auricular.

Ara para à minha frente, tensa.

— Aqui! — diz Indie do outro lado.

— O Colt e a Magdalene?

— Estão comigo! Estamos a chegar.

Desabamos no chão. Ara senta-se e enfia a cabeça entre os joelhos. Esfrego-lhe as costas com as mãos em movimentos circulares e tranquilizantes. Como se se tivesse lembrado de alguma coisa, ela olha para mim.

— Tens de ir ao médico! Esse corte nas costas! — Levanta-se, os olhos esbugalhados de horror e puxa-me pela mão.

Ergo-me e seguro-a pela cintura.

Olho para ela, toda suja, sem a armadura, o uniforme rasgado, ensanguentada e... maravilhosamente bela.

— Sobrevivo. — Levo uma das mãos à cabeça dela e penteio-lhe os cabelos soltos para trás. Continuo o movimento e desço a mão pelas suas costas, apertando-a contra mim. — Porque tiraste a armadura? — Os meus olhos faíscam.

— Não comeces — retribui com o mesmo olhar incisivo. — E beija-me de uma vez.

— Os teus desejos são... — ia a dizer, mas os lábios carnudos dela colam-se nos meus, e o mundo e a dor à nossa volta desvanecem-se, restando apenas a fusão perfeita das nossas bocas.

Um urro alto faz-se ouvir e a nossa atenção desvia-se para a comoção. Indie entra a voar, com um corpo nos braços. Aterra e poussa o corpo do companheiro de batalha. Daqui, percebo que é um dos mais novos. Os Limpadores aproximam-se deles, os rostos pesados de dor.

— ETERNO VOADOR! — gritam em conjunto, seguindo o ritual

que fizeram connosco no bar, em Ventara.

Indie tem a cara manchada com hematomas e feridas. No antebraço, percebe-se o buraco perfeito de uma bala, que dá a sensação de ter entrado e saído. O sangue flui pelo braço abaixo e forma uma poça no chão.

Magdalene e Colt aparecem a conversar, encardidos, mas sem um único arranhão. No entanto, o que capta a minha atenção são os objetos que brilham nas mãos da Larápia: as estrelas explosivas de arremesso feitas sob medida para Colt. *Foram eles!* Ou melhor, deve ter sido ela, duvido que Colt as tenha usado. Param ao lado de Indie. Colt olha para nós, o rosto abatido e faz-nos sinal para irmos lá.

Começamos a encaminhar-nos para eles.

No mesmo instante, alguém passa por nós a correr. A areia levanta-se em pequenas erupções à sua passagem.

A Isla!

Há uns tempos, quando achava que queria ser Protetora, a minha irmã pediu-me para eu a treinar e começou também a correr com o nosso pai. Mas isto é algo diferente, um ímpeto que nunca lhe vi. Uma corrida carregada de um propósito maior e que transcende qualquer outra, porque não é uma corrida de treino, mas de destino.

Ara toca-me com o cotovelo.

— Finalmente!

Encolho os ombros e ela cutuca com mais força.

— Se a faz correr assim, tem de ser bom — digo, resignado.

A minha irmã nem sequer dá tempo ao rapaz para se preparar e, sem travar, atira-se para cima dele, apanhando-o desprevenido. Ele cambaleia, mas logo encontra o seu centro. Rodeia-lhe a cintura e beijam-se com paixão.

Colt e Magdalene entreolham-se, sorriem e afastam-se para darem espaço à minha irmã e a Indie.

\*

— A mãe estava mesmo bem? — pergunta a minha irmã. Estamos sentados lado a lado, com os pés na água, a conversar.

Aceno com a cabeça. Assim que regressámos da batalha e me coseram o corte nas costas, eu e Boris dedicámo-nos a avaliar as nossas perdas. Enquanto os feridos recebiam cuidados, procedemos a um levantamento das baixas. São muitas. Demasiadas. E, infelizmente, entre elas, estão os pais de Petra, o pai de Sofia, Mako e Asul. Verificámos também o estado do nosso arsenal e percebemos a gravidade da situação.

— Daquilo que pude perceber, sim, está — confirmo mais uma vez. — Com que então, o Indie...

Ela inclina-se para o meu braço e eu beijo-lhe o topo da cabeça.

— A Ara diz que é um amor épico — conta-me, de olhos fechados.

Eu soube assim que eles pousaram os olhos um no outro que Indie seria o homem que roubaria o coração da minha irmã, mas, caramba...

— Sabes que ele é um assassino, não sabes? — atijo-a.

— Somos todos, quando a situação assim o exige.

— Ele é pago para isso!

— Tem bom coração, sabes isso.

E eu sei que, apesar de não conhecer muito sobre Indie, ele veio em nossa ajuda quando nós mais precisávamos. Será que ele já sabia que *ela* o esperava?

E a minha irmã, teria como saber? Certamente, ou não tivessem sido as primeiras palavras dela quando chegámos de Ventara: «Finalmente, chegaste».

— E tem um gato — acrescenta Isla com voz melancólica.

— Gata! Sim, a *Besta*. Emproadada, não sei se te aceitará assim, sem mais nem menos.

E este pensamento assusta-me mais do que eu quero admitir. Indie tem de regressar a Ventara. Não que ele não possa ficar, mas a comunidade dele diz-lhe muito, nunca os abandonaria assim. Ainda para mais sabendo que Vayu tem a pequena Larápia como refém. Não, apesar de assassino, Indie tem integridade e nunca quebraria o acordo.

— Ele terá de regressar a...

— Eu sei. — A minha irmã interrompe-me.

— Eu certifico-me de que ele fica bem, e...

— Não quero falar nisso agora. — Levanta-se e estende-me a mão.

— Vamos comer?

Aceito-a e caminhamos abraçados para as mesas onde a comida é servida. Por sermos muitos mais aqui no Refúgio, agora, organizaram o sistema de refeições por turnos escalonados.

— Kai, como vamos fazer para trazer a mãe de volta? O que posso fazer para ajudar?

Antes que possa responder, somos interrompidos por Indie que, sem nenhum pudor, puxa a minha irmã para si e a abraça.

Deito-lhe um olhar ameaçador, mas parece-me que ele é imune, porque simplesmente me ignora.

*Se calhar, vou levá-lo mais cedo*, digo a Ara. Ela está a conversar com a minha avó e Marianne, mas olha para mim e os lábios curvam-se de forma subtil.

*Deixa-te disso, ele é um doce. E a tua irmã encontrou quem a complete. Se estragas isso...*, diz, enquanto continua a conversar com as pessoas que tem à sua frente.

*Está bem, está bem*, digo-lhe. *Vamos comer?*

Diz qualquer coisa às Anciãs, que lhe retribuem umas palavras, e

vem ter comigo.

\*

Observo Ara que, tal como eu, pouco come. Sussurra algo a Petra. Os rostos franzidos e a onda de desolação neles é evidente. Talvez conversem sobre a morte dos pais de Petra. O peso da morte do meu pai torna a envolver-me, uma recordação de que algumas perdas são tão profundas que deixam um vazio que ressoa em cada palavra não dita.

A preocupação em mim é cada vez maior, isto está longe de terminar. E agora, a nossa reserva de armas está demasiado escassa, deixando-nos quase desarmados para o que ainda está por vir. Temos de pensar numa solução. Ainda não conhecemos a fundo as intenções do nosso inimigo, mas eles já viram aquilo de que somos capazes, talvez estejam dispostos a conversar.

Talvez.

Faço sinal a Ara e levanto-me. Afasto-me até à *kerrysis* e de imediato tenho a minha Unidade reunida.

Pressiono o botão do auricular e eles copiam-me o gesto. Seleciono o canal pretendido.

— Llyr? — Sei que muito vai depender de como esta conversa corre, mas para isso tenho de conseguir chegar à fala com alguém.

Wull encolhe os ombros. Petra sopra de apreensão, o rosto dela ainda manchado por lágrimas. Estamos todos ligados na mesma sintonia, à espera de resposta.

— Morfeu?! — digo, na expectativa de que ele atenda. Mas temos apenas estática.

Continuo a insistir, a chamar um e outro, vez após vez. E, quando estou prestes a desistir, ouvimos uma resposta.

— Kai, és tu? — A voz de Llyr faz-se escutar do outro lado.

— Sou eu.

— Que bom ouvir a tua voz, Shore.

Não enrolo e vou direto ao assunto.

— O Morfeu? Quero falar com o Morfeu.

Silêncio do outro lado da linha.

— Não podes. Terás de falar comigo.

— A minha mãe?

— A Nwil está aqui. — O tom de Llyr é impressionantemente suave, quando se refere à minha mãe.

— Ela está bem? Quero falar com ela.

— Está protegida.

Há uma pausa carregada pelo auricular.

— Garanto que a tua mãe está bem — repete, a voz demasiado calma, como se tentasse convencer-nos a ambos.

O meu próximo passo é atacar.

— O que pretendes com isto, Llyr?

Silêncio.

— Não pretendo nada, Kai.

— O que querem? — insisto.

Ao fundo ouvem-se vozes indistintas e eu só queria estar dentro daquela sala.

— Querem ter acesso ao portal — comunica Llyr.

— Sabes tão bem quanto eu que há apenas uma entrada, e essa foi cortada. Pelo meu pai, que está *morto*!

— O quê? O Ghaelle? — Não consigo decifrar na totalidade o que a sua voz reflete.

— Sabes muito bem — digo, e resolvo arriscar tudo. — No que é que tu e o Morfeu se meteram, Llyr? Porquê?

— Lamento, Kai — diz, a voz entretanto determinada. — Mas não é esse portal. É o Portal dos Mundos.

Todos nós, deste lado, gelamos.

— Ao quê? — Faço de conta que não percebo do que fala. — Não sei a que te referes, Llyr. Vamos mas é conversar sobre os termos da vossa rendição para podermos retomar as nossas vidas, já todos perdemos que chegue.

Silêncio.

— Podes falar com o Adro, se quiseres.

— Kai... — A voz de Adro irrompe. — O teu pai está...?

— Morto. Sim.

— Lutámos lado a lado, mas estávamos em minoria. Num momento crítico, decidimos dividir-nos. Eu fui para um lado, o teu pai para outro — diz, e todo o meu corpo se arrepia com essa imagem.

Não encontro palavras, por isso, ele continua.

— Querem acesso ao Portal dos Mundos.

— Desconheço.

— A Hensel... A Hensel sabe — responde Adro, ao fim de algum tempo.

Claro que, como Regente, Llyr sabe que Hensel é a Zeladora do Portal dos Mundos e já passou essa informação.

Reflieto.

— Muito bem. Se é a localização do Portal dos Mundos que querem, eu forneço-a, também tenho essa informação. Troco de lugar com a minha mãe e levo-vos lá, mas exijo falar com o Morfeu primeiro.

Espero um momento e alguém do lado de lá aclara a garganta.

— Morfeu? — pergunto.

— Aqui — diz ele, do outro lado da linha.

— Porque o fizeste? — pergunto, certo de que me dará a resposta

de que preciso.

Ele não responde logo.

— O Ghaelle era um homem honrado. No campo de batalha, não escolhemos os aliados que o destino nos traz. O teu pai soube disso.

A minha resposta é imediata e carregada de ressentimento.

— Através do gume de uma espada — rujo gravemente.

— Sabes que a guerra é um jogo longo e duplo. Por agora, mantemos as defesas altas e os movimentos ocultos.

— Entendido, o jogo continua, então. — A minha voz é firme, reconhecendo a estratégia sem admitir nenhuma fraqueza.

— Encontrar-nos-emos muito em breve, Kai. — O timbre é carregado de força e promete um confronto que ambos sabemos ser inevitável.

— Ansioso por te enfrentar, Morfeu.

Um som alto interrompe a nossa conversa, seguido de uma longa pausa e mais sons indistintos. Uma voz feminina, fria e calculista, faz-se ouvir.

— Têm um intervalo de tempo para nos entregarem a Zeladora do Portal, ou mais mortes se seguirão. — E com estas palavras a ligação é cortada abruptamente.

\*

Estamos sentados no chão há um longo período, cada um de nós a absorver o silêncio que sucedeu ao fim súbito da comunicação. Há um peso no ar, uma tensão tangível. É Petra quem quebra o silêncio.

— O que fazemos agora? — A sua voz é um sussurro.

Ara encara-me. Os olhos verdes cheios de preocupação e os meus repletos de raiva. Sei o que está a pensar, mas, ainda assim, di-lo em voz alta.

— Kai, não podes, não vou deixar que o faças. — A voz é determinada. — Vamos arranjar outra forma de resgatar a tua mãe e pôr termo a isto. E vamos fazê-lo como temos feito tudo, juntos.

— Talvez não haja outra oportunidade como esta de a libertar.

— Acho que tenho de lhe dar razão desta vez, Ara. — Boris encara-a com um gesto apoloético. — Não vamos conseguir atacar tão cedo. Fizemos um levantamento e a nossa reserva de armas está no limite. Mesmo que os ferreiros não durmam, não temos matéria-prima. — A voz de Boris soa baixa, quase derrotada.

— E se pedirmos aos Limpadores para entrarem na cidade e recuperarem as lâminas que deixámos para trás?

— Eles estão a contar com isso, e não posso arriscar perder mais nenhum membro do Esquadrão. Não seria viável para ninguém. — Indie é certo.

*Espera! Lâminas?*, a voz de Ara faz-se ouvir na minha cabeça.

Olho-a, aceno em aprovação e ela começa a falar.

— Talvez haja uma saída. E se vos disser que...

Um assobio alto seguido de um *hey* típico dos Protetores chama a nossa atenção e faz girar todas as nossas cabeças.

— Shore! — Jacca, que está do lado oposto da caverna, tem o braço levantado e acena, freneticamente. — Shore!

— Vou ver o que se passa — digo. — Continuem. Trata disso, Rosialt! Esperemos que o metal de outros tempos seja de boa qualidade.

— *Hey!* — Boris corre atrás de mim. — Queres companhia?

— Não deve ser nada. — Olho para trás, para onde Jacca continua a gesticular, apesar de já não estar a bradar.

— Vai lá ajudá-la. E põe-me a par.

Sei bem ao que ele se refere, partilha o mesmo receio de Ara, que eu aja por conta própria. Apesar de Boris concordar que esta é uma oportunidade única de trazer a minha mãe.

Assinto para o tranquilizar. Nunca foram precisas muitas palavras entre nós. Crescemos juntos, como irmãos. E é isso que sinto por ele, um amor incondicional, que me faria ficar no campo de batalha por ele até ao último fôlego.

— Obrigado — digo, porque raramente verbalizo o que sinto. — Por manteres a confiança em mim e por estares sempre ao meu lado, em todas as situações, mesmo quando eu duvido de mim mesmo.

Ele põe-se muito direito e carrega o sobrolho, como se eu estivesse a dizer uma grande barbaridade.

— Não é uma questão de confiança, mas do sangue que não compartilhamos e que de alguma forma nos une. É amor, meu irmão! — diz, dando-me uma pancada seca no ombro sem dar grande importância às palavras que acabou de proferir. — Vai lá, antes que caia um braço à Jacca.



«Em momentos de escassez,  
A sabedoria ancestral desperta,  
Guiando-nos por caminhos esquecidos  
Até à redescoberta de sementes de futuros  
Reforjados sob a luz da esperança.»

*Herbário das Terras Altas,  
Cassia Thalorin*

# 53

## Ara

**V**ejo Kai afastar-se e fico inquieta. Boris volta a juntar-se a nós.

— Metal de outros tempos? — indaga Petra, puxando-me dos meus pensamentos. — O que é que isso quer dizer?

— Venho já — digo-lhes.

Varro os olhos pelo Refúgio e fixo-os em quem procuro. Vou até lá.

— Isla! — Ela está agachada, a conversar com um homem deitado no chão, por cima de um tecido grosso e de aspeto macio. É um dos resgatados das Grutas de Energia. Encolho os ombros num pedido de desculpas, quando ela me observa por cima do ombro, os olhos semicerrados. — Preciso de falar contigo. — Faço-lhe sinal e afasto-me alguns passos.

Isla levanta-se, caminha na minha direção, mas, quando me encontra, cruza os braços em frente ao corpo.

— Ah, não sejas assim! — reclamo baixinho, mas as feições dela não suavizam. — Desculpa, pronto, é urgente. — As minhas mãos gesticulam a par com o meu batimento cardíaco.

— Espero que seja mesmo.

— É! Sabes aquela história de só a Zeladora do Portal e os portadores das Etherkeys poderem saber onde se localiza o Portal dos Mundos?

A expressão dela muda de incomodada para desconfiada.

— Sei.

— Preciso que elimines essa cláusula. Tenho de levar a nossa Unidade lá!

— Porquê?

— Porque precisamos de virar o jogo a nosso favor. Creio que ali pode estar a solução.

Tentei *comunicar* com Kai para lhe dizer que vamos avançar, mas está em *branco*.

Esperamos algum tempo até que o Refúgio esteja a descansar e seguimos Isla. Quando lhes disse onde íamos, uma excitação bastante comedida tomou conta deles, mas, agora, ao atravessarmos a Passagem da Concordância, o silêncio impera.

Somos treze. Eu, Colt, Isla, Boris, Petra, Wull, Indie e seis dos seus Limpadores. Tínhamos também intenção de trazer Magdalene, mas, como já é habitual, desapareceu. Cada um de nós traz sacos de tecido ou apenas panos grandes para embrulharmos o que precisamos. Isla lidera o caminho, com Indie ao seu lado. Gosto de os ver juntos e de saber que, no meio do turbilhão da guerra e do luto que assola os nossos corações, Isla encontrou em Indie a âncora que a mantém firme nas tempestades. É como se, na presença dele, todas elas se acalmassem e um vislumbre de paz e esperança brilhasse, mesmo nos dias mais sombrios.

— Isto é lindo e... assustador — diz Boris, assim que deparamos com o cenário das ruínas do Portal dos Mundos.

— Ali — indico o poço. Juntamo-nos ao redor do poço largo e as nossas cabeças inclinam-se para espreitar lá para dentro.

Um sorriso escapa-me ao ver a satisfação dos meus amigos.

Começamos a trabalhar. Amarramos cordas grossas, que servem apenas de apoio, pois os Limpadores entram e saem do poço sem grande dificuldade, usando o seu sistema de voo vertical. Trabalham ágil e velozmente.

Atiram-nos o material e nós ensacamos tudo, sem grande preocupação em fazermos uma triagem.

Termino de fechar o quinto saco com um nó, quando Boris vem ter comigo.

— É estranho pensar que algo tão frio e esquecido nos pode dar alguma esperança, não é? — O seu semblante está marcado pelo cansaço, os contornos ósseos do rosto estão mais definidos do que o habitual, mas os olhos, como sempre, irradiam uma luz viva.

— Verdade — concordo. — Vem no manual: *Como não desistir quando tudo parece perdido*.

Ele esboça um sorriso quase impercetível.

— Acho que isto diz muito sobre nós. — Coça o pescoço largo, o olhar distante e refletivo, como quem pondera verdades profundas. E sei que o está a fazer. Boris sempre transcendeu a imagem que projeta; não é apenas um guerreiro audaz, ou um amigo leal. É uma alma generosa, com um coração gigante, que acolhe todos. — Tenho pensado muito se tudo isto vale a pena, continuar a lutar, percebes? Parece-me que estamos a adiar o inevitável.

Olho-o, surpreendida. Boris é a coluna vertebral do nosso grupo,

resiliente e inabalável.

— Boris — tento intervir, mas ele continua o seu raciocínio.

— Contudo, depois olho para nós. — O olhar vagueia por quem nos rodeia, demorando-se mais tempo em Petra e na silhueta da sua barriga. — Ao perceber a energia que nos une, sinto que temos um propósito, cada um de nós tem um papel. Talvez o meu seja mais silencioso, mas quero acreditar que irá ressoar profundamente no futuro.

— Sem dúvida! — digo com uma ligeira elevação da voz para reforçar a sua convicção, uma inversão dos nossos papéis habituais. — Estamos nisto juntos. Até ao fim, Boris. E para garantir que seguimos em frente, vais começar por levar estes três sacos — atiro com um meio sorriso.

— Às ordens!

Ele pega em mim e gira-me no ar. Larga-me e vai ter com Petra, que continua muito triste pela perda dos pais. Com delicadeza, agarra-a e inclina-a quase até ao chão, num dos seus gestos românticos e beija-a com paixão. Quando a reergue, Petra está afogueada, e sorri. Boris passa por mim fanfarrão, pisca-me o olho, agarra nos sacos extremamente pesados, manejando-os com uma facilidade que desmente o seu peso, e faz sozinho o caminho de volta para o Refúgio.

Continuo a observá-lo imersa nos meus pensamentos, quando Colt me sobressalta com a sua voz ao meu lado.

— O que foi aquilo?

— O Boris a ser profundo — suspiro e encolho os ombros, mas plenamente consciente da validade dos receios de Boris.

— Cada um de nós já tem dois sacos. — Colt estica os braços para o alto, equilibrando um em cada mão. — Penso que chega, mas se for preciso podemos sempre vir buscar mais.

— Já te disse que nunca são de mais — intervém Petra a aproximar-se, também com os seus sacos já fechados.

Colt passa um dos seus sacos para a outra mão e, com a livre, agarra num dos de Petra. Ela prepara-se para protestar, mas ele já nos virou costas.

— Não entendo porque me tratam como se estivesse doente. Lá por parecer que estou prestes a explodir e com uma fome constante, não significa que não possa fazer as coisas como sempre. — A voz dela é um choramingo, carregado de frustração, que me faz cerrar os lábios para reprimir o sorriso.

O seu olhar, marejado de lágrimas, é fulminante quando vê a minha expressão. Tiro-lhe o outro saco da mão e pouso-o aos nossos pés. Puxo-a para um abraço e ela cede.

— Claro que ninguém pensa isso de ti, apenas estamos a zelar... Não penses que é por ti! É por esse ser precioso que carregas. — Sorrio

contra a bochecha dela.

— Craca! — Afasta-me com uma cotovelada leve, a enxugar as lágrimas.

— Ah, assim já gosto mais. Vamos! — Faça ouvir a minha voz para ordenar o regresso.

Isla, que está junto dos outros, também dá a ordem. Eles preparam-se e reunimo-nos.

— Vamos! — diz ela, a voz ecoa com autoridade enquanto lidera o regresso.

Quando chegamos, o Refúgio está mergulhado no merecido descanso, mas dirigimo-nos de imediato à forja. Os ferreiros dormem no mesmo sítio onde têm trabalhado incansavelmente. O calor cá dentro é insuportável e não percebo como não preferem estar lá fora com os outros. Talvez não queiram deixar a forja desprotegida. Pousamos os sacos em cima da mesa de madeira larga improvisada e o barulho de metal faz o chefe dos ferreiros levantar-se de um pulo.

— Ah, o que foi? Quem está aí? — A caricata figura do homem torna-se ainda mais engraçada com o bigode farfalhudo despenteado e o cabelo espetado em todas as direções.

Não os queria perturbar, mas tenho consciência da urgência que a nossa missão exige.

— Desculpe, Branimir — digo, encolhendo os ombros. — Mas temos aqui uma coisa que acho que vai gostar de ver.

Ele aproxima-se, cauteloso, ao ver a horda de jovens que rodeiam a mesa e a quantidade de trouxas de pano enormes e disformes.

Desenlaço uma, revelando o seu conteúdo. Os olhos do ferreiro iluminam-se e o sorriso dele cresce como se estivesse perante um tesouro. Facas, adagas, espadas e todo o tipo de lâminas e metal, que eu espero que dê para ser reforjado em novas armas.

A nossa apreensão é grande, por isso, apenas nos dedicamos a desapertar cada um dos sacos para expor o material enquanto o homem agarra numa peça e a examina com atenção. Atira-a para cima do monte, e o metal faz barulho a colidir com o restante. Pega noutra, passa o dedo pelo gume e este não corta. Depois, leva a lamina à boca, e, com toda a força, trinca-a. Sorri e o meu peito oscila.

— Isto, sim, é a matéria-prima da nossa resistência! — diz ele, com um entusiasmo revigorante. — Malandros, mãos à obra! — grita, e dá pequenos pontapés aos seus ajudantes, para que estes se levantem.

— O Boris não veio à nossa frente? — pergunta Petra, a aproximar-se de mim.

Aceno com a cabeça.

Olho à volta, não vejo Boris, mas os sacos que ele carregou estão a um canto, à entrada da forja. E de Kai, nem sinal.

— Talvez esteja com o Kai — observo.

— Ou talvez tenha ido comer — remata Petra, com um sorriso.

*Onde estás, Kai?*, pergunto, pelos caminhos invisíveis que nos unem. Uma vez mais, fico sem resposta e algo me atormenta. Muito. Algo está profundamente errado. Pressinto na alma.

«No auge do embate, verdades ocultas  
emergem das sombras, iluminando os corações  
com a luz da certeza.»

Portador da Luz da Verdade

# 54

## Kai

**A**ssim que Jacca me entrega o bilhete e leio o seu conteúdo, mando-a reforçar todas as entradas dos túneis sem que ninguém dê conta. «Ninguém entra e ninguém sai!», instruo, sublinhando a urgência sem causar o pânico. Peço-lhe que mantenha este assunto em absoluto sigilo e, então, ponho pés ao caminho.

Apesar dos candeeiros de sal que iluminam o percurso a intervalos regulares, os meus olhos adaptam-se bem à escuridão. O brilho suave das luzes faz as sombras dançarem nas paredes. Enquanto avanço pelos túneis húmidos, relembro a mensagem. O papel diz apenas:

Espero-te onde o norte repousa nas sombras do saber.

Não o encaro como um desafio, mas sim como um encontro há muito aguardado. A possibilidade de estar cara a cara com ele. Ele cumpriu com o prometido mais rápido do que eu esperava.

Desde que Jacca me chamou com tanta veemência, percebi que não podia envolver Ara. Por isso, a minha mente está completamente bloqueada, porque não a quero arrastar para isto. Vou sofrer as consequências mais tarde, mas a segurança dela é a minha prioridade.

Quando Jacca revelou que o bilhete foi encontrado numa das rondas, preso numa parede por uma faca espetada a alguns quilómetros de distância, não me surpreendi. Sei quem o fez. Por isso, quando o vejo encostado à parede, com uma tocha nas mãos, o rosto marcado pela tensão, não me sobressalto.

— Beau — digo, mantendo o passo firme.

Põe-se ao meu lado e acompanha o meu ritmo.

— Kai — responde, no mesmo tom.

— É uma armadilha? Ainda temos um trunfo a nosso favor. A não ser que toda aquela conversa sobre a sobrinha favorita seja treta — digo, agressivo, para testar a sua reação. No entanto, eu vi como Beau olhava para a criança que nos confiou, sei que nunca faria nada que a



pudesse expor ao perigo, o que implica não comprometer a segurança do Refúgio. As pessoas estão a salvo.

O seu corpo vibra ao ouvir as minhas palavras.

— Ele só quer conversar contigo. Como é que ela está? — indaga, preocupado.

— Por enquanto, segura — respondo, com uma ameaça velada. — Esperemos que toda a tua insensatez tenha sido um lapso momentâneo.

Caminho sem me importar se Beau me acompanha. O som dos nossos passos funde-se com o gotejar contínuo, enquanto um cheiro a mofo preenche o ar.

O meu pensamento é apenas um: confronto!

Quando nos aproximamos do local onde, há muitos intervalos de tempo, eu e Ara encontrámos Beau e a pequena Nevaeh, a luz começa a estar mais presente. Uma silhueta enorme destaca-se. Morfeu está perto da imponente estátua da bússola. Os braços estendidos ao lado do corpo, sem armadura. Numa avaliação rápida, percebo que, à primeira vista, não está armado e não tem os seus guarda-costas.

Antes que alguma palavra seja proferida, acelero o passo e, de um impulso, atiro-me a ele.

Morfeu é mais alto do que eu e é um pedregulho de homem, composto por músculo e força bruta. Contudo, como o apanho desprevenido, derrapamos pelo chão até ele colidir contra a parede de rocha.

Respiro com força contra o seu ouvido, o meu braço a prender-lhe o pescoço e a imobilizar-lhe os movimentos. Tento conter a raiva, a dor. Desembainho a minha adaga pressionando-a contra a sua garganta.

Os passos apressados e o arfar de Beau, que está agora ao nosso lado, não me afetam nem distraem.

Morfeu não resiste, não luta, os braços continuam flácidos ao lado do tronco e nem me toca. Apenas encosta a cabeça mais para trás para me encarar. Os olhos baços e... tristes?

— O teu pai era um homem honrado — repete as palavras ditas anteriormente, quase num sussurro.

— Não te atrevas — vocifero. — Não te atrevas a falar do meu pai!

Com uma dor lancinante a querer instalar-se na cabeça, inspiro e expiro fundo pelo nariz, várias vezes.

— O Ghaelle tinha honra. E tu também tens, Kai — continua, como se nem me escutasse. A minha faca passa do seu pescoço para o braço e perfuro-lhe a carne devagar para doer e marcar.

Morfeu cerra a boca, mas não emite um único som.

— Não o matei — diz.

Retiro a lâmina devagar e espeto bem fundo no outro braço.

Ele faz pequenas inspirações curtas.

— Não matei o teu pai, mas fui responsável pela sua morte — admite, com um lamento que preenche o ar.

Seguro a arma pelo cabo e deixo-a pendurada entre os meus dedos, a respiração pesada a acompanhar o batimento do meu coração.

Dou um passo atrás. Sei que não foi ele, mas, se não estivesse envolvido, talvez as consequências não tivessem sido tão devastadoras.

Beau, ao nosso lado, observa a cena de olhos arregalados, imóvel e em silêncio, como se temesse interferir.

Encaro-o de lado e ele pisca os olhos apenas uma vez.

Dou outro passo atrás.

Morfeu endireita-se.

Eu espero e Morfeu assente, pronto para falar, porém, sou eu quem toma a iniciativa.

— O teu envolvimento tem que ver com o Orgza?

Ele para pensativo.

— De certa forma — declara. — Mas não da forma que pensas. És um guerreiro, Shore. Um líder integro. Nunca tirarias a vida a ninguém, inclusive ao meu filho, se não fosse absolutamente necessário. Tal como eu nunca o fiz. E, no caso do meu filho, sei que foi um acidente.

A verdade é que tentei salvar o filho dele, segurá-lo do destino trágico de cair de centenas de metros de altura.

Cruzo os braços em frente ao corpo e ele continua.

— Não pude impedir que se apaixonassem. O meu filho e a Sofia... isso não se controla. Quando soube que ia ter uma neta, o meu maior tesouro até hoje, fiquei feliz. Talvez pudesse haver tréguas entre os dois lados da parede que nos divide. Mas fui percebendo que a Sofia tinha outros planos, que não incluíam levar o nosso povo de volta à Comunidade que nos foi negada há tanto tempo. Não, ela queria ir para a Superfície e manipulou o meu Orgza a ajudá-la. Apesar de eu achar que tinha as coisas controladas, ele ajudou-a. Perdi a sua lealdade, do meu próprio filho — revela, triste.

— Isso tende a acontecer quando se vive apenas de ódio e guerra.

— Tu nasceste e viveste na luz. Ainda bem para ti. — A voz sai-lhe serena, a contrastar com a sua figura. — Gerações e gerações dos nossos foram privados dela.

— Não, não foram! Ao longo dos anos, várias tentativas foram feitas para...

Ele interrompe-me, irritado, como se tivesse esse direito. As minhas narinas dilatam, mas ele não se intimida.

— Migalhas! Sempre nos ofereceram migalhas. Queríamos o que nos foi roubado. Sabes sequer porque os meus antepassados foram

exilados?

— O teu povo queria...

Ele não me deixa continuar.

— Sabes apenas o que vos contaram. Mas aquilo que eu sei é que já fomos um povo uno, capaz de viver e trabalhar em harmonia. Vivíamos em paz.

Fico intrigado pelas suas palavras. Terão os Escritos adulterado a história ou a interpretação de quem a lê é que a modificou?

— Isso agora não interessa. — Faz um gesto com a mão no ar, a afastar o pensamento. — Ajudei a cuidar da minha neta estes anos, e só percebi que as coisas tinham chegado demasiado longe quando...

— A Sofia raptou a minha irmã — rujo.

Ele abana a cabeça e os olhos fogem para o chão.

— Não tive nenhum envolvimento direto no rapto da tua irmã. Quando vi o que a Sofia lhe fez, puni os soldados que a ajudaram... Eu estava devastado com a morte do meu Orgza, mas tens de saber que nunca mataria a tua irmã. Não me orgulho do que fiz. A Sofia estava determinada a conseguir acesso ao géiser e levar a minha Nevaeh para a Superfície, custasse a quem custasse, mas quando raptou os Mestres do Consílio, os incriminou e raptou a Arabela, percebi que ela estava descontrolada.

— Não foi o teu filho a trabalhar com ela nesses eventos — afirmo, deixando subentendido o motivo. Orgza já estava morto nessa altura.

— Não. Na altura em que ele morreu, recebi uma proposta. Da qual me viria a arrepender. Na altura, pareceu-me... o único caminho.

Aguardo e ele continua.

— Quando tive a reunião com o Consílio para negociarmos a abertura das fronteiras e a inclusão da minha gente, queria tentar. Após tudo o que passámos, todas as perdas, tinha de dar o exemplo. Se não o fiz pelo meu filho, estava determinado em fazê-lo pela minha neta. — A voz sai entrecortada e percebo que lhe custa falar sobre o assunto.

— Uma vez mais a diplomacia não funcionou. O que se passou para te teres acobardado e mudado de direção?

— Não me acobardei. — A voz é áspera. — Quando ia voltar atrás com o pacto, deu-se a invasão. Pesei os prós e contras, as consequências de colaborar com eles ou não. E tentei, tentei mesmo controlar os danos.

— Centenas de vidas perdidas, Morfeu! — Desconheço o som que me resvala da garganta. — A cabeça do meu pai numa estaca! — grito demasiado alto. — O que ganhas com isso?

Percebo que está tudo em cima da mesa, a verdade espalhada à nossa frente, nada mais há a esconder.

— O plano era: ele trazia Mercenários da Superfície, com o

material: armamento e explosivos para conseguirem encontrar e ter acesso ao Portal dos Mundos. Em troca, os Mercenários podiam carregar o equivalente ao seu peso, e ainda mais, em pedras preciosas e riqueza, de volta à Superfície. Ele pagou-lhes muito bem para os trazer e agora, com este acordo, estão à beira de amealhar fortunas inimagináveis.

— Mas porque não usar apenas os teus soldados?

— Não somos fortes o suficiente para combater os Protetores, nunca fomos. Apenas retaliávamos para provocar e para nos alimentarmos.

— Mas tu? O que ganhavas com isso? — repito a pergunta.

Ele baixa a cabeça, os olhos cravados no chão.

— Se o ajudasse a invadir a cidade, a imobilizar e enfraquecer as vossas forças, podia ficar com a cidade. Ele garantiu que isso não seria problema. Quando me apercebi de que estavam a destruir Aquorea, era tarde de mais.

Algo nas minhas profundezas arde. A minha vontade é fazê-lo sofrer. Mesmo após as suas confissões, e perceber que está arrependido, tenho vontade de matá-lo pelas suas decisões de merda. Mas será que já não teve a sua cota de sofrimento?

— Sabes dizer-me porque quer acesso ao Portal dos Mundos?

— Não, é uma das poucas informações à qual ainda não conseguir aceder. Pensava que isso eram apenas lendas e rumores pré-históricos.

Na minha cabeça, não faz sentido, tem de haver um motivo válido para ele nos estar a trair. Qual é a ligação que não estamos a ver?

— Porque achas que ele está a fazer isto? — Olho diretamente para Beau, mas ele apenas encolhe os ombros. Parece que não se alimenta há muito tempo, está pálido e as olheiras são buracos negros e fundos.

Saber que isto podia ter sido tudo evitado. Que o meu pai e todas as outras pessoas podiam estar vivas e o nosso Mundo intocado. Que bastava uma palavra de Morfeu para que se impedisse esta traição e todo o caos.

Tenho de perceber porque é que ele quer a todo o custo acesso ao Portal dos Mundos e evitar que o consiga. Mas, enquanto recuperamos e nos munimos de armas, a prioridade é resgatar a minha mãe. E a única pessoa que me pode ajudar é Morfeu.

— Qual é o propósito desta reunião?

— Redimir-me. Pedir-te perdão — admite. — Tomei medidas para mitigar os danos causados pela minha decisão. Protegi os civis aquando da invasão, dei ordens explícitas aos meus soldados para não atacarem. Mantive a minha posição de não atuar contra o nosso Mundo. E apenas me restou ter todos os peões sob controlo. Pelo menos, pude manipular e movimenteiei-me de acordo com os nossos inimigos.

— Nossos inimigos? — O riso que me sai pelo nariz é estranho.

— É também o meu Mundo que está destruído, Kai. Nunca quis que assim fosse. Quero uma aliança genuína, uma que traga frutos reais, porque um mundo dividido não é um mundo capaz de prosperar. E tu queres vingança.

*Quero!* Contudo, neste momento, outra prioridade impera.

— Quero ir buscar a minha mãe — declaro firmemente.

— A minha gente está preparada. Basta dares a ordem.

— Está bem. — Estico o braço. Morfeu olha para ele durante uns momentos. Depois, os olhos sobem até ao meu rosto e vejo nele determinação. Apertamos as mãos e selamos o acordo.

Morfeu passa-me um papel dobrado num pedaço pequeno.

— Usa-o quando for o momento.

É lamentável que tenhamos de ter passado por isto para termos uma conversa que poderia ter mudado tudo. Este pensamento ecoa na minha mente enquanto observo Beau, cuja expressão cansada reflete a extensão da sua provação.

— Vens? Estás com cara de quem precisa de descansar. E comer. A tua sobrinha vai gostar de te ver.

Beau olha para Morfeu, quase como se lhe estivesse a pedir autorização.

— Já fizeste o suficiente, Beau. Eu trato de tudo agora. — Morfeu tranquiliza-o. — Vai, toma conta da nossa menina.

Viramos costas e, quando estamos prestes a reentrar no túnel, a voz de Morfeu ecoa atrás de nós.

— Kai, não me perguntaste. Não queres saber quem está por detrás disto?

Continuo a andar e não lhe respondo, porque sei. Agora, só preciso de entender o motivo.

«Há verdades que ferem mais fundo  
do que a espada, despertando no espírito  
um confronto mais agudo do que o encontro  
de aços.»

*Reflexões de Cronos, o Estratega,*  
Telamon

# 55

## Ara

**A**ssisto ao *amanhecer* no Refúgio. Uma por uma, as pessoas acordam e iniciam as suas tarefas com a familiaridade que já se instalou. Quando saí da forja e pressenti que alguma coisa não estava bem, pressionei Jacca, ao ponto de quase a levar às lágrimas, mas consegui que me dissesse que Kai está nos túneis. Desisti de tentar comunicar com ele. Algo estranho se passa mas, pelo menos, *sei* que está vivo.

Colt e Petra estão comigo. Mandeí Jacca embora e ando de um lado para o outro na boca do túnel por onde Kai entrou. O meu trajeto gravado na areia fina, e eles estão sentados numa rocha redonda e macia, numa conversa inaudível. Petra tem uma pequena pedra na mão e amola o fio de uma adaga. De vez em quando, levanta os olhos do seu trabalho minucioso para responder a Colt. O olhar dele é determinado e concentrado em tudo à nossa volta.

O pico de ansiedade chega-me através do som de passos vindos do corredor e eles levantam-se para se juntarem a mim.

Aproximamo-nos da entrada, com cautela e sem entrar. Posicionamo-nos e preparamo-nos para tudo. Duas figuras aproximam-se. Quando a luz incide neles e Kai me vê, a escuridão a cintilar nos seus olhos, o meu corpo relaxa. Ao lado dele, Beau, pálido, pesado de cansaço e dor. Faço um esforço para manter a boca fechada, ao ver o seu receio e desolação.

— Beau? Mas que caralh... — Petra demonstra-se tão surpreendida quanto eu.

Kai abana com a cabeça e Petra não diz mais nada.

— Vai lá, Beau. — Kai aponta na direção de um grupo de crianças, onde também está Nevaeh. Os olhos de Beau brilham. Ficamos a vê-lo afastar-se, a percorrer todo o caminho até ao encontro com a sobrinha que, quando o vê, desata a correr, de braços abertos, na sua direção.

Cruzo os braços em frente ao peito. E espero.

— Tive de o fazer. Sozinho. — Os olhos azuis transbordam de

tormento. — Desculpa.

— Fazer o quê? — É Colt quem pergunta.

— Uma reunião com Morfeu — diz Kai, e conta-nos o que se passou desde o momento em que falou com Morfeu pelo auricular, em que combinaram um encontro sem que ninguém desconfiasse, explicando que recebeu o bilhete depois, e toda a conversa com Morfeu que, ao que parece, está do nosso lado. No fim, nós os três conseguimos ler no rosto de Kai e nas suas palavras o que isto realmente significa.

— Mas então isso quer dizer que...? — Não encontro coragem, nem palavras para terminar a frase.

*Como é que eu não percebi?*, recrimino-me, com pesar.

Um músculo treme no rosto de Petra.

— Então, e o Boris? O Boris não está contigo?

— O Boris? — A voz de Kai oscila.

*As lâminas!*, digo a Kai. *Fomos todos buscar as lâminas.*

É Kai quem fala.

— Ele sabe onde é o Portal dos Mundos. — O tom de voz dele é urgente, e tem um abalo que revela um sentimento que nunca lhe ouvi antes: medo. Como se quisesse despejar toda a informação cá para fora com urgência. — Ele percebeu a verdade! Ele percebeu o mesmo que eu na conversa com o Adro.

Petra fica a encarar-nos. Simplesmente a olhar, enquanto a consciência se abate sobre nós como uma bomba, ao percebermos que Boris trocou de lugar com Kai e vai tentar recuperar Nwil sozinho.

Sinto a tensão a envolver-nos aos quatro, vibrando como numa tempestade elétrica.

O rosto de Petra transfigura-se. Solta um gemido de choque e medo. Depois, desata a correr.

Corremos, desesperados, pelos caminhos estreitos de rocha. Os passos rápidos ecoam no chão duro. Corro sem limites, e distancio-me dos outros. Posso não ser a mais forte, mas sempre fui a mais veloz.

— Despachem-se — urro forte por cima do ombro, para que me acompanhem. Os meus pulmões quase a estourar. Estamos perto e, a cada curva, a cada passo, a sensação de pavor aumenta. Eles mantêm-se nos meus calcanhares.

— Adro! — ouço Kai gritar, e sei que está a tentar falar com ele pelo auricular. — Adro, se me estiveres a ouvir. Estou a caminho. Vou dar-te o que queres. Espera!

— Boris! — Petra corre ferozmente enquanto grita e sei que está a tentar comunicar com o marido pela mesma via. — Boris, retorna, é uma ordem *minha!* — A voz parece ser arrastada em gravilha.

Quando, por fim, saímos para a luz, do lado dos Bazares na Fraternidade dos Permutadores, não tenho tempo para me demorar



nos cadáveres espalhados pelo chão, ou na destruição deste Mundo outrora magnífico. Corro ainda mais, avanço pela Ponte-Mor e o choque invade-me quando, quase a chegar ao fim da ponte, sou recebida com uma cena de horror.

Um *déjà-vu*.

O meu corpo lateja com o bater do coração.

Boris está ajoelhado, o rosto irreconhecível, coberto de sangue, mas, mesmo assim, debate-se e os dois guardas que o seguram parecem não ter força suficiente para o conter, apesar de estar tão maltratado.

Travo a alguns metros deles e os meus olhos fogem para a figura central, calçado com umas botas iguais às que Sofia usava quando me raptou e imaculadamente vestido e arranjado, sem um único vestígio de sangue. Arrepio-me até à espinha, mas fica claro que não foi ele o responsável pelo estado de Boris.

— Adro — rosno, com toda a minha raiva.

— Demoraram. — A postura dele é descontraída, quase pueril.

Passos logo atrás de mim. Kai para do meu lado esquerdo, o seu rosto inexpressivo, ao encarar o orquestrador desta violência.

— Petra — sussurra Boris, enquanto luta e esperneia. A tentar levantar-se. Lágrimas gordas rebolam dos olhos raiados de sangue.

— Boris! — berra Petra ao passar por mim, o desespero a tomar conta dela, tentando correr até ao marido.

Estico-me e agarro-a com força para não a deixar avançar mais, pois os Mercenários que estão ao lado de Adro dão um passo em frente. No entanto, ele levanta o punho cerrado e eles estacam.

— Se fosse a ti, não fazia isso, *princesa*! — A voz de Adro é fria enquanto caminha para a frente de Boris. Olha para nós com um sorriso sinistro e o meu coração dispara quando nos mostra uma faca reluzente.

A mão de Adro treme enquanto desfere corte atrás de corte. Não sei se é hesitação, cobardia ou simplesmente prazer. É indecifrável. Contudo, fiel ao seu espírito guerreiro, Boris continua a resistir, a agitar-se e a tentar erguer-se.

À medida que os golpes se intensificam e lhe rasgam a pele, Boris grita e é o som mais aterrador que já ouvi, mas ainda assim encontra força para falar.

— Não te aproximes, Petra. Não... — As palavras saem em agonia.

*Precisamos de chegar até ele, Kai. Só precisamos de lhe conseguir tocar. No Boris. Para o levarmos daqui. Conseguimos levá-los a todos em segurança para o Refúgio.*

Kai olha para mim por brevíssimos instantes e percebe. Sai disparado em direção a Adro, mas o som de um tiro impede-o de dar mais do que dois passos. Estagna e olha para trás.

Colt brada de dor, no chão, e sangue jorra da sua perna baleada. Os olhos cheios de ódio e medo. Porém não é medo de morrer, é por outra coisa, e, ao ver o terror nos seus olhos, lágrimas formam-se nos meus. Pestanejo para as afastar e engulo-as. *Agora, não!*

Kai recua devagar, sem tirar os olhos do Mercenário que empunha a arma, até parar junto de mim.

— Não avancem mais. Senão ele morre. — A voz de Adro é calma, ponderada, serena, até. E eu penso como alguém consegue ser tão perverso.

Soube. De alguma forma eu soube, há tantos meses, quando o segui e senti aquele arrepio pela espinha, que ele não era de confiança.

Não ousamos mexer-mo-nos, horrorizados com o cenário diante de nós.

A cabeça de Boris pende para a frente devido à dor, mas ele arranja força para nos encarar. A cada um de nós, como se nos pedisse desculpa individualmente.

— Vão. — Consegue dizer entre golfadas de ar, o sangue agora escuro, a escorrer-lhe pela boca.

— Porquê, Adro? — Kai é determinado e tenta ganhar tempo.

O olhar de Adro passa de Kai para Petra e avalia-a demoradamente.

— A culpa é toda dela — diz, com a faca a girar no ar.

— Minha? — A confusão no rosto de Petra só é ultrapassada pelo seu pânico. — Adro, se lhe voltas a tocar, juro que te... — Há um fogo na garganta de Petra quando ela fala.

— Me matas? — O riso dele é irónico.

— Por favor. Imploro-te, não faças isto — sussurra ela, quase inaudível.

Kai inspira fundo e cerra os punhos.

— Adro, fiquem com a cidade, fiquem com tudo. Nós rendemo-nos. Dou-te a minha palavra.

— Mata-me a mim! — grita Colt, por entre a dor, pondo-se de pé, com esforço.

Os guardas riem-se e eu enojo-me dos seus timbres hediondos.

— Não te chega isso? — Um esgar involuntário, seguido de uma expressão de desconforto e repulsa, cruza o rosto de Adro, ao ver todo o sangue jorrar da ferida de Colt.

— Tenho outra. — Sem pestanejar, Colt dá uma pancada seca na perna boa.

De imediato, Adro olha para o lado.

— Se é o Portal dos Mundos que queres, eu levo-te lá agora. Vamos! — Kai faz-lhe sinal com a mão para que Adro o acompanhe.

Adro parece ponderar. Vira-se de frente para nós e o meu coração

abranda um pouco por ele já não estar a direcionar a sua atenção para Boris.

Talvez tenhamos hipótese de tirar Boris daqui, afinal.

— Tiveste muito tempo para o fazer. — A voz é toda ela suavidade e a minha cólera cresce ainda mais. No entanto, o seu rosto mantém-se resoluto, inabalável. — Tens de perceber que não estou a brincar. Aliás, pensei que o tivesses feito, quando viste o teu pai.

Pânico invade-me ao ver o movimento rápido que Adro faz. Vira-se para Boris com a faca em riste. Ouço o metal rasgar a pele, penetrar na carne, ossos a estalar e os olhos de Boris arregalarem-se, quando a lâmina comprida e estreita se aprofunda na zona do coração. No momento decisivo, Adro vira o rosto. Um gesto que revela a sua aversão intrínseca à dor, mesmo quando a inflige.

— A próxima é a tua mãe. — O sorriso de Adro é cruel ao proferir estas palavras.

Petra leva uma mão à barriga e cai de joelhos, desesperada, mas quase no mesmo instante levanta-se, determinada.

Incapaz de respirar, o meu peito estilhaça, mas o meu corpo reage.

Eu e Kai lançamo-nos para a frente, em direção aos Mercenários, dispostos a despedaçá-los.

— Não! — Petra e Colt gritam em uníssono e largam em corrida para tentarem ajudar Boris, mas, quando estão prestes a alcançá-lo, tocam-se e algo de extraordinário acontece. Os pescoços de Colt e Petra brilham intensamente, quase como se estivessem em chamas.

O clarão vermelho-fogo é tão forte que a energia que a onda de choque liberta nos derruba a todos. Somos ofuscados por luz. Esforço-me para abrir os olhos, levando um braço dobrado ao rosto para os proteger. Kai está ao meu lado, Adro e os Mercenários estão caídos a vários metros de distância, e reparo numa aura e nas faíscas que saem de Petra e Colt, assim que tocam em Boris.

*É agora a nossa oportunidade*, digo a Kai.

— Por favor, aguenta! — digo, com a esperança de que Boris me ouça, enquanto eu e Kai nos levantamos.

Corremos para junto deles, e, num movimento determinado, abraçamo-los ao três — Boris, Petra e Colt enlaçados, num casulo, no nosso meio — e, quase no mesmo momento, somos arremessados para o chão macio do Refúgio.

Sem me conseguir mexer, porque o meu corpo parece drenado de energia, fico algum tempo deitada. Contudo, o barulho da multidão que se começa a juntar ao nosso redor faz-me reavivar. Alguns gritam por ajuda, chamam os Curadores, outros choram.

Kai corre para Boris. Deixa-se cair de joelhos e põe a mão por baixo da cabeça do seu melhor amigo.

— Mano, estou aqui. — Kai fala palavras de conforto ao seu irmão

de coração, numa tentativa de o ancorar à vida.

Wull derrapa para o lado de Kai, repleto de pavor.

Levanto-me a cambalear, com a cabeça a latejar. Petra está dobrada numa posição estranha e corro até ela.

— Petra! — Aninho-me junto da minha amiga e sacudo-a devagar, para a fazer reagir. Ela abre os olhos e logo o olhar recai sobre Boris, prostrado no chão, uma poça de sangue e a faca ainda a sair-lhe do peito.

Petra tenta arrastar-se até Boris, os olhos esgazeados de choque e agonia.

— Eu levo-te — digo, ajudando-a.

O som de dor, forte e gutural, que sai de Petra quando lhe toca despedaça-me.

— Boris — soluça Petra. — Boris, fica comigo. — Com as mãos trémulas, Petra segura na mão do marido, desembainha a adaga preferida de Boris do seu coldre cruzado de peito e põe-na na mão dele, fechando-a.

Boris tenta falar, mas as palavras ficam-lhe na garganta. Mexe um braço, e, com um esforço sobre-humano, move-se em direção à barriga de Petra.

— Espero que... — O rosto dele é pura agonia. — Seja uma menina. — Consegue dizer, o sorriso fraco ao olhar para Petra.

O pavor e raiva de Kai envolvem-me e os nossos corações são uma amalgama de sentimentos dolorosos.

Petra chora como nunca a vi chorar e eu estou vazia por não poder fazer nada para a consolar.

— Vai ser menino — diz Petra. Ergue-se nos joelhos, envolve o rosto do marido e beija-lhe os lábios vezes sem fim. — E quero que tenha o teu feitio. Fica. Pelo nosso filho, por mim...

Aninho-me ao lado deles. Contemplo a faca cravada até ao cabo no peito do meu amigo. A minha mão treme e penso em retirá-la, mas logo a minha mente grita contra o impulso, porque este pedaço de metal é a única coisa que o liga à vida.

Não o podemos perder. Não o Boris, o melhor de todos nós. O que nos faz sempre sorrir e que deu o corpo às balas por mim.

*Onde estão os Curadores?*

— Boris, luta, por favor. — Toco-lhe na cabeça, em movimentos tranquilizantes, mas a minha respiração sai abafada e já não consigo controlar as lágrimas que me rolam pelas bochechas.

— Não te atrevas a deixar-nos, meu irmão — diz Wull num pranto. Boris encontra os nossos olhos.

— Cuidem delas — suplica com a voz já em falência.

— Sim, mano. — Kai aperta a mão livre de Boris com força. O rosto regado de lágrimas.

Wull curva-se e beija-lhe a testa.

— Prometo — sussurro.

Ele luta. Luta por Petra, por nós, pelo filho que nunca irá pegar nos seus braços... Até que, por fim, a respiração se torna agitada diante da mulher que ama, diante dos seus irmãos.

Boris arregala os olhos embaciados, repletos de dor e amor por nós. Sabe que é o fim.

Petra solta todo o desespero, numa tempestade de angústia e revolta que nenhum consolo pode acalmar, e revela a profundidade imensurável da sua perda. No fim, um silêncio profundo instala-se e o tempo parece congelar.

Quero gritar, gritar. Não é justo. Não é justo! O coração cai aos meus pés. Perdemos o Boris.

«Perante verdades que ferem, cresce a força  
de aceitar, encontrando paz na honestidade do  
ser.»

*Crónicas do Imponderável,*  
Myr, o Guardião das Realidades Díficeis

**O**s Curadores chegam demasiado tarde, mas sei que nada podia ter sido feito para salvar o meu amigo. A minha irmã insistiu para que levassem o corpo de Boris, mas não permiti que ninguém lhe tocasse. No entanto, levaram Colt para ser tratado, porque tem a perna gravemente ferida.

Ara consegui arrastar Petra daqui, com a ajuda de Marianne.

Ainda estou ajoelhado ao lado de Boris. Levo uma das mãos ao seu peito, enquanto com a outra retiro gentilmente a faca que o atravessa. Jogo-a para longe e ouço-a embater na areia. Fico a olhar para a arma. Como é que um objeto tão insignificante pode acabar com a vida de alguém como Boris. A pessoa com o melhor coração que já conheci, maior do que a própria vida.

Wull pousa a mão no meu ombro. Olho para ele e os dois encaramos Boris. Em silêncio e com muito cuidado, pegamos no nosso irmão e pousamo-lo na padiola que os Curadores aqui deixaram. Tapamo-lo com um lençol e levamo-lo. As pessoas sussurram palavras de condolências, tristeza e força à nossa passagem.

Deitamo-lo numa marquesa. Arcas e Hensel estão ao fundo da mesma, os olhos carregados de lágrimas.

— Vamos cuidar bem dele. — Isla toca-me ao de leve. Quando a encaro, rodeia-me a cintura. Soluça baixinho quando a abraço e depois afasta-se, determinada.

Devia estar habituado a lidar com a morte. A morte da Umi, tão precoce, a perda do meu pai foi um choque, uma dor inconsolável, mas, agora, a morte de Boris deixa-me um vazio na alma. Como se uma parte de mim se perdesse para sempre.

Wull segura-me por um braço e afasta-me para que os Curadores possam trabalhar. Atravessamos o Refúgio, passamos pelo refeitório e Wull tira uma garrafa da prateleira alta. Leva-me para um canto mais escuro da gruta e manda-me sentar.

Apoio os cotovelos nos joelhos e sinto o peso do mundo nos ombros, quando seguro a cabeça entre as mãos. A realidade atinge-me com a força de um vendaval: o Adro matou o Boris.

Espetou-lhe uma faca no coração. Apesar de não ter conseguido enfrentar a brutalidade do seu ato, e ter virado o rosto, recusando-se a olhar para o meu amigo, como se testemunhar a consequência da sua violência fosse insuportável. Talvez o terror de perceber que ele também pode ser vulnerável ao mesmo sofrimento que provocou. *E, se depender de mim, será!*

Uma dor avassaladora consome-me por dentro, porque, pensando bem, Adro sempre temeu a dor, um medo patológico, evitando-a a todo o custo. Nunca desfrutou de a ver ou sentir. Recordo-me, com amarga clareza, de como se retraiu perante a oportunidade de testar o novo implante auricular, pequenas feridas ou cortes faziam-no recuar como se enfrentasse um monstro, ou quando, convenientemente, desaparecia perante um ataque dos Albas. Esta percepção aguda da sua verdadeira natureza revela-se agora em toda a sua extensão. Resumindo: um cobarde, traidor e assassino.

Isso leva-me a pensar, será que matou o meu pai? Ou, cobarde como é, não sujou as mãos e mandou alguém fazê-lo?

No entanto, na ironia mais cruel, matou Boris.

— Porquê? — pergunta Wull. Dá um gole na garrafa e passa-ma. Dou um trago grande. O líquido queima-me a garganta, mas não me traz conforto. Dou outro.

Abano a cabeça. Não sei o que lhe responder. A verdade é que não sei porque é que Adro o fez, não entendo o motivo de tanto ódio, tanta maldade.

— Percebi que era o Adro que estava por detrás de tudo quando ele disse que ele e o meu pai se tinham separado no campo de batalha. Sazes que o meu pai nunca o abandonaria.

*Não. O meu pai não é um cobarde como Adro.*

— Saímos todos ou não sai nenhum — murmura Wull. — Como é que não entendi? — recrimina-se.

— Não quis alertar ninguém até confirmar as minhas suspeitas. E, quando falei com o Morfeu, ele confirmou-mas.

Faço uma pausa para organizar os meus pensamentos, que estão tão agitados quanto o meu coração.

— Com o Morfeu?

— Estive com ele há pouco — explico.

As sobrancelhas de Wull juntam-se na testa e passo a contar-lhe, em detalhe, o meu encontro com Morfeu.

— O Adro é o traidor — digo, por fim. — Durante anos, ele foi à Superfície com o meu pai. Quando deixou de ir, comecei eu a acompanhá-lo. Mas continuou a ter sempre acesso ao géiser. De



certeza que foi aí que fez os contactos de que precisava para invadir Aquorea.

— Então, não sabemos porque é que o Adro quer acesso ao Portal dos Mundos?

Reflito nas palavras de Adro e na acusação que fez em direção a Petra. Essas palavras ficaram-me gravadas.

— Ele disse que a Petra era a culpada desta situação.

Passos suaves aproximam-se atrás de mim e o meu peito descomprime um pouco. Ara senta-se ao meu lado, tira-me a garrafa das mãos e bebe. Os olhos inflamados de vermelho e o rosto marcado pelas lágrimas. Pousa a garrafa entre as pernas e tomba a cabeça para o meu ombro.

— A Petra está a dormir. Tiveram de a sedar. — As palavras são ciciadas. — A Marianne não sai do lado dela.

— O Kai estava a dizer-me que o... — Parece que custa a Wull verbalizar o nome da pessoa que nós tínhamos como sendo da nossa inteira confiança, mas que, afinal, se revelou um assassino. — O Adro disse que a Petra era a culpada desta situação? — A frase sai-lhe como uma questão. — Conseguiu perceber o porquê?

Ara fita um ponto atrás de Wull, e parece que lhe vejo as engrenagens em funcionamento, à procura dessa informação específica. Encara-me e eu sei que está a pensar na explosão de luz e chamas que Petra e Colt provocaram, mas não comenta o assunto, por agora.

— Disse — confirma, ao encarar Wull. — Mas não entendo.

— Pois, o que é que a Petra pode ter que ver com Adro querer destruir Aquorea? — pergunta Wull para ninguém em particular.

Silêncio enquanto a garrafa passa, uma vez mais, pelas mãos de cada um de nós.

— E se não for a ligação da Petra ao ataque a Aquorea em si? — Ara atira para o ar e eu e Wull franzimos o sobrolho. — O Adro quer acesso ao Portal dos Mundos. E se for essa a ligação?

No meu íntimo, sei que faz sentido.

O que me preocupa mais agora é que o tempo da minha mãe se está a esgotar.

— Independentemente do que seja, vou trucidá-lo.

«Um laço imortal transcende, inquebrável pelo  
eterno,  
unindo destinos além de qualquer barreira.»  
Profetizado por Lys, a Tecelã do Infinito

# 57

## Ara

**R**egressámos agora da forja. Branimir e os seus ferreiros trabalham sem parar. Já têm muitas armas fabricadas, mas ainda não as suficientes, por isso, temos de esperar um pouco mais. Esta espera está a matar-nos.

— Vai ser tarde de mais para ela — diz Kai, referindo-se à sua mãe.

— O Morfeu protege-a. É o que tem feito até agora, não é? — pergunto, porque Kai me disse que, quando tentou entrar no Colégio Central e viu a mãe, ela estava rodeada por Albas. Agora, faz sentido.

— Devia tê-lo matado. Ao Adro...

Faço-lhe movimentos circulares nas costas largas, como se isso pudesse de alguma forma consolá-lo. Não pode.

— Não conseguíamos. Não com o Boris ali, exposto. Fizemos o mais correto, Kai. Trazer a Petra em segurança. Era o que Boris queria.

— Como é que não vimos, Rosialt? Como pudemos ser tão cegos e deixar-nos enganar uma vida inteira? O meu pai era o melhor amigo dele.

— Era dissimulado. Para fazer o que fez, tem de ser uma pessoa calculista. E para... — Vou para concluir, mas algo chama a minha atenção. Colt abana o braço no ar, sem emitir um som.

Faço-lhe sinal de que já vou e ele pousa o braço no colo.

— Não sei o que lhe dizer.

— Ele tentou salvar o Boris — diz Kai, apenas. — E está a sofrer, tal como nós. Vai lá, vou ver a Petra.

— O Boris? — É a primeira coisa que Colt me pergunta, quando me encontro a uma distância em que já o consigo escutar. O timbre carregado de medo e esperança.

Olho-o nos olhos. Aqueles que sempre brilharam com determinação e uma bondade rara. Nego com a cabeça e isso basta

para que perceba.

— Não. — Vai-se abaixo à minha frente.

A amizade que construíram neste tempo de convívio foi muito profunda. Como se as almas deles estivessem destinadas a cruzar-se, de alguma forma, nesta vida. Quero confortá-lo, mas as palavras parecem vazias perante a magnitude da nossa perda.

— Colt — começo a dizer, mas ele interrompe-me.

— Ajuda-me! — pede-me, tentando erguer-se. Deveria ficar a repousar, mas vou até ele e apoio-o, enquanto ele se eleva com esforço e se põe em pé.

A perna está envolta em gaze e ligaduras, agora ensanguentadas, e cambaleia, inseguro dos seus passos. Arcas explicou-me, durante o tempo em que Colt dormia profundamente, depois de o terem sedado, que, apesar de tudo, ele teve sorte. A única coisa que poderá vir a acontecer, se não fizer os exercícios adequados, é Colt ficar a coxear um pouco.

— Dói? — pergunto. Ele encara-me de esguelha e eu encolho os ombros. — Não é isso que quero dizer. Claro que dói, mas é suportável? O Arcas diz que tens de começar os exercícios assim que conseguires.

— Ele já me explicou. E não, a dor não é suportável, mas tenho de a aguentar. — Tira o braço de cima dos meus ombros e dá um pequeno passo.

Oscila e cai para a frente, embatendo com as mãos no chão. Precipito-me para o ajudar, contudo, ainda deitado, ele levanta um braço, mandando-me parar.

Fecho os olhos e o meu corpo treme do esforço que o vejo fazer para se reerguer.

O cabelo está preso num coque alto e, na base do seu pescoço, onde tinha a marca de nascença que eu tão bem conhecia, está uma imagem belíssima, definida e estilizada, quase como se as linhas tivessem dançado, reorganizando um novo padrão. E sei que no pescoço de Petra repousa uma imagem igual.

Mesmo sem ele me pedir, rodeio-lhe a cintura e ajudo-o a caminhar. Sei onde ele quer ir, porque ainda não tirou os olhos de lá. Ao fundo da zona dos Curadores, na parte mais fresca, está Petra, deitada. Wull, Kai e Marianne de pé, ao seu lado.

Demoramos mais do que o normal a fazer o pequeno trajeto de trinta metros, mas encontramos Petra acordada. Ou, pelo menos, assim parece.

Solto Colt, quando percebo que está estável, e dou um passo em frente para tocar na minha amiga. Os olhos dela estão abertos e brilhantes, num ponto fixo, mas não se mexem, não pestaneja, sequer.

*Ela não está cá.*

— Petra — sussurro baixinho, e faço pequenos movimentos circulares na sua bochecha. — Querida? — insisto, mexendo no seu cabelo.

— Não reage — diz Marianne, a soluçar. — A Hensel diz que está em choque.

— Não há nada que possa ser feito? Que lhe possam dar?

Kai nega com a cabeça, mas Marianne encara Colt com veemência.

— Tenta tu! — A voz sai-lhe suave, mas segura, como se quisesse testar uma teoria.

Colt hesita por um momento, mas chega-se à frente, a arrastar um pouco a perna.

— Petra! — Os braços estão caídos ao longo do corpo. Olha para nós e eu incentivo-o a continuar. — Sou eu, o *melhor Amigo da Ara*. — A voz sai-lhe baixa, quando usa a alcunha que Petra lhe costuma chamar, apenas adicionando *melhor* em jeito de provocação.

Nada.

Colt inclina-se mais e diz-lhe:

— Não te percas no escuro, Petra.

Como se tivesse receio de o fazer, Colt estica um braço e leva a sua mão à de Petra. Aperta-a com gentileza e, no mesmo momento, Petra recua a mão com brusquidão, apesar de os olhos se manterem fixos no ponto que ela recusa largar.

Os nossos olhos arregalam-se.

*Reagiu ao Colt!*

— Precisamos de falar, Marianne. — Desconheço o som que me passa pela garganta, grave e determinado. Marianne apenas assente. — Chamas a Hensel, Kai? — Kai acena e ausenta-se para ir chamar a avó. Elas têm coisas para nos contar.

«Momentos sombrios  
Desvelam auxílios inesperados,  
Iluminando trilhas ocultas no crepúsculo.»

*Bestiário dos Reinos Ocultos*

## 58

### Kai

-Pensei que tinham parado com os segredos — digo, dirigindo-me à minha avó.

As marcas do rosto dela estão tão vincadas que lhe sinto o desgosto da perda do filho, de Boris e de tantas pessoas amigas da Comunidade.

— Essa verdade não me pertence a mim.

— Hensel — diz Ara. — Quando foi a última vez que o Portal dos Mundos foi usado?

— Convosco.

— Nós sabemos, avó! — Falo decidido, para não sermos ludibriados uma vez mais. — Mas antes disso. Contigo. Foi usado antes, não foi?

As Anciãs olham uma para a outra e vejo-lhes apreensão nos rostos. Marianne abana com a cabeça. Hensel responde.

— Não posso. Prometi.

As nossas cabeças giram para Marianne, à espera de uma explicação, mas ela apenas volta a segurar a mão da sobrinha entre as suas. Baixa os olhos para o chão.

— Agora, não — declara com firmeza, encerrando o assunto e curvando-se para segregar ao ouvido de Petra.

Ao nosso redor, o chão treme com força, como se um sismo abalasse as nossas fundações inexistentes.

— Sou só eu a sentir isto? — pergunta Colt.

Num movimento rápido, Petra senta-se e depois levanta-se da cama.

— Petra? — digo, ao ver o comportamento dela, a testa enrugada e confusa.

— Estão a ouvir isto? — pergunta ela.

— Sim — diz Ara. — São passos...

Faço um esforço para me concentrar. São ecos de passos, de facto. Sincronizados, como numa marcha. Já os escutei antes, e sei onde.

Ara olha-me. O meu corpo é inundado pela sua onda de arrepios e preocupação.

— Não — diz Petra, ao dar um passo à frente. — São patas.

— Patas? — perguntamos em coro.

Hensel e Marianne olham-se uma vez mais.

— Sabíamos que este dia chegaria. Está na hora, Marianne — diz Hensel, com um incentivo.

Isla aparece a correr e para ofegante junto de nós.

— Vêm aí pessoas — arfa. — Estão na Passagem da Concordância. Passaram pelo Portal dos Mundos.

Não estamos em perigo, porque estamos certos de quem aí vem, mas, pela força do hábito, começo a gritar ordens de comando, a ordenar aos Protetores as suas posições e a dar instruções para que se mantenham atentos a movimentos repentinos.

Pedimos aos habitantes do Refúgio que se afastem e se resguardem nos respetivos lugares de descanso e nas zonas mais recatadas, e que não saiam até ordem contrária. Desconfiados, mas curiosos, acedem.

Eu, Ara e Wull damos passos decididos. À nossa frente, a lagoa repousa, tranquila, mas a cascata cai com violência, quase como um espelho de água. Essa cortina líquida é o véu que cobre a entrada que leva à Passagem da Concordância.

Marianne posiciona-se ao nosso lado, a mão de Petra enroscada na sua, a expressão apreensiva. Os nossos olhos encontram-se, mas nada digo.

Olho para trás. Isla, Hensel e Arcas caminham devagar até nós.

O mundo à nossa volta parece sustentar a respiração. Aguardamos o que nos parece uma eternidade. Sob os nossos pés, a terra vibra ao som dos passos e do ribombar das pancadas de bastões a embaterem no chão com autoridade mística, como se fizessem questão de assinalar a sua chegada.

Então, aparecem. Primeiro, são apenas sombras, silhuetas distorcidas pela tumultuosa dança da água. Guardiães avançam aos pares, imponentes.

Atrás delas, surge Calantha, a *Crownbearer* de Ignisia, o Mundo do Fogo. A sua presença é inconfundível, uma figura de autoridade, elegância e poder. E, ao seu lado, aquela criatura monumental caminha com a dignidade de quem conhece o seu lugar ao lado da soberana. Hoje, não traz armadura, revelando o pelo negro e lustroso.

Atrás dela, mais Guardiães formam uma procissão que agora emerge da névoa de água. Trilham o caminho estreito que serpenteia até à areia e avançam até nós.

As Guardiães que lideram a formação executam um movimento sincronizado. Dividem-se em duas filas, formam um corredor destinado à sua Rainha e batem com os bastões contra a areia, num



gesto de respeito e firmeza, enterrando-os no solo. Apesar de manterem a formação, reparo que o olhar de cada uma delas foge uma e outra vez para a imensidão de água de que dispomos, que, segundo Calantha, é o seu bem mais precioso. O meu olhar cruza-se com o de Isla. Ela percebe e sei que, na primeira oportunidade, lhes dará água.

Olhares curiosos, como pássaros entre os ramos, espreitam de todos os cantos do Refúgio.

Marianne avança sozinha, até ao meio do corredor humano, a bengala a acompanhar os movimentos, e aguarda. Calantha caminha para ela e fitam-se longamente, num silêncio carregado de significado.

— Vossa Majestade — diz Marianne, a voz tingida com uma reverência profunda. Inclina a cabeça de forma elegante e num movimento fluido, dobrando o tronco, como se o tivesse praticado toda a vida.

Quando se ergue e os olhares se cruzam de novo, é Calantha que, diminuindo a distância com passos carregados de significado, se aproxima.

— Minha irmã! — diz, enquanto envolve Marianne num abraço que sela anos de ausência.

— Calantha! — diz Marianne ao ouvido da *Crownbearer*. — Tantas saudades, minha querida irmã.

As emoções fluem em lágrimas desinibidas e nós apenas observamos, atónitos. As irmãs têm agora as mãos dadas e vejo-lhes as tatuagens gémeas nos respetivos pulsos, mas o meu olhar recai, uma vez mais, para Petra, que não ousa mexer-se e parece não respirar.

Marianne olha por cima do ombro e chama por ela.

Petra, sempre tão destemida, parece uma criança prestes a ser repreendida e avança com cautela, até a roçar a desconfiança.

O ar carrega uma eletricidade atordoante e, quando chega perto das duas mulheres, prende as mãos atrás das costas. O imponente animal baixa a volumosa cabeçorra, aproxima o focinho e cheira Petra, evitando tocar-lhe com as presas. Cabeceia-lhe suavemente o ombro e esfrega o nariz contra ela numa carícia afetuosa e subtil. Petra não se move, mas sei que não é por medo. Apenas não consegue desviar o olhar fixo que mantém em Calantha.

Marianne leva as mãos à cabeça, e, num movimento lento e ensaiado, desenrola o turbante, revelando uma vasta cabeleira vermelho-fogo, parecida à de Petra, não fossem algumas riscas cinzentas no cabelo.

Vira-se de frente para Petra e envolve-lhe o rosto com as mãos.

— Está na hora de saberes quem realmente és, Vossa Alteza — diz, com uma reverência em direção a Petra.

Nesse instante, as Guardiãs levam um joelho ao chão, um braço pousado em cima do joelho dobrado, e baixam a cabeça. E, mesmo

sabendo que os bastões não farão o barulho desejado, elevam-no no ar e voltam a cravá-lo na areia.

*Kai*, o murmúrio de Ara chega-me ansioso, como se uma tempestade se formasse no seu peito. O meu coração palpita forte. Cada detalhe, cada som e cada movimento, grava-se na minha memória, uma história que um dia, talvez, tenhamos a honra de contar.

— Minha sobrinha — começa Marianne. — Petra. Esta é Calantha Ashenward, a Soberana de Ignisia. Minha estimada irmã e tua mãe.

«Na trilha do reencontro, sombras do passado  
e feridas silenciosas tecem a verdade crua do  
agora,  
exigindo ao coração uma aceitação corajosa.»

*Redenções Silenciosas,*  
Elian

**O**s momentos que se seguem parecem passar em mil respirações profundas, ou talvez num único suspiro. Não sei bem.

Calantha desaba num pranto quando se agarra a Petra, a sua filha, e lhe beija o rosto vezes sem conta. Afasta-se breves instantes para observar a barriga arredondada e volta a abraçá-la. A voz sufocada no choro compulsivo a tentar dizer algo a Petra, que se mantém imóvel como uma estátua, os braços rígidos ao longo do corpo e o rosto duro.

Isla, enquanto Zeladora do Portal, avança.

Eu e Kai seguimo-la. Precisamos de ajudar Petra.

— Bem-vinda a Aquorea, Vossa Majestade. — Estende a mão na sua direção. — Sou Isla Shore, a Zeladora do Portal. — A voz de Isla, como sempre, parece trazer a paz com ela.

Calantha solta Petra, tenta recompor-se e, ainda atordoada, retribui o cumprimento de Isla.

— Kai! Ara! — Calantha sorri quando nos vê.

Cumprimentamo-la.

— Vamos para um local mais — Kai olha ao redor — privado — diz, à falta de melhor palavra. — Não é muito, mas aqui estamos em segurança.

Calantha faz um gesto para indicarmos o caminho, e eu enlaço o braço no de Petra, que parece relaxar ao meu toque.

Vamos para o único local onde conseguimos ter privacidade, a zona de refeições, nossa sala de reuniões por diversas vezes.

Quando nos estamos a aproximar, Calantha apenas diz:

— *Stalor, Gvardis!*

As Guardiãs cessam o movimento e alinham-se em formação, cada uma assumindo a sua posição com precisão milimétrica, de forma a criar um perímetro defensivo. No entanto, o animal acompanha-nos. Ou melhor, acompanha Petra, não sai do seu lado.

Avançamos para as mesas.

— Têm muito que falar — diz Hensel. — Dar-vos-emos privacidade. Olha para cada um de nós para que a sigamos.

— A Ara e o Kai ficam comigo. — A voz de Petra é firme e nem olha para Hensel.

Retiram-se, mas nós ficamos. Sentamo-nos com Petra no nosso meio. Elegantemente, o animal acomoda-se junto de nós, cruza as patas dianteiras num gesto quase nobre. Um Guardião, cujos olhos continuam a observar Petra.

— Sente-se, Calantha — digo, indicando a cadeira à nossa frente.

Marianne senta-se ao lado da irmã. Ao vê-las lado a lado, não consigo deixar de reparar nas semelhanças entre elas.

Dizer que o ambiente está tenso é um eufemismo. Se o ambiente fosse água, éramos cubos de gelo. Petra abre os braços, dá uma mão a Kai e com a outra aperta a minha. Sei que precisa de nós, mais do que nunca. É muita coisa a acontecer em tão pouco tempo.

Calantha aclara a garganta e toma a iniciativa.

— O nosso Mundo estava a ser destruído. Coisas horríveis estavam a acontecer. Quando... — A voz falha-lhe e olha para Marianne que, com um aceno subtil, a encoraja a continuar. — Chegou um momento em que tive de tomar uma decisão. A decisão mais dilacerante que uma *mãe* tem de tomar. Separar-se de um filho. — O seu olhar recai diretamente para a barriga de Petra.

Fala sem nunca tirar os olhos da filha, que permanece muda e tensa nas nossas mãos.

— Num momento de horror e aflição, decidimos que o melhor era tirar-te de lá. Eras, és o nosso maior tesouro. Sempre foste a nossa prioridade e tínhamos de te preservar, custasse o que custasse, porque sem ti não há esperança de renovação, ou a promessa de um amanhã melhor.

A voz de Calantha treme, mas prossegue.

— Não foi apenas a escolha de uma rainha para proteger o seu reino, mas um ato desesperado de uma mãe para salvar a sua filha. Cada dia longe de ti foi uma agonia, mas saber que estavas em segurança, sem o fardo do nosso sangue, fez-me suportar esse tormento.

Estica o braço em cima do tampo da mesa. Apenas sinto a mão de Petra apertar mais a minha. Retribuo. Calantha fica a olhar para os próprios dedos durante um momento e retira a mão, pousando-a no seu colo. Respira fundo, a lutar contra a maré de emoções que está a sentir.

— Queria poder dizer-te que foi fácil, que não duvidei, tantas vezes, da minha decisão. Mas a verdade é que a dúvida e a dor foram minhas companheiras constantes durante todos estes anos. O que me manteve de pé foi a esperança de te reencontrar, de te explicar um

dia, cara a cara, porque tive de fazer o que fiz.

— Porque o fizeste? — pergunta Petra. A voz sai rouca e áspera, como se não falasse há muitos dias.

— Porque te amo mais do que a própria vida. E só tu interessas, minha querida filha. Tudo o que fiz foi por amor. — A sinceridade na sua voz corta um pouco o ar carregado.

Petra gira o tronco ao de leve para Marianne.

— Então, tu arranjaste-me uns pais falsos para não teres de me criar e nunca pensaste em me contar a verdade. — Petra ataca a tia. Sei que Kai está a afagar-lhe a mão para tentar acalmar a sua dor.

— Era a única forma de garantir que o nosso legado, a nossa luz, não se extinguiria. Não espero que me perdoes, nem que compreendas, sem teres todos os factos. Mas, com o tempo, espero que vejas que cada decisão tomada, por mais dolorosa que fosse, foi feita a pensar em ti. — Marianne pausa, a voz embargada pela emoção. — Eu também tive de deixar a minha casa — diz ela, lágrimas a rolar pelas suas bochechas. — Quanto aos teus pais, são... eram pessoas extraordinárias. Não podiam ter filhos, e tu foste uma bênção para eles. Eu queria que crescesses num ambiente saudável, estável, coisa que nunca te poderia dar. Eu fui a tia que te deu asas, que te ensinou a pensar pela própria cabeça, que te desafiou a crescer mais forte e consciente.

Faz uma pausa, respirando fundo para encontrar forças, e continua:

— Cada sorriso teu, cada conquista, era a afirmação de que a escolha dolorosa tinha sido a certa. Não te dei apenas liberdade, dei-te raízes. — Olha para mim e para Kai, para reforçar as suas palavras. — Porque sabia que, um dia, precisarias de ambas para encontrares o teu lugar no mundo. E, independentemente de onde esse lugar seja, quero que saibas que foste, és e serás sempre amada. Profundamente amada.

*Onde é que o Adro se encaixa nisto?*, a minha dúvida é clara como água.

— O Adro tem alguma coisa que ver convosco? — Kai verbaliza, diretamente para Marianne.

Quem responde é Calantha.

— O Adro é de Ignisia — diz, com um sopro de frustração. — Aliou-se a quem não devia. E foi exilado. — A voz é cortante. — Pior castigo do que a morte.

*Não faz sentido, pois não? Então, ele tem de saber onde é o Portal dos Mundos*, converso telepaticamente com Kai.

— Mas, se ele passou pelo Portal dos Mundos, porque é que fez tudo isto para o encontrar? Porque destruiu Aquorea, porque matou tantas pessoas?

— O nosso exílio é muito particular. Resumindo, envolve amnésia

total entre outras coisas desagradáveis — explica Calantha, sem grande alarido.

Arregalamos os olhos.

*Suponho que a memória tenha voltado.*

Marianne intervém.

— Ser-vos-á tudo explicado, a seu tempo. Em Aquorea, só duas pessoas, além de mim, sabem a verdade sobre o Adro, a Hensel e o Llyr, quem ele é e o que fez em Ignisia. Selámos um pacto de nunca o revelar a ninguém. Embora o mantivéssemos sempre debaixo de olho. O teu pai não sabia a verdade, Kai, mas o Llyr manteve a sua promessa, tanto que Adro era o seu guarda-costas.

As nossas bocas abrem-se de espanto.

*Que mentiras terão contado à população sobre o súbito aparecimento de Adro em Aquorea há tantos anos?*

— E porquê vir agora, Vossa Majestade? — pergunta Kai. — Como souberam quando vir?

— Senti. Vocês garantiram-me que o vosso portal estaria aberto e eu percebi que estava na hora. O coração de uma mãe sabe sempre.

Petra solta-nos as mãos e levanta-se. Eu e Kai, seguimos o seu gesto. Até o animal levanta o imponente corpo, olha para Petra e solta um som suave, quase musical, a contrastar com a sua musculatura e grandiosidade.

Calantha lança um olhar afetuoso à criatura.

— Já vais comer, *Tundrar* — diz, a voz tingida de carinho e autoridade.

— Continuamos a precisar da vossa ajuda. Seria muito preciosa — digo. — Estão dispostas a ajudar?

Calantha ergue-se da cadeira e a irmã acompanha-a.

— Naturalmente, também é por essa razão que cá estamos. Quando vocês — olha para mim e para Kai — entraram em Ignisia, tão determinados, fizeram-me compreender que, quanto mais nos isolamos, mais árdua se torna a tarefa de reconstruir. Basta de trevas. — De súbito, o seu rosto, antes sereno, adquire uma expressão de confrangimento, revelando um desconforto palpável. — Era imperativo que o trouxesse... — Olha afetosamente para o animal. — Não quero causar incómodo, mas será possível providenciar algo para o *Tundrar* comer? De preferência, vivo.

Desviamos os olhos para o outro lado do Refúgio, em direção à área onde os Cultivadores trataram a terra, formando pequenos campos de colheitas. Entre eles, estão alguns animais. Magdalene começou por trazer dois e nos intervalos de tempo seguintes foi aparecendo com mais. Como ela o faz, ainda é um mistério para mim.

Dirigimo-nos para lá e Kai limita-se a dizer:

— Sirvam-se.

— Era bom que fosse assim tão simples — comenta a *Crownbearer*.  
— Mas ele é metódico. — Encolhe os ombros.

Com a cabeça, faz um gesto rápido. Logo uma das suas Guardiãs avança e traz um animal de médio porte, mas com bastante carne, sabendo aquilo de que ele gosta. Posiciona o que será a refeição a alguns metros do portentoso animal e recua, assumindo a sua posição inicial.

A rainha vira-se de frente para Petra, que mantém a postura defensiva e o rosto impassível.

— Ele é teu, filha — diz, com uma ponta de entrega na voz. — Eu apenas cuidei dele por ti. Conhece o teu cheiro de quando eras bebé...

Petra franze o sobrolho, lança um olhar ao bicho e volta a fixar a rainha, sem que nenhuma palavra lhe escape dos lábios.

— Agora, ele responderá apenas a ti, ao teu companheiro e à vossa descendência. Tens de o mandar comer, só o fará mediante a tua ordem.

Petra arregala os olhos, um lampejo de incredulidade, como se estivesse a reviver toda a dor e, quando fala, a voz sai cruel.

— Deverias ter chegado mais cedo, o meu marido está morto. — A voz carregada de tristeza.

Vira-nos costas, distanciando-se com uma resolução férrea que não deixa espaço para hesitações. Ignora o ganido suplicante do animal, sem olhar para trás. E eu corro ao seu encontro.



«O isco está lançado. Agora, é a vossa vez.»

Kai Shore

O silêncio pesado é apenas interrompido pelos nossos passos cautelosos.

De Branimir, chegou a mensagem de que as armas estavam prontas. Então, aqui vamos nós.

Beau, que ficou a conhecer bem o acesso ao Colégio Central por estes túneis, lidera o caminho. Eu sigo-o com Ara ao meu lado.

Todos tentamos, em vão, impedir Petra de vir connosco, mas admitiu que nos mataria um a um, durante o sono, se a proibíssemos de fazer isto. *Tundrar*, sem nunca se desviar, permanece fiel ao lado daquela que sempre foi a sua legítima e verdadeira dona.

Quando nos preparávamos para vir, ouvi Colt falar com Isla. Pediu-lhe «alguma coisa potente e que lhe anesthesiasse a dor». O que quer que ela lhe tenha dado surtiu efeito, porque acompanha-nos com relativa facilidade, apenas um ligeiro coxear, mas os olhos completamente vidrados.

Protetores atrás de nós, seguidos pelo Esquadrão dos Limpadores mais Magdalene, e na cauda da fila, algumas Guardiãs de Ignisia.

Antes de nos separarmos no Refúgio, pedi a Calantha para instruir o seu Pelotão de Guardiãs a não bater com os bastões no chão. Percorremos agora o corredor de pedra, pelo que espero ser a última vez, para terminarmos com esta guerra.

Contactei Morfeu através da frequência de onda que ele escreveu no pedaço de papel e me deu no nosso encontro, e disse-lhe que estávamos a caminho, para se prepararem. Espero que não seja um embuste e Morfeu não nos traia, uma vez mais.

A ansiedade é grande, queremos reconquistar o nosso território sem sofrer mais perdas.

O rosto de Ara está compenetrado, mas sinto-lhe uma vibração na zona do peito. Vê-me a observá-la pelo canto do olho e envia-me palavras tranquilizadoras.

*Relaxa, vai correr bem, diz-me.*

*Tem de correr.*

*Vamos trazer a Nwil, Kai.*

Toco na mão dela, apenas um pequeno reconhecimento de que estamos aqui um para o outro.

Chegámos à bússola colossal e todas as cabeças se viram para a observar. A luz ténue que dela emana é um espetáculo de tirar o fôlego e reparo que as suas agulhas meticulosamente trabalhadas não parecem apontar para o norte magnético, pormenor que não havia reparado antes.

Com movimentos precisos, Beau toca na superfície fria da escultura e, guiadas pela sua mão, as agulhas começam a mover-se, até que se alinham numa determinada posição e ele as empurra com força. No mesmo momento e com um clique, uma secção da parede ao lado começa a recuar.

Troco olhares de espanto com Ara, vamos até lá e empurro a parede, deixando exposta uma passagem estreita que ascende.

O caminho é ingreme e tortuoso, e a subida parece interminável, cada lanço de escada pior do que o anterior, forçando-nos a manter um ritmo constante, apesar do cansaço. Várias bifurcações aparecem, causando alguma confusão e a dificuldade de interpretação.

Após uma eternidade, a passagem alarga um pouco e os túneis de rocha agreste dão lugar a paredes mais lisas, indicando que nos aproximamos do Colégio Central. O ar torna-se menos abafado e uma luz fraca infiltra-se através das fendas ocultas. A antecipação cresce entre nós, quando paramos numa câmara redonda e ampla.

Beau faz um gesto para uma parede.

— É aqui — murmura.

Aceno em concordância.

Atrás desta parede está a minha mãe e Llyr, mas também está Adro, com o qual temos contas a ajustar. Sabemos que agora é tudo ou nada, e a dimensão deste momento cai sobre mim com uma determinação que não deixa margem para dúvidas. É agora que recuperamos Aquorea. Será difícil termos outra oportunidade.

Juntamo-nos para rever o plano.

— Vou primeiro, com a Ara — explico, em voz baixa. — Precisamos de verificar o perímetro. Vocês os três vêm connosco. — Aponto para os três Protetores previamente escolhidos.

— Eu saio com os Limpadores — diz Petra.

Olho para Indie, que me tranquiliza. Concorde, mas a minha expressão não engana, preferia que ela não tivesse vindo. Olho para o majestoso animal que emite um breve rugido queixoso e acrescento.

— E contigo, *Tundrar*, claro.

Petra encolhe os ombros e *Tundrar* roça o nariz, do tamanho de um

punho fechado, no seu rosto. Ela limpa de imediato a sensação húmida e admoesta-o com o olhar.

— Colt, ficas com as Guardiãs — avisa Ara, para ele não se meter em aventuras. Tem a perna desfeita e não pode lutar.

Também queria que tivesse ficado no Refúgio, mas quem é que o convence do que quer que seja?

— Movam-se sem fazer nenhum barulho e esperem o nosso sinal. — Relembro as instruções, cada palavra medida para garantir a nossa eficácia e segurança.

— E eu?

— Podes regressar, se quiseres. Já fizeste a tua parte, Beau.

— Mas o meu pai...

— Nós trazemo-lo — afirma Ara.

— Não, tenho de ir convosco. — Mostra-se resoluto.

Concordamos.

Saímos da penumbra, emergindo na pequena sala que já conheço. Está apenas iluminada por uma fraca luz. Com movimentos silenciosos e determinados, abro a porta e o nosso grupo desaparece para verificar o perímetro.

Enquanto os meus colegas aguardam no corredor, retorno à sala e aceno aos outros que é seguro sair.

— O caminho está livre, mas mantenham-se alerta — sussurro, navegando no labirinto que é o Colégio Central.

Ao chegarmos a um ponto seguro, pressiono o pequeno dispositivo de comunicação para falar com Morfeu.

— A fera entrou na toca — digo.

Após um breve momento, a resposta vem, distorcida pela estática.

— A toca acolhe a fera.

Assim que dobramos uma nova esquina, lá estão eles, no meio de alguns escombros. Não são todos, apenas Morfeu com alguns dos seus soldados.

Mal nos aproximamos, diz:

— Os outros estão na Sala de Reuniões, aguardam o nosso sinal. A tua mãe e o Llyr estão lá, protegidos pelos meus.

Temos as coisas estruturadas para conseguir levar Adro e os restantes Mercenários a sair do Colégio Central, para aumentarmos as nossas hipóteses de sucesso.

— É agora que nos dividimos, já todos sabem o que fazer, certo?

As cabeças ao longo do vasto corredor acenam, como que a confirmar.

*Cuidado, digo a Ara.*

*Tu também, Shore. Vemo-nos no fim.*

Sigo Morfeu e os Albas por uma escada interior que nos leva ao rés do chão do Colégio Central.

- Quantos são? — pergunto a Morfeu.
- Muitos, ainda. E o armamento deles é potente.
- Temos mais trunfos — afirmo.

Paro quando Morfeu me faz sinal e aguardo no corredor enquanto ele caminha, com dois dos seus soldados a flanqueá-lo. Avança com altivez e determinação até às portas colossais de madeira. Da parte de dentro, estão quatro Mercenários.

— Abram — instrui Morfeu aos homens da Superfície que guardam as portas, ao mesmo tempo que os seus soldados se posicionam de forma estratégica.

— As instruções são para mantermos as portas fechadas — diz um deles com agressividade e dois avançam para Morfeu. Morfeu estica os braços longos e maciços como ferro, para cada um dos homens, e aperta-lhes o pescoço, quebrando-os como se de galhos estreitos e secos se tratassem, enquanto os seus homens eliminam os outros dois Mercenários.

Saio do corredor com os restantes Albas e abro as portas. Do lado de fora, alguns Mercenários da Superfície ficam surpresos quando nos veem.

Disparo arpões uns atrás dos outros, tentando evitar que comecem a disparar. É imperativo seguirmos este plano ao mais ínfimo pormenor.

Os Albas, guerreiros também muito bem treinados, atiram-se para cima do inimigo, e, num ápice, conseguimos dizimá-los.

Parado em cima da escadaria alta do Colégio Central, procuro com o olhar aquilo que pretendo. O meu foco foge para a destruição à nossa volta, mas não me permito distrair com o que só poderá ser reconstruído quando reconquistarmos Aquorea.

No ponto designado, lá estão eles, ocultos entre os troncos de algumas árvores que sobreviveram, na Praça do Colégio Central.

Avançam ao meu sinal. Wull e Calantha caminham lado a lado. E atrás deles, Protetores e Guardiãs.

Os nossos olhares cruzam-se. É o momento.

O rufar dos tambores dos Protetores e o retumbar dos bastões das Guardiãs irrompem pelo ar, anunciando a nossa chegada.

*O isco está lançado, digo a Ara. Agora, é a vossa vez.*

«Para proteger um coração, o abismo  
outrora intransponível torna-se caminho,  
sacrificando a essência do próprio ser  
e transformando o fim em começo.»

*Crepúsculos de Fogo, Crônicas, Volume I,*  
Ariadne Cedric

# 61

## Ara

**A**s situações alinham-se. Só temos de aguardar.

Observo Beau, uma vez mais, e faço-lhe sinal para que se deixe ficar escondido. Posiciono o meu braço com a pistola de arpões e puxo de uma faca.

Do lado de fora do Colégio Central, chega-nos o pulsar beligerante e arrebatador de bastões e tambores. Esta melodia de guerra não só é uma estratégia audaz, mas um chamamento provocador para os nossos inimigos.

Os berros com as instruções do General dos Mercenários escutam-se, claros: sair e atacar. Os corredores são imediatamente inundados de Mercenários que saem das diversas salas.

Investimos com toda a carga. Protetores e Guardiãs, juntos. Não os conseguimos travar a todos, muitos conseguem perfurar a barreira, e descem a escada para levar a luta lá para fora.

Entro na Sala de Reuniões do Consílio e logo um Mercenário avança sobre mim. Aponto a pistola de arpões e, num movimento veloz, esfaqueio-o com a mão direita, mesmo abaixo das costelas. Os Albas que estão dentro da Sala surpreendem os Mercenários quando sacam das suas armas e investem para cima deles, fazendo-os tombar.

O seguinte agarra-me pela garganta e, quando me tenta pontapear, encosto o punho fechado junto ao seu abdómen e disparo um arpão, cujo som sai abafado devido à proximidade dos nossos corpos. Baixo-me e esquivo-me de golpes e arremessos de outros.

Ao lado das Guardiãs, Colt usa um dos seus métodos para desarmar e atordoar os oponentes, com as suas armas adaptadas. Folgo em ver que surtem efeito. Os militares caem redondos no chão, mesmo sem Colt ter de se aproximar muito.

Neste turbilhão de sensações, o meu objetivo são Nwil e Llyr, mas varro os olhos pela sala e percebo que Adro não está aqui. Passo esta informação a Kai.

A mãe de Kai e o Regente estão no canto extremo da sala. Agora, desprotegidos e expostos, estão encolhidos, mas tentam passar pelo meio deste caos de violência e armas. Não os posso deixar atravessar este campo minado sozinhos. Corro e, quando dou por ela, Beau corre ao meu lado, o olhar aflitivo direcionado ao seu pai.

— Beau, recua! — ordeno, mas ele não me obedece. — Nwil, Regente! Vamos! — digo, assim que me acerco deles, a instruir para que me sigam. Beau abraça o pai e fala-lhe palavras atrapalhadas de conforto. O alívio nos seus rostos desgastados é um bálsamo para mim.

Preciso de os tirar daqui. Rápido.

— Sigam-me! — grito. Encontro o trajeto menos perigoso e incentivo-os a correr, sempre atenta à minha frente e com um olho na retaguarda.

Devido à velocidade rápida com que se movem, os Limpadores ficaram a fazer uma busca rápida pelo Colégio e imediações, de forma a eliminarem qualquer ameaça, regressando de seguida à luta. Procuro por Petra e não a vejo em lado nenhum. *Era suposto estar com eles.* No instante a seguir, Colt desaparece a correr.

Consigo levar Beau, Nwil e Llyr para os corredores, agora mais calmos, contudo, do lado de fora do Colégio Central, recebo uma melodia rude de luta e armas a serem disparadas. Tenho de me despachar.

— Beau, sabes o que tens a fazer — brado, entre os passos de corrida. Dobramos uma esquina. No fim deste corredor, está a sala que contém a passagem secreta que os levará para segurança. Nesse segundo, dois Mercenários aparecem à nossa frente e, assim que nos veem, disparam sobre nós. Faço o mesmo com a minha pistola de arpões.

— Protejam-se! — Elimino logo um, mas o outro continua a disparar em todas as direções. Nas minhas costas, um grito agudo, seguido de um som abafado, arrepia-me, mas não posso desviar a atenção do meu adversário.

Antes que ele tenha hipótese de se aproximar mais, saco de uma estrela de arremesso armadilhada que Branimir me deu e lanço-a para longe. A bomba contida explode e faz-nos estremecer com a vibração. O fumo come o corredor e envolve-nos.

— Temos de ir — digo. Olho para trás, cortando pelo meio do fumo. Nwil e Beau estão ajoelhados, os olhos raiados. Caído no chão, o Regente Llyr. Morto.

— Ele meteu-se à frente de uma bala, por mim — diz Nwil, num lamento.

Passos aproximam-se, não temos tempo. Ergo Nwil e puxo Beau com toda a minha força. Apesar de ele resistir, arrasto-o pelo corredor



com determinação.

— Pai — diz ele, ao ver o corpo ficar para trás.

— Beau! — grito-lhe, ao puxá-lo. — Beau!

Infelizmente, não consigo fazer mais nada pelo Regente, mas ainda posso salvá-los a eles. Enfio-os na sala da passagem secreta. Empurro a parede oculta e, assim que se abre, impulsiono-os para o breu, mantendo-me do lado de fora com uma mão na porta. Seguro com firmeza a mão de Beau, enquanto encontro o seu olhar.

— Lamento, Beau. Não imaginas o quanto — digo, a começar a fechar a porta devagar. — Mas não podemos perder-vos também. Leva a Nwil para o Refúgio. — A determinação na minha voz.

Ele assente num gesto lento e distante, de quem não está cá.

— O meu filho? — pergunta Nwil.

— Está a lutar. — Desvio o olhar para Beau, para que ela perceba a urgência de saírem dali.

Nwil olha de mim para Beau, depois segura a mão dele e dá o primeiro passo.

— Vamos, Beau. Tens de nos guiar. — Ouço já o murmúrio distante da voz de Nwil através da parede grossa.

Faço o mesmo trajeto de volta pelo corredor, saltando pelos escombros da detonação e já não encontro ninguém cá em cima. Voo pelos lanços de escada abaixo e saio para a rua. Um confronto compacto enche a escadaria larga, espalhando-se para a Praça Central e alastrando-se quase até ao leito do rio.

Aquorea, outrora radiante de vida, é um espetáculo de desolação. O manto de corpos e sangue tinge as ruas de vermelho. As árvores, com os troncos agora negros e retorcidos, apontam dedos acusatórios para o vazio. E muitas das casas não passam de escombros fumegantes.

Kai e os Protetores lutam determinados, as Guardiãs parecem combater numa dança frenética, e Indie e os Limpadores agitam-se nos céus, agarrando nos opositores em peso, agitando-os violentamente no ar, para os deixarem cair desamparados lá do alto. Os nossos inimigos estão a ser derrotados, muitos dos Mercenários tentam em vão fugir. Outros rendem-se, de olhar submisso, ajoelham-se um a um, no chão com os braços atrás da cabeça.

Kai desarma o General dos Mercenários e encosta-lhe a ponta do seu arpão à testa. O homem ainda tenta ripostar, mas olha ao redor, e, ao perceber a situação em que se encontra, atira a arma para longe e deita-se de barriga no chão.

— Rendam-se! — Dá a ordem.

Kai assente e logo Jacca se posiciona com um joelho nas costas dele e prende-lhe as mãos.

Estamos a conseguir!

Ao longe avisto Colt correr, com a perna a arrastar-se a um ritmo acelerado. Petra e Calantha perseguem alguém. É Adro, com alguns dos seus homens a flanqueá-lo.

*Kai!*, digo e já a disparar na direção dele, mostro-lhe o que vejo.

*Já estou a ir.*

Apanho-o quase a chegar ao limite da Praça e corremos lado a lado.

Petra e Calantha abatem os poucos homens que ainda protegem Adro, que, por sua vez, permanece petrificado, sem vigor. O olhar fixo e perplexo em Calantha.

*Tundrar* anda de um lado para o outro, irrequieto. Talvez a querer ajudar Petra e sem saber como o fazer.

Colt contorna esta confusão e atira-se para cima de Adro, derrubando-o. E as minhas pernas correm mais.

No chão, e com todo o seu peso, Colt esmurra Adro uma e outra vez. A raiva e o ódio bem presentes, em cada arremesso. Sangue espirra das narinas e dos lábios de Adro, disseminando-se pelo chão. Adro tenta esquivar-se, mas Colt tornou-se forte, resistente. Boris treinou-o bem, fazendo dele um Protetor, com todas as flexões, corridas e exercícios de corpo e mente.

Eu e Kai passamos a pequena ponte que dá para o largo que antecede a Ponte-Mor e derrapamos quando deparamos com Petra e Calantha paradas em frente a Adro e a Colt.

Adro puxa um joelho para cima e tenta atirar Colt para longe, mas o meu amigo é mais rápido. Gira o corpo, senta-se atrás de Adro, faz-lhe uma gravata bem apertada com o braço e eleva Adro. Como Colt o consegue fazer, não sei, porque a sua perna é agora uma poça de sangue e o tom dele é de um pálido doentio. Está a perder muito sangue. Num gesto rápido, Colt puxa de uma faca e encosta-a ao pescoço de Adro.

— Calantha! — A voz de Adro sai entrecortada pela força do braço de Colt em volta do seu pescoço. Mas não deixa de ser uma voz amarga, doentia.

— Para ti é Majestade! — A voz dela é firme.

A tensão no ar é palpável. Kai dá um passo em direção a Colt, para o ajudar, mas ele faz-lhe que não com a cabeça.

— Vieste terminar o que começaste há tantos anos? — pergunta Adro.

— Se pensas que senti prazer ao exilar-te, enganas-te. Partiste o coração de todos nós.

— Porquê esta destruição, Adro? — pergunta Kai. — Independentemente do teu passado, não tinhas tudo aqui, connosco?

— Queria recuperar a vida que *ela* me roubou! — Aponta para Calantha. — Imaginas o que é acordar um dia e perceber que nada do

que conheces é real, que a tua vida não é a tua? — As palavras saem rápidas, mal articuladas, a voz de um louco.

— Tiveste uma segunda oportunidade. E o que fizeste com ela? Destruíste mais vidas. — Calantha olha para a desolação que nos circunda. — Na minha casa, saberia o que fazer com ele. Na vossa casa, as vossas regras. — Calantha olha diretamente para mim e para Kai quando o diz.

Kai assente.

— Terá o julgamento e a pena que merece — explica Kai.

— Julgamento? Ele matou o Boris. — Colt está perplexo e enterra a ponta da faca no pescoço de Adro que grita em agonia.

— Colt, não! — digo, com um gesto de braço.

— Colt, não faças isso — diz Kai, ao mesmo tempo que eu. — Achas que o meu desejo não é o mesmo? Não o faças, Colt. Vamos certificar-nos de que terá o castigo merecido.

— Desculpem, mas não. Não posso permitir! — A voz de Colt é objetiva e madura. — Jurei nunca mais matar, mas por Boris eu faço-o. — A voz dele sai forte, determinada como nunca, enquanto olha para Petra.

— Petra... — Tento fazer chegar a mensagem até ela. Mas a nossa amiga apenas olha para mim e para Kai numa fração de segundos. Os olhos repletos de lágrimas.

— Petra, pelo Boris... Por ti. Eu mato-o. — Colt sibila, as lágrimas a pingar-lhe do queixo.

A nossa amiga permanece silenciosa, quase serena, se eu não soubesse a tempestade que lhe vai no coração. As mãos dela repousam na barriga redonda e observa Adro.

Olha para o lado esquerdo, para Calantha, que apenas faz um movimento muito subtil de cabeça em direção à filha.

Petra avança três passos. *Tundrar* acompanha-a.

— Nunca foste extraordinário, Adro. Uma verdade que todos sabíamos e calávamos. Mas eras um de nós. Agora, vejo-te pelo que és, pequeno e fraco. Mataste o meu marido de forma cruel. Privaste o meu filho do seu pai. — Esfrega a barriga. — Ser-te-á dada a mesma justiça que deste a Aquorea, quando decidiste trair-nos.

Petra desvia os olhos de Adro para Colt. Não são precisas palavras, a ligação deles é tão real como a minha e de Kai.

Colt solta Adro, afasta-se e junta-se a Petra.

Adro logo leva a mão ao pescoço e estremece ao trazer sangue nos dedos. Sem perceber muito bem o que se passa, recua devagar e cambaleia, sem nunca desviar os olhos de nós.

Petra olha para o lado direito e eleva o rosto. Pousa a mão no lombo grandioso de *Tundrar*, que lhe devolve um olhar penetrante. E expectante.

— COME! — ordena o seu primeiro comando ao animal.

Com um rugido, *Tundrar* avança num movimento fluido e terrivelmente eficaz. Salta sobre Adro e a grande boca abre-se, num abismo de presas afiadas, enquanto se deleita e o desfaz. Um som de justiça ressoa no ar.

«Após o silêncio das armas,  
Mãos unidas erguem a renovação  
Moldando pedra e esperança,  
Transformando o fim em recomeço.»

*Memórias de Um Guerreiro Solitário,*  
Cap. 5, p. 67

## 62

### Kai

-Posso levar este? — pergunta Morfeu, a apontar para o *autokart* a abarrotar de lixo.

Aceno afirmativamente com a cabeça. Ele para ao meu lado e observa o ambiente.

— Estamos no bom caminho. Vamos conseguir, Kai.

Nem todos aceitaram muito bem a reintegração dos Albas, mas a verdade é que não foi tão difícil quanto imaginávamos. Esperava muito mais resistência por parte de certas pessoas, nomeadamente, de Alita e de Fredek. Mas talvez as adversidades enfrentadas nos tenham ensinado a abster de julgamentos apressados, a olhar além do óbvio e expectável. E, acima de tudo, a acreditar.

Claro que a confiança mútua tem de ser construída, temos um longo percurso pela frente, mas, ao menos, as barreiras foram derrubadas, as reais e as que nos separavam enquanto comunidade. Demolimos os extensos muros que separavam a cidade dos Pântanos, permitindo que a luz os banhasse, pela primeira vez em séculos.

— Avô! — Nevaeah corre na nossa direção, com um vestido azul manchado de lama e terra das brincadeiras com os amigos e um sorriso exuberante.

Atrás dela, em passo sereno, Salseg, a mãe de Sofia.

— Olha o que descobri, avô!

— O quê, minha pequena peste? — Morfeu sorri carinhosamente para a neta.

Ela estende o braço fino em direção a Morfeu. Na mão, uma flor castanha, salpicada de pontos amarelos.

Leva-a ao pequeno nariz, funga-a, inebriada, e Morfeu franze a testa.

— Sabes o nome dessa flor? — pergunto. A criança fixa-me e abana a cabeça. — É um Trovesco. Sabes quem mais a adora?

— A tua namorada bonita. — Gira o tronco, braços estendidos e

mãos unidas à frente do corpo.

— Sim, a Ara. É bonita, sim. Tal como tu. Vou passar-lhe o teu elogio. — Sorrio.

— Oh, mas ela é adulta — diz, a constatar o óbvio. — Não me posso casar contigo. Acho que devias casar com ela, sabes?

Assinto firmemente.

— Acho que tens razão! — digo-lhe, e logo o foco dela muda de direção, a oferecer outra vez o Trovesco a Morfeu.

— Cheira tão bem, avô! É o melhor aroma de sempre. — A menina põe-se nas pontas dos pés, como se isso alterasse a sua estatura diante do colosso de figura que é Morfeu.

Morfeu olha para mim de lado, o sobrolho carregado e demasiado assustado. Abano a cabeça ao rir, com a visão de ver um homem deste tamanho com medo de uma coisa tão pequena.

— Cheira, avô — insiste Nevaeh.

Encolho os ombros.

— Não te vai matar. — Atiro com um sorriso provocador.

Ele recebe a flor das mãos da menina, pegando nela em peso, com a facilidade de quem levanta um *dhihilo*, e senta-a nos seus ombros, às cavalitas.

Salseg acerca-se de nós, com um cesto carregado de legumes, frutas e carne fresca.

— Vou reabrir o restaurante — anuncia. — Não sei como me sentirei sem eles lá, nem sei se as pessoas virão. O meu marido é que tinha o dom para aqueles pratos divinais. — Encolhe os ombros.

— Claro que vão, Salseg. E podes contar connosco — asseguro-lhe. — Com todos nós.

Morfeu concorda, retira o cesto das mãos de Salseg e aciona o *autokart* para que os siga.

— Avós, há tantas flores bonitas aqui. E animais *tãããã* fofinhos! E muita luz, podemos ficar aqui, avô? — A criança fala sem parar, as pernas a embaterem no peito de Morfeu, ao ritmo da sua conversa entusiasta.

Observo-os a afastarem-se e à azáfama espalhada por todo o lado. Passaram-se apenas vinte e quatro intervalos de tempo desde que reouvemos Aquorea.

A prioridade foi trazer toda a gente do Refúgio e despedirmo-nos dos entes queridos. Despedir-me do meu pai foi inconcebível e dilacerante, uma ferida que levará uma vida a cicatrizar, se é que algum dia cicatrizará.

Depois, o adeus a Boris foi um sofrimento atroz. Sempre imaginei vermos os nossos filhos a divertirem-se e a meterem-se em peripécias juntos, tal como nós fizemos. E, ao envelhecermos, quando já não tivéssemos forças para empunhar uma arma, assistiríamos aos nossos

netos a brincar junto ao rio. Não deveria ter sido assim, Boris arrancado à vida cedo de mais.

As marcas deixadas nas pessoas e na cidade são profundas. A dor jamais será esquecida, mas devemos honrar a memória dos que partiram. E fazemo-lo, trabalhando.

A limpar e a reconstruir.

Por toda a parte, as pessoas dedicam-se à limpeza, reconstrução, conserto e reparo. Nós, os Albas, os Limpadores e as Guardiãs. Cada um desempenha o seu papel, mas todos dispostos a dar o máximo de si para ajudar. Casas são reerguidas, árvores plantadas, os campos são semeados e os animais alimentados. As Grutas de Energia, severamente afetadas pelas explosões, vão demorar mais tempo a reabilitar, mas já não temos falhas de energia há dois intervalos de tempo. Barcos são construídos no estaleiro, as janelas de água reparadas, os Bazares do mercado começam novamente a trabalhar, dando uma sensação de normalidade. Felizmente, o GarEden foi o que menos sofreu, preservando intacto o Ateneu de Pesquisa e Descoberta, bem como a Clínica de Saúde, que tem sido fundamental.

Neste momento, a Ara está a tentar falar com Petra, mas sei que em vão, porque ela mo *mostra*. Desde o funeral de Boris, ninguém a vê, mas continuamos, insistimos e não desistimos.

As pilhas de lixo e detritos são cada vez menores.

No entanto, a nossa maior riqueza é também a nossa maior perda. O Riwus, ao longe, apresenta-se turvo e lamacento, poluído por uma camada de óleo, detritos e contaminado pelos resquícios das explosões.

Pescadores e Curadores já tentaram tudo para o limpar. Utilizaram diversas técnicas para filtrar as impurezas, reintroduziram espécies de plantas mais resilientes, capazes de purificar a água, mas parece que algo na sua essência foi danificado. A água permanece densa, a vegetação e as algas que formavam um tapete verdejante são uma mancha negra, os peixes não aparecem. As margens, agora cinzentas, jazem, desoladas. Os troncos, caules e folhas das plantas e árvores ao redor parecem lutar por um fôlego de vida, as cores esmorecidas pela contaminação.

Sem ele, Aquorea não sobreviverá.

O destino dos invasores sobreviventes, que se renderam, mas que tanto mal causaram a Aquorea, foi um dos primeiros pontos que se resolveu: foram deportados para a Superfície, deixados à sua sorte.

Eu labuto sem parar, é a única forma que tenho de controlar as minhas emoções. Se mantiver o corpo ocupado, a cabeça não tem tempo para enlouquecer. Estou a encher mais um *autokart* com pedaços de escombros dos passadiços para o levar para a reciclagem.

— Ele ficaria tão orgulhoso de ti. — A minha mãe para ao meu



lado, a voz carregada de emoção. Traz consigo uma grande pasta de documentos.

Atiro o metal para cima da pilha de destroços e abraço-a, uma vez mais. Fi-lo tantas vezes, desde que tive de lhe dar a notícia mais difícil da minha vida. Os meus pais viviam um para o outro, e para nós, os seus filhos. Saber que a minha mãe esteve todo aquele tempo cativa, sem poder fazer nada para ajudar e não se ter despedido sequer do meu pai, mata-me. Eu, Ara e Isla temos ficado em casa deles, para acompanhar e confortar a minha mãe. Tem-lhe feito bem. Nos primeiros intervalos de tempo, não saiu da cama, mas a nossa insistência e paciência ajudou e noto nela uma vontade de recuperar e ajudar os outros.

— O pai disse-me que eu saio a ti, que tu é que eras a verdadeira corajosa.

Afasto-me. A minha mãe sobe um braço e afaga-me o rosto com a mão morna, como que a absorver as minhas palavras.

— O teu pai via em ti uma luz que talvez nem tu vejas. Ele sabia que a coragem não reside nas batalhas que lutamos, mas na força com que enfrentamos os momentos seguintes. E ele estava certo. A tua capacidade de amar e perseverar, apesar da dor, é o maior testemunho da tua coragem.

Sinto cada uma das palavras serem gravadas em mim.

— Vou honrar a memória dele.

Ela assente.

— Sim, juntos. Pelo futuro que ele sonhou para nós. Vá, continua. Vou levar isto. — Agita os documentos que tem na mão. — Temos muito trabalho pela frente.

— Sim, Regente — digo.

— Um título que nunca ambicionei, mas que assumirei até encontrarmos alguém mais adequado para liderar. Talvez já saibamos quem poderá ser essa pessoa. — Desenha um sorriso. — Mesmo que provavelmente ele ainda não o saiba.

Ela tem razão. Ele seria a pessoa certa.

— Sim, tudo a seu tempo. A população decidirá bem — digo.

«De sob a sombra de tempos esquecidos,  
brota uma nova alvorada, onde corações  
unidos pelo propósito comum cultivam,  
com um sopro de vida, o renascer das cinzas.»

*Ventos de Regeneração,*  
Cartas, Carta XII (1098)

**N**um piscar de olhos, dois meses se desdobram diante de nós, carregados de empenho e renascimento. Das ruínas, desolação e perda, desenhamos um novo começo, uma nova Aquorea. Unida e fortalecida. O trabalho continua a ser feito por todos.

Eu e Kai fomos convocados pelo Consílio e estamos agora a caminho do Colégio Central. O chão da Praça cintila como antigamente, um esplendoroso tapete de cristal branco, assim como as pontes, já reconstruídas. Tudo parece respirar um ar de normalidade, as pessoas voltam às suas rotinas, mas sabemos que não é bem assim. Porque nas nossas costas, o Riwus é um espelho opaco, que parece nem correr. Está parado, baço, morto.

Subimos a escadaria magistral e, uma vez dentro do Colégio Central, avançamos pela escada que nos leva aos pisos superiores. Ainda não tinha cá entrado desde *aquele* dia.

— Estás bem? — pergunta Kai.

— É uma sensação estranha, parece tudo igual, mas está tudo diferente.

Quando entramos na Sala de Reuniões do Consílio, encontramos-a cheia. Nwil, a Regente interina, está de pé, à conversa.

Hensel, Arcas, a minha avó Raina e o meu avô Anadir, bem como outros Anciãos, trocam palavras com os antigos Mestres do Consílio, Alita e Fredek Peacock, que renunciaram aos seus cargos depois do que aconteceu. Mas, tal como os Anciãos, devido à sua experiência, participam das tomadas de decisão mais importantes. Beau conversa com Wull, que emana calma, e fico feliz por saber que está a encontrar o seu caminho. O caminho certo para ele. Esboço um sorriso na sua direção e ele retribui.

Pessoas das diferentes Fraternidades falam e conferenciam entre si, em grupos maiores ou mais pequenos.

— Kai, Ara. Que bom que chegaram — diz Nwil.

Todos tomam os seus devidos lugares. Ocupando as filas ordenadas e crescentes do anfiteatro.

— Vamos iniciar a sessão! — diz Nwil. — Indo diretamente ao primeiro assunto, gostaria de propor eleições para a Regência e devidos Mestres do Consílio, bem como a escolha dos Chefes de cada Fraternidade.

Cabeças acenam em concordância.

— No entanto, o assunto mais importante, o que nos levou a estar aqui agora, e que todos sabem — diz Nwil, a voz carregada de preocupação. — A situação do rio ultrapassou todos os nossos esforços de recuperação.

— Sem ele, enfrentamos a nossa derradeira ameaça — profere Hensel.

Arcas mexe-se na cadeira, nota-se que se sente desconfortável.

— Já tentámos tudo. Tudo! — projeta a voz com força. — E nada resulta. As reservas de água doce estão no fim. Já iniciámos o processo de dessalinização da água do mar, que pode ser aproveitada para as colheitas, para o nosso consumo, mas a doença que assola o Riwus está a alastrar, já perdemos mais um campo de cultivo. Sem o nosso rio, não há vida.

— Precisamos de uma solução radical — interpõe Wull e vira-se para mim. — Não pude deixar de reparar que a cascata do Refúgio era despida de vegetação e, de um momento para o outro, transformou-se num pequeno paraíso de flora e peixes. Tiveram algo que ver com isso?

Kai olha para mim. Não queremos revelar os nossos segredos mais profundos.

— Porque é que perguntas isso? — Responder com uma pergunta é sempre uma boa forma de ganhar tempo, mas Wull nada diz. Prende o meu olhar e levanta uma sobrancelha, à espera.

— Sim, fomos, mas não sabemos bem como funciona. — Kai vem em meu auxílio.

— Estariam dispostos a testar isso melhor?

Sei onde querem chegar, mas não sei se teríamos capacidade de o fazer.

— Uma coisa é uma pequena lagoa, outra é um rio desta envergadura. Não saberíamos sequer como...

— Kai, Ara — diz o meu avô, calmo. — O trunfo de Aquorea nunca foi a tua chegada, minha neta. A nossa grande conquista são vocês e as capacidades que têm *juntos* — diz, com os olhos a brilhar de orgulho.

pior que pode acontecer é darmos um mergulho num rio sujo.

Quando percorremos a cidade, no intervalo de tempo seguinte, para aproveitar o máximo da luz dos cristais, já o burburinho se espalhou. Atravessamos pelas ruelas interiores sinuosas, em direção a norte, e as pessoas vão falando connosco, dando palavras de coragem e incentivo e começam a juntar-se em grupos por toda a cidade e nas margens do rio.

Quando chegamos à orla da floresta e paramos junto dos elevadores de cadeiras que nos levarão lá acima, lembro-me da primeira vez que andei neles, para ir ao aniversário do Kai, no Underneath. Sentamo-nos, lado a lado, as nossas pernas encostadas, e viajamos acima das árvores altíssimas da floresta.

Quando chegamos e observamos o cenário, os nossos semblantes mudam. A cidade toda lá em baixo, as casas pequenas ao longe. A vista continua de cortar a respiração, mas, infelizmente, só agora conseguimos ter a verdadeira perceção da gravidade. A cor do Riwus já não é de um azul-cristalino, mas de um negro-petróleo. Parece um cancro a espalhar-se e a ramificar-se por todo lado, consumindo campos, parques, casas, e até as paredes rochosas. O vasto rio serpenteia por toda a Aquorea até Salt Lake, onde desagua. E as próprias paredes de Salt Lake, antes imaculadas e alvas, agora ostentam veios negros, como ramos de árvores, trepando por elas acima.

*Se não o travarmos, vamos perder tudo.*

Posicionamo-nos em cima da rocha proeminente, suspensa sobre a cascata. A queda-d'água larga que descreve um U ao longo da montanha. É aqui a nascente do Riwus.

— Como vamos fazer isto? — pergunto.

— Como temos feito tudo. Com convicção e confiança mútua.

— Isso é lindo de se dizer, mas, na prática, como vamos fazê-lo?

— Julguei que tinhas pensado nessa parte. — Dá um passo em frente e inclina-se para olhar lá para baixo.

Continua a ser alto!

— E se...

— Podíamos... — dizemos ao mesmo tempo.

Viramo-nos de frente um para o outro.

— Diz tu. Gosto sempre mais das tuas ideias — diz ele.

Ando de um lado para o outro. Os meus olhos vão dos pés para o rio e para Kai, uma série de vezes.

— Como quer que tenhamos obtido isto — digo, sem parar de andar —, deu-nos o dom de que precisávamos. O seixo, as tatuagens, talvez até nunca tenhamos precisado delas, porque ia acabar por acontecer tudo na mesma. Por isso, o meu avô afogou-se e eu segui-lhe o caminho, conheci-te e apaixonei-me, Kai. — Ele interrompe-me o

movimento e, com as mãos, prende-me à sua frente, olhos nos olhos. — Podia ter ficado por aí, mas quis o destino que fôssemos mais. Talvez os Escritos estejam certos, afinal. Tudo para chegarmos aqui. Tenho a certeza.

— Sim, talvez esta seja a nossa prova final — diz, enquanto me dá um beijo na ponta do nariz. — Só ainda não me disseste como vamos fazê-lo.

— Temos de fazer isto bem feito — digo, ao soltar-me dos seus braços e espreitar para o fundo da elevada cascata.

— E existe outra forma?

Olho por cima do ombro e mato-o com o olhar.

— Devíamos ter praticado mais.

— Estou sempre a dizer-te isso — diz, mas logo levanta as mãos num pedido de desculpas silencioso.

Sabe que estou nervosa e está a tentar distrair-me, mas não está a resultar.

Volta a aproximar-se de mim.

— Vai resultar. Acredita. Eu acredito em nós. Fazemos como daquela vez que fomos para o nosso ninho.

— Estávamos com os pés na água. Eu acho que a água é que é o condutor, Kai. Criámos aquele jardim quando nos transportámos em contacto com a água. Expliquei-te que quando fui roub... buscar o mapa ao acampamento, não gerei flores nenhuma.

— Então, temos uma solução.

Olho para ele, o que o faz continuar.

— Saltamos juntos e, quando embatermos na água, *transportamo-nos*.

— Para onde?

— Isso interessa?

— Talvez.

— Para a Ponte-Mor.

— Achas que conseguimos?

— Sim!

Segura na minha mão e levamos os nossos pés até ao limiar da rocha. A energia flui entre os nossos corpos e concentramo-nos na ligação profunda que partilhamos, as nossas mentes em sintonia.

E avançamos.

Os nossos corpos rasgam o ar num suspiro, e no momento em que somos envolvidos por água, já estamos de pé, na Ponte-Mor, com a roupa a pingar. As nossas mãos permanecem enroscadas.

Atónitos, fitamos o rio.

Escuro como as trevas.

— Não resultou — observo, com um lamento e uma raiva crescente.

A população observa tristemente o nosso insucesso, a derrota estampada nos seus rostos.

— Podemos tentar outra vez — diz Kai. — Vamos tentar outra vez. É uma área enorme, talvez tenhamos de insistir. Não és de desistir. Vamos tentar de outra forma.

Começa a puxar-me pela ponte.

De repente, gritos ouvem-se por todo o lado. As pessoas apontam e agarram-se umas às outras.

A água escurecida agita-se e ondula, quase como se houvesse um coração a pulsar dentro dela.

E, de lá do alto da nascente do rio, a magia acontece. O manto de negrume começa a dissipar-se. Como se algo se derretesse ao longo do seu curso, a água clareia e a luz azul irradia, mais brilhante a cada momento, começando a revelar a transparência original do Riwus.

À medida que vai deslizando, essa pureza abraça tudo em que toca. As plantas revitalizam, brotando folhas verdes vibrantes, os peixes sobem à tona e as paredes voltam à sua cor natural.

Vivas e urras escutam-se por toda a parte. As pessoas festejam e choram de alegria.

Kai inclina-se sobre o meu espaço, curva-se e abraça-me com tanta força que quase me impede de respirar.

— Juntos somos capazes de muito — diz, com a boca encostada à minha orelha.

\*

Petra fechou-se diante do sofrimento. Isolou-se em casa e não sai. Passo por lá várias vezes ao dia, na esperança de que ela me abra a porta, mas sempre em vão. *Tundrar* não sai do corredor, protetor da sua princesa.

Trazem-lhe comida e bens, que ficam à porta e que ela leva para dentro quando ninguém vê. É assim que sabemos que está viva e que tem alimentado o *Tundrar*.

Bato à porta, faço-lhe esperas, mas a resposta é sempre a mesma: «Deixa-me, *Meia-Leca*.»

Marinanne tentou. Calantha também, até à exaustão. Até Colt. E Kai. Da última vez, Kai ameaçou deitar a porta abaixo, se ela não abrisse. A resposta foi simplesmente: «Quero ver-te a tentar.»

A nossa preocupação é cada vez maior, não só por ela, mas pelo bebé que carrega. A perda do marido, aliada a toda a enxurrada de informação que recebeu acerca da sua verdadeira identidade lhe ter sido ocultada e ser princesa de outro Mundo, não são fáceis de lidar. O meu coração dilacera-se pela perda de Boris e por saber que a minha melhor amiga está a definhar, de dia para dia. Sinto-me impotente. Agora que vamos embora, a minha preocupação aumenta.

— Petra — digo com a mão pousada na porta. — Abre, por favor. *Cenourinha...*

Baixo-me e enfito o papel dobrado por baixo da ranhura da porta, até meio. E espero.

Uma sombra aproxima-se do outro lado e a carta é puxada para dentro.

— Adoro-te. Voltaremos em breve. — Viro-me para o animal. — Cuida dela, *Tundrar*.

Desço a escada dos apartamentos da Fraternidade dos Protetores e percorro o caminho estreito, que tão bem conheço, entre a rocha e o precipício do rio.

Passo pelo Salão Ruby, com as suas imponentes portas entalhadas abertas. Espreito e entro. O chão morno transmite-me uma energia revigorante. Tanta coisa aconteceu desde a primeira vez que cá entrei.

Desde o momento em que pisei Aquorea, a minha vida foi uma série de **vicissitudes**. Cada passo dado foi um mistério. Quando Kai me segurou ao colo pela primeira vez, não foi apenas um **resgate**, mas um ponto de viragem na minha vida. Uma vida que considero extraordinária. Foi **sorte? Ou talvez não**. O destino jogou comigo, guiando-me através da **colisão** de corações e, agora, de Mundos. Empurrando-me para baixo, **em baixo**, para as profundezas não só do oceano, mas também da minha alma, pois agora conheço-me melhor do que nunca. Mas demorou. **Eu, qual Madalena Arrependida**, enfrentei os erros e aprendi com eles.

Agora, aqui, no chão polido e cor de beterraba do **Salão Ruby**, sei que tudo aconteceu como tinha de ser. Foi nessa noite há tanto tempo que percebi, ao ver Edgar morto, que a beleza e o perigo se entrelaçavam em Aquorea e, afinal, **não era tão seguro assim**. Foi isso que me fez querer aprender a ser melhor e a testar os meus **limites**.

E, depois disso, veio a **confirmação**... A telepatia entre mim e Kai não era fruto da minha imaginação. Com ela, veio a realização de que o **equilíbrio** entre o bem e o mal é tão delicado quanto um fio de seda. O tudo ou nada não existe, pois, mesmo um **covil** pode apresentar tanto perigo quanto possibilidades, como viemos a perceber nesta guerra. O **confronto** foi inevitável, e, com ele, a dor da **traição** revelou-se, desafiando não apenas a lealdade, mas o meu coração.

O **legado** que começo a formar, encontrando **refúgio** nos braços de amigos e do meu amor, ensina-me que, **com amigos assim**... a coragem e a esperança nunca estão longe. No entanto, o **equivoco** de um amigo traz uma **epifania**, uma compreensão de que as verdades mais profundas são frequentemente reveladas nas horas mais escuras.

A minha **declaração** é um grito de guerra, um desafio ao destino que moldou a minha jornada desde o início. E, com cada **revelação**, nas **decisões** que tomo, a verdade da minha história desdobra-se como



uma tapeçaria complexa de **deceção** e triunfo.

Sinto o arrepio percorrer o meu pescoço antes de o ver.

— Encontrei-me — digo, quando mãos me enlaçam. Encosto a nuca ao seu peito.

— Sempre — diz Kai.

— Estava a pensar...

— Eu sei. — Provoca-me.

— Tudo o que vivemos. Tanto. Parece que foi há uma vida.

— Ainda não. Essa vida quero passá-la ao teu lado. Temos de ir.

«Ao virar da última página, revela-se que nada foi  
ou é por acaso. Cada momento, uma promessa  
de novos começos, unindo destinos num elo  
eterno  
de possibilidades.»

Isla Shore

À nossa volta, a população celebra e irradia uma alegria contagiante pelas ruas e praças, com uma intensidade que parece encher o ar de cor. É uma manifestação vibrante de felicidade e serenidade, um reflexo palpável da paz reconquistada, que nos transporta de volta aos dias anteriores, às trevas que nos assombraram. A estabilidade foi, por fim, restabelecida, e hoje, Aquorea renasce, banhada numa atmosfera elétrica, vibrante com o som de risos genuínos e música. Arcas conversa alegremente com um grupo de jovens que formaram um círculo à sua volta.

No meio da multidão, avistamos Anadir a aproximar-se, com uma borboleta grande e prateada a esvoaçar graciosamente ao seu lado. A criatura, de um brilho quase etéreo, dança no ar antes de pousar suavemente no chão. Nesse instante, uma explosão de luz pura envolve a borboleta, que se metamorfoseia diante dos nossos olhos atônitos, assumindo a forma de Raina. Ara, surpreendida, solta um grito abafado, ofegante, e recua um passo, incrédula com a cena diante dela.

Raina sorri-nos docemente.

— Sou descendente do povo de Ventara — revela ela, a sua voz envolta numa cadência que parece atravessar eras.

Ara olha de mim para a avó, os olhos cheios de perguntas. A sua mão treme na minha; aperto-a, transmitindo-lhe coragem e apoio, encorajando-a a abraçar a verdade dessa nova realidade deslumbrante.

— Porque guardaste segredo, avó? — A voz de Ara sai-lhe trémula com a emoção do momento.

— Disse-te que havia segredos no Ar. Já tinhas tantas preocupações, querida, receei que esta descoberta te sobrecarregasse ainda mais.

— A tua extraordinária velocidade e agilidade tinham de vir de algum lado — observa Anadir, com um piscar de olho cúmplice,

tentando aliviar a tensão com um toque de humor.

— Estão prontos para o que vem a seguir? — intervenho, pois percebo que Ara ainda está a processar a revelação.

Eles assentem.

— Mal posso esperar para abraçar a família — confessa Anadir, um brilho nostálgico nos olhos.

Raina começa a chorar, num turbilhão de emoções, ao antecipar o encontro com o filho que não viu crescer.

Anadir envolve-a num abraço reconfortante e afastam-se.

Aproximamo-nos de uma mesa ricamente decorada e sirvo-nos de dois copos de um licor âmbar.

— Sabes, quando vi os Albas, achei-os feios e repugnantes. Não são assim tão diferentes de nós, afinal. A nossa cabeça funciona de maneiras tão estranhas — diz Ara.

— Sim, é curioso como a nossa percepção pode mudar. Não só a aparência deles não é muito diferente da nossa, como os sonhos e medos são idênticos.

Nesse momento, a figura serena de Isla emerge das sombras dançantes.

— Vou levar a *Crownbearer* e as Guardiãs ao Portal dos Mundos — anuncia, determinada.

Os nossos olhares convergem para Calantha, com gratidão.

— Muito obrigado por terem vindo, Majestade — digo, com um respeito profundo.

— Obrigada a vocês, Kai e Ara, por me mostrarem que não me posso esconder mais nas sombras do medo e indecisão.

— A Petra... — Ara começa a dizer, mas a voz sai-lhe embargada.

Calantha acena com a cabeça em sinal de entendimento.

— Ela está a passar por um momento difícil, mas não vou desistir da minha filha — diz, com uma força tranquila na voz. — Não é um adeus, é um até breve. — Leva a mão à sua testa e ao seu coração e nós repetimos o gesto.

Isla eleva-se nas pontas dos pés, eu desço o tronco e ela abraça-me.

— Amo-te! — sussurra ela.

— Também te amo, pequena. Não há no mundo irmão mais orgulhoso do que eu.

Depois vira-se para Ara, dá-lhe um beijo repenicado e, com um aceno, sinaliza para que a rainha e as suas Guardiãs a acompanhem. Indie, como sempre desde que se encontraram, permanece ao seu lado.

Estou muito grato aos Limpadores por terem ficado a ajudar. Indie está ciente de que hoje vai embora, e parece aceitar bem esse facto. Ele quer regressar para cumprir a sua palavra e nós temos de tentar perceber de que forma podemos ajudar, tal como eles nos ajudaram a

nós.

Tentei conversar por diversas vezes com Isla acerca desse assunto, mas ela disse-me sempre «falamos depois», e o momento pareceu nunca ser oportuno. Sofre por ter de se afastar de Indie, mas sei que vamos encontrar uma solução.

Ara suspira ao meu lado e sei que os nossos sentimentos são idênticos.

— Vamos lá? — sugere Ara, indicando um banco à beira-rio.

Sentados nele estão Colt, Marianne e Lucas.

A expressão de Colt carrega uma mistura de preocupação e introspeção.

Servimos mais três copos com licor e juntamo-nos ao trio. Entregamos um copo a cada um, que é acompanhado por um brinde silencioso, uma homenagem às ausências sentidas.

— Decidi ficar — anuncia Colt, diretamente para Ara.

*Nada que me surpreenda*, digo a Ara.

— Nada que me surpreenda — responde ela ao amigo.

— Obrigado.

Franzo o cenho instigado pela sua declaração.

— Por quase te afogar? — pergunto, meio em tom de brincadeira, meio sério.

— Pela vossa amizade. Ela mudou-me. Literalmente... transformou-me.

— Fizeste isso sozinho — diz Ara, com um sorriso orgulhoso.

Num gesto fraterno, Colt levanta-se e envolve-nos num abraço que fala mais do que palavras.

— Leva isto. — Colt entrega a Ara a sua máquina fotográfica repleta de memórias capturadas em imagens. — Tem boas fotografias aí. — O rosto dele revela a profundidade dos sentimentos que luta para esconder.

Ainda sentada, Marianne pigarreja.

— Vão lá. Ele fica bem aqui comigo — assegura Marianne e estende-lhe a mão, que ele aperta.

— Connosco — diz Lucas a esboçar um sorriso, e Marianne dá-lhe um beijo afetuoso na face.

— Connosco. — Marianne repete.

E eu pisco-lhe o olho.

— Continuo a não me querer sentar no teu sofá — digo-lhe baixinho, em tom de brincadeira.

Conversamos com uns e outros sobre tudo e nada. Os meus olhos vagueiam pela multidão e, ao longe, avisto Wull e Suna. Observá-los juntos, tão serenos e felizes, faz o meu coração transbordar de alegria.

Não muito distante deles, Magdalene e Gensay, de mãos dadas, também dão os primeiros passos de descoberta mútua e do amor.

Quando Magdalene nos anunciou a sua decisão de ficar, entendi o motivo. E, quando nos pediu que a ajudássemos a formalizar o pedido junto do Consílio, percebi que a vontade dela era mesmo real. Magdalene nunca conheceu outra vida senão a de Larápia, sempre à margem, sempre à espreita. Aqui, em Aquorea, descobriu o que nunca julgou possível: acolhimento, sentido de pertença e um lar. Temos ensaiada a história da sua triste e trágica morte para contar a Vayu.

Quando as pessoas começam a dispersar, procuro por Indie e os Limpadores, mas não os vemos em lado nenhum. Esfumaram-se.

— Onde é que eles se meteram? — murmuro para mim mesmo.

Combinamos encontrar-nos para que eu e Ara os pudéssemos levar da mesma forma que os trouxemos. O portal de Ventara não está aberto, portanto, não conseguimos passar entre portais.

Pergunto à minha mãe por Isla e ela responde que não a vê desde que foi levar Calantha ao Portal dos Mundos. Quando pergunto à minha avó, ela diz-me: «A Isla está onde tem de estar.»

O meu coração contrai-se num presságio sombrio.

*Algo não está bem!*

— O que foi, Kai? — pergunta-me Ara.

A memória do seu abraço atinge-me como um raio.

— A Isla. A Isla abraçou-me. Era uma despedida, não um simples abraço.

A expressão de Ara transfigura-se.

— Despediu-se de nós! — exclama, quase num grito, e eu passo as mãos pelo tecido das calças, para limpar o suor.

Sinto algo no bolso.

Desdobro o papel encontrado com dedos trémulos, o coração a martelar na caixa torácica.

Maninhos,

esta decisão não reflete um abandono, tenho de seguir o meu coração. Por favor, entendam que é uma coisa que preciso de fazer. Zelem pelo portal na minha ausência. Sei que continuará bem entregue nas mãos experientes e carinhosas da nossa avó. Não me procurem, estarei bem protegida, pelo melhor assassino de Ventara. Sejam felizes. Eu certamente serei. E um dia, quando for a altura certa, cá estaremos, para vocês poderem retribuir. Kai, diz à mãe que lamento, mas chega de sentir medo, vou viver.

Com amor,  
Isla Shore

— Minha irmã, o que fizeste? — lamento e dou um passo determinado, disposto a atravessar o inferno para ir buscá-la. Porque é que a minha avó não a impediu?

Ara impede-me, segura a minha mão e olha-me nos olhos.

— Kai, é difícil, mas respeita a decisão dela — diz firmemente. E depois acrescenta, num tom mais suave e tranquilizador. — Pelo menos, para já. A qualquer momento, podemos ir. — O brilho nos seus olhos é desafiador.

Ara envolve-me com os seus braços e encosta a cabeça ao meu peito.

Estou ciente dos desafios que nos esperam, mas também do amor e da cumplicidade que nos unem. Ficamos abraçados em silêncio, a serenar os nossos corações cheios de mágoa e saudades por tudo o que perdemos e, ao mesmo tempo, ansiosos pela nova vida que se anuncia. Um novo capítulo para todos.

— Juntos, enfrentaremos o que vier — diz Ara, a sua respiração a acalmar a minha.

— Sempre tu, sempre nós.

## EPÍLOGO

### BENNY

Afinal, a Ara não morreu.

E, para mim, os últimos meses transformaram-se numa jornada de autodescoberta e renovação. A saudade da minha irmã nunca se esbate completamente. No entanto, aprendi a transformá-la em algo suportável, a envolvê-la em recordações que me aquecem o coração, em vez de o dilacerar. Cada memória partilhada, cada riso e momento de cumplicidade, tornaram-se tesouros que guardo com carinho, permitindo-me sentir a sua presença de uma forma mais doce, mais serena.

Neste processo, encontrei forças em mim que desconhecia, uma resiliência que me agrada e me deixa orgulhosa. Aprendi a gostar de mim e redescobri pequenos prazeres que havia esquecido, como a satisfação de um livro acabado, o sabor de uma refeição caseira, ou a paz de uma caminhada ao entardecer.

A rotina da escola, que toda a vida adorei, mas que nos últimos tempos via como um fardo, tornou-se um lugar onde me voltei a sentir eu mesma. Um futuro que, por muito tempo, achei que não merecia, ou que seria incapaz de alcançar.

Ver os meus pais a reconstruírem-se, dia após dia, tem sido um bálsamo para a alma. Encontraram caminhos para lidar com a ausência da Ara, reconstruindo-se, reconstruindo-nos. Este renascimento conjunto, repleto de amor e apoio mútuo, tem sido um pilar fundamental na minha própria recuperação. E sei que eles sentem o mesmo quando olham para mim.

Aliás, para nós, Mira agora faz parte da família.

E Mira... Ara bem me disse que Mira era especial. E como tinha razão. Com o seu espírito indomável e um coração tão vasto quanto a própria galáxia, tornou-se em mais do que uma companhia; é o reflexo de uma parte de mim. E começo a acreditar que tudo está interligado.

Recordo vividamente a primeira vez em que a levei a ver o mar. O fascínio nos seus olhos era palpável, um misto de admiração e maravilha ao enfrentar a imensidão das ondas que dançavam sob o sol



poente. Era como se ela pudesse sentir a energia da água, e, conhecendo-a, talvez a sentisse. Ver a expressão de espanto puro no seu rosto ao descobrir a Lua e o Sol, pela primeira vez, foi um lembrete de que a beleza existe nas coisas mais simples. E estes momentos ensinaram-me tanto...

As nossas façanhas não se limitaram à contemplação da natureza. Algumas foram bem complicadas e, uma a puxar pela outra, metemo-nos muitas vezes em embrulhadas, mas, tem sido uma aventura. Desde os jardins floridos na primavera até aos mercados vibrantes, as salas cinema, a montanha-russa, e andar de avião. Essa parte foi muito gira!

Como não podia deixar de ser, a minha mãe aproveitou a curiosidade insaciável de Mira. Com a sua sabedoria de enfermeira acumulada ao longo de anos de dedicação, viu em Mira não apenas uma aprendiz, mas uma extensão da sua própria paixão pela saúde. Por isso, tem-na guiado pelos labirintos complexos da medicina da Superfície e incentivou-a a embarcar na jornada desafiadora de estudar medicina.

E apesar da ausência de notícias de Ara todos estes meses, algo dentro de mim sussurra que ela está bem.

Este pressentimento transformou-se em certeza no dia em que Ara e Kai nos entraram de novo em casa, acompanhados dos nossos avós, Anadir e Raina. A chegada deles parecia um sonho demasiado bom para ser real, que se desdobrava diante dos meus olhos incrédulos.

O reencontro do meu pai com o meu avô transcende palavras, mas a sua expressão ao abraçar a sua mãe pela primeira vez é uma imagem que ficará gravada na memória de todos nós. O abraço deles, carregado de emoção, falou mais do que mil palavras, uma demonstração de como os laços que nos unem podem sobreviver ao teste do tempo, à distância e até ao silêncio.

Ara e Kai trouxeram consigo novidades de Aquorea, de Colt, abalando a nossa realidade com algo que eu considerava inexistente, místico, fundindo Superfície e Mundos Secretos.

Não digo que foi tudo um mar de rosas durante este período.

Não, há tanto para contar...

Mas digo-vos o mesmo que disse à minha irmã e a Kai quando, após muitas conversas e abraços, o sol já a raiar, e com os dedos de Mira entrelaçados nos meus, lhes disse:

«Sentem-se, porque temos muito que contar. A nossa história dava um livro.»

# Nota da Autora

**A** medida que esta nova viagem começa, trago-vos não apenas mais um livro, mas um pedaço do meu coração.

O desfecho da história da Ara e do Kai é mais do que um conjunto de palavras em páginas, é a materialização de um amor imenso, não só pelo universo que criei, mas também por aqueles que nele habitam.

Escrever este livro testou a minha resiliência e determinação, mas também a minha criatividade, e não posso estar mais feliz por isso!

Criar Mundos imaginários que façam sentido é uma tarefa árdua, mas tão reconfortante, quando vemos os leitores mergulhar neles e a não quererem sair. Escrevi para que cada um de vós se sinta em casa.

A vida é feita de desafios, nós sabemos, as nossas queridas personagens sabem-no (se sabem!), mas é também feita de magia. Pequenos fragmentos no tempo que tomam forma e dão cor à nossa existência.

E, como em todas as boas histórias, a presença e apoio incondicional das pessoas que nos rodeiam fazem toda a diferença.

Neste momento de reflexão, sinto uma profunda gratidão que transcende o que meras palavras podem expressar. A cada um de vocês, que estive ao meu lado, e ofereceram apoio, de maneiras que talvez nem percebam, o meu mais sincero obrigada. Foram a minha força nas horas mais desafiadoras. Cada palavra de incentivo, cada momento de paciência e cada gesto de compreensão foram os pilares que me sustentaram.

Aos meus queridos leitores, agradeço por esperarem pacientemente, por abraçarem esta história e por permitirem que toque a vossa alma. Espero que seja tão significativa para vocês quanto é para mim.

A ti, tio, cujo espírito inspirador permanecerá eternamente entrelaçado com pinceladas de infinita imaginação.

Este livro é uma celebração ao amor, à perseverança e à comunidade que nos rodeia.

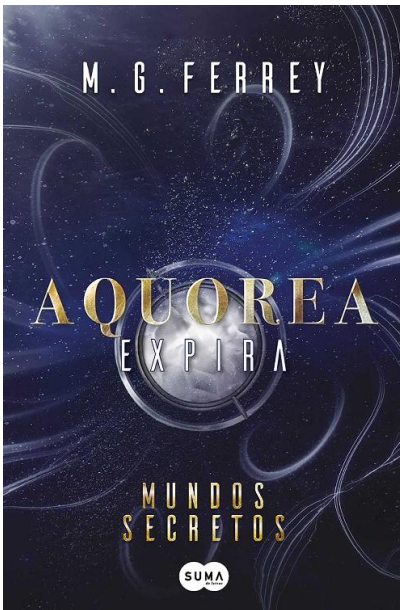
Que possamos continuar a partilhar momentos mágicos através das palavras que nos unem.

E nada temam! Este universo tem ainda muito por revelar.

Com todo o meu carinho,

M. G. Ferrey

## Sobre este Livro



Ara está devastada. Depois de abandonar o lugar que passou a chamar de casa, luta agora consigo própria para se adaptar novamente à Superfície, e procura curar as feridas ao lado da família.

Já Kai, mesmo com o caos instalado em Aquorea, não aceita a realidade de estar separado de Ara.

Quando uma nova ameaça surge e são lembrados de que a traição pode vir de onde menos se espera, Ara e Kai terão de enfrentar inimigos e desafios tenebrosos, enquanto testam as fronteiras do impossível. Tudo na esperança de encontrar os aliados certos nos lugares mais inesperados, mas o mais pequeno erro poderá trazer destruição a tudo o que conhecem.

Com um ritmo de tirar o fôlego, carregado de magia, destinos cruzados, diplomacia com novos mundos e guerra, a pergunta que paira no ar é: irá este amor sobreviver?

# Sobre a Autora

**M. G. Ferrey** é licenciada em Psicologia Clínica, mas o seu sonho de sempre era escrever. Em 2011 frequentou um curso de Pós-Graduação em Jornalismo na LSJ, Londres e, finalmente, pôs mãos à obra.